

ANTÓNIO CARLOS JARDIM VALENTE

**AS ARTES PLÁSTICAS NA MADEIRA
(1910 - 1990)**

CONJUNTURAS, FACTOS E PROTAGONISTAS DO PANORAMA ARTÍSTICO
REGIONAL NO SÉCULO XX

VOLUME I

TESE DE MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

1999

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	6
INTRODUÇÃO.....	8

I

Prólogo ao Século XX

1 - Romantismo e paisagismo no Século XIX	14
2 - A Aula Régia de Desenho e Pintura.....	18

II

Capítulo 1

1910 -1928	22
1.1 - A VIDA CULTURAL DO FUNCHAL.....	23
Manifestações culturais da época	24
As tertúlias e a <i>Geração do Cenáculo</i>	25
Museus e Galerias. Uma vontade adiada	28
O ensino artístico.....	30
1.2 - OS BOLSEIROS DE PARIS.....	33
Francisco Franco.....	33

Henrique Franco.....	36
Alfredo Miguéis	37
A 1ª Exposição de Pintura e Escultura Moderna no Funchal	38
1.3 - O GOSTO OITOCENTISTA NA PINTURA	41
1.4 - A ESCULTURA PÚBLICA NO TEMPO DE FRANCISCO FRANCO.....	45
As Estátuas da Avenida Arriaga.....	46
O segundo “Gonçalves Zarco” de Franco	48
Capítulo 2	
1930 -1955	52
2.1 - A VOCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL.....	53
O Museu de Arte Sacra do Funchal.....	54
O Museu da Quinta das Cruzes	57
A Sociedade de Concertos da Madeira	59
2.2 - CONTINUIDADES NA PINTURA	62
2.3 - AS OBRAS PÚBLICAS E A ESTATUÁRIA DO REGIME	67
Capítulo 3	
1956 - 1974	71
3.1 - INSTITUIÇÕES CULTURAIS - A NOVA CONJUNTURA.....	72
A Academia de Belas Artes da Madeira	72
A Sociedade de Concertos nos anos 60 e 70	75
Imprensa, Cultura e Artes Plásticas	76
O Cine-Forum do Funchal	80
Projectos sem continuidade.....	82
A utópica “Casa do Artista”	83

3.2 - ARTE CONTEMPORÂNEA NO FUNCHAL.....	86
I Exposição de Arte Moderna Portuguesa no Funchal	87
II Exposição de Arte Moderna Portuguesa	91
A Colecção Rolf Stenersen. Uma exposição inédita	93
3.3 - ARTISTAS MADEIRENSES - ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA.....	95
As primeiras manifestações locais	96
Um lugar para António Aragão.....	98
Lourdes de Castro e a sua relação com a Madeira	100
Martha Teles	103
3.4 - A RENOVAÇÃO DA ARTE NO ESPAÇO PÚBLICO.....	104
A persistência da arquitectura e escultura “oficiais”	104
Outras encomendas públicas	105
A tímida renovação da escultura	106
Capítulo 4	
1974-1990	110
4.1 - A REGIONALIZAÇÃO E AS NOVAS ESTRUTURAS CULTURAIS	111
A DRAC e o Núcleo de Arte Contemporânea	112
O Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira.....	114
Novas estratégias de grupo. As Associações	118
4.2 - DA QUETZAL AO FESTIVAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	121
A Arte que veio ao Funchal	121
A Galeria Quetzal.....	123
MARCA 87 / Festival de Arte Contemporânea do Funchal	124
4.3 - O INCREMENTO DA PRODUÇÃO LOCAL.....	128
As exposições colectivas. Experiências e vontades	128
Fora dos circuitos habituais Electrografia e Arte Postal.....	131
A outra pintura.....	133

4.4 - A ARTE PÚBLICA - ESCULTURA E PINTURA MURAL	136
O prolongamento do naturalismo	136
Monumentos, concursos públicos e pintura mural.....	137

III

Anos 90 - A história recente

Artes Plásticas em fim de século	142
A Galeria Porta 33 e o Museu de Arte Contemporânea	143
Percursos Individuais. Artistas e tendências.....	145
Considerações finais	151
ESPÓLIOS.....	155
BIBLIOGRAFIA / FONTES	156
ÍNDICE ONOMÁSTICO	163

AGRADECIMENTOS

Começamos por agradecer a disponibilidade e interesse do Prof. Doutor Rui Carita, quem, através da sua atempada e correcta orientação, soube imprimir a motivação e apoio necessários para que este trabalho ganhasse a sua forma final.

Agradecemos particularmente ao Dr. Francisco Clode, director do Museu de Arte Contemporânea, pelo apoio relativo à documentação e espólios daquela instituição, que desde cedo nos disponibilizou. Pelos seus contributos pontuais, mas de grande utilidade, referimos com apreço a Dra. Sandra Assunção, a Sr.^{aa}. Isabel Moniz, a Dra. Zelinda Mendonça, o Escultor António Rodrigues, o Sr. Vicente Jorge Silva, a Dra. Adelaide Valente, a Escultora Gilberta Caires, a Escultora Ana Bonito, e o Director do Museu da Quinta das Cruzes, Esc. Amândio de Sousa.

Pelos valiosos depoimentos, aconselhamentos e contributos vários acerca de diversas matérias, devem aqui ser mencionados o crítico de arte e Prof. Dr. Rui Mário Gonçalves, o Prof. António Gorjão e o Prof. Jorge Marques da Silva. Um agradecimento especial é devido às alunas Filomena Felgueiras, Marla Vasconcelos, Alexandra Gonçalves e Ana Luísa Rodrigues, pela recolha de informação e pesquisa documental, realizadas no âmbito da cadeira de *Arte e Cultura Regionais I* (1998), que em muito contribuiu para o prosseguimento deste trabalho. Aos artistas: Danilo Gouveia, Teresa Jardim, Domingas Pita, Mafalda, Lígia Gontardo, José Manuel Gomes, António Dantas, Guilhermina da Luz, Eduardo Freitas, Alice Sousa, Manuel Rodrigues, Filipa Venâncio pela colaboração prestada e documentação fornecida.

Reservamos um agradecimento muitíssimo especial, por toda a ajuda prestada, à colega Prof.^a Isabel Santa Clara, que desde início, e pacientemente, se prontificou para ceder informações e variada documentação, assim como para discutir diferentes matérias ligadas a este trabalho.

Finalmente, por tudo o que elas são, o maior dos agradecimentos vai para a Isabel e a Alice.

SIGLAS USADAS NO TEXTO

AAPM - Associação de Artistas Plásticos da Madeira.

ARM - Arquivo Regional da Madeira.

AHM - Revista “Das Artes e da História da Madeira”.

AMBAM - Academia de Música e Belas Artes da Madeira.

CF - Comércio do Funchal

DRAC - Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

IBTAM - Instituto do Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira.

ISAD/UMa - Instituto de Arte e Design da Universidade da Madeira.

ISAPM - Instituto de Artes Plásticas da Madeira.

SNBA - Sociedade Nacional de Belas Artes.

SPN - Secretariado de Propaganda Nacional.

SNI - Secretariado Nacional de Informação.

SRTC - Secretaria Regional de Turismo e Cultura.

SCM - Sociedade de Concertos da Madeira.

UMa - Universidade da Madeira.

INTRODUÇÃO

A historiografia referente aos séculos XIX e XX na Madeira carece de estudos anteriores de carácter geral, para períodos históricos alargados. O mesmo não se passa com os séculos XVII e XVIII, para os quais existe uma História Geral, da autoria do Prof. Dr. Rui Carita, e contributos de historiadores como João José Sousa, Nelson Veríssimo — recentemente doutorado nesta área —, António Aragão e Alberto Vieira. A historiografia do período contemporâneo, no âmbito de uma história político-institucional, assim como nas áreas sociológica e das mentalidades, reduz-se a artigos publicados em revistas especializadas ou em suplementos integrados na imprensa generalista. Salientamos um ou outro caso de monografias mais ou menos aprofundadas sobre períodos e temáticas restritas, como é o caso das obras *A Madeira e o Sidonismo*, de Fátima Gomes e Nelson Veríssimo, e a *Revolta da Madeira - 1931*, com organização de João Soares. Confrontamos assim, na feitura deste trabalho, com a carência de uma história contemporânea da Região que nos possibilitasse uma visão sistematizada do período em estudo.

No que diz respeito à história da arte, que aqui nos interessa em particular, o panorama de publicações apresenta um número considerável de artigos temáticos de carácter específico, cingidos a períodos de análise bastante curtos. Ressalvemos aqui a investigação levada a cabo para a feitura do catálogo *Museu de Arte Sacra do Funchal - Arte Flamenga*, publicado em 1997. Porém, e mais uma vez, a grande maioria dos trabalhos debruça-se sobre factos artísticos correspondentes a períodos recuados, que vão do século XV ao XVIII. Quanto à época contemporânea, nenhum trabalho de estudo histórico foi produzido até agora tendo em conta uma sistematização secular, quer para o século XIX, quer para o XX. É neste contexto que julgamos necessário empreender um trabalho que suprisse de algum modo esta lacuna.

No entanto, e relativamente ao presente século, alguns historiadores e estudiosos ligados à arte têm vindo a apresentar contributos dispersos por várias publicações periódicas, e dedicados a casos pontuais. Salientamos aqui alguns textos e artigos de António A. C. Gorjão, professor de Estética da UMa, nos quais encontramos algumas reflexões que, embora sintéticas, constituem exceções ao relativo vazio de estudos sobre as artes plásticas na Região. Também importa aqui destacar o trabalho desenvolvido por Francisco Clode de Sousa, director do Museu de Arte Contemporânea do Funchal, no que diz respeito à publicação de catálogos e textos sobre acontecimentos e personalidades ligadas à história da arte madeirense.

Foi a partir desta informação e das fontes documentais disponíveis que baseamos a nossa recolha inicial, e que tivemos de completar para os períodos e temas omissos.

Além destes recursos, foi também indispensável, como é evidente e quando possível, o contacto directo com os objectos artísticos. Muito gratos ficamos com a publicação, em 1997, do *Inventário das Esculturas da Região Autónoma da Madeira* da responsabilidade de Nelson Veríssimo e José Sainz-Trueva, importante recolha e identificação das obras escultóricas existentes no Arquipélago, constituindo uma preciosa base de dados que nos facilitou o trabalho.

O recurso a depoimentos de personalidades que protagonizaram ou que, de algum modo, estiveram próximas da actividade artística regional, afigurou-se incontornável e de grande valor, quando tal foi possível. Outros recursos metodológicos a destacar dizem respeito à necessidade de inserir os fenómenos artísticos regionais no contexto nacional, aproximando o nosso estudo de uma história comparada sem pretender, no entanto, assumir esta via como vector principal da investigação. Consideravelmente vasta e dispersa, a informação recolhida foi sintetizada de modo a colocar em destaque os factos mais relevantes de cada período. Procuramos uma caracterização do essencial salientando as principais conjunturas, apontando rupturas e continuidades, com o objectivo primordial de procurar entender, e explicar, o devir dos fenómenos artísticos.

Uma visão global conduziu-nos a uma abordagem de vários sectores em simultâneo, pretendendo tocar assim nas esferas que rodeiam a produção e divulgação artística (ou a sua inexistência), nomeadamente contextos políticos, sociais e económicos; a contextualização nacional e internacional; e as relações, quando directamente implicadas, das artes plásticas com outras áreas da criação, como a literatura, arquitectura, música, etc. Desta forma, o estudo privilegia uma visão tendencialmente diacrónica, e salienta assuntos e problemáticas que poderão ser desenvolvidos de um modo mais circunscrito em futuras investigações. Este trabalho apresenta, na sua forma final, uma arrumação cronológica por capítulos que, como qualquer outra divisão, será sempre relativista e passível de crítica. Entendemos e aceitamos que a periodização pudesse ter sido outra. Trata-se apenas de uma divisão operatória e obedeceu a critérios metodológicos e estruturantes, impostos pelo próprio objecto histórico em estudo.

Os diferentes capítulos foram distribuídos pelas três partes que o texto final apresenta. A primeira aborda o período anterior ao século XX — essencialmente o século XIX — para traçar, muito sumariamente, os antecedentes estruturais que explicam, em muito, a situação que vamos encontrar nas primeiras décadas de noventa. O século XIX será abordado, portanto, com um carácter meramente introdutório e esboçado em linhas muito gerais, por não se tratar do âmbito cronológico deste estudo.

A segunda parte constitui o desenvolvimento explicativo do objecto em estudo e foi, pela sua extensão, dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, já no século XX, trata do período compreendido entre 1910 e 1930. Optamos por subverter a divisão meramente cronológica para adequá-la à realidade madeirense — que é também uma realidade portuguesa, como já José-Augusto de França defendera na sua obra *A Arte em Portugal no Século XX*. Este historiador define o “começo” do século em 1911, com a “1ª

exposição dos Independentes”. Ou seja, o século arrancou tardiamente por arrastamento de uma conjuntura finissecular, num Portugal ainda mergulhado no século XIX.

No contexto madeirense, a data de 1910 coincide com as primeiras encomendas realizadas pelo escultor Francisco Franco no Funchal, após ter concluído o seu curso de Escultura em 1909. No mesmo ano, outros dois madeirenses — Henrique Franco (irmão do escultor) e Alfredo Miguéis — encontravam-se também em Lisboa a estudar Pintura Histórica e Decorativa, curso que concluiriam em 1911. São estes os factos que nos serviram de charneira para tal divisão.

O segundo capítulo, abrangendo as décadas de 30, 40 e 50, trata uma época característica da produção cultural e artística portuguesa, dominada pela ideologia do Estado Novo — e respectivas manifestações artísticas — que na Madeira teve uma ampla ressonância. Época de criação de importantes museus e obras monumentais na Região, será também a do nascimento de instituições que irão chamar a si a dinamização da cultura na Ilha — nomeadamente a Sociedade de Concertos da Madeira e a Academia de Belas Artes.

O terceiro capítulo arranca nos anos 60 e vai até Abril de 1974. Uma nova geração de artistas e o descrédito crescente da ideologia do Estado Novo, são factores decisivos para esta divisão cronológica. No Funchal, é a partir desta década que a arte contemporânea fará incursões numa ilha alheia às vanguardas. É época de novas estruturas culturais, projectos utópicos e alguma actividade artística regional.

Um quarto, e último capítulo, foi reservado para o período democrático, cobrindo o final da década de 70 e os anos 80. Agora, a nova conjuntura madeirense passa principalmente pela conquista e consolidação da autonomia; pela criação do Instituto Superior de Artes Plásticas e, essencialmente pelo aparecimento de uma produção regional em número considerável e, em muitos casos, de qualidade visível.

Optamos por concluir este estudo substituindo a tradicional conclusão por uma análise da situação artística nos anos 90 (até 1995) — que constitui a terceira parte do trabalho — porque, embora ultrapassando os limites da historiografia mais ortodoxa, verificamos que o primeiro quinquénio desta década se define como a conclusão lógica e consequência das linhas que foram traçadas nos períodos anteriores. Muitos artistas da Região começam a expor individualmente e a aprofundar percursos a partir de 1990. O Museu de Arte Contemporânea; a abertura, entre outras, da Galeria Porta 33 — experiência de ressonância nacional — e a integração universitária do Instituto de Artes Plásticas, são alguns dos pontos de “chegada” que encerram este período secular.

I

Prólogo ao Século XX

Em primeiro lugar, para compreender a situação cultural insular no século XIX, teremos de recuar alguns séculos, fazendo um breve resumo das condições histórico-culturais mais determinantes. Assim, desde o início do seu povoamento, no Século XV, a Madeira foi ponto estratégico nas rotas comerciais e por aqui passaram bens e culturas de toda a Europa, assim como de outros continentes. Para além dos portugueses que aqui se estabeleceram — a presença estrangeira informou diversos aspectos da cultura insular. No entanto, é evidente que o arquipélago, pela sua dimensão e isolamento, foi filtrando essas influências e criando uma cultura em muitos aspectos específica.

As manifestações artísticas, no período compreendido entre os séculos XV e XVIII seguiram em grandes linhas o figurino nacional. Exemplos concretos são os de arquitectura religiosa, civil e militar que atestam as diferentes épocas e estilos que se foram sucedendo ao longo destes séculos. Do Gótico final, passando pelo Manuelino, ao Maneirismo e Barroco, encontramos na Ilha edifícios, e os seus respectivos programas decorativos, de grande valor histórico e artístico que, contudo, não serão aqui desenvolvidos, como é óbvio. No entanto, o excepcional espólio de arte sacra existente na Madeira merece aqui uma referência, pelo seu número e qualidade.

A estrutura socio-económica, que dominaria a Madeira do século XV ao XVIII, caracterizou-se por uma produção agrícola em regime de monocultura, e pela actividade comercial dela derivada. Um primeiro período económico, que abrange sensivelmente os séculos XV e XVI, foi dominado pela produção e comercialização da cana-de-açúcar, conjuntura que justifica o espólio de arte flamenga, hoje existente na Madeira. O açúcar, artigo de luxo naquela época, começou a ser comercializado pelos italianos e, nos fins do séc. XV pelos flamengos. Este produto representou um dos mais importantes suportes económicos da feitoria portuguesa, ao tempo sedeada em Antuérpia.

Desta forma, a pintura religiosa de origem flamenga chegou ao Funchal em considerável quantidade e qualidade. Na sua maioria eram encomendas para a decoração de igrejas e, menos frequentemente, para uma ou outra capela particular existente nas residências de abastados proprietários. O vasto conjunto de obras de arte — que inclui ourivesaria, escultura e pintura — só pode ser justificado por uma conjuntura tripartida de contactos entre o Estado português, a Ilha e a Flandres. Os painéis de inegável valor histórico e artístico, que hoje fazem parte do Museu de Arte Sacra, são atribuídos a pintores como Gerard David, Jan Gossaert, D. Bouts, Mattys de

Cock, Pieter C. Van Aelst, Mabuse, Joss Van Cleve, existindo também alguns exemplares da Escola Portuguesa desse tempo¹.

A partir do século XVI, a progressiva substituição da cana sacarina pela cultura da videira tornaria a Ilha conhecida na Europa pela qualidade do seu vinho. Os tratados comerciais com a Inglaterra levaram ao estabelecimento de muitos comerciantes ingleses na Ilha. A presença britânica foi determinante nos hábitos culturais da aristocracia e alta burguesia locais – influência patente na decoração de interiores e num gosto “estrangeirado” por literatura, música e arte daquele país, ou mesmo por manifestações culturais de origem diversa, trazidas invariavelmente pelos ingleses.

Romantismo e paisagismo no Século XIX

Cidade portuária, o Funchal irá conhecer, ao longo do século XIX, uma transformação progressiva dada pelo incremento dos transportes marítimos. Estes meios de transporte trazem, para além de bens e mercadorias, cada vez mais visitantes. O turismo vai ser o vector determinante da economia ao longo do século XIX e irá constituir, no século seguinte, a principal fonte de rendimentos da Região. No fim do século, o panorama cultural é caracterizado globalmente pela ausência de estruturas culturais, exceptuando uma parca rede escolar e uma ou outra experiência ligada ao ensino artístico. As altas taxas de analfabetismo, a centralização político-administrativa e a carência de meios para decidir e resolver problemas, são alguns dos factores que fomentam o conseqüente e natural fenómeno da emigração.

Por outro lado, ao longo deste século dominado pelo romantismo, um vasto espólio de desenhos e gravuras de temática madeirense – hoje existente em colecções públicas e privadas – foi-se constituindo. O desenvolvimento da literatura de viagens², com os seus característicos álbuns e diários ilustrados, informou o gosto português, quer no continente, quer nas Ilhas. A influência inglesa já antes mencionada e a presença

¹ - Sobre a Arte Flamenga na Madeira ver, entre outros: Luísa Clode, *A Arte Flamenga na Ilha da Madeira*, in «Colóquio de História das Ilhas Atlânticas», Vol. II, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal, 1986; Rui Carita, «A pintura flamenga na Ilha da Madeira na época dos Descobrimentos», in *O tempo das Feitorias - A Arte Portuguesa na época dos Descobrimentos* (catálogo da EUROPÁLIA), Antuérpia, 1991; e Fernando A. Batista Pereira e Luísa Clode, *Museu de Arte Sacra do Funchal - Arte Flamenga*, Lisboa, Edicarte, 1997.

² - Uma extensa bibliografia pode ser referida para este tema. Por não ser um assunto fundamental neste trabalho, destacamos aqui só algumas referências que nos parecem das mais elucidativas: Isabel Oliveira Martins, *William Morgan Kinsey - Uma ilustração de Portugal*, Lisboa, Edições 70, 1997; Isabella de França, *Journal of a visit to Madeira and Portugal - 1853/1854*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo, 1969. Outros títulos de originais do século XIX: *An Historical Sketch of the Island of Madeira* (1819), *William Combe - testemunhos gráficos* (1821), *Rambles in Madeira and in Portugal in the early part of 1826* (1826), e *Madeira Illustrated* (1840).

esporádica de vários pintores e ilustradores — procurando aqui a motivação temática e o ambiente de recolhimento ideais para a criação — deixou um considerável número de obras naturalistas e tardo-românticas, que constituem uma galeria de grande valor etnográfico e histórico. Evocador da vida madeirense daqueles tempos, este conjunto de imagens contribuiu para perpetuar os costumes, arquitectura, artesanato e paisagem regionais.

Tratava-se de uma forma de arte entendida também como documento dum social pitoresco, no que diz respeito a tradições e costumes, que prende a atenção dos visitantes. Os desenhos a carvão e as aguarelas, depois reproduzidos em xilogravura, litografia ou água-forte — e outros processos ligados à gravura, processos que na generalidade proporcionavam uma rápida e fiel reproduzibilidade —, constituíram o meio ideal para desenvolver um vasto repertório visual que servia de “cartaz” a uma ilha bucólica e idealizada, trasbordante de encantamentos. Este tipo de manifestação artística constitui uma excelente forma de divulgação cultural e turística, que ainda hoje vai funcionando como tal.

Na generalidade, estas imagens apresentavam um cariz nitidamente romântico, de uma quietude saudosa, ou mais raramente uma expressão satírica — como é o caso das gravuras atribuídas a William Combe³ — nos retratos das figuras-tipo da sociedade madeirense, do mais alto aristocrata ao simples camponês, ou “vilão”. Do século XIX chegaram até nós pinturas, desenhos e álbuns de gravuras de artistas ingleses como Andrew Pickens (1815-1845) e William Westall (1781-1850)⁴, só para citar alguns dos mais representativos.

Podemos ainda acrescentar, a título de exemplo, as seguintes colecções: a *Colecção Bulwer* (1829), que contém 29 litografias de paisagem com descrições dos lugares geográficos representados, assim como informações sobre o clima e notas históricas; a *Colecção Eckersberg* (1853), com 10 litografias que apresentam um tratamento vigoroso na representação da paisagem, tirando partido do relevo característico do interior e norte da Ilha; a *Colecção Springett* (s/d) formada por 15 estampas que retratam os trajes e costumes típicos, com uma figuração caracterizada pela rigidez das atitudes. Através de temáticas e estilos próprios, as imagens referidas difundiram um gosto tipicamente oitocentista, que aqui chegara por duas vias: a francesa — menos comum, e filtrada pelo gosto português — e sobretudo a inglesa, através dos *tourists* que nos visitaram ou que aqui se instalaram permanentemente.

³ - As estampas não se encontram assinadas, o que permite tecer várias hipóteses sobre a autoria das mesmas. Normalmente atribuídas a William Combe, existem originais muito semelhantes do Tenente-coronel Paulo Dias de Almeida. Sobre este assunto confrontar os textos: António Marques da Silva, «Viajando com Ackermann», in *Islenha*, nº 10, Funchal, 1992, pp. 97-98; e Rui Carita, *Paulo Dias de Almeida e a descrição da Ilha da Madeira*, Funchal, DRAC, 1982.

⁴ - Artistas representados na colecção (entre outras) da Casa-Museu Frederico de Freitas, Calçada de Santa Clara, Funchal.

Mas não foram exclusivamente os estrangeiros a pintar e desenhar a Ilha. Em menor quantidade, no entanto, alguns pintores portugueses aqui estiveram e, muito pontualmente, criaram obras que hoje se encontram em colecções insulares e continentais. O primeiro nome que encontramos, logo no princípio do século, é o de Joaquim Leonardo da Rocha, vindo de Lisboa para o Funchal em 1807, e de quem falaremos mais adiante em relação à Aula de Pintura que nesta Ilha instituiu. Outros pintores aqui aportaram com objectivos diferentes, sobretudo à procura da paz e o descanso que uma terra paradisíaca parecia assegurar. A fama de estância terapêutica⁵, edificada ao longo do século XIX, divulgou a ilha da Madeira pela Europa, trazendo ao Funchal nacionais e estrangeiros acometidos de doenças várias – especialmente com tuberculose – na esperança de que o clima e sossego da Ilha constituíssem uma cura definitiva para os seus males. Com este propósito veio para a Madeira em 1805 o pintor Francisco Vieira Portuense, falecendo em Maio do mesmo ano. A tuberculose foi também fatal para Francisco Metrass, que faleceu neste Arquipélago em 1861.

Para além destes artistas em fase terminal, temos notícia de outros três importantes pintores que aqui estiveram por motivos, e com destinos, menos penosos que os supracitados. Diogo de Macedo⁶ refere a presença do pintor Miguel Lupi na Madeira por volta de 1852 «... quando as suas famas não passavam duma pequena roda de amigos admiradores, diz-se que na sua ida a Luanda ou no seu regresso tomara apontamentos no Funchal, dos tipos em especial, num álbum semelhante ao que encheu em Angola e cujo destino hoje se desconhece»⁷. Também refere o Visconde de Meneses, de quem há informação de ter «... pintado algumas telas da Madeira»⁸, depois de 1860. O pintor Tomás da Anunciação deixou aqui alguns retratos e vistas do Funchal⁹ pintados entre 1861 e 1865. A estadia destes pintores na Região foi eventual e a sua influência restringiu-se à aquisição de obras por parte de alguns coleccionadores de pintura e pouco mais.

Ao invés, os madeirenses que saíram da sua terra para seguir uma carreira, como artistas, no continente ou estrangeiro, primaram pela ausência¹⁰. Excepção à regra foi,

⁵ - Acerca do turismo “terapêutico” ver, entre outros, Nelson Veríssimo, «Funchal Città Dolente» in *Islenha*, nº 12, Funchal, DRAC, 1993, pp. 7-15.

⁶ - O escultor Diogo de Macedo escreveu em 1949 um pequeno artigo sobre os pintores portugueses que passaram pela Ilha. Cf. Diogo de Macedo, «Nota sobre pintores portugueses que estiveram na Madeira», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. 2, Câmara Municipal do Funchal, 1949, pp. 65-67.

⁷ - *Ibidem*.

⁸ - Três destas obras pertencem ao espólio do Museu da Quinta das Cruzes, no Funchal. São elas “A Feira do Gado”, 1861; “Piquenique” (Retrato da família do Conde de Carvalhal enquadrada numa vista sobre o Funchal), 1865; e “Vista sobre o Funchal de Sta. Catarina”, 1865. Sobre este assunto ver Francisco Clode de Sousa, «A propósito de três obras de Tomás da Anunciação», in *Islenha*, nº 2, Funchal, 1988, pp. 77-79.

⁹ - *Ibidem*.

¹⁰ - Deve ser mencionado o pintor Nicolau Ferreira, que nasceu no Funchal em 1731 e faleceu no Século XIX, mas cuja obra se desenvolveu sobretudo no século anterior. Pintor de encomendas para a Igreja bastante activo no último quartel de setecentos, Nicolau Ferreira deixou uma vasta obra, porém de qualidade menor. Sobre este pintor ver: João Silvério de Caires, *O pintor Nicolau Ferreira – Breves notas*,

único caso de que temos notícia, o pintor Adolfo Rodrigues (1867-1908), hoje em dia pouco referido¹¹. Adolfo Rodrigues fez uma curta carreira em Lisboa como pintor de retrato e paisagem, tendo sido subsidiado pela Junta Geral do Funchal, por falta de “meios de subsistência”¹². Matriculou-se na Academia de Belas Artes, em Lisboa, cursando Pintura Histórica com Ferreira Chaves. Adolfo Rodrigues desenvolveu uma pintura de sólida técnica e recorte naturalista, tanto no retrato como na paisagem.

Encontram-se ainda hoje em espólios públicos do Funchal alguns quadros¹³ deste pintor nascido na Madeira, que consta ter sido um dos primeiros madeirenses a concluir o curso de Belas Artes em Lisboa. Foi também um dos primeiros docentes da Escola Industrial do Funchal, porém durante pouco tempo. Expôs no Grémio Artístico em 1881 e 1893, partindo para Paris em 1895, onde estudou pintura com Benjamin Constant. Voltaria três anos mais tarde para se instalar de novo na capital. Aquando da abertura da Sociedade de Belas Artes de Lisboa, em 1903, Adolfo Rodrigues expôs 14 telas de paisagem e temática essencialmente campestre, vistas captadas em diversos pontos do país e do estrangeiro, nomeadamente na França. No século XX só vivera oito anos, falecendo em 1908 com 41 anos de idade.

Este breve resumo do século XIX não estaria completo sem mencionar o importante desenvolvimento da fotografia entre nós que, não estando incluída tradicionalmente nas Belas Artes, é de facto uma tecnologia directamente ligada às artes plásticas. Na lógica do espírito positivista – imbuída ao mesmo tempo de saudoso romantismo – a fotografia teve forte presença no ambiente insular do séc. XIX. Fotógrafos como Vicente Gomes da Silva¹⁴, os Perestrellos (pai e filho) e Jorge Francisco Camacho, entre outros,

Funchal, 1950, Luís Peter Clode, «O nome completo do pintor Nicolau Ferreira é Nicolau Ferreira Duarte», in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 13, 1952, p. 38; José de Sainz-Trueva, «Presença de Nicolau Ferreira, um pintor madeirense do Séc. XVIII na Vila de Câmara de Lobos», in *Girão*, nº 5, pp. 201-203; e Anne Martina Emonts, *Uma representação de Santa Ana na arte da Madeira no Século XVIII*, Funchal, 1997 (trabalho realizado no âmbito do Mestrado em História da Universidade da Madeira, ainda não publicado).

¹¹ - A única referência que encontramos sobre este pintor é dada, mais uma vez, por Diogo de Macedo. Cf. Diogo de Macedo, «O pintor Adolfo Rodrigues», in *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. IX, Funchal, 1951, p. 209-212.

¹² - A este respeito, Diogo de Macedo relata: «Apesar das recompensas que obtivera nas aulas, como bom escolar que fora, ganhando o “Prémio Anúnciação” no 2º ano do curso e mais outro no ano imediato, conquistando então a honra de uma Medalha de prata com o quadro que representava Hero e Leandro, a sua vida não era muito desafogada, reduzido, como informara um amigo seu, “recorrer à caridade dos madeirenses” residentes em Lisboa, o que levou o Conselheiro Agostinho de Ornelas, de que viria a pintar excelente retrato, a dirigir-se, em Maio de 1880, ao Presidente da Junta sua protectora, o Conselheiro José Leite Monteiro, solicitando-lhe a interferência para a continuação daquele subsídio, “uma pequena quantia que por tão pouco tempo será ainda necessária e que tem por fim habilitar um madeirense de talento a completar um curso que o habilita a prestar à sua pátria importantes serviços» [...] Em complemento daquelas pessoais instâncias do conselheiro Ornelas, este declarava ainda: “Já não pode dedicar-se agora a outra carreira, e a suspensão do seu subsídio lança-lo-ia na miséria e faria perder as somas já gastas com a sua aprendizagem”. A protecção da Junta sustentara-se até ao final do curso do Artista». Ibidem, p. 210.

¹³ - Na Igreja matriz de S. Pedro existem dois trabalhos deste pintor, assim como um retrato do Rei D. Carlos no Teatro Municipal. O quadro “Esperando o peixe”, também conhecido como “varinas”, datado de 1893, encontra-se nas colecções do Museu da Quinta das Cruzes, Funchal.

¹⁴ - Vicente Gomes da Silva (1827- 1906) foi o fundador do mais antigo estúdio fotográfico conhecido em Portugal, a “Photographia Vicentes”, fundado em 1848. Os Vicentes, fotógrafos das Casas Reais de

souberam tirar partido desta técnica inovadora. Concorrente directa – ou astuto complemento – das pinturas e desenhos que antes mencionamos, a fotografia encarregou-se de perpetuar as memórias familiares, assim como os costumes, a paisagem e os mais relevantes acontecimentos sociais da época. O realismo das imagens exercia uma clara sedução no público, acreditando-se que: «... a fotografia não traduz como o desenho, expõe os factos na sua inteira verdade», como rezava um manual de H. Gossin, em finais de oitocentos¹⁵. Contudo, o sabor romântico estava presente nas cuidadosas encenações de estúdio, elaboradas como se de uma pintura se tratasse.

A Aula Régia de Desenho e Pintura

No início do século XIX o ensino artístico, de forte tradição academista, limitava-se às grandes cidades de Lisboa e Porto. As escolas de Belas Artes tinham sofrido algumas alterações em 1901¹⁶ que, embora não sendo de carácter estrutural, permitiram a introdução da componente realista do estudo do natural, privilegiando o desenho de observação. É também a partir deste período que o ensino da História da Arte se foi tornando mais sistematizado e objectivo. Para além das escolas de Belas Artes, e ligado ao desenho, existia desde 1884 um ensino industrial, vocacionado para a formação de quadros destinados a uma indústria portuguesa, ainda bastante rudimentar. O Funchal teria também a sua Escola Industrial em 1889.

Ainda antes daquela, em 1807, foi surpreendentemente criada no Funchal uma “Aula Régia de Desenho e Pintura”, por iniciativa do pintor Joaquim Leonardo da Rocha – filho do célebre pintor “Rocha”¹⁷ – que tentou reproduzir na Ilha os padrões de um ensino palaciano, vigente na altura em Portugal. Foi a primeira experiência deste tipo fora dos grandes centros continentais e marcou uma pontual e, quase acidental, irradiação do movimento pedagógico português naquela época.

Austria, Brasil e Portugal, foram constituindo durante quatro gerações um vasto espólio de imagens que hoje fazem parte da “Photographia-Museu Vicentes”, museu aberto em 1982, e que hoje ocupa as antigas instalações do estúdio, à Rua da Carreira.

¹⁵ - Citado por Isabel Santa Clara, «Instantes guardados», *Islenha*, nº 10, Funchal, 1992, pp. 104-107.

¹⁶ - Devido à reforma do ensino artístico promovida em 1901 pelo governo de Hintze Ribeiro. Cf J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1984, 2ª edição, Vol. II, pp. 66-64.

¹⁷ - Joaquim Manuel da Rocha (1727-1787) – pintor académico da época pombalina – foi professor de desenho da “Aula Régia de Desenho de Figura e Arquitectura” criada em Lisboa em 1781. Da “Aula do Rocha”, como ficou conhecida, foram discípulos Vieira Portuense, António M. da Fonseca e Domingos Sequeira, entre outros.

Joaquim Leonardo da Rocha¹⁸ (1756 - 1826) veio para o Funchal em 1807 procurando abrigo à situação criada no continente pelas invasões napoleónicas. Aqui instalado, o Pintor logo «... despertou a ideia da criação duma aula de desenho e pintura, tendo um grupo das pessoas mais qualificadas desta cidade dirigido uma representação ao governo da metrópole, nos princípios do ano de 1809, em que expunha a conveniência e a necessidade dessa criação». Um grupo de representantes do governo local enviou uma carta a Lisboa, onde se informava da instalação do novo curso, pedindo a autorização régia para que no Funchal «... se estabelecesse sem demora a pretendida aula ou escola de desenho e pintura»¹⁹.

Desta aula, criada pela Carta Régia de 7 de Julho de 1809, sabemos que começou a funcionar no ano seguinte e «... em data de 10 de Abril de 1810, enviou o governo central umas instruções para regular o seu funcionamento, que decerto constituíam a lei orgânica da mesma aula e que deveriam conter os métodos de ensino ou programa das matérias ali professadas». O local onde teria funcionado esta aula nunca foi mencionado de forma clara e até hoje, nunca foi confirmada a hipótese de localização levantada no *Elucidário Madeirense*²⁰. Para o funcionamento destas aulas foi redigido um conjunto de “Instruções”²¹, por iniciativa do governador Pedro Fagundes. Este conjunto de oito artigos regulava o funcionamento das aulas e a respectiva metodologia, baseada na cópia de trabalhos²². Destacamos a existência de alunos efectivos e extraordinários e, curiosamente, a instituição de um concurso anual — que nos parece nunca ter sido levado a efeito — destinado exclusivamente aos alunos efectivos²³.

¹⁸ - Sobre este pintor e o seu pai, foi publicada, em 1932, uma obra que contém a mais completa informação que conseguimos obter sobre o primeiro, que aqui particularmente nos interessa. Cf. Júlio Jesus, «*Joaquim Manuel da Rocha e Joaquim Leonardo da Rocha - Subsídios para as suas biografias e alguns elementos para o estudo das suas obras*», Lisboa, Tipografia Gonçalves, 1932. Ver também Fernando A. da Silva, *Elucidário Madeirense*, Funchal, 1984, 4ª ed. (1ª ed. 1922), Vol. I, pp. 398-399.

¹⁹ - *Ibidem*.

²⁰ - Nesta obra aponta-se a possibilidade desta aula ter feito parte das chamadas “Aulas do Pátio”. Cf. Fernando A. da Silva, *Elucidário Madeirense*, ob. cit., p.399.

²¹ - Deste documento ainda existiam cópias em 1931, no então Arquivo da Marinha e Ultramar (Caixa IX, doc. 2255), segundo João Cabral do Nascimento, «Criação e Funcionamento da Aula de Desenho e Pintura no Funchal» in *Arquivo Histórico da Madeira*, Funchal, Vol. I, 1931, pp. 36-47.

²² - No artigo 4º destas instruções referem-se os instrumentos necessários para este tipo de ensino, facultando «... para o seu estudo, na mesma Aula, o preciso papel, lápis, estampas e gêços», citado por João Cabral do Nascimento, *Ibidem*, p. 38.

²³ - A propósito deste concurso, transcrevemos os seguintes artigos:

«Artº 5º - Sendo a emulação hum dos principais, e mais fortes estímulos para se fazerem progredos em quais quer Artes e Sciencias; para excitar a esta, entre os Discipulos effectivos, haverá em cada hum anno, no fim de Agosto, hum concurso para se adjudicarem Premios a os que mais se distinguirem»

«Artº 6º - Serão trez os premios, o primeiro de 30\$ -; o segundo de 20\$ -; e o terceiro de 10\$ - distribuindo-se estes segundo o merecimento dos Desenhos que se observar no fim do concurso (para que o professor prescreverá tempo certo, e determinado) durante o qual haverão todas as precauçoens e vegilancia para que nos dittos desenhos não entre alguma mão mais hábil que os retoque, e que por esse motivo venham a conferir-se os taes premios a quem os não mereça, tirando-se aos que delles se fizeram acredores. Os Sujeitos que se houverem de copiar deverão, o primeiro conter varias figuras; o segundo, menos figuras; e o terceiro, uma só figura». *Ibidem*, p.39.

Curiosa é também a publicação, por Joaquim L. da Rocha, de um folheto didático e de carácter empírico, intitulado *Medidas gerais do corpo humano arrançadas em diálogo, e método fácil, para uso da Real Aula de Desenho e Pintura da Ilha da Madeira*²⁴, publicação que constitui um dos escassos exemplares de manuais deste género em Portugal. Algumas pinturas de Joaquim L. da Rocha fazem hoje parte de colecções públicas e privadas da Região²⁵. Ao que parece, o Pintor faleceu em 1825, ano em que deixou de haver referência aos pagamentos do seu desempenho. Dois dos seus discípulos madeirenses, Felipe Cardoso da Costa e Melo e João José de Nascimento²⁶, chegariam a concorrer para ocupar o seu lugar. Porém, ao que parece, aquela aula não voltou funcionar pois nada mais foi encontrado a esse respeito.

Em 1837 seria fundado o Liceu do Funchal, mas nos seus currículos não existia nenhuma cadeira de desenho. Esta lacuna só será suprida em 1877, pela Câmara Municipal do Funchal, com um muito rudimentar curso de desenho, mais técnico do que artístico, que durou até 1892. Entretanto, ainda em 1889, tinha sido criada a Escola Industrial de Desenho Josefa de Óbidos, da qual falaremos no capítulo seguinte.

²⁴ - Publicado em Lisboa, em 1813, este pequeno folheto de 14 páginas constitui um exemplo da proliferação de pequenas obras inspiradas no tratadismo de raiz neoclássica, dominante em Portugal nos princípios do século XIX. Um exemplar deste folheto encontra-se ainda hoje na biblioteca da Escola Secundária Francisco Franco.

²⁵ - Como por exemplo o “Retrato de D. João VI”, no Palácio de S. Lourenço e na colecção particular de Rui Silva, o “Retrato do 1º Conde de Canavial”, na colecção de Rui Bettencourt da Câmara e ainda uma pintura pertencente ao espólio do Museu da Quinta das Cruzes.

²⁶ - Do primeiro pouco sabemos. Quanto ao João José de Nascimento, pintor de fraca qualidade, deixou um conjunto de retratos a óleo, em colecções particulares e públicas (algumas pinturas existentes no Palácio de São Lourenço e na Câmara Municipal do Funchal). Curiosamente, este pintor expôs ao público — não há informação acerca do local da exposição — algumas das suas obras, conforme o anúncio de jornal datado de 1846, prevenindo ao público que «... os quadros da sua produção estão longe da categoria dessas sublimes Pinturas [...] que Suas Senhorias tem visto nas soberbas galerias que tem visitado » in *O Defensor*, Funchal, 18/04/1846, nº 329 (citado por João Cabral do Nascimento, ob. cit.)

II

1910-1930

1930-1955

1955-1974

1974-1990

Capítulo 1
1910 -1930

1.1 – A VIDA CULTURAL DO FUNCHAL

A sociedade tradicionalista e de mentalidade conservadora, dominante num Portugal divorciado da Europa, prolonga-se nos seus pontos periféricos. A Madeira, longe de centros culturais como Lisboa e Porto, é um pequeno mundo insular, constituído por uma população de maioria rural – como é apanágio, aliás, de todo o País naquela altura, exceptuando os centros já mencionados – e um núcleo populacional, a cidade do Funchal, que absorvia, no primeiro quartel deste século, um terço da população total da Ilha²⁷, contrastando nitidamente com o resto da Região. No período da I República, o Funchal ainda é uma cidade de pequenas dimensões, mas com uma vida assaz movimentada pela sua condição de porto de mar.

Por isso, o Funchal era, e continua a ser, uma cidade feita de chegadas e partidas, de pessoas e hábitos que vêm e vão com as viagens, e que eventualmente se vão instalando, assim interferindo nos costumes dos naturais. Para além do turismo terapêutico desenvolvido no século anterior, devemos também considerar outro tipo de “entradas” no Funchal no primeiro quartel do século XX. Trata-se de um número considerável de estrangeiros que estabelecem residência temporária ou definitiva na Madeira para escapar à guerra na Europa (1914-19). Alguns intelectuais e artistas – nacionais e estrangeiros – chegam à Madeira por alguma destas razões, inevitavelmente. A título de exemplo, os poetas António Nobre, Júlio Dinis e Gomes de Leal contam-se entre os nacionais que cá estiveram por razões de saúde.

O turismo marcou, a partir do século XIX, o ambiente cultural do Funchal. Por esta razão, numa cidade ao mesmo tempo pacata e cosmopolita, as manifestações culturais constituíam-se como momentos de lazer proporcionados a um turista culto, na sua maioria de origem inglesa. Os turistas eram recebidos por uma população convenientemente hospitaleira. Esta hospitalidade manteve-se como imagem de marca, para além da paisagem exuberante, e é, cada vez mais, motivada por fins económicos. Assim, a presença inglesa é uma constante desde o século XVII, por estas e outras razões já apontadas. Em consequência, o gosto britânico fortemente conservador, ligado a uma visão romântica ou naturalista, ditou de certo modo aquilo que chegava até nós no campo cultural. As “melhores” casas do Funchal eram decoradas ao gosto inglês de oitocentos.

²⁷ - O Censo de 1910 acusava para a Madeira 169.783 habitantes. O Conselho do Funchal tinha 43.710 habitantes, um quarto da população total da Ilha. Cf. Eduardo C. N. Pereira, *Ilhas de Zargo*, 4ª Ed., Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1989, Vol. II, pp. 272 e 273. (1º edição 1940).

Por outro lado, e por via do coleccionismo, também chegaram à Madeira objectos decorativos de estilo *Art Nouveau*, sobretudo através de pequenos objectos de joalharia. Na arquitectura encontram-se hoje poucos exemplos deste estilo, embora algumas fachadas de residências particulares ainda ostentem azulejos de inspiração vegetalista, próprios da linguagem estilizada da *Art Nouveau*. A título de exemplo podemos referir, entre outros casos, o de uma vivenda nos arredores do Funchal cuja arquitectura, e sobretudo o portão em ferro, constituem um dos raros e bem conservados exemplos deste estilo²⁸. Como acontecera no continente, foi sobretudo o sector comercial a aderir a este novo estilo decorativo, olhado com desconfiança pela aristocracia mais conservadora. Ainda deste período, chegou até nós uma pequena escultura-candeeiro, de nítido gosto *Art Nouveau*, integrada no átrio de entrada de uma entidade bancária²⁹.

Manifestações culturais da época

Nos primeiros anos deste século, o Funchal assistiu a um incremento das manifestações artísticas ligadas ao espectáculo. Das artes plásticas falaremos mais adiante, onde trataremos a pintura e a escultura em sub-capítulos específicos.

Atendendo à dimensão da cidade naquela época, a actividade teatral e musical foi, sem dúvida, considerável em número e também em qualidade. No Teatro Municipal do Funchal³⁰ eram apresentadas com assinalável frequência, tendo em conta a condição periférica da cidade, peças de teatro nacionais e estrangeiras, assim como concertos de música clássica, vindos dos principais centros europeus. Já em 1922 fora ventilada a ideia da criação de um conservatório de música no Funchal. Na imprensa local da época salienta-se que «... na Madeira há extraordinária propensão para a música»³¹ e reconhece-se com admiração que «... depois de Lisboa e Porto, é no Funchal onde se realizam maior número de concertos de orquestras sinfónicas»³². A terceira cidade do País tinha, desde logo e como

²⁸ - Porém, a traça arquitectónica parece-nos tardia, já em transição para a *Art Déco*. A vivenda situa-se no cruzamento da Rua da Levada e do Caminho do Comboio, nº 49.

²⁹ - Peça composta por figura feminina em bronze coroada com dois porta-lampadas de inspiração floral. Assinado por L & F. Moreau. Banco Nacional Ultramarino, Av. Arriaga, Funchal. Numa proximidade de temática e funções, existe um exemplo de maiores dimensões na Sede do Ateneu Comercial do Funchal que é, no entanto, mais ligado a um estilo *fin de siècle* do que à *Art Nouveau*.

³⁰ - Denominado Teatro Dona Maria Pia desde 1887 — data da sua inauguração — até 1917, quando passou a chamar-se Teatro Manuel da Arriaga. Em 1935, durante a vereação de Fernão de Ornelas, passou a ter a denominação que conserva até hoje: Teatro Municipal Baltazar Dias, em homenagem ao madeirense, poeta e autor de teatro, conhecido como o “Poeta Cego da Ilha”. Cf. Rui Carita, *100 anos de Teatro no Funchal*, Câmara Municipal do Funchal, 1987.

³¹ - Opinião proferida pelo violinista continental Acácio Santos, que se encontrava, nesta altura, na Madeira a realizar um concerto. Cf. in *Diário de Notícias*, Funchal, 19/04 /1922, p. 1.

³² - *Ibidem*.

entreve a uma maior frequência destas actividades, a sua dimensão e isolamento em relação às cidades continentais.

Mesmo assim, este tipo de manifestações permitiu que os habitantes do Funchal tivessem um contacto próximo e relativamente constante com uma actividade cultural muito ligada, como seria de esperar, aos padrões clássicos. O grupo de intelectuais era muito reduzido, e o funchalense de cultura média que assistia aos espectáculos, fazia-o mais por vontade de afirmação social do que propriamente por conhecimento e interesse esclarecido.

Em matéria de espectáculos, também o cinema, a grande novidade do século, passou a ser uma atracção crescente para o público – com a abertura de novas salas e reconversão de teatros para tal fim – mas também no domínio da criação cinematográfica. É neste âmbito que aqui importa destacar a curiosa e notável experiência (hoje pouco lembrada) no campo da produção de filmes, inteiramente rodados na Região por madeirenses. Manuel Luís Vieira, fotógrafo nascido no Funchal, realizou ao longo dos anos 20, para além de outras experiências, duas longas-metragens, hoje infelizmente desaparecidas³³.

Mas é sobretudo no campo literário que encontramos, de algum modo, as raízes de um “movimento” regional de intelectuais que deu, na década de 20, um certo impulso na vida cultural madeirense. Foi este movimento ou, melhor, o conjunto de intelectuais, hoje conhecidos como a *Geração do Cenáculo*, que proporcionou as primeiras discussões e iniciativas de carácter cultural e marcadamente regionalista, no sentido da preocupação com a situação cultural da Ilha. É neste contexto que se integram Francisco Franco, Henrique Franco e Alfredo Miguéis, – os três madeirenses que fizeram parte dos “Cinco Independentes” – quando aqui voltam após o contacto com a vanguarda parisiense. Os três artistas serão os responsáveis pelo protagonismo madeirense na arte portuguesa, nesta primeira metade do século. Sem raízes artísticas, sem estruturas culturais actantes e sem uma sociedade para os entender, os três bolseiros de Paris não serão mais do que um episódio sem continuidade no “marasmo” cultural do seu tempo.

As Tertúlias e a *Geração do Cenáculo*

O hábito da tertúlia, bastante desenvolvido no século XIX, foi característico do meio intelectual português e conheceu na Madeira alguns adeptos deste tipo de convívio. Pequenos grupos constituíram, em diferentes momentos, sociedades e academias de

³³ - Realizados entre 1925 e 26, “A Calúnia” e “O Fauno das Montanhas”, foram inteiramente rodados na Madeira, com actores e figurantes locais. Algumas fotografias daquelas películas foram conservadas até hoje. Cf. João Maurício Marques, *Os faunos do cinema madeirense*, Editorial Correio da Madeira, Funchal, 1997.

carácter predominantemente literário. A “Arcadia Funchalense” foi criada em 1780 pelo poeta Francisco Xavier de Ornelas, e era «... destinada ao cultivo das letras, como as suas congéneres do continente que tão grande voga tiveram nesta época»³⁴. No século seguinte foi fundada a “Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e das Artes”, em 1821, à semelhança da Real Academia das Ciências de Lisboa, mas teve «... vida prematura, pois, com os acontecimentos políticos de 1823, deu a alma ao criador»³⁵.

Esta tradição das tertúlias vai ter expressão renovada, no período da I República, com a *Geração do Cenáculo*. Com este nome ficou conhecida uma geração de intelectuais madeirenses mais ou menos ligados ao modernismo, nos anos 20. A produção literária conheceu então uma actividade considerável pela mão de um grupo de escritores que, a par dos discursos políticos e da actividade jornalística, produziram obra no campo da literatura e poesia. A vida política e as tendências intelectuais dominantes na capital prolongaram-se na Madeira através daqueles que voltavam após concluir os estudos em Lisboa, na sua maioria militares, médicos e advogados. Nomes como João dos Reis Gomes³⁶, Alberto Artur Sarmiento³⁷, Fernando Augusto da Silva, Francisco Bento de Gouveia e João Cabral do Nascimento³⁸, faziam parte do conjunto de madeirenses que em 1919 formaram o *Grupo do Centenário*³⁹.

Neste período republicano, o sentimento regionalista foi ao mesmo tempo causa e consequência da movimentação intelectual. Numa época de grande efervescência ideológica, este grupo desempenhou um papel importante na defesa dos valores regionais, tanto a nível político-administrativo como no sector cultural, quer através dos artigos publicados na imprensa regional – e, nalguns casos, nacional – quer mediante a publicação de estudos importantes como o *Elucidário Madeirense*, do Padre Fernando Augusto da Silva, obra que constitui, ainda hoje, uma referência na produção historiográfica madeirense.

³⁴ - César Pestana, «Academias e Tertúlias da Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 12, 1952, pp. 35-36.

³⁵ - *Ibidem*.

³⁶ - (1869-1950) Oficial do exército, engenheiro, professor, escritor e crítico de arte. Como dramaturgo escreveu a peça de teatro “Guiomar Teixeira”, uma das primeiras experiências de junção de teatro e cinema. Deixou uma vasta obra literária e foi um dos principais responsáveis pela movimentação cultural funchalense dos anos 20 e 30.

³⁷ - (1878-1953) Oficial do exército, escritor, professor e naturalista. Interessou-se pela música participando em vários concertos e escrevendo letras para operetas. Participou na fundação do Museu Regional e tem uma extensa obra publicada.

³⁸ - (1897-1978) Advogado de formação, poeta e historiador autodidacta. Defensor do espírito regionalista, foi responsável pela criação do Arquivo Histórico da Madeira. Desempenhou um importante papel na renovação da poesia, sendo um dos primeiros poetas modernistas portugueses.

³⁹ - O “Grupo do Centenário” foi assim denominado pois a sua formação esteve ligada às comemorações do V Centenário da Descoberta da Madeira (1419-1919).

Situado no centro da cidade, o café *Golden Gate*, conhecido localmente como a “esquina do mundo”, foi o local de encontro do reduzido grupo de intelectuais que trocavam ideias sobre política, literatura e arte, entre outros assuntos. Esta tertúlia reuniu-se naquele café até princípios da década de 30. O *Cenáculo* tornou-se um centro de acesas discussões sobre questões ligadas à vida do Funchal. Apesar dos ataques dos seus detractores, as opiniões deste grupo foram geralmente reconhecidas pelas autoridades oficiais, que o consultavam com frequência⁴⁰. O carácter fechado destas reuniões foi duramente criticado pelo Visconde do Porto da Cruz, escritor e político, que nunca fez parte do grupo: «... *Em volta do “Cenáculo” apareciam curiosos que não se afoitavam a aproximar-se de centro tão restrito onde, especialmente Reis Gomes e o Padre Fernando da Silva, não viam com bons olhos o advento de novos valores e por isso nem os animavam com um convite amável para tomar parte nas reuniões do “pagode” e até os afastavam fazendo por desiludi-los!*».⁴¹

Assim, o Café *Golden* transformou-se, na década de 20, numa espécie de sucursal das tertúlias lisboetas no Funchal, e viu nascer, no seio do grupo anterior, um outro *Grupo de Artistas Independentes* do qual faziam parte os irmãos Franco, Alfredo Miguéis, o poeta João Cabral do Nascimento e mais tarde Abel Manta, que participou no grupo durante a sua estadia na Ilha, entre 1924 e 1926⁴².

⁴⁰ - Contemporâneo do grupo, o escritor César Pestana publicou em 1951 um artigo, assaz tendencioso, sobre a actividade do “*Cenáculo*”, do qual transcrevemos alguns excertos que, apesar da visão pessoal, elucidam o ambiente daquela tertúlia:

« O “*Cenáculo*” reunia-se todas as noites numa sala privativa do Hotel *Golden Gate*. Guiava-se por uma rígida disciplina de gravidade académica e ar inacessível a qualquer “intruso” ou intelectual não convidado ou previamente aprovado pelo conspícuo sinédrio. Nunca foram numerosos os seus frequentadores. Ainda que não houvesse estatutos, prevalecia entre os “habitúés”, a preocupação da “justa medida”, guardando-se uma religiosa disciplina hierárquica dos valores. Entre os frequentadores do “*Cenáculo*” podiam distinguir-se duas categorias, como nas velhas academias, equivalentes a “efectivos” e “correspondentes”.

Os “efectivos” sentavam-se comodamente em volta de uma grande mesa, onde era servido o fumegante “moka” com um ritual de Corão. Os “correspondentes” aquietavam-se numas cadeiras “sobressalentes” dispostas em semicírculo à volta dos Mestres — que geralmente pontificavam, não sendo permitido, sob falta irremediável, aos “correspondentes”, interferirem sem licença prévia. [...] Ali no “*Cenáculo*” apreciavam-se, geralmente, todos os altos problemas da cidade; consagravam-se ou não os “novos valores” na Literatura e na Arte. (Novato nas letras que a “mesa censória” aprovasse era artista imediatamente lançado — tínhamos homem! — a cidade podia contar com mais um valor assinalado e acreditava-se logo no real mérito do neófito! Mas também aí dos que caíssem no desagrado dos “Deuses” — que logo eram atirados do alto da Rocha Tarpeia da indiferença pública!).

Em questões de estética citadina, na reposição ou reconstituição da fisionomia primitiva de certos aspectos urbanísticos da Cidade, o “*Cenáculo*” era consultado pelas próprias autarquias locais (e neste capítulo a Cidade muito lhe ficou devendo) — e o seu parecer logo aceito, religiosamente, como uma tábua de Moisés.»

⁴¹ - Visconde do Porto da Cruz, *Notas e Comentários para a História da Madeira, 3º Período/ 1919-1952, III Volume*, Câmara Municipal do Funchal, 1953.

⁴² - A este grupo ainda se juntaram «... quase que acidentalmente, primeiro o poeta Jaime Câmara, que não tardou em incompatibilizar-se com os da tertúlia e que já se incompatibilizara com o “*Cenáculo*”, e depois o sábio naturalista Adolfo de Noronha e o médico Dr. João Francisco de Almada». In Visconde do Porto da Cruz, *Notas e Comentários para a História da Madeira*, ob. cit., p. 11.

César Pestana, escritor e jornalista, conheceu de perto este grupo e escreveu, em 1952, uma pequena nota que constitui um dos poucos testemunhos acerca do conteúdo daquelas discussões: «*Aí por fins de 1918, quando os visitei, andava o grupo preocupado com os novos processos revolucionários da Pintura. O Cubismo despertava furor em França e depois que, um ano antes, se apresentara "escandalosamente", pela primeira vez, no "Salon de Paris". O "Choisismo" de Bonnard ficara já há muito para traz em face das novas técnicas que surgiam, e agora o "Fauvismo" de Matisse cedia lugar ao bi-dimensionismo de Picasso ...*» O grupo dissolveu-se por volta de 1933. César Pestana concluía esta curta nota com uma reflexão curiosa, pelo seu conteúdo e forma «*... Quem diria, porém, aos Artistas Independentes de 1918, que o Cubismo, contra o qual tanto se insurgiam, triunfaria e faria depois época, cedendo mais tarde o lugar de honra à vasta galeria dos artistas "abstractos" do surrealismo?*»⁴³.

Museus e Galerias. Uma vontade adiada

Era na capital do país onde, inevitavelmente, se concentravam os acontecimentos de maior ressonância cultural e artística. A partir da dissolução do Grémio Artístico, nasceu em 1901, a Sociedade Nacional de Belas Artes, que iria canalizar a actividade artística com um quase monopólio, só quebrado já no dobrar do século. A SNBA dominava, nos anos 20, o panorama das exposições de pintura e escultura com os seus frequentes "Salões", onde a arte apresentada era em grande parte conservadora. As poucas alternativas à SNBA aconteceram em salas ocasionais e improvisadas como a da "Ilustração Portuguesa" ou a célebre sala de exposições do fotógrafo Bobone, em Lisboa. Um Museu Nacional de Arte Contemporânea, contudo dirigido segundo estéticas oitocentistas, fora aberto em 1911 e foi seu director, entre outros⁴⁴, o pintor Columbano Bordalo Pinheiro.

A nível regional, o interesse por criar um museu de arte esteve sempre associada à necessidade de reunir e conservar a riqueza patrimonial constituída, sobretudo, pela pintura sacra dos séculos XV e XVI, existente na Ilha. A intenção de fundar um museu, porém mais genérico e sem especial vocação para as artes, datava já de 1850, «*... época em que o activo Governador Civil, Dr. José Silvestre Ribeiro, insistiu junto dos poderes públicos pela formação de um estabelecimento daquele género, atendendo a que se tratava de uma cidade muito visitada por estrangeiros*»⁴⁵. Por outro lado, o protagonismo nacional dos modernistas

⁴³ - César Pestana, «Academias e Tertúlias da Madeira», in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 12, 1952, p. 36.

⁴⁴ - Directores do Museu Nacional de Arte Contemporânea: Carlos Reis (1911), Columbano (1914), Sousa Lopes (1929), Diogo de Macedo (1944) e Eduardo Malta (1959-67). Cf. J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Vol. II, ob. cit., p. 342.

⁴⁵ - Cf. Manuel Cayolla Zagallo, *A Pintura dos Séculos XV e XVI da Ilha da Madeira*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1943.

madeirenses avivou o orgulho regionalista nos anos 20, despertando assim a atenção para as questões da arte. Nesta década, encontramos as primeiras preocupações, tornadas públicas, no sentido de dotar a região de museus e galerias de arte, intenções que dificilmente se concretizariam.

O historiador Fernando Augusto da Silva referiu criticamente, no *Elucidário Madeirense*, a demolição do Convento de São Francisco, lamentando o facto de «... naquela casa monástica não ter sido criado, na devida altura, um museu»⁴⁶. Na mesma obra encontramos referência ao convento de Santa Clara onde, em 1915, a Câmara Municipal determinou fundar um Museu de Arqueologia mas, segundo o mesmo historiador, «... a má vontade da comissão administrativa da Santa Casa da Misericórdia impediu que fosse levada por diante tão relevante iniciativa»⁴⁷. O interesse de alguns, que foram muito poucos, não foi suficiente para quebrar a indiferença geral.

Outro dos interessados nestas questões foi Elmano Vieira, advogado e jornalista, que também participou nas tertúlias do café *Golden*. Regionalista convicto e defensor do desenvolvimento cultural, sugeriu em 1922 a criação de um museu regional que abrangesse diferentes áreas como a arte, a história natural, o património e a ciência. Adiantou, já naquela altura, uma hipótese de localização: «... temos um local que está mesmo a reclamar o seu aproveitamento para esse fim: a Quinta Vigia, esse formosíssimo trecho do Funchal, lá em cima na Rua da Imperatriz, e que tanto nos fala da história Madeirense! Hoje, serve de aquartelamento a uma companhia da Guarda Republicana»⁴⁸.

Quanto a galerias de arte, as esporádicas mostras de pintura que se iam fazendo aconteceram espalhadas por salas improvisadas nos hotéis da cidade; em lojas de antiguidades; na Associação Comercial do Funchal; ou ainda no Ateneu Comercial do Funchal. Um artigo de imprensa, datado de 1922, promovia a exposição do “Grupo dos Seis”, de qual falaremos mais adiante, e destacava — entre outros assuntos e a propósito daquela exposição — a necessidade da criação de uma galeria de arte permanente. O articulista começa por traçar, de forma frontal e definitiva, a situação cultural da região: «À Madeira falta na verdade muita intelectualidade. Não quer esse facto dizer que haja falta de inteligência, antes pelo contrário, o madeirense é tudo menos estúpido...». Segundo o mesmo, e numa linguagem bem elucidativa do tempo em que foi escrita, o que faltava na Madeira era «... ilustração, aquela deliciosa harmonia entre a inteligência e a arte, entre o pensamento e a beleza, entre o útil e o agradável, entre a natureza e o ideal.»⁴⁹

O artigo insistia na necessidade de situar o Funchal ao nível das grandes cidades europeias, que possuem museus e galerias. Foi lançada também a sugestão directamente

⁴⁶ - Ver F. A. da Silva e C. A. Meneses, *Elucidário Madeirense*, Vol. II, p. 182.

⁴⁷ - *Ibidem*.

⁴⁸ - Elmano Vieira, «Em prol da Madeira - Museu Regional», in *Diário de Notícias*, Funchal, 16/04/1921, p.1.

⁴⁹ - F. L. «Reflexões de um Madeirense», in *Diário de Notícias*, Funchal, 22/02/1922, p. 1.

aos órgãos de governo local: «... Porque é que a Câmara Municipal do Funchal não trata de criar um museu e um princípio, pelo menos, de uma galeria d'arte? Deve brevemente realizar-se uma exposição de obras dos nossos poucos mas magníficos artistas, os irmãos Franco e Sr. Miguéis e duas senhoras, que aqui fixaram sua residência. Essa exposição é puramente de iniciativa particular sob os auspícios do benemérito Sr. Henrique Vieira de Castro que, para esse fim fez construir uma sala especial na Quinta Pavão [...] Vai ser um acontecimento deveras interessante que merece a aprovação e o auxílio de todos ...».

Aproveitando a realização da exposição, o mesmo autor insistiu na necessidade de criar estruturas permanentes, uma vez que aquela galeria fora um espaço provisório. Ao concluir o artigo chamava a atenção para a falta de contacto dos madeirenses com a arte nacional e internacional, destacando a quase total ausência de acontecimentos culturais: «... Nem só de pão vive o homem e a Madeira, além da sua exuberante beleza natural precisa de ver e admirar manifestações de arte não só dos artistas que são seus filhos, mas também as obras produzidas em Portugal e outros países...»⁵⁰.

O primeiro museu oficial da Região só seria inaugurado no fim da década. Foi a partir das diligências e entusiasmo do naturalista Adolfo de Noronha⁵¹ que, em 1929, a Câmara Municipal abriria ao público o Museu Municipal do Funchal, vocacionado especialmente para as ciências naturais, mas onde estariam também contempladas algumas obras artísticas. O Museu, dirigido por um cientista e instalado no antigo Palácio de São Pedro⁵², foi-se especializando como o museu de história natural que hoje ainda é. A arte cedo perdeu lugar nesta instituição que continha nas suas salas algumas pinturas de paisagem do século XIX, uma colecção de óleos e aguarelas de Alfredo Miguéis⁵³ e pouco mais. Rapidamente as artes plásticas deixaram de ser preocupação do museu, e hoje não há qualquer vestígio desta ideia inicial. A Madeira terá que esperar pelos anos 50 para ver inaugurado um museu de arte sacra. Só no fim do século será viável um museu de arte contemporânea.

Ensino Artístico

O ano de 1910, num contexto de ensino superior, marcou a extinção da Escola Médico-cirúrgica do Funchal, tendo desaparecido assim a primeira experiência deste nível de ensino na Região. O então ensino primário distribuía-se por alguns colégios

⁵⁰ - Ibidem.

⁵¹ - Devem ser destacados também os nomes de Jaime Câmara (poeta) e João Francisco de Almada (médico), assim como o apoio dos irmãos Franco e Alfredo Miguéis.

⁵² - Edifício nobre adquirido pela Câmara Municipal do Funchal para nele instalar o Museu e a Biblioteca Municipal e, depois, o Arquivo Histórico.

⁵³ - Trabalhos desaparecidos devido ao incêndio que deflagrou naquele Museu em 1947.

privados — cuja direcção estava a cargo da Igreja — e uma rede escolar pública bastante reduzida, insuficiente para garantir a alfabetização da população insular. Quanto ao ensino secundário, duas escolas oficiais tinham sido criadas no Funchal, ainda no Século XIX, e sobre as quais falaremos de seguida.

Para além da extinta, e já referida, Aula Régia de Desenho e Pintura — que não deixou grande influência — nenhuma outra iniciativa é conhecida até finais do século XIX. O ensino liceal funcionava no Funchal desde 1837 mas, apesar de existir uma cadeira de desenho nos currículos do então Liceu Nacional do Funchal⁵⁴, o ensino artístico era de todo inexistente. Contudo, a criação da Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos, em 1889⁵⁵, veio alterar esta situação e o Funchal passou, assim, a ter uma escola integrada no plano nacional promovido por Emídio Navarro, Ministro das Obras Públicas do governo de José Luciano. Esta iniciativa consistiu em dotar a “província” de um tipo de ensino mais técnico do que artístico, para responder às solicitações da indústria nacional nascente, naquela época. A escola do Funchal seguiu o figurino das primeiras dez escolas de desenho industrial criadas no Continente em 1884, nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Caldas da Rainha⁵⁶.

A “Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos” passou a ter a denominação de “Escola Industrial e Comercial António Augusto Aguiar” em 1891, e do seu currículo constavam então três cadeiras de desenho. A primeira era de “Desenho Elementar” dividido numa classe preparatória e outra complementar. Uma outra denominava-se de “Desenho Architectónico” onde eram ministrados desenho artístico, de modelação e desenho técnico. Finalmente uma terceira de “Desenho Ornamental” integrando o desenho de ornato, de modelação e composição ornamental. Dois anos mais tarde, esta escola foi elevada à categoria de Escola Industrial⁵⁷, e foram então criadas as oficinas de marcenaria, carpintaria, e de labores femininos. Ao longo das primeiras décadas do século XX, esta escola foi o pólo catalisador da experiência artística, de carácter tendencialmente técnico, onde leccionaram Adolfo Rodrigues, Francisco Franco (pai e filho), Henrique Franco, Abel Manta e Alfredo Miguéis, entre outros. O pai de Francisco Franco, com o mesmo nome, foi mestre de talha e carpintaria e um dos pioneiros no desenvolvimento de uma área que, embora essencialmente oficinal, contribuiu para

⁵⁴ - Hoje Escola Secundária Jaime Moniz.

⁵⁵ - No Diploma de criação da escola, de 10 de Janeiro de 1889, pode constatar-se o objectivo pragmático deste tipo de ensino. A escola teria «... *por fim* ministrar o ensino do desenho com aplicação à indústria ou indústrias predominantes na localidade». Cf. Fernando A. da Silva e Carlos A. Meneses, *Elucidário Madeirense*, ob. cit., p. 399.

⁵⁶ - Cf. J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Vol. II, ob. cit., p. 65.

⁵⁷ - «O decreto de 5 de Outubro de 1893, que introduziu profundas alterações no ensino industrial, elevou a Escola António Augusto de Aguiar à categoria de Escola Industrial, conservando-lhe a mesma denominação». in, *Elucidário Madeirense*, ob. cit., p. 398.

despertar no filho e noutros jovens, o gosto pelas técnicas da escultura em particular e, por inerência, o interesse pelo mundo da arte.

Devemos mencionar, apesar da sua curta existência, a iniciativa de um grupo de intelectuais e políticos⁵⁸ que promoveu a criação de uma “Escola de Utilidades e Belas Artes”. Esta Escola ficou instalada no antigo Convento da Encarnação e funcionou no regime de “Ginásio” feminino, onde a Pintura e o Desenho faziam parte do tradicional leque de “dotes” artísticos que as raparigas deveriam dominar, a par de outros assuntos, tais como a higiene, labores, jardinagem, cozinha, etc.

A Escola foi criada por deliberação da Junta Geral do Funchal em 1913 e funcionou durante cinco anos. Em 1919 foi extinta por uma nova deliberação da Junta Geral, que pretendia ficar com o edifício para o ocupar com as suas repartições. Para além desta, outra razão para o encerramento parece ter estado ligada às despesas com a escola, que a Junta Geral considerava serem muito grandes em relação às receitas⁵⁹. Desta forma desapareceu uma iniciativa oficial que, embora não se tratando de ensino especializado em Belas Artes e vocacionada exclusivamente para o sexo feminino, era uma das raras possibilidades de aprender desenho e pintura na Ilha.

⁵⁸ - O Visconde do Porto da Cruz refere os nomes dos responsáveis por esta iniciativa: «... Foi assim que, em colaboração com o Dr. Vasco Gonçalves Marques, o Dr. Fernando Tolentino da Costa, o Dr. Alberto Jardim, o Dr. Varela, o Dr. Fernando da Cunha Freitas, o Dr. Pedro Pita, o Dr. Manuel Pestana Jr., Francisco de Gouveia Rodrigues e alguns outros, criaram a «Escola de Belas Artes», que ficou instalada no antigo Convento da Encarnação...» in *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, ob. cit., p. 13.

⁵⁹ - Cf., *Elucidário Madeirense*, Vol. I, ob. cit., p. 398.

1.2 – OS BOLSEIROS DE PARIS

Foram três os madeirenses que personificaram, na primeira metade do séc. XX século, a única experiência artística moderna, ou modernizante, no contexto regional. Francisco Franco, o seu irmão Henrique e Alfredo Miguéis são ainda hoje amplamente reconhecidos embora pouco estudados, exceptuando Francisco Franco, sobre o qual existe uma considerável bibliografia, contudo não exaustiva. O protagonismo destes artistas na movimentação vanguardista portuguesa foi, na generalidade, episódico. No entanto, e novamente, exceptua-se o escultor Francisco Franco, que desenvolveu um percurso consistente e contínuo ao longo das décadas de 30, 40 e 50. Nos primeiros anos do Século XX, os três partiram para o continente e daí como bolseiros para Paris, destino incontornável para os artistas portugueses naquela época.

Não podemos deixar de concordar com a opinião do pintor e professor Jorge Marques da Silva⁶⁰, pois ela resume claramente a situação artística regional no primeiro quartel deste século, quando afirma: «*Evidentemente, Alfredo Miguéis ou Francisco e Henrique Franco não teriam sido quem foram se não tivessem deixado a ilha em busca de novos conhecimentos.*»⁶¹. Sem dúvida que a falta de instituições culturais na Ilha funcionava como um obstáculo à realização dos sonhos «... *uma espécie de filtro ao direito da evolução das capacidades individuais*»⁶². Na década de 20, os três artistas expuseram no Funchal, realizando assim a primeira exposição de pintura e escultura moderna na Madeira, da qual falaremos mais adiante. O pacato ambiente cultural cedo esqueceu esta exposição. Os valores tradicionais continuariam a dominar na sociedade funchalense.

Francisco Franco

Dos três artistas, Francisco Franco foi aquele que conquistou maior projecção nacional, graças à carreira que seguiu como “estatuário” e que o consagrou — no contexto da arte oficial do Estado Novo — como “o maior escultor português”, como afirmara o seu biógrafo e amigo Diogo de Macedo, também ele escultor. Como é óbvio, o

⁶⁰ - Professor da Academia de Belas Artes da Madeira e depois, do ISAPM.

⁶¹ - Jorge Marques da Silva, «Evocação de Alfredo Miguéis» in *Espaço-Arte*, Funchal, ISAPM, nº 14, Jan/1988, pp. 7-10.

⁶² - Ibidem.

presente trabalho não será o mais indicado para analisar e comentar a totalidade da sua obra, pois trata-se aqui de enquadrar, exclusiva e essencialmente, o seu papel no âmbito regional.

Nascido na Madeira⁶³, Franco iniciou os estudos de Desenho com seu pai, Francisco Franco, mestre de marcenaria e carpintaria na Escola Industrial do Funchal⁶⁴. Matriculou-se na antiga Academia Real de Belas Artes de Lisboa em 1902, onde frequentou o Curso de Escultura, que concluiu em 1909, tendo tido como mestres os escultores Simões de Almeida (tio), Condeixa e Alberto Nunes. Dos seus tempos de aluno, e ainda trabalhando de modo académico, recebeu duas menções honrosas⁶⁵. Em 1909 seguiu para Paris com uma bolsa do Legado Visconde de Valmor, acompanhado por Dordio Gomes, José Campas e Santa-Rita.

Na “Cidade Luz” foi discípulo do escultor A. Mercier, junto do qual aprofundou os conhecimentos que já tinha demonstrado dominar enquanto aluno, em Portugal. Em 1911 fez uma viagem de estudo por Espanha, Bélgica e Holanda, enriquecendo assim o seu já vasto repertório de informações e experiências. Diogo de Macedo, o seu biógrafo, refere as influências que sobre Franco exercera, sobretudo, o escultor Auguste Rodin: «Nesses tempos, mau grado a explosão de tantas outras modernidades, Rodin era um ídolo da juventude escolar. Francisco Franco sofrera a influência dessa atracção, particularmente no drama formal dum realismo audaz, mas de um sentimento romântico»⁶⁶.

Obrigado a regressar à Madeira em 1914⁶⁷, por causa da guerra, realizou aqui as primeiras encomendas, que se destacam nitidamente da restante e escassa escultura pública então existente no Funchal. Com influências de Rodin bem patentes no seu trabalho, encontramos neste período um conjunto de obras que, embora pautadas por referências naturalistas, denotavam já a segurança e o vigor de execução que definirão a sua carreira de escultor. As obras desta época reflectem uma expressividade e liberdade de execução inéditas na escultura portuguesa de então. Influenciado por um simbolismo teatralizante, executou em 1914 a que seria a sua primeira escultura de João Gonçalves

⁶³ - Francisco Franco de Sousa Júnior nasceu no Funchal a 9 de Outubro de 1885 e faleceu em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1955.

⁶⁴ - Francisco Franco (Pai) foi, junto com Eduardo Pereira, um dos pioneiros no ensino do embutido, trabalho artesanal com tradição na Madeira desde o século XVIII, e que encontraria notável desenvolvimento nos Sécs. XIX e XX. Cf. Rui Carita, «Uma Mesa Madeirense de Embutidos», *Atlântico*, 1989, nº 17, pp. 35-39.

⁶⁵ - Menções honrosas atribuídas aos trabalhos apresentados nos concursos para o “Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular” e à “Memória de Barahona Fernandes”. Executou também nesta altura o busto de D. Manuel II, adquirido pelo Museu Militar de Lisboa e de que há cópia no Grémio Literário.

⁶⁶ - Diogo de Macedo, «Subsídio para uma análise à obra de Francisco Franco», *Boletim da Academia Nacional das Belas Artes*, nº 6, 2ª série, Lisboa, 1953, p. 1.

⁶⁷ - Segundo J. Augusto França, Franco dirigiu nesse ano uma academia particular em Coimbra com Manuel Jardim. Não sabemos, pois, se terá vindo já para a Madeira em 1914, ou terá estado algum tempo no Continente. Cf. J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Séc. XX*, ob. cit.

Zarco, antes da segunda e paradigmática estátua de 1928. Trata-se de um busto em bronze do descobridor da Madeira para os jardins de um restaurante panorâmico, nos arredores do Funchal. A figura de Zarco, acentuada de forma expressiva, contrasta fortemente com o pedestal em pedra tosca⁶⁸.

Com os auspícios do banqueiro Henrique Vieira de Castro, Franco executou o monumento para o túmulo da família Rocha Machado, um “anjo implorante” (1916) de singular dramatismo e onde os volumes já não se definem classicamente; um monumento em bronze datado de 1917, para o cemitério das Angústias, dedicado às vítimas dos torpedeamentos alemães de 3 de Dezembro de 1916; a maquete para o monumento a Gonçalves Zarco, encomendada pela Junta Geral; a maquete para o monumento a Cristovão Colombo, nunca realizado; o busto do então presidente da República, Sidónio Pais; e o monumento em bronze consagrado aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, para o Jardim Municipal do Funchal (1921).

Nesta última escultura é bem visível o avanço proposto por Francisco Franco no panorama escultórico português. A opção de não retratar os aviadores, mas de optar por uma solução simbolista para um tema também ele pouco “clássico”, alia-se a uma execução despojada e totalizante, informada por premissas rodinianas. Este trabalho é, por isso, um dos primeiros a introduzir visíveis mudanças na escultura pública portuguesa, muito antes de outras obras mais conhecidas deste escultor.

Voltando a Paris em 1919, estaria de novo na Madeira em 1922 para participar na primeira exposição de arte moderna do Funchal, e um ano mais tarde será um dos “Cinco Independentes” em Lisboa. Participante das tertúlias fechadas do café *Golden*, Francisco Franco será mestre na Escola Industrial do Funchal, continuando a profissão do seu pai. Começava então os trabalhos para o segundo Gonçalves Zarco, já encomendado em 1918, e do qual falaremos no capítulo sobre a escultura. Este monumento o ocupá-lo-ia desde 1924 a 1927.

Outras encomendas realizadas para o Funchal nesta época foram os bustos do Manuel Gonçalves (1919) e de Henrique Vieira de Castro (1924), seu amigo e mecenas. Mais liberta das funções de homenagem, Franco criara uma escultura de grande força expressiva, talhada em madeira e conhecida como “O Velho”, que foi exposta no Funchal, em 1922. Ainda outras obras de pequenas dimensões, de marcado cunho pessoal, serão criadas nesta altura⁶⁹. A partir dos anos 30, Francisco Franco seguirá carreira em Lisboa e a sua actividade na Madeira cessa, cessando também por algumas décadas a expressão escultórica de importância na Região.

⁶⁸ - Tratou-se de uma iniciativa da Companhia de Caminhos-de-ferro *Monte Railway Company*. Foi inaugurada a 2 de Julho de 1919, no restaurante “Esplanade”, Terreiro da Luta.

⁶⁹ - Deste conjunto de obras existe um vasto espólio de peças no actual Museu Henrique e Francisco Franco, no Funchal. Ver os catálogos deste Museu dos anos 1987 (org. por Rui Carita) e 1996 (org. por Francisco Clode).

Henrique Franco

Menos referido habitualmente que o irmão, Henrique Franco deixou uma quantidade considerável de obras que carecem, e merecem, um estudo de fundo ainda por fazer. Ter participado na exposição dos “Cinco Independentes” e no projecto da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, parece terem sido os únicos momentos altos deste pintor, pelo menos aqueles que são mais destacados. José-Augusto França inclui Henrique Franco, num contexto nacional, no grupo de pintores menos significativos que, nos anos 20, «... andaram mais ou menos nas franjas do modernismo, nestes anos de propostas e hesitações»⁷⁰.

Henrique Franco de Sousa nasceu no Funchal a 3 de Março de 1883. Coursou os primeiros estudos na Escola Industrial do Funchal, com o seu irmão Francisco. Durante quatro anos foi aluno de Columbano Bordalo Pinheiro, na Academia Real de Belas Artes. Completou o curso de Pintura Histórica em 1911 e recebeu nesta época, entre outros, os prémios “Miguel Lupi” e “Tomás da Anunciação”. No mesmo ano o Estado adquiriu o quadro “Outros tempos”, de nítida influência columbanesca, para o Museu de Arte Contemporânea.

Tornando-se bolseiro do Estado, através do Legado Valmor (1912), estabeleceu-se em Madrid nesse mesmo ano, e depois em Paris. Nesta cidade executou o quadro “Ar livre”, como prova de aproveitamento no estrangeiro. Regressa a Portugal em 1914 e, no fim da 1ª Guerra, volta à capital francesa com o seu irmão. Foi nesta altura que o pintor realizou uma série de experiências de recorte vanguardista, que denotam o deslumbramento exercido por Paris no espírito insatisfeito e permeável de Henrique Franco. De volta ao Funchal em 1920, o Pintor trouxe consigo a vontade de experimentação que o ocuparia um par de anos, sensivelmente. Foi sobretudo com os quadros de costumes e retratos que o pintor madeirense criou nesta época – obras que a crítica portuguesa, e também francesa, destacou e premiou – que Henrique Franco conquista um lugar de protagonismo na pintura portuguesa. Quadros como A “Blusa azul” e a “Galinha preta”, expostos em Paris e nos “Cinco Independentes”, representam a fase manetiana que caracterizou parte da sua obra, também influenciados – sobretudo a primeira obra – por Modigliani, amigo pessoal dos irmãos Franco e seu admirador.

⁷⁰ - Neste grupo, França inclui também o madeirense Alfredo Miguéis, Alberto Cardoso, Joaquim Lopes e Heitor Crâme, entre outros. Cf. J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Séc. XX*, ob. cit., p. 184.

Na pintura de paisagem desta época⁷¹ são também notáveis as influências impressionistas, cezannianas, e, nalguns casos, de um simbolismo ligado aos pintores de *Pont-Aven*⁷². Alguns desenhos e aguarelas deste período mostram um expressionismo contido que parece emular o vigor de traço do seu irmão. No entanto, o artista cedo abandonaria estas pesquisas, assim que casou e passou a viver definitivamente no Funchal, dedicando-se a uma pintura de carácter decorativo e temática religiosa ao longo dos anos 30 e 40.

Henrique Franco foi, como os seus conterrâneos, professor da Escola Industrial do Funchal, cargo que desempenhou até 1934. No ano seguinte participou na exposição dos “Cinco independentes” na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Em 1934 ganharia o concurso para professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, preterindo Abel Manta. A partir de 1935, dedicou-se sobretudo à pintura mural, como é o caso do projecto modernista da Igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa (1938), onde também colaboraram, entre outros, Francisco Franco e Almada Negreiros. Outras obras de pintura a fresco, técnica na qual foi considerado um importante investigador e renovador, foram executadas para a Igreja de São João de Brito, a Casa da Moeda em Lisboa, e o Palácio de Estatística. O Pintor faleceu em 1961.

Alfredo Miguéis

Dos três madeirenses, Alfredo Vital Miguéis é o menos citado e estudado, e o motivo prende-se, porventura, a uma obra menos marcante nos seus contributos, assim como ao desaparecimento de grande parte da mesma no incêndio que deflagrou no Palácio de São Pedro, em 1947. O Pintor nunca se afastou da herança columbanesca, e se por vezes era chamado de impressionista o foi porque, de facto, este movimento nunca foi bem compreendido no Portugal daquela época. O impressionismo nunca existiu como tal no nosso país, e foi sempre confundido com uma pincelada mais solta e tons mais claros que os da pintura tradicional, técnicas que Miguéis desenvolveu com perícia. Este pintor também participou nas tertúlias do *Cenáculo* e foi um dos responsáveis pela

⁷¹ - Quadros datados de 1918 a 1920 e que pertencem ao espólio do Museu Henrique e Francisco Franco, no Funchal. Sobre a pintura de paisagem deste pintor ver o nosso trabalho, realizado no âmbito do Mestrado de História e intitulado *A Paisagem na Pintura de Henrique Franco*, Funchal, 1997.

⁷² - Rui Mário Gonçalves, um dos poucos historiadores que deu alguma atenção ao trabalho deste pintor — e falando sobre uma “Paisagem madeirense” de 1921 —, sintetiza a modernidade e originalidade atingidas neste período por Henrique Franco que, segundo o crítico, «... se libertou do cromatismo tonal, interessando-se pelas cores homogêneas aplicadas em vastas áreas, sacrificando a volumetria [...] É uma paisagem onde o artista se afasta da cor absoluta dos objectos, nomeadamente nos últimos planos », in Rui Mário Gonçalves, «Pioneiros da Modernidade», Vol. 12, *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Alfa, 1984, p. 122.

criação do Museu Municipal do Funchal, em 1929. Pintor de apreciável capacidade técnica, deixou sobretudo retratos e paisagens de cariz realista.

Alfredo Miguéis nasceu no Funchal a 28 de Abril de 1883. Começou a sua educação artística na Escola Industrial do Funchal, matriculando-se em 1889 na Academia Real de Belas Artes, onde completou o Curso de Pintura Histórica com Columbano Bordalo Pinheiro no ano de 1911. No ano seguinte obteve aprovação no concurso do Prémio Valmor para pensionista no estrangeiro, seguindo nesse ano para Madrid e fixando-se depois em Paris, onde permaneceu até 1914.

Apresentou pela primeira vez os seus trabalhos na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 1910, e concorreu também às exposições gerais entre 1911 e 1919, tendo obtido uma segunda medalha, três terceiras medalhas e uma menção honrosa. Foi admitido na exposição do Salão de Paris em 1913, 1914 e 1922. De volta a Portugal, realizou exposições em Lisboa e Setúbal; e foi um dos expositores na primeira “Exposição de Pintura e Escultura Moderna” do Funchal, em 1922. Nesta época, algumas obras foram adquiridas pelo Estado para o Museu Nacional de Arte Contemporânea⁷³.

A sua principal e importante contribuição para artes plásticas madeirenses foi dada, sobretudo, como professor da escola onde tinha sido aluno, investigando e desenvolvendo especialmente a técnica do embutido⁷⁴. Alfredo Miguéis foi docente da Escola Industrial do Funchal durante 26 anos⁷⁵. Depois da sua tímida participação no modernismo português dos anos 20, o pintor dedicou-se a encomendas particulares de retrato e paisagem, e outras, de carácter público, para o Funchal, como veremos no capítulo seguinte⁷⁶. Faleceu no Funchal a 9 de Julho de 1943.

A 1ª Exposição de Pintura e Escultura Moderna no Funchal

⁷³ - Os quadros “Jardim do Luxemburgo” (1915), “A Taça de Leite” (1916) e a “Torre de Jesus em Setúbal” (não datado) foram alguns dos adquiridos pelo Estado. Apesar das diligências efectuadas junto do Museu do Chiado e do Centro de Documentação da FCG, não nos foi possível apurar o actual paradeiro destas obras.

⁷⁴ - Segundo Jorge Marques da Silva: «... Com um cunho artesanal de alta qualidade ainda hoje existem magníficos tampos de mesa e caixas que são património da Escola Secundária Francisco Franco. Algumas das composições são mesmo da autoria de Alfredo Miguéis. No desenvolvimento desta técnica colaborou também com entusiasmo o seu amigo Henrique Franco». in «Evocação de Alfredo Miguéis», *Espaço- Arte*, nº 14, ISAPM, Janeiro 1988, p. 9.

⁷⁵ - Nomeado professor da Escola Industrial de Setúbal em 1915, pediu pouco depois transferência para o Funchal, em 1917, onde leccionou até 1943, ano em que faleceu. Recusou vários convites para leccionar na Academia de Belas Artes de Lisboa, por não querer abandonar a sua terra natal. Cf. Luís Peter Clode, *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses - Séc. XIX e XX*, Funchal, C. E. F., 1983, p. 317.

⁷⁶ - Algumas obras não assinadas nem datadas encontram-se na Madeira, na posse dos herdeiros do pintor. Outras obras deste período pertencem a colecções particulares em Lisboa.

Após o contacto com a vanguarda lisboeta e a experiência como bolseiros, os irmãos Franco e Alfredo Miguéis regressam à Ilha em 1922 e organizam, graças ao interesse e apoio do banqueiro Henrique Vieira de Castro, a primeira exposição de pintura e escultura moderna no Funchal. Pela primeira vez, num espaço improvisado para tal fim, os madeirenses tiveram oportunidade de ver a arte produzida por conterrâneos com posição de destaque fora da Região, o que constituiu um acontecimento pioneiro, motivo de orgulho amplamente destacado pela imprensa local.

Um ano antes da paradigmática exposição dos “Cinco Independentes”, os três artistas parecem ter feito uma espécie de ensaio no Funchal, apresentando algumas das obras que estariam no ano seguinte em Lisboa. Das obras expostas, temos conhecimento daquelas que foram mencionadas nos artigos da imprensa. Francisco Franco expôs as seguintes esculturas: o busto de Rocha Machado, o busto do “Aviador”, “A Polonesa”, “Cabeça de Velho” (em madeira) e vários desenhos a carvão. O seu irmão Henrique também apresentou desenhos a carvão, da série “tipos madeirenses”, e alguns óleos, entre os quais o retrato de Henrique Vieira de Castro, o organizador da exposição; e ainda outros quadros como “Bouganvílea” e “Camponesa”, assim como um estudo a carvão intitulado “Costumes madeirenses”. De Alfredo Miguéis sabemos que foram expostos quadros a óleo, entre os quais o retrato de Henrique Franco, “A Avó”, “Mãe e filha” e “O Bordado”. São também referidas no artigo as aguarelas “Fontainebleau”, “Barra do Sado”, “Paisagem da Ponta do Pargo” e “Pinheiros”.

A exposição foi noticiada com uma invulgar insistência e ficou conhecida, na época, como a exposição do “Grupo dos Seis”. Aos três artistas madeirenses juntaram-se três pintores pouco conhecidos⁷⁷, ligados ao naturalismo e à pintura de paisagem, que aqui se encontravam a trabalhar na altura. Hoje pouco recordada, esta exposição esteve aberta ao público durante quase um mês⁷⁸. O impacto da mesma é notável na imprensa da época, e é precisamente através do testemunho dos jornais que hoje é possível reconstitui-la. O *Diário de Notícias* e o *Diário da Madeira* – os periódicos locais de maior circulação – davam conta, quase diariamente, da presença de “ilustres visitantes” da sociedade madeirense da altura, assim como das aquisições feitas, que foram em grande número.

Num artigo de imprensa, um surpreendente esboço de crítica empírica mostra o que foi a exposição e descreve algumas obras. De Francisco Franco é referido o busto alegórico “O aviador” que em breve seria inaugurado no Jardim Municipal. O articulista, numa apreciação geral das esculturas apresentadas, vislumbra o futuro sucesso do escultor afirmando que «... não é preciso ser-se crítico de arte, que eu não sou, para se sentir

⁷⁷ - Madeleine Gerveux Emery, francesa; Bernard England, inglês; e Roberto Vieira de Castro, continental.

⁷⁸ - Inaugurada a 26 /04/1922. Esteve aberta até 21/05/1922.

que Francisco Franco vai ser um artista universalmente grande e grandioso»⁷⁹. Dos retratos apresentados por Henrique Franco o pretense crítico diz parecerem ter luz a mais, pelo facto das cores serem «... de uma harmonia bassa e clara», o que sem dúvida contrastava com o claro-escuro tradicional. Afirma ainda que os retratos de Alfredo Miguéis «... têm todo o cunho da bondade, do amor da família e de amizade que formam o carácter do pintor que o produziu, [...] Obras cheias de ternura e delicadeza de sentimentos ...»⁸⁰, dando conta assim da temática intimista que caracterizou a pintura de Miguéis.

Outro artigo – também anónimo e desta vez no *Diário da Madeira* – avança um apontamento crítico e descritivo dos trabalhos de Henrique Franco: «... as suas paisagens, vivas e louçãs, obedecem também a esta maneira pictural em que o seu espírito se compraz: a largueza, a perfeita harmonia de tom e certa bizzarria na visão das cores valorizadas por uma sóbria modelação ...»⁸¹. E conclui o comentário com uma comparação acertada, todavia visivelmente informada por preconceitos: «... Os carvões de Henrique Franco revelam, em comparação com os do seu irmão, um temperamento mais sereno a par de uma delicadeza de processo que sempre caracteriza o desenho dos pintores»⁸².

Esta inusitada actividade de jornalismo “crítico”, o possível naquela época e no meio local, desapareceu com o fecho da exposição. A Ilha voltou à sua pacata rotina e, no ano seguinte, os três bolseiros de Paris estariam em Lisboa. Nesta cidade a exposição será outra, e com outros companheiros – desta vez Dordio Gomes e Diogo de Macedo – num ambiente muito mais “efervescente” que o do Funchal. Agora seriam os “Cinco Independentes” os protagonistas de uma exposição marcante na história da arte portuguesa, pelo seu carácter pioneiro no modernismo dos anos 20.

⁷⁹ - F. L., «Reflexões de um madeirense» in *Diário de Notícias*, Funchal, 26/04/1922, p.1.

⁸⁰ - Ibidem.

⁸¹ - Artigo não assinado, *Diário da Madeira*, Funchal, 26/04/1922. p. 1.

⁸² - Ibidem.

1.3 – O GOSTO OITOCENTISTA NA PINTURA.

No continente, a herança de Malhoa e de um naturalismo de sabor popular inauguram o século XX, prolongando assim o anterior. O primeiro modernismo teve um carácter mundano e foi protagonizado pelos humoristas na década de 10, exceptuando aqui o fugaz e utópico futurismo português de Santa-Rita. Os anos 20 representaram uma segunda geração menos ousada, que vai buscar em Cézanne grande parte da sua inspiração. Para além disto o modernismo português foi um fenómeno quase exclusivamente lisboeta, via Paris.

Por sua vez, e como já acontecera no século XIX, continuariam a chegar à Madeira os *tourists* que desenhavam e pintavam os recantos idílicos da Ilha. Quanto aos pintores naturais da Madeira, já vimos anteriormente que só um, Adolfo Rodrigues, fez curta carreira em Lisboa e morreria em 1908, deixando pouca obra e influência no Funchal. O caso Henrique Franco, já abordado, surge num contexto muito específico e constitui sem dúvida, uma excepção, pelo menos durante a sua fase modernista. De resto, e para além dos estrangeiros e continentais que foram chegando e partindo, são poucos os nomes madeirenses que podemos referir neste período. Formados, parcial ou integralmente, pela Escola Industrial e Comercial do Funchal, são conhecidos alguns cultores da pintura, que terão, no entanto, um papel pouco relevante no devir das artes plásticas locais.

Luís António Bernes (1864- 1936) foi o pintor madeirense mais activo entre o fim do século XIX e princípios do XX. Possuindo apenas o Curso de “Desenhador de Ornamentos” daquela escola, Bernes dedicou-se sobretudo à pintura religiosa e decoração de igrejas, numa linguagem tradicional e de fraca qualidade. Executou inúmeros trabalhos, nomeadamente a pintura do tecto da Igreja de S. Pedro e a de Santo António, no Funchal; assim como na Camacha, Câmara de Lobos e Ponta do Sol. No retrato convencional de tipos, com títulos como “Grupo de crianças”, “Garoto a rir” e outros, Berta Nascimento G. Costa (1890- 1977) foi uma das primeiras mulheres madeirenses a expor os seus quadros no Funchal. Temos notícia de mostras individuais, pouco ou nada publicitadas, em 1909 na Quinta Vigia e em 1913 na Quinta Pavão⁸³. Formada também na Escola Industrial, e discípula predilecta de Alfredo Miguéis, Matilde Ferraz (1894 -1927) desenvolveu o género do retrato e chegou a expor na SNBA,

⁸³ - Cf. Luís Peter Clode, *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses, Sécs. XIX e XX*, ob. cit., p. 135.

sendo distinguida com uma menção honrosa. Morreu muito cedo, aos 33 anos, deixando pouca obra e memória de si.

Outros nomes que fazem parte desta geração de pintores, na sua maioria mulheres, perdem-se no tempo por várias razões, como o facto de terem abandonado a actividade artística, ou terem saído da Ilha. Maria Gabriela Strauss (1880 - 1943) foi uma autodidacta que estabeleceu residência em Lisboa, vindo a instalar-se mais tarde em Paris, onde temos notícia de ter exposto no *Salon des Independents*⁸⁴. Beatriz Aguiar (1897 - ?) passou a sua juventude na Madeira mas foi em Lisboa onde expôs pela primeira vez, em 1938. Mais tarde viria a especializar-se nos domínios da encadernação, tendo realizado também trabalhos de ourivesaria.

Ao contrário das artistas referidas, António Gouveia (1910 -1992) – na altura um jovem autodidacta, influenciado por Max Römer – foi um dos pintores que permaneceu na Madeira e continuou a pintar. Iniciou nos finais da década de 20 uma longa carreira de pintor de retrato e paisagem que pouco interesse tem para além de ter preenchido os salões burgueses com “bonitos” quadros, mesmo que, na sua maioria, revelassem claramente as limitações técnicas do seu autor. Finalmente, não podemos deixar de referir a pintora Maria Ornelas (1877 -?), aluna da Escola Industrial que viria a ser mais tarde mestre de Pintura Decorativa no mesmo estabelecimento – facto que a tornou a primeira mulher a leccionar nesta área, no Funchal. Esta artista, a meio caminho entre a pintura ingénua e alguma correcção técnica, foi nessa altura colega dos irmãos Franco e de Abel Manta. Maria Ornelas fez um curso de pintura por correspondência em Paris entre 1903 e 1909, e consta-nos que expôs várias vezes no Funchal⁸⁵.

Mas coube ao pintor alemão Max Römer ser o protagonista, quase em exclusivo, da criação artística nesta época, tornando-se o pintor mais popular e requisitado. Römer desenvolveu uma intensa actividade no campo da pintura de costumes e paisagem, temática facilmente absorvida pelos compradores locais, – privados e estatais – na sua quase totalidade alheios à propostas do modernismo. Mestre da aguarela, dominando com sensibilidade e correcção o desenho e o cromatismo, este pintor natural de Hamburgo chegou à Madeira em 1922 e aqui viveu durante trinta e oito anos, até à sua morte.

Através da sua aula particular de desenho e pintura – de que foi aluna, entre outros, Martha Teles – Römer influenciou e sustentou consideravelmente o gosto naturalista de que já falamos. Prolongou, no século XX, a função das gravuras inglesas de oitocentos, levando as paisagens e costumes madeirenses, através de postais com a sua obra, aos “quatro cantos do mundo”, numa clara finalidade promocional do

⁸⁴ - Ibidem, p. 466.

⁸⁵ - Não foi possível averiguar locais e datas de exposição. A informação é retirada da obra já citada de Luís Peter Clode, ob. cit., p. 351.

arquipélago madeirense como destino turístico, idealizado nos recantos pitorescos que Römer soube reproduzir incansavelmente. António Gouveia, pintor supracitado, foi seu discípulo e mais tarde colega no “restauro” de painéis religiosos em várias igrejas da ilha. A. Gouveia considerava o pintor alemão um mestre insuperável, criticando, no entanto, a tendência de Max Römer para desenhar «... *figuras madeirenses com rostos de traço germânico*»⁸⁶ o que de facto não é inteiramente falso. Talvez os rostos não fossem “germanizados” mas eram sem dúvida idealizados, ou, quanto muito, pouco realistas em relação aos traços do ilhéu.

Abel Manta, amigo dos irmãos Franco, foi um dos poucos pintores continentais a residir temporariamente na Ilha, produzindo algumas obras durante a sua estadia. Regressado de Paris, Manta viveu e trabalhou na Madeira, de 1924 a 1926, tempo durante o qual foi professor de Desenho de Construção Arquitectónica na Escola Industrial e Comercial do Funchal⁸⁷. Participou nas tertúlias do Café *Golden* por volta de 1926, conhecendo nessa altura o poeta João Cabral do Nascimento, amigo dos irmãos Franco e de quem pintou um retrato a óleo de estruturação cézanniana, em 1924⁸⁸. Manta pintou também vistas inesperadas do Funchal, paisagens de uma luminosidade e síntese típica do artista.

O Pintor, que aqui permaneceu durante pouco mais que dois anos, considerava a Ilha de uma pacatez insuportável, como ficou registado num apontamento de imprensa na altura. Em Março de 1926, o jornalista e caricaturista continental, Armando Boaventura, deslocou-se à Madeira em reportagem para o *Diário de Notícias* lisboeta e aqui entrevistou Abel Manta e os madeirenses Francisco, Henrique Franco e A. Miguéis. No artigo produzido pelo jornalista, que o próprio ilustrou com caricaturas dos quatro pintores, destaca-se particularmente o desespero de Manta por sair de uma ilha que considerou demasiado pacata e deprimente.

Segundo aquele jornalista, Manta: «... *odeia as ruas íngremes e as calçadas de pedra miudinha e polida [...] Não lhe interessam os costumes típicos das gentes da ilha. Pesa-lhe o ambiente soturno e quente da cidade*»⁸⁹. O Pintor declarou, exclamando: «*Vim para aqui enganado! Haviam-me dito maravilhas da Madeira. Se não fora a Escola Industrial morreria de tédio*»⁹⁰ De facto, para além da Escola Industrial; das poucas esculturas de Franco até então inauguradas; e do grupo fechado de artistas e intelectuais que Manta conheceu,

⁸⁶ - Cf. Eberhard Axel Wilhmel, «Max Römer - postais madeirenses percorrem o mundo» in *Atlântico*, nº 14 Funchal, 1988, pp. 113-122.

⁸⁷ - Pelo menos no ano lectivo 1925-26, conforme os registos de pagamento daquela escola. Abel Manta foi transferido em fins de 1926 para a Escola Industrial “Afonso Domingues”, em Xabregas. Cf. *Registo de correspondência expedida*, Livro nº 17, Escola Industrial e Comercial António Augusto de Aguiar, 1927.

⁸⁸ - Coleção particular. Propriedade da família Meneses de Cabral.

⁸⁹ - Armando Boaventura, citado por Joaquim Saial, in «Três pequenas histórias à volta de seis desenhos», *Artes Plásticas*, nº 3, Lisboa, Fevereiro 1990, pp. 57 - 58.

⁹⁰ - *Ibidem*, p. 57.

nada mais existia no Funchal no âmbito das artes plásticas que lhe merecesse atenção, a não ser os motivos paisagísticos que o impeliram a pintar, embora com pouca frequência.

1.4 – A ESCULTURA PÚBLICA NO TEMPO DE FRANCISCO FRANCO

No primeiro quartel do século assiste-se, por todo o país, a uma proliferação de bustos e estátuas que repetem incansavelmente o figurino naturalista. A permanência duma estética e função escultórica oitocentistas, mais propriamente da estatuária, só serão ultrapassadas com a modernização introduzida por escultores como Diogo de Macedo e Francisco Franco, numa opção por valores simbolistas e expressionistas. Anos mais tarde, a renovação far-se-á de uma forma ambígua, por via da estilização “nacionalista” proposta pelo “Zarquismo” do escultor madeirense, e que abriria caminho à época dos monumentos de retórica oficiosa, que foi considerada por António Ferro como a «*Idade de Ouro da Escultura*»⁹¹ em Portugal.

A escultura pública parece ter estado praticamente ausente no Funchal ao longo do século XIX⁹², exceptuando uma “Leda e o Cisne”, peça de oficina existente no antigo mercado D. Pedro IV, fontenário datado de 1880⁹³. No primeiro quartel do século XX, a diminuta produção esteve dividida entre algumas encomendas, na sua maioria bustos de gosto naturalista, e as obras que Francisco Franco executou para o Funchal, numa fase anterior à estátua de Gonçalves Zarco, obras ainda influenciadas pela sua estadia em Paris. O contraste entre as peças de Franco e as primeiras é notório.

A primeira escultura em local de acesso público, inaugurada neste século, partiu de uma iniciativa privada e tratou-se de um busto em homenagem a uma figura pública da região⁹⁴. Foi encomendada a um escultor estrangeiro radicado em Portugal, Josef Füller⁹⁵. Era um busto convencionalmente naturalista que foi descerrado em 1906. Na década seguinte será a vez de Francisco Franco pontuar, com os seus primeiros trabalhos, o espaço citadino.

⁹¹ - António Ferro citado por J. Augusto França, *A Arte em Portugal no Séc. XX*, ob. cit., p. 209.

⁹² - Não há notícia nem presença de obras, como bustos ou estátuas colocados no espaço público. Ressalvamos aqui os marcos comemorativos, fontenários, pelourinhos, cruzeiros e outras peças do espaço público, normalmente não consideradas como escultura, no sentido de peça concebida por um escultor. Sobre estas peças de carácter utilitário ou comemorativo, ver o Inventário de José de Sainz- Trueva e Nelson Veríssimo, *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*, Funchal, DRAC, 1996.

⁹³ - Fontenário encimado por figuras alegóricas. Transferido em 1941 para o átrio da Câmara Municipal do Funchal, onde ainda hoje se encontra.

⁹⁴ - O homenageado foi Luís da Câmara Pestana, médico madeirense. O Busto encontra-se na Casa de Saúde Câmara Pestana, no pátio de entrada.

⁹⁵ - Escultor austríaco, na altura professor e director artístico do atelier cerâmico da Fábrica de Faianças Caldense, nas Caldas da Rainha.

Nos anos 20, três esculturas “disputaram”, o passeio público da Avenida Manuel Arriaga no centro da cidade. Várias polémicas foram levantadas em torno daqueles monumentos, e ocupariam a opinião pública durante alguns meses. Em 1927, para além das esculturas mencionadas, foram inaugurados dois grandes monumentos de carácter religioso, encomendas destinadas à peregrinação e culto. Tratou-se da estátua do “Sagrado Coração de Jesus”, no Garajau, constituindo a primeira escultura levantada fora do Concelho do Funchal⁹⁶. A figura, situada num promontório e olhando para o mar, apresentava uma simplificação volumétrica modernizante que podemos aproximar, embora em escala menor, do “Cristo-Rei” erguido no Rio de Janeiro, sendo este último muito posterior (1952). Mais convencional é o monumento à “Nossa Senhora da Paz”, no Terreiro da Luta⁹⁷, cuja altura total ronda os dez metros, facto que o tornava o monumento de maior envergadura, erigido até então, na Região.

As Estátuas da Avenida Arriaga

A nova Avenida Manuel de Arriaga, aberta a partir de finais do século XIX no centro do Funchal, tem como pano de fundo a Sé Catedral e albergava, como na actualidade, importantes edifícios públicos, cafés e casas comerciais. Foram três as esculturas inauguradas neste espaço privilegiado. A primeira foi um busto da autoria de Raúl Xavier em 1922; a segunda, também um busto, foi inaugurada em 1925, desta vez assinada por um Costa Motta em fim de carreira. Finalmente, e só inaugurado em 1934, o “João Gonçalves Zarco” de Francisco Franco, trabalho que o escultor já tinha concluído em 1928. Hoje permanece unicamente, monopolizando aquele espaço, a estátua do escultor madeirense.

O levantamento de algumas polémicas, que passaremos a referir, prendeu-se essencialmente à escultura de Franco, uma vez que, desde muito cedo, estava já reservado o lugar de honra neste espaço ao “herói” da história insular, João Gonçalves Zarco. A ideia de homenagear o descobridor da Madeira datava de 1918⁹⁸, na sequência da preparação para as comemorações do quinto centenário da descoberta da Ilha. Daí que, em 1921, quando fora sugerido o levantamento de um busto em homenagem ao Conde de Canavial, algumas desavenças tenham surgido. Em Março daquele ano fora lançada uma subscrição pública da responsabilidade de uma “Comissão do Monumento ao Conde Canavial”, que encomendou o busto a Raúl Xavier, um dos últimos representantes da prolífera geração de escultores naturalistas em Portugal.

⁹⁶ - Assinada pelo francês Pierre Lenoir e inaugurada no Garajau em 30 de Outubro de 1927.

⁹⁷ - Projecto do arquitecto Emanuel Ribeiro e inaugurado em 14 de Agosto de 1927.

⁹⁸ - Ideia proposta por Manuel José Perestrelo Vieira, na altura vice-presidente da Junta Geral do Funchal. Cf. Joaquim Saial, *Estatuária portuguesa dos anos 30*, Lisboa, Bertrand, 1991, p. 76.

A polémica teve início com o pedido de autorização para implantar o busto na Avenida Arriaga. A Câmara autorizou de imediato o pedido, mas a Junta Geral do Distrito, órgão supremo na Ilha, discordava da sua localização, salientando a «... pobreza da nossa terra no que respeita a monumentos e obras de arte» e lembrando «... que aquela avenida foi o local escolhido pela Junta para a construção do monumento ao descobridor da Madeira e por isso parece-lhe que não se deve erigir ali outro monumento que por ora não se sabe se será grande ou pequeno e, portanto, qual a base que deve ocupar.»⁹⁹. Não tendo sido apresentadas na altura as dimensões finais do monumento ao Conde de Canavial, o Presidente da Junta Geral adiou o seu parecer até à apresentação das mesmas. Apesar de não ter sido o principal argumento, a preocupação com a estética citadina esteve de algum modo presente no parecer da Junta Geral, que defendeu: «... devendo ser erigidos dois monumentos no mesmo lugar, deve-se proceder de modo que o contraste não seja desagradável.»¹⁰⁰

Dias depois foi apresentado um esboço que a “Comissão de Viação e Obras”, da Junta Geral examinou. Mas este órgão continuou a mostrar-se avesso à implantação do busto naquela Avenida. Assim, repetindo novamente os argumentos, a Junta Geral «... nenhum juízo pode fazer acerca das dimensões do mesmo pela absoluta carência de dados. Mas atendendo a que na Av. Dr. M. de Arriaga vai ser erigida a estátua de João Gonçalves Zarco, e nada justificando que numa cidade tão pobre de monumentos, dois se ergam no mesmo local, de parecer é que seja mantida a deliberação da Junta Geral de indeferir o pedido de licença...»¹⁰¹

As polémicas desapareceram da imprensa até o ano seguinte, altura em que o monumento ao Conde de Canavial foi finalmente inaugurado¹⁰². Mas desta vez seria a Câmara Municipal a causar novos entraves ao atribulado monumento, por ter retirado, após a sua inauguração, o gradeamento que a cercava, alegando que este não se encontrava previsto no projecto inicial. Uma onda de acusações e demarcações envolveram a Câmara Municipal, a Junta Geral e a Comissão para o monumento durante algumas semanas¹⁰³.

Um artigo publicado no *Diário da Madeira*, na mesma altura do “escândalo” do gradeamento, criticava desta vez a orientação dada à escultura. É notável, no seguinte excerto, a preocupação com o futuro trabalho de Francisco Franco: «Quanto à orientação do monumento, via-se logo que deveria olhar para Sul, com a mesma frente destinada ao de Gonçalves Zarco. Além de outras razões, como estátua daquela praça, seria vista de perfil pelos

⁹⁹ - «Deliberações da Junta Geral do dia 24», in *Diário da Madeira*, 25/05/1921.

¹⁰⁰ - Ibidem.

¹⁰¹ - Ibidem.

¹⁰² - Inaugurado a 21 de Fevereiro de 1922 na Av. Arriaga e transferido em 1932 para o Campo da Barca, onde ainda hoje se encontra.

¹⁰³ - Sobre os pormenores da inauguração, e sucessivas polémicas havidas, ver o nosso trabalho intitulado *Monumento ao Conde de Canavial. 1922 - A 1ª escultura da Avenida Arriaga*. Inédito, 1997 (trabalho realizado no âmbito do Mestrado em História da UMA).

que passam e passeiam, modo muito preferido para a observação de cabeças com a composição que esta apresenta, enquanto que, assim, os frequentadores do próprio local, a que pertence o busto, não conseguem velo senão de costas, costas que ele dará ao seu tempo à estátua de Gonçalves Zarco, o que nem satisfaz o senso estético, nem mesmo o próprio senso comum»¹⁰⁴. Também o Capitão Carlos Sardinha, membro da “Comissão para o monumento ao Conde de Canavial” veio a público contestar estas críticas anónimas, publicadas no *Diário da Madeira*, que ele não hesitou em atribuir ao escritor Reis Gomes, director daquele jornal e um dos poucos intelectuais que, na altura, escreviam sobre questões de estética com alguma propriedade¹⁰⁵.

Completando a fase das inaugurações prévias ao “Zarco” de 1934, foi ainda descerrado, em 1925, um convencional busto do escultor Costa Motta em homenagem a João Fernandes Vieira, o “Libertador de Pernambuco”, personagem histórica do século XVII. Ao contrário do “Conde de Canavial”, este busto, mais severo e algo desproporcional em relação ao pedestal, não ocupou os jornais para além do dia da sua inauguração¹⁰⁶. Como no caso anterior, a escolha de um escultor de gosto oitocentista é significativa das opções oficiais e da finalidade da escultura naquele tempo. Mas com a terceira escultura inaugurada na Avenida Arriaga, o panorama alterar-se-ia sensivelmente, como veremos de seguida.

O segundo “Gonçalves Zarco” de Franco

Para além de Diogo de Macedo, biógrafo de Francisco Franco, já outros investigadores se debruçaram sobre esta escultura, enquadrando-a no contexto artístico

¹⁰⁴ - Anónimo in *Diário da Madeira*, Funchal, 07/03/1922, p. 1.

¹⁰⁵ - Carlos Sardinha apresentou uma série de argumentos a favor da escolha da orientação, recordando que este assunto já tinha sido largamente debatido pela comissão. Eis os argumentos:

«Tratando-se de recintos fechados, circulares ou poligonais, desde que o centro de figura é ocupado por uma estátua, todas as outras que sejam colocadas na periferia devem ficar voltadas para o centro, sem que por esse facto se considere que elas estão em atitude contemplativa, ou em adoração, ao monumento central. Inversamente, se o recinto é aberto, como no caso frequente de uma praça onde convergem muitas avenidas e se o centro da praça é ocupado por um monumento, todos os outros que porventura se colocarem no núcleo central devem ficar olhando para as diferentes avenidas e portanto voltando as costas para o primeiro, sem que isto possa significar irreverência ou desprezo desses por aquele que ocupa o centro.

Se isto é, e é concerteza, razões de outra ordem devem determinar a orientação que deve ter o monumento. Essas razões podem reduzir-se a duas: o horizonte e o trânsito. São ambas intuitivas. A primeira porque deve haver sempre cuidado de não “afogar o monumento”, a segunda porque os monumentos são feitos para os que andam neste vale de lágrimas e portanto para serem vistos pelo público». Carlos V. F. Sardinha, «Carta o Sr. Redactor» in *Diário de Notícias*, Funchal, 10/03/1922, p. 3.

¹⁰⁶ - O busto foi descerrado em 12 de Junho de 1925, no lado oeste da Av. Arriaga. De costas para o “Monumento ao Conde de Canavial”, que estava situado no lado oposto, este busto seria também retirado da Avenida em 1932 e transferido para o Jardim Municipal, no local onde hoje se encontra.

e político do seu tempo¹⁰⁷. O aparecimento de novos dados sobre este monumento, como o caso do espólio Perestrellos, hoje depositado no Museu de Fotografia Vicentes com a obra de Franco fotografada, e o contrato para a construção do Monumento de João Gonçalves Zarco, datado de 25 de Julho de 1924 – e de que o Museu Henrique e Francisco Franco possui cópia, recentemente publicada – levou o historiador Rui Carita a tecer algumas considerações que certamente completam e actualizam a informação sobre este assunto.

Retiradas que estavam, em 1932, as duas esculturas abordadas anteriormente, tudo estava a postos para receber o grande monumento, facto que só aconteceu dois anos depois. Será necessário recuar 16 anos, a partir de 1934, para encontrar as origens deste projecto. A homenagem ao descobridor da Madeira foi sugerida, em 1918, pelo então vice-presidente da Junta Geral do Distrito do Funchal, Manuel Perestrelo Favila Vieira¹⁰⁸, para o fazer coincidir com as comemorações do quinto centenário da descoberta da Ilha. Desde início o nome de Francisco Franco ficou ligado a esta ideia. O escultor começou a trabalhar num projecto que deveria ser inaugurado nos princípios de Julho de 1919.

Segundo Rui Carita, o trabalho então planeado «... *de feição ainda romântica e dentro dos monumentos então vigentes, como o levantado em Lisboa aos Heróis da Guerra Peninsular e em cujo concurso, ainda aluno das Belas-Artes de Lisboa, F. Franco entrara com o arquitecto José Pacheco, apresentava uma coluna alegórica junto da qual se levantava um pequeno pedestal com a estátua de Zarco*»¹⁰⁹. A base do monumento, que assentava numa escadaria, «... *apresentava um largo relevo, bem romântico, alusivo às dificuldades do mar, onde lindos corpos de mulheres e crianças, emergiam confundindo-se com as ondas.*»¹¹⁰. Dificuldades que desconhecemos vieram a adiar este projecto, que surgirá mais tarde e com outras características.

Entretanto tinha já sido inaugurada a primeira escultura que Franco executara de João Gonçalves Zarco em 1919, a qual já referimos. Mas ainda não sendo este o “grande monumento” com que Franco sonhara, o escultor voltou a apresentar uma nova proposta à Junta Geral do Funchal em 1921, que não fora aceite e gerou alguma divergência de opiniões. Na reunião da Junta Geral, do dia 13 de Julho desse ano «... *Foi lida uma proposta do senhor escultor Francisco Franco de Sousa, para construção do monumento*

¹⁰⁷ - Referiram e/ou analisaram este trabalho, entre outros: Margarida Acciaioulli, na sua Tese de Doutoramento sobre os anos 40 em Portugal (1992); Joaquim Saial, na Tese de Mestrado sobre a estatuária portuguesa dos anos 30 (1988); Maurício Fernandes, Francisco Clode de Sousa e Rui Carita em artigos na imprensa madeirense. Ver bibliografia.

¹⁰⁸ - Manuel José Perestrelo Favila Vieira (1875-1923), político e proprietário do extinto *Diário Popular*, órgão do antigo Partido Progressista da Madeira.

¹⁰⁹ - Rui Carita, «O grande monumento a Zarco de Francisco Franco» in *Islenha*, nº 3, Funchal, Jul-Dez 1988, p. 93.

¹¹⁰ - *Ibidem*.

a João Gonçalves Zarco, pela quantia de 100.000 esc»¹¹¹. As discordâncias surgiram por parte de alguns em relação ao orçamento apresentado. Um dos membros daquele órgão, João Augusto Pina¹¹² dizia entender «... que a Junta é que devia elaborar o caderno de encargos e não o proponente, além de lhe parecer exagerado o preço de 100.000 escudos pela mão d'obra»¹¹³. Outros, como o procurador Fernando Tolentino, preferiam a abertura de um concurso a nível nacional ao qual concorressem vários artistas, «... apresentando cada qual o seu projecto e a sua proposta»¹¹⁴. Após várias discussões, a Junta Geral acordou em ser Francisco Franco o autor do monumento, pelo facto de ser, em primeiro lugar, um escultor madeirense. Assim, em 1924, é finalmente assinado o contrato, elaborado pelo seu irmão Henrique Franco, e o trabalho ficaria orçamentado em 150.000 escudos, tendo como prazo de execução três anos¹¹⁵.

Assim, datando talvez de 1925 os trabalhos iniciais, o monumento final ficou conhecido publicamente, por fotografia da maquete, pelo menos desde 16 de Fevereiro de 1928¹¹⁶. A estátua foi exposta na Avenida da Liberdade, em Lisboa, no mesmo ano¹¹⁷, numa atitude inédita que será repetida mais vezes. O *Diário de Notícias* de Lisboa deu honras de primeira página, com fotografia incluída: «Francisco Franco expôs ontem, num dos talhões da Av. da Liberdade, em frente da Rua Rosa Araújo a estátua de Bronze do descobridor da ilha da Madeira, João Gonçalves Zarco. [...] Durante os trabalhos de elevação da estátua, por operários da Câmara Municipal de Lisboa, muita gente se juntou a admirar a soberba escultura»¹¹⁸ A “soberba” escultura viria, de certo, a alterar profundamente o panorama escultórico nacional.

¹¹¹ - «Deliberações da Junta Geral do dia 13», in *Diário da Madeira*, 15/05/1921, p. 2.

¹¹² - João Augusto Pina (1869-1925) foi vogal da Junta Geral do Funchal, director da Cooperativa Popular do Funchal. Foi também actor amador, participando em espectáculos no então Teatro Dr. Manuel de Arriaga.

¹¹³ - *Ibidem*.

¹¹⁴ - No mesmo artigo é resumida a deliberação final do órgão administrativo: «O Sr. presidente, depois de várias considerações sobre o modo de ver dos Sr. procuradores e que usaram da palavra sobre o assunto diz que quanto ao modo de ver do Sr. Dr. Tolentino, o procedimento de tal tem muito que o justifique, pois que a intenção da Junta foi, erigindo o monumento ao descobridor da Madeira, ligar a esse trabalho o nome de um artista madeirense. Entende que o que há a fazer é não aceitar a proposta do Sr. Francisco Franco sem ser enviada a sua opinião ao técnico. No caso daquela importância ser exagerada, então a Junta abrirá um concurso.» Nada sabemos sobre o parecer técnico, e o assunto não voltou aos jornais nesse ano.

¹¹⁵ - «O pintor Henrique Franco, através duma procuração de seu irmão Francisco, passada a 22 de Fevereiro de 1924 e autenticada pelo Dr. Frederico de Freitas, um contrato, muito bem elaborado, para a construção dum monumento a João Gonçalves Zarco. O contrato com data de 25 de Julho de 1924, estipulava um montante de 150 mil escudos, quantia importante para a época; um prazo de três anos para a execução (1927), o que não deixa de ser interessante, quando hoje se pedem trabalhos deste género num prazo de semanas; com uma parte escultural em bronze, que não deveria ter menos de dois metros estipulando-se ainda cláusulas de fiscalização por parte da Junta, sobre o andamento dos trabalhos, sobre transportes, etc...» in Rui Carita, «O grande monumento a Zarco ...» *ob. cit.*, p. 93.

¹¹⁶ - Publicada na revista *Ilustração*, nº 52, Lisboa, 16/02/1928, p. 29.

¹¹⁷ - Entre 27 de Outubro e 7 de Novembro de 1928, tempo durante o qual muitos artigos noticiaram e elogiaram a estátua. Ver Joaquim Saial, *Estatuária Portuguesa dos anos trinta*, (Tese de Mestrado apresentada em 1988) Lisboa, Bertrand, 1991.

¹¹⁸ - *Diário de Notícias*, Lisboa, 28 /10 /1928, p. 1.

O historiador Joaquim Saial, comparando as alegorias originais existentes no pedestal da obra de Franco, com as do Monumento ao Colégio Militar, inaugurado em 1932 — de Barata Feyo e Carvalho Cunha —, aponta alguma aproximação formal entre as soluções figurativas de ambas as peças, o que, segundo Saial¹¹⁹, justificaria o adiamento dos trabalhos por parte do escultor madeirense e a posterior alteração dos baixo-relevos, que irão ficar consideravelmente distantes da solução inicial. As figuras alegóricas da “Colonização”, “Conquista”, “Cristianização” e “Sabedoria”, além de diferentes das anteriores, surgem agora mais adequadas ao conteúdo ideológico do novo regime.

Para o historiador Rui Carita, o atraso na inauguração do monumento esteve ligado às «... complicações surgidas no Funchal como a questão das farinhas e o monopólio da Companhia Insular de Moinhos (Blandy), que deram azo à chamada Revolta da Madeira, em 1931»¹²⁰. No ano seguinte o Monumento a João Gonçalves Zarco já era tido como «... uma das melhores estátuas que de há muito tempo se tem feito em Portugal. O seu autor soube tirar dos painéis de Nuno Gonçalves todo o ensinamento que eles contêm, e por isso, a sua obra, pelo poder expressivo que revela e pela síntese forte com que foi realizada, é antiga e é moderna, o que quer dizer que é escultura e boa escultura ...»¹²¹. Esta dualidade entre antigo e o moderno vai conferir-lhe a fama de estatuário oficial; e coube a este trabalho o papel de ser, na escultura portuguesa, o elemento de transição entre os modelos herdados do século XIX e o modernismo academizado dos anos subsequentes.

Também a historiadora Margarida Acciaiouli defende o papel desta obra como fundamental numa análise da renovação estética proposta pelo Estado Novo, afirmando que: «... miraculoso seria que a escultura tivesse podido escapar ao apelo das grandiosidades que a retórica do Regime necessitava para sustentar a sua perspectiva ideológica. Todavia, essa chamada teve a seu favor a oportunidade efectiva de uma renovação da estatuária sob a forma precisa e radical que Francisco Franco lhe deu, na proposta para estátua de Gonçalves Zarco, destinada ao Funchal, e que, exposta em Lisboa em 1928, passaria a reviver como referência absolutizada, na medida em que essa idealização consubstanciava, realmente, os valores e as posturas de um olhar heróico sobre o passado»¹²². Das esculturas existentes no Funchal, é ainda hoje, concerteza, um dos poucos monumentos bem implantados e integrados no contexto urbano, atendendo à sua época e padrão estilístico. Será a última encomenda pública de Franco para a Madeira, e simultaneamente a primeira de uma carreira de sucesso como escultor oficial.

¹¹⁹ - Cf. Joaquim Saial, ob. cit., p. 80.

¹²⁰ - Rui Carita, ob. cit., p. 95.

¹²¹ - José Figueiredo, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 27/05/1929, p. 1. Citado por Joaquim Saial, ob. cit.

¹²² - Margarida Acciaiouli, *Os anos 40 em Portugal - o País, o Regime e as Artes*, Vol. I, Tese de Doutoramento, Lisboa, UNL, 1991.

Capítulo 2
1930 - 1955

2.1 – A VOCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL

Com o regime salazarista e a sua particular “Política do Espírito”, Portugal mergulhou, por assim dizer, num marasmo cultural que foi determinante no seu afastamento progressivo em relação à Europa. Em contrapartida, o Estado Novo apostou numa revalorização da história nacional, cujos aspectos positivos são indiscutíveis. A tarefa de recuperação do património, com o claro objectivo de dignificar o passado – sustentando um patriotismo nacionalista – e ainda a construção de obras de engenharia e arquitectura de grandes proporções e sentido monumental, serão duas grandes bandeiras do Regime. Com o SPN a funcionar desde 1933, a política cultural e artística estaria votada a uma cautelosa união entre tradição e modernidade, no tão célebre equilíbrio que António Ferro tanto recomendou aos artistas. A Exposição do Mundo Português, em 1940, será o ponto culminante de um período áureo das actividades do SPN, que a partir de 1945 substituiu a sua denominação por SNI, esbatendo, ao mesmo tempo, o seu papel tutelar no campo da cultura.

À Madeira, como a todo o território português de além-mar, chegou inevitavelmente esta política salazarista e com ela a acção ideologizante de organismos oficiais como o anterior, assim como ainda a Mocidade Portuguesa, órgão que teve grande expressão na Região, no tocante às actividades culturais. Na literatura, por exemplo, pode verificar-se uma certa movimentação das camadas mais jovens que, através, de iniciativas escolares, se iniciaram na arte da escrita. Salientamos a revista *Presente 45*, pertencente à Mocidade Portuguesa e editada no Liceu Nacional do Funchal e o *1º de Dezembro*, também naquela escola. Para além destas experiências, muito coladas à vida estudantil e às ideias fascistas, devemos salientar uma nova geração de escritores que despontam nos fins dos anos 40 e princípios dos 50, como António Aragão, Herberto Helder, Florival dos Passos e outros¹²³. Destaquemos neste contexto, o papel dinamizador do Ateneu Comercial do Funchal que, fundado em 1989, ganhou ao longo dos anos 30 dimensão cultural, anteriormente um pouco limitada. Durante os anos 40 e 50, o Ateneu promoveu palestras e praticou uma espécie de “mecenato” – sobretudo

¹²³ - Algumas publicações literárias desta nova geração foram: *Arquipélago*, compilação de textos publicada em 1946 e 1952, pela editora Eco do Funchal (nesta segunda edição com textos em prosa e poesia de António Aragão, Herberto Helder, Carlos Cristovão, Florival dos Passos, Jorge Freitas e Rebelo de Quintal); *Areópago*, em 1952; e o caderno literário *Búzio*, em 1956, editado por António Aragão (incluindo poesia do próprio e de Edmundo Bettencourt, Eurico de Sousa, Herberto Helder, e ainda textos sobre artes plásticas de José Escada).

junto de escritores e poetas — através de concursos e prémios. Nesta associação foi ainda criado em 1936 um “núcleo de fotografia”, destinado a amadores, para «... *afim de reunidos, se fomentar o progresso da arte fotográfica entre nós* »¹²⁴, o que levou à realização de um “I Salão de Arte Fotográfica” do Funchal em 1937, cuja temática incidia nos cenários típicos da Ilha e costumes¹²⁵. Nunca houve uma segunda edição.

O Museu de Arte Sacra do Funchal

No campo das artes plásticas, as iniciativas mais importantes situaram-se no sector da conservação e divulgação de determinados espólios. Quanto à criação artística, esta pautar-se-ia por outras condicionantes. Com tão-somente um Museu Regional, inaugurado em 1929 — e onde a arte tinha um papel muito secundário — o Funchal não possuía qualquer outra infra-estrutura de conservação de obras de arte, nem tão pouco galerias de exposição permanentes. As salas de hotéis e casinos, que acolheram as raras exposições acontecidas no período anterior, foram sendo substituídas, a partir dos anos 40, por salas não menos provisórias em associações comerciais, clubes, e “Galerias”, que eram mais lojas de antiguidades do que espaços de exposição.

A fundação de Museus aconteceu nesta época por todo o País. No Funchal, o projecto mais importante neste sentido foi, sem dúvida, o que levaria à criação do Museu de Arte Sacra nos anos 50, inaugurando assim a recuperação do património artístico mais importante da região. Foi a partir de 1940 que a colecção de pintura flamenga dos séculos XV e XVI, existente na Madeira, começou a ser restaurada, catalogada e integrada numa instituição, que viria para ficar.

As responsabilidades pela criação deste Museu dividem-se, de certa forma, entre: o engenheiro Luís Peter Clode, fundador da Sociedade de Concertos da Madeira e activo colaborador na divulgação das peças artísticas; o padre Manuel J. Pitta Ferreira, que inventariou as peças e publicou vasta obra sobre o assunto; e Manuel Cayolla Zagallo, membro da Sociedade de Arqueologia de Lisboa — na altura trabalhando no Funchal como funcionário da Alfândega —, tendo sido este último o principal promotor da sua fundação. Desde a sua chegada, M. Cayolla Zagallo interessou-se pela Arte Sacra aqui existente. Conheceu o engenheiro Luís Peter Clode e entrou em contacto com o grande espólio de pintura religiosa espalhado pelas igrejas e capelas da Ilha. Logo em 1933,

¹²⁴ - In “Acta” de 06/02/1936, citada por José Laurindo de Goes, «Estabelecimento e Evolução do Ateneu Comercial do Funchal», *Atlântico*, nº 2, Funchal, 1985. pp. 127 - 133.

¹²⁵ - Dois anos depois de criado, o Núcleo de Fotografia deixou de funcionar. Cf. *Ibidem*, p. 131. Outras importantes iniciativas do Ateneu do Funchal foram os “Jogos Florais” iniciados em 1959, antecessores da hoje denominada “Festa da Flor”, com exposições de flores naturais, arranjos “artísticos” e concursos de poesia e literatura. Obviamente, as artes plásticas aqui eram resumidas à decoração, arranjos florais imbuídos de um sentido por vezes clássico, por vezes mais actualizado, mas nunca vanguardista.

sentiu «... a convicção de que o Funchal carecia de um Museu de Arte» e durante algum tempo chegou a julgar viável a sua organização, como ele próprio referiu, «... em dependências do Museu de S. Pedro. A uma ou outra pessoa falei no assunto, sugerindo até a conveniência de se efectuarem exposições»¹²⁶.

Nos finais de 1933 esteve na Madeira o aquarelista Alberto de Sousa, que aqui pintou e expôs os seus trabalhos — como veremos mais adiante — e trocou impressões com M. C. Zagallo acerca de «... alguns valiosos quadros e da necessidade de se fundar um museu de arte em que eles pudessem figurar a par de outras obras com interesse artístico». O pintor, em entrevista dada ao jornal *A Ilha*¹²⁷, tornou públicas estas preocupações e chamava a atenção para um “tesouro” que precisava de ser redescoberto: «... se recolhessem todas as obras do século XVI que aqui possuem, espalhadas por igrejas capelas, edifícios públicos e casas particulares, reuniriam numa sala ou mais, uma colecção das mais ricas de Portugal»¹²⁸. A partir desse momento, as diligências efectuadas para organizar um museu de arte aumentaram, e estava assim quebrado o silêncio a que estivera votado este assunto durante longos anos.

M. C. Zagallo acrescentava: «Como Alberto de Sousa tivesse dito que as entidades oficiais precisavam ser postas ao corrente do que havia na ilha e matéria de arte, dirigi-me, por carta (de 19/5/34), ao director daquele bi-semanário, explicando que de há muito se encontravam em poder de quem de direito — referia-me à Direcção do Museu das Janelas Verdes — as fotografias de algumas das melhores pinturas madeirenses.»¹²⁹.

Apesar do historiador Eduardo Pereira ter dedicado, na sua obra *Ilhas de Zargo*, um capítulo à arte sacra, Manuel C. Zagallo preferiu fazer tábua-rasa dos estudos feitos a montante, e reclamou para si o pioneirismo da iniciativa, declarando que «... em matéria de arte na Madeira, devo afirmar não ter havido ninguém a pugnar pela salvaguarda e devido aproveitamento do património artístico da ilha. De outra forma deixaríamos de lamentar no momento presente a perda de tantas preciosidades históricas e artísticas ...»¹³⁰. Coberto de razão, infelizmente, quanto a esta última realidade, Zagallo deu um claro exemplo dessa negligência referindo um dos mais interessantes edifícios suprimidos, o convento de S. Francisco¹³¹, «... panteão venerável e rico das mais nobres famílias madeirenses, vandálicamente demolido, ou mesmo o de Santa Clara, ainda a salvo das mãos demolidoras dos inconscientes, cuja

¹²⁶ - Manuel Cayolla Zagallo, *A Pintura dos Séculos XV e XVI da Ilha da Madeira*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1943, p.12.

¹²⁷ - «A Madeira e o seu património artístico. O pintor Alberto de Sousa...» in *A Ilha*, Funchal, 25/04/1934.

¹²⁸ - Ibidem.

¹²⁹ - M. Cayolla Zagallo, ob. cit., p. 15

¹³⁰ - Ibidem, p. 16.

¹³¹ - Referido também por Fernando Augusto da Silva, no *Elucidário Madeirense*. Ver o capítulo anterior deste trabalho.

arquitectura e motivos decorativos, a despeito das alterações sofridas, ainda hoje é cheia de encantos ...».

Em 7 de Janeiro de 1935, aproveitando o facto de ter sido deliberado pela Câmara Municipal o restauro e conservação de monumentos e edifícios antigos de reconhecido valor histórico e artístico, Cayolla Zagallo dirigiu-se àquele organismo na qualidade de vogal correspondente do Conselho Superior de Belas Artes, cargo que ocupava há algum tempo. Entre outros assuntos, apontou a possível instalação do Museu no antigo Solar da D. Mécia: *«Ouso lembrar a esclarecida atenção de V. Ex^a. que o Município prestaria um alto serviço à Madeira e ao seu património artístico se nessa residência – referia-me ao Solar de D. Mécia – conseguisse realizar o futuro Museu de Arte Antiga na cidade »*¹³².

Nesta mesma altura, Zagallo convenceu as autoridades locais com um argumento fundamental, que será tido por muitos como o vector impulsionador das actividades culturais. Falamos do interesse económico, pois Zagallo chamou a atenção para a ligação da cultura ao turismo. O museu captaria, *«... pelo seu interesse cultural e artístico, a simpatia de nacionais e estrangeiros servindo ao mesmo tempo, a causa do turismo»*. Mas não seria o turismo a única motivação para fazer nascer um museu. O prestígio da Cidade também estava em causa: *«... No Funchal faz-se sentir a ausência de um bom museu de Arte Antiga, o que se não compreende, atendendo a que quaisquer das principais cidades de Portugal se vangloriam de os possuir»*.

Em 1935, e nesta ordem de ideias, M. Cayolla Zagallo inseriu na imprensa local um artigo intitulado: *«Turismo – Museu de Arte do Funchal»*¹³³, como resposta a um inquérito aberto por aquele mesmo periódico, inquérito que visava o desenvolvimento do turismo na Madeira, e no qual nada se dissera com respeito à fundação de um Museu de Arte. Neste artigo Zagallo mostra ser, de facto, um dos primeiros defensores da ideia de um turismo cultural na região, desmistificando, assim, a tradicional ideia de turismo terapêutico e “paisagístico” a que a Ilha estava associada: *«...Está provado que não bastam os encantos naturais de um país para prender aqueles que percorrem o mundo em busca de sensações novas... Que isto é de transcendente importância prova-o o facto do ilustrado director da repartição de turismo, Sr. Fernando Ferraz, me ter informado que um grande número de estrangeiros o procuram para obter esclarecimentos acerca de espécimes de arte, e locais em que se encontram. No Funchal, além de não existir um edifício apropriado para esse fim, não há sequer um simples guia artístico»*.¹³⁴

O arquitecto Paulino Montês, vindo à Madeira em 1939 a convite da Junta Geral do Funchal propôs a instalação do Museu no então edifício da antiga Alfândega, parecendo-lhe possuir condições ímpares para englobar não só salas de arte antiga, como de arte

¹³² - M. Cayolla Zagallo, ob. cit., p. 18.

¹³³ - In *Diário de Notícias*, Funchal, 01/12/1935.

¹³⁴ - M. Cayolla Zagallo, ob. cit., p. 20.

contemporânea e até uma secção de arte regional¹³⁵. Outro local apontado prendeu-se com o facto de, em 1941, o governo local ter recebido, por doação testamentária, uma residência senhorial, à Rua das Mercês, pertencente ao médico Mário do Nascimento, que «... num gesto de alta nobreza moral, deixou em testamento à cidade do Funchal a sua residência para museu. Salvo disposição em contrário ali se deveriam estabelecer secções de arte contemporânea, continuando a parte regional a funcionar no Palácio de S. Pedro, por ser maior»¹³⁶. A arte contemporânea não era uma prioridade para Cayolla Zagallo que, porém, reconhecia a sua importância numa região onde ela estava bem representada na obra dos «... seus consagrados filhos », o escultor Francisco Franco e o pintor Henrique Franco. Mas, antes de mais nada, — para o promotor do futuro museu, a necessidade urgente para a arte na Madeira era a de «... salvar e valorizar o seu avultado e precioso núcleo antigo»¹³⁷.

Finalmente resolvidos os percalços burocráticos, o antigo Paço Episcopal ficou escolhido como o local para a instalação do Museu. Este edifício, que tinha albergado o Liceu Nacional do Funchal desde 1913 até aquele ano, foi então progressivamente adaptado a museu, a partir de 1942. No primeiro dia de Junho de 1955¹³⁸, o Museu de Arte Sacra do Funchal foi inaugurado com honras de estado¹³⁹, vinte e dois anos após as primeiras iniciativas. Para além das cerimónias habituais, a inauguração contou com a presença do então director do Museu de Arte Antiga de Lisboa, João R. Couto, que se deslocou à Ilha para proferir uma conferência¹⁴⁰. Desde então, a vasta colecção de pintura flamenga, e demais peças de arte religiosa, passaram a estar patentes ao público madeirense.

O Museu da Quinta das Cruzes

O Museu das Cruzes¹⁴¹ foi o segundo museu a surgir na década de 40. A criação deste esteve directamente ligada à oportuna doação de um vasto conjunto de objectos

¹³⁵ - Cf. *Ibidem*, p. 21.

¹³⁶ - *Ibidem*.

¹³⁷ - *Ibidem*, p. 22.

¹³⁸ - Entretanto já tinha sido inaugurado o Museu da Quinta das Cruzes, cuja criação fora iniciada, no entanto, muito depois do Museu de Arte Sacra.

¹³⁹ - Cf. «Museu de Arte Sacra será inaugurado no dia 1 de Junho», *Diário de Notícias*, Funchal, 10/05/1955.

¹⁴⁰ - Conferência proferida no Liceu Nacional do Funchal Cf. «Museu de Arte Sacra do Funchal. Conferência proferida pelo Dr. João Couto...», *Diário de Notícias*, Funchal, 05/06/1955.

¹⁴¹ - Na altura conhecido por “Museu César Gomes”, denominação que caiu em desuso.

artísticos. O coleccionador César Gomes¹⁴² fez doação testamentária de um grande espólio de mobiliário, porcelanas e outros objectos dos séculos XVI a XIX, onde também se incluem muitas gravuras de paisagem e retratos. Uma boa parte da pintura naturalista de temática madeirense existente na Região, encontra-se hoje neste Museu. Foi fundado em 1946 e inaugurado oficialmente em 1953¹⁴³. Porém, também não foi este o museu com que alguns sonhavam, para constituir um espólio de pintura e escultura moderna.

Contudo, aquando da inauguração do mesmo, chegaria a ser ventilada a ideia de reservar uma dependência para servir de atelier a artistas visitantes, e uma outra para exposições temporárias. O pintor Vasco de Lucena — professor da Escola Industrial do Funchal e futuro professor da AMBAM — louvou publicamente esta iniciativa, afirmando que «... seria um grande passo dado em frente no sentido de nobilitar a profissão dos artistas, oferecendo-lhes a oportunidade de um reitor onde pudessem aparecer à luz do dia. Às entidades directivas do Museu, todo o Funchal, toda a Ilha, assim como todos os artistas portugueses e estrangeiros que por aqui passassem muito gratos lhes ficariam se sentissem esse acolhimento e possibilidades que somente se tornará numa realidade se esse mesmo Museu meter mãos à obra e vencer as dificuldades que porventura possam vir a surgir. E disso estamos certos». Este pintor, de modo muito optimista, fez votos «... para que dentro em pouco, o Funchal possua o lugar onde os artistas possam apresentar-se e sentir-se como em “sua casa” »¹⁴⁴. Mas tal não aconteceu, a não ser muito pontualmente, pois esta não era certamente a vocação do Museu.

Ao longo dos anos 60 e 70, só uma ou outra esporádica exposição de arte moderna terá lugar neste recinto. No período que agora estamos a tratar, a primeira exposição temporária ocorreu em 1949. Nesse ano foi aberta a “Exposição de Estampas Antigas da Madeira”, baseada no álbum de gravuras de temática insular, editado em 1935 pelo *Rotary Club*, e organizado por João Cabral do Nascimento. Durante os anos 50 foram realizadas apenas duas exposições de pintura e desenho por artistas “visitantes” e que, obviamente, se enquadravam no gosto paisagista e naturalista, então dominante. Em 1953 foram expostas paisagens do pintor Francisco Maya e, em 1954, desenhos de paisagem e costumes do artista Egon Von Der Wehl.

¹⁴² - César Filipe Gomes (1875 -?) foi proprietário e comerciante. Como de facto viria a acontecer, César Gomes exigiu, como condição para efectivar a sua doação, que o Museu ficasse instalado na Quinta das Cruzes, onde o próprio passou a residir.

¹⁴³ - A abertura oficial coincidiu com o 28 de Maio, data das comemorações do Estado Novo.

¹⁴⁴ - Vasco de Lucena, «Salas de Exposições da Pintura», *Das Artes e da História da Madeira*, nº 16, 1953

A Sociedade de Concertos da Madeira

Por iniciativa do engenheiro Luís Peter Clode¹⁴⁵ e o seu irmão William Clode foi criada em 1943 a Sociedade de Concertos da Madeira, instituição que viria a dominar o panorama das realizações culturais na Região durante três décadas, aproximadamente. O primeiro presidente do conselho directivo desta Sociedade foi o médico e político madeirense João Abel de Freitas (1893 - 1948). Após a morte deste, foi a vez do advogado e político João Figueira de Freitas (1902-1980), que presidiu o Conselho até 1973, pouco antes da dissolução desta Sociedade, em 1975.

Importantes concertos de música clássica, de nível nacional e internacional, foram realizados na sua sede e, sobretudo, no Teatro Municipal do Funchal¹⁴⁶ ao longo de mais de trinta anos. Também foram realizadas palestras e conferências sobre música, literatura, arte e outros assuntos de erudição, embora tivessem um público muito restrito, formado pelas autoridades oficiais – sempre presentes nestes actos – e por um reduzido número de reais interessados. Mas a acção da SCM não se limitou aos concertos, pois o seu papel foi determinante na animação cultural da época, estendendo a sua actividade a outros domínios. Em 1945 foi a vez do ensino, com a criação da Academia de Música da Madeira, primeira instituição deste género fora do continente. No ano seguinte começaram as transmissões experimentais do “Posto Emissor do Funchal”¹⁴⁷, estação de rádio também criada pela SCM, e que tinha por finalidade estender a acção daquela Sociedade a um leque maior de público. Outra iniciativa marcante, na qual vamos deter a nossa atenção, foi ainda a revista *Das Artes e da História da Madeira*.

Esta revista, também propriedade da SCM, constituiu durante este período a única publicação periódica de carácter cultural¹⁴⁸, especializada na cultura e história madeirense. Já existente como suplemento d’*O Jornal*, durante os anos de 1948 e 49, foi

¹⁴⁵ - Luís Peter Clode (1904 - 1986) formou-se em Engenharia pela Universidade do Porto. Exerceu as profissões de engenheiro e docente no Funchal. Dedicou-se à música clássica, chegando a compor obras sacras e profanas. Este gosto pela música, não só como apreciador, mas também como criador, foi uma das razões para ter fundado a SCM. Foi Director desta Sociedade de Concertos, da Academia de Música da Madeira e do Posto Emissor do Funchal.

¹⁴⁶ - Na década de 40, por exemplo, organizou-se um recital de violino por Silva Pereira, com a colaboração de Victor Macedo Pinto, em 1946; um concerto por Isaura Pavia de Magalhães (violoncelo), José Eurico Lisboa (barítono) e Maria Campina (piano) em 12 de Novembro de 46; outro concerto pelo pianista Leopoldo Querol em 1949. Em 1950 actuaram Reinhardt Wolf e Maria Campina (viola e piano); Janine Dacosta e o Trio Lamy Reis (piano). Ramón Miraval (violoncelo) e o pianista Sérgio Varela Cid. No ano seguinte apresentaram-se três grandes nomes: Victor Schiöler, Winfried Wolf e principalmente, Benno Moiseiwitsh, um dos mais importantes de então. Os concertos prolongar-se-ão pelas décadas seguintes, porém diminuindo em frequência. Cf. Rui Carita, *100 anos do Teatro Municipal*, ob. cit.

¹⁴⁷ - A inauguração oficial ocorreu em 29 de Maio de 1948.

¹⁴⁸ - Já anteriormente, entre 1904 e 1910, o *Heraldo da Madeira* tinha cumprido um importante papel cultural, apesar de não ter sido uma publicação exclusivamente dedicada à cultura.

lançado o seu primeiro número, como revista autónoma, em 1950. A temática histórica predominou durante os seus vinte e um anos de existência (1950-1971), e só muito pontualmente foi dedicada a assuntos de actualidade. Na edição inaugural estavam sintetizados os objectivos desta publicação «... que tem em vista arquivar, com absoluta independência, todas as manifestações de arte e os factos e documentos do passado, destina-se também a projectar no futuro a nossa existência actual, evocando o que há de mais característico na nossa Ilha, tanto sob o ponto de vista artístico com sob o aspecto histórico.»¹⁴⁹.

Os títulos das secções regulares desta revista esclarecem-nos da sua vocação: “Genealogias Madeirenses”, “Curiosidades do passado”, “Coisas velhas que os novos não sabem”. A arte era tratada como assunto “sublime”, e os artigos eram quase sempre relativos ao património de arte religiosa. Acompanhando a formação do Museu de Arte Sacra, os artigos publicados contribuíram para a sistematização e divulgação deste legado cultural da Região. Poucos articulistas se debruçaram sobre as Belas Artes, e quando isto aconteceu, tratava-se sobretudo de artigos que, na sua maioria, defendiam conceitos de arte ligados a tradicionais noções de Belo ou a uma estética da sensibilidade, impregnada de valores românticos. A secção de actualidades ia noticiando os raros acontecimentos artísticos que chegavam ao Funchal, nomeadamente os concertos promovidos pela sociedade proprietária da revista, assim como as poucas exposições que por cá se faziam, na sua totalidade de recorte naturalista.

Nesta revista encontramos também alguns artigos que, ao longo dos anos, salientaram a necessidade de criar estruturas de divulgação artística. Em 1953, o pintor Vasco de Lucena, abordou de novo esta questão, não deixando de equacioná-la numa dupla dimensão turística e cultural — da qual já tinha sido pioneiro Manuel C. Zagallo, como vimos —, preocupação que se irá prolongar pelas décadas seguintes, até os nossos dias: «... No Funchal, onde, [...] aparecem tantos turistas, alguns deles artistas, como temos tido oportunidade de observar, quando trabalham às vistas do público; onde nos chegam vindos propositadamente, artistas com a intenção de expor trabalhos aqui realizados ou trazidos doutros lugares; onde sabemos existirem belas colecções de pintura, especialmente flamenga, e que bem mereciam ser vistas; onde os próprios madeirenses pelo temperamento e pelas condições especiais de beleza que os rodeiam, têm de ser artistas forçosamente e, portanto, para que possam demonstrar as suas possibilidades, urgente se torna a criação de uma sala especialmente apetrechada, isto é, de dimensões e condições de iluminação que proporcione e atraia o artista a expor a sua obra. É uma lacuna para que já não encontramos justificação».¹⁵⁰

Outro projecto da SCM a destacar, mais pela sua ambição do que pela sua concretização, foi o que levou à criação do Instituto Cultural da Madeira. Dos órgãos directivos deste Instituto fizeram parte o governador do distrito, Rui da Cunha Meneses;

¹⁴⁹ - «Uma palavra de introdução», in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 1, vol. I, 1950, p.1.

¹⁵⁰ - Vasco de Lucena, «Salas de Exposições da Pintura», ob. cit., p. 38.

o escritor Horácio Bento de Gouveia; o engenheiro Luís Peter Clode e o escritor Elmano Vieira, entre outros. Segundo os responsáveis, este Instituto vinha prender «... *uma lacuna neste meio, onde se eleva, por forma sensível, o número de cultores das letras, das artes, da história, das ciências*»¹⁵¹. As realizações versavam conferências e concertos de música, em co-organização com a SCM. Na verdade, o Instituto Cultural não era mais do que uma dependência da Sociedade de Concertos. A iniciativa foi perdendo vitalidade nos anos seguintes, e o Instituto Cultural da Madeira desapareceu sem deixar grande marca.

O Visconde do Porto da Cruz teceu uma dura crítica, talvez algo radical, acerca do desempenho deste Instituto: «... *Há poucos anos apareceu mais uma tentativa para agrupar o intelectualismo, os artistas e os cientistas madeirenses no Instituto Cultural da Madeira, mas a entrada no campo das realizações parece que foi com o pé esquerdo, pois que, em vez de serem chamados a reunirem-se e organizarem-se os valores positivos mais evidentes, foram buscar os sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa e do Instituto de História, os componentes das direcções da Associação Comercial e dos organismos políticos, e só por mero esquecimento não foram buscar o Clube Marítimo por ser o Campeão das Ilhas para formação desse grande núcleo cultural!*». Segundo este escritor, o resultado foi um afastamento progressivo das pessoas mais interessadas e, assim ficaram, «... *no Instituto Cultural os que de intelectualismo nada tinham além do cartão de sócio*».¹⁵²

Não podemos concluir esta referência à Sociedade de Concertos da Madeira, sem apontar o seu papel na divulgação das artes plásticas na Região, chamando a si a organização de exposições de pintores locais e forasteiros, como veremos no ponto seguinte. Mais importante será o projecto de abertura de uma Secção de Belas Artes, integrada na Academia de Música que, a partir de 1953, começou a ganhar adeptos. Em 1955, a SCM obtivera a autorização ministerial para tal e, no ano seguinte, estava criado o Ensino Artístico na Região, constituindo-se como a semente de mudança que ditará, em muito, o rumo que as artes plásticas irão tomar na segunda metade do século XX.

¹⁵¹ - «Actualidades», *Das Artes e da História da Madeira*, nº 1, 1950.

¹⁵² - Visconde do Porto da Cruz, *Notas para a história literária da Madeira*, ob. cit., p. 15.

2.2 – CONTINUIDADES NA PINTURA.

Fazendo frente ao determinismo cultural de António Ferro, surgiram em Lisboa diversas manifestações artísticas – nomeadamente os movimentos neo-realista, surrealista e abstracto – que viriam renovar o panorama das vanguardas em Portugal, a partir sobretudo de meados dos anos 40. A relevante acção destes movimentos paralelos à arte oficial teve pouca ressonância no Funchal. Por outro lado, os irmãos Franco – fixados definitivamente no continente, a partir dos anos 30 – não deixaram na Madeira quaisquer continuadores do vanguardismo por eles aqui trazido, e que os próprios acabariam por abandonar, ou quanto muito “suavizar”, ao sabor do novo período. A Ilha entrava numa época em que a actividade artística, nomeadamente a pintura, ficaria “adormecida” num certo marasmo, sustentado pelos novos e velhos cultores do naturalismo, que se encarregaram de prolongar o gosto de oitocentos num Século XX já avançado.

Já referido anteriormente, Alberto de Sousa esteve na Madeira, entre 1933 e 1934, pintando vistas do Funchal e arredores. Paisagista com vasta obra produzida, A. de Sousa expôs nesta cidade em Fevereiro de 1934, no átrio da Junta Geral, obtendo então grande aceitação de um público apreciador deste tipo de arte. Parte das telas aqui pintadas encontram-se em museus da Região¹⁵³. A obra deste Pintor, considerado na altura como primeiro aguarelista português¹⁵⁴, foi destacada na imprensa local, numa clara opção pela pintura tradicional em detrimento das experiências modernistas: «*Suas aguarelas, sobretudo, são lindos poemas das pedras do Portugal antigo [...] acrescentando-se-lhes, após sua vinda à Madeira os seus quadros de requintada sensibilidade a interpretar motivos de sincero e vincado regionalismo. É dever salientar que Alberto de Sousa, de entre mão cheia de pintores portugueses, é dos raros que têm personalidade destacante para pintar e – honra lhe seja sic – também para falar*». E o artigo prossegue, aproveitando o seu autor para atacar toda e qualquer forma de arte não naturalista: «... *Alberto de Sousa não transige com as opiniões feitas, com os compadrios pseudamente sic artísticos e com os critérios de pacotilha. A sua visão é directa e clara – tendo como soco do seu sentimento um grande desejo, alerta e prestante, de engrandecer Portugal.*»¹⁵⁵ Para este pintor, como para a maioria dos que aqui chegavam,

¹⁵³ - Museu Quinta das Cruzes e Casa-Museu Frederico de Freitas.

¹⁵⁴ - Cf. José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Séc. XX*, ob. cit., p. 313.

¹⁵⁵ - « A Madeira e o seu património artístico. O Pintor Alberto Sousa...» in *A Ilha*, ob. cit.

a Madeira possuía em primeiro lugar, como mais-valia artística, «... sobretudo paisagens, grandes aspectos interiores, que cativam o forasteiro e qualquer artista».

Um ano após a presença de Alberto de Sousa, a publicação do “Álbum de Estampas Antigas da Madeira”, patrocinado pelo *Rotary Club* do Funchal confirmava o prolongamento do gosto oitocentista já referido. Publicado em 1935 graças à recolha levada a efeito pelo poeta e director do então Arquivo Histórico do Funchal, João Cabral do Nascimento, este álbum alcançou grande sucesso, pelo que será reeditado em 1951. Esta publicação foi sem dúvida, de grande valor histórico e de interesse para a recuperação do imaginário bucólico do passado, mas, por outro lado, em nada contribuiu para fomentar a actualização do gosto.

Dos pintores já activos na década de 20, o mais importante continuador é Max Römer. Ao longo de duas décadas, o Funchal vai conviver com a obra profícua deste artista que, segundo Francisco Clode de Sousa¹⁵⁶, «... foi produzindo a sua obra em grande quantidade, quantidade que por vezes o atraçou, aqui e acolá em momentos de menor inspiração ou apertado por encomendas crescentes e uma vida de sacrifício»¹⁵⁷. Römer trabalhou incansavelmente durante os anos 30 e 40 em encomendas de retrato e trabalhos gráficos, realizando também pinturas murais espalhadas por alguns edifícios públicos e privados, e de que é exemplo o antigo Hotel Belmonte¹⁵⁸ onde ainda hoje se podem ver, a precisar de restauro, pinturas (datadas de 1933) num dos salões daquele antigo hotel, com personagens e costumes madeirenses característicos. Outro exemplo, mais bem conservado, é o conjunto mural para a cantina do Liceu Jaime Moniz, funcionando como um friso à volta da parte superior das paredes, também com motivos típicos, em 1945. Um considerável número de obras de Römer, doados pela sua família em 1984 ao Governo Regional¹⁵⁹, encontra-se actualmente no Museu da Quinta das Cruzes.

Alfredo Miguéis, por sua vez, foi o único dos modernistas madeirenses que ficou na Ilha. O artista seguiu a carreira do ensino, onde desenvolveu importante pesquisa na técnica do embutido. Foi executando encomendas particulares de retrato e pintura decorativa, tendo participado também em trabalhos oficiais, como no caso das pinturas para a Câmara Municipal do Funchal em 1940. Este órgão o encarregou de decorar o Salão Nobre dos Paços do Conselho com pinturas alegóricas e retratos de ilustres madeirenses. A pintura de formato oval para o tecto daquele salão, numa boa solução técnica é, contudo, decididamente clássica. O grande quadro alegórico da Cidade do Funchal, para mesmo Salão, é uma obra de dimensões consideráveis que apresenta uma

¹⁵⁶ - Licenciado em História da Arte, com Pós-graduação em Museologia, é Director do Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

¹⁵⁷ - *Max Römer na Madeira*, (catálogo), Museu da Quinta das Cruzes, s/d.

¹⁵⁸ - Hoje Colégio Infante D. Henrique na Freguesia do Monte, Funchal.

¹⁵⁹ - Cf. «Património artístico de Max Römer doado à Região por seus filhos» in *Diário de Notícias*, Funchal, 27 de Abril de 1984, p. 1.

composição de tons claros – mas ainda “presa” no sentido tradicional da velatura – numa figuração de realismo idealizado, já ao gosto da retórica oficiosa do regime. Três anos depois Alfredo Miguéis falecerá e, em 1947, um incêndio no Palácio de S. Pedro destrói grande parte da sua obra.

Mas não foram unicamente os mais velhos a continuarem a tradição oitocentista. Novos artistas, desenvolvendo técnicas e linguagens tradicionais, vão aparecendo timidamente num mercado limitado, mas apreciador deste tipo de pintura. Alfredo Miguéis que, para além das aulas na Escola Industrial, manteria aulas particulares de desenho e pintura, deixou alguns discípulos e aqui destacamos especialmente Maria Gabriela Leónidas (1924 -), que ele considerou a sua aluna predilecta. Desde muito cedo habituada a conviver com a criação artística¹⁶⁰, esta pintora madeirense frequentou também a aula particular de um outro pintor alemão residente na Madeira, Walter Boesser. Maria Gabriela expôs duas vezes no Funchal, nos Salões da AMBAM, em 1949 e 1953, apresentando óleos que evidenciam uma clara influência dos mestres, assim como alguma tendência para a cor plana, possivelmente motivada pelo contacto com as pesquisas de Henrique Franco. Radicou-se no continente em 1959, onde tem pintado constantemente, dedicando-se sobretudo ao retrato de “sociedade”, muito próximo de trabalhos como os de Henrique Medina ou Eduardo Malta.

Max Römer também deixaria alguns discípulos, entre os quais destacamos Pedro Ferraz (1929 -). Começando a pintar no atelier daquele, desde muito novo, aprendeu a fazer postais pintados a mão, que eram vendidos aos turistas nas casas comerciais, nomeadamente na extinta *Maison Blanche*, ao longo dos anos 40 e 50. Coursou Desenho na Escola Industrial com Alfredo Miguéis e outros professores da altura, como Américo Marinho e Américo Tavares. Desenvolveu sobretudo o retrato em desenhos aguarelados ou a carvão, com fidelidade naturalista de qualidade técnica inegável. Pedro Ferraz chegou a ser considerado pelo Mestre Anjos Teixeira (filho) como um dos melhores retratistas – dentro do género naturalista, é claro – em Portugal.

António Gouveia (1910 - 1992) também trabalhou desde muito cedo com o pintor alemão, no “restauração” de painéis e decorações de igrejas. A par de uma considerável actividade como cenógrafo e pintor de cartazes para cinema, António Gouveia foi expondo, honesta e modestamente, nos locais possíveis como, em 1947, no Hotel Voga. Pintou óleos e aguarelas de amadorismo estético e técnica razoável, como pode ser verificado nalguns quadros que deixou na igreja da Vila de São Vicente, no norte da Ilha. Foi copista¹⁶¹ de quadros e gravuras, de que é exemplo o retrato de João Gonçalves

¹⁶⁰ - A artista fora influenciada, no seio familiar, pela sua avó materna Júlia Pinto C. Figueira, pintora amadora de guachos e aguarelas de paisagem. Cf. Nelson Veríssimo, «Cinquenta anos de pintura de Maria Gabriela», *Revista do Diário de Notícias*, Funchal, 20/11/1994, p. 13.

¹⁶¹ - António Gouveia copiou quadros de Tomás da Anunciação, Adolfo Rodrigues, Malhoa, Carlos Reis e outras tantas pinturas do século XIX existentes na Madeira. Em 1951 foi organizada pela Mocidade Portuguesa uma “Hora de Arte” no Liceu Nacional do Funchal, onde para além de uma conferência

Zarco, que figura num dos salões do Palácio de S. Lourenço. Elogiando o trabalho do pintor, um artigo datado de 1952 demonstra, de facto, como o meio artístico local era conservador e desinformado, e como a crítica, se é que podemos falar nestes termos, era pouco exigente: «*Artista no verdadeiro sentido da palavra, [...] António de Gouveia marcou por méritos próprios um lugar de justo relevo e merecido apreço no nosso meio, onde bem escassas são as vocações artísticas*»¹⁶². Contra a inércia do meio cultural pouco se pôde fazer nestes anos de calmas paisagens e retratos de família.

Outro profícuo cultor do naturalismo foi o aguarelista “Melos”. O médico madeirense João de Lemos Gomes (Melos)¹⁶³ também teria sido influenciado pela obra de Max Römer. Dedicou-se à aguarela e ao desenho como actividades paralelas à medicina, e que irá cultivar ao longo da sua vida. Organizou, em tempos de estudante o II, III e IV “Salões de Arte dos Estudantes da Associação Académica de Coimbra”. Melos pintou motivos madeirenses, continentais e estrangeiros, dentro do repertório habitual do naturalismo: igrejas, recantos pitorescos, agricultores, pescadores, etc.¹⁶⁴. Algumas das suas aguarelas foram publicadas na revista *Das Artes e da História da Madeira*, e denotam o predomínio dos jogos de cor e transparências, sobre um desenho frágil e hesitante. Em 1948 recebeu a Menção Honrosa no “Salão de Inverno da SNBA”. A sua primeira exposição na SCM foi em 1951, e seguiram-se duas em 1956 e 1959.

As exposições de pintura, na sua maioria organizadas pela SCM, privilegiaram estes artistas, entre outros nacionais e estrangeiros. Em Maio de 1950, foi notícia na revista *Das Artes e da História da Madeira* a exposição de aguarelas e óleos de uma pintora inglesa, Bryce Nair, nas *Galerias da Madeira*, local vocacionado para a venda de antiguidades. Em Junho do mesmo ano, na sede da SCM, foram expostos 42 trabalhos – entre aguarelas e desenhos de paisagem – de Américo Marinho, pintor de origem continental e, nesta altura, professor da Escola Industrial e Comercial do Funchal.

Para além destas, a Sociedade de Concertos foi responsável pelas primeiras exposições retrospectivas na Região. Em 1944 foi realizada uma exposição póstuma da obra de Alfredo Miguéis na Quinta Vigia. Quatro anos mais tarde, será a vez de uma mostra de gravuras e desenhos de paisagem do século XIX, que terá uma segunda edição, mais completa e documentada, na década seguinte. Nos anos 60, a SCM será a

proferida por William Clode, foram expostas quinze cópias da autoria daquele pintor que «... reproduziu com exactidão de proporções e cor todos os quadros apresentados». In «Actualidades», *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, nº 7, 1951, p. 39.

¹⁶² - Artigo não assinado do *Eco do Funchal*, de 10/06/1952 citado por Margarida Macedo Silva, «Morreu o pintor da Madeira» *Diário de Notícias*, Funchal, 21/05/1992.

¹⁶³ - Nome artístico, formado pelo anagrama da palavra Lemos.

¹⁶⁴ - Outras exposições: 1ª exposição individual na Casa da Madeira em Lisboa (1939); exposições em Buenos Aires e Madrid (anos 40). Em 1960 recebe a Menção Honrosa na exposição “Imagem da Flor” da Câmara de Lisboa. Em 1982 expõe na Galeria da SRTC, Funchal.

primeira instituição a trazer uma mostra de arte contemporânea ao Funchal, ainda antes dos bem conhecidos “Prémios de Funchal”.

2.3 – AS OBRAS PÚBLICAS E A ESTATUÁRIA DO REGIME

Após o modernismo fugaz dos anos 20, a arquitectura portuguesa desta época, — acompanhando o percurso da pintura — vai aderir progressivamente ao sentido monumental e nacionalista dos novos tempos. O engenheiro Duarte Pacheco, ministro das obras públicas desde 1932, foi o responsável por um período de abrupta modificação urbanística em Lisboa, e mesmo no Porto. Raúl Lino, com a sua célebre “Casa Portuguesa” — filosofia na qual se integra também a “Casa Madeirense” —, Carlos Ramos, Cristino da Silva e Cassiano Branco, foram os arquitectos mais representativos do equilíbrio encontrado entre tradição e modernidade, que ficou conhecido, entre nós, como estilo “português suave”. Na escultura o mesmo se iria passar, pois ela estava quase sempre condicionada pelos projectos arquitectónicos, que a definiam *à priori*.

A partir dos anos 40, o Funchal vê o seu tecido urbano crescer em direcção ao Oeste, com a construção de ruas e habitações naquela que será mais tarde, na década de 70, a zona turística da Cidade. É também a época da modernização progressiva do Funchal, iniciativa fomentada e apoiada pela figura polémica do Dr. Fernão de Ornelas, que presidiu à Câmara Municipal do Funchal, entre 1935 e 1946. Durante o seu mandato foram projectados e construídos importantes edifícios e iniciaram-se obras que mudariam radicalmente a fisionomia da cidade¹⁶⁵. Uma dessas realizações foi a abertura da rua que hoje leva o seu nome. A Rua Fernão de Ornelas, no centro da cidade, foi rasgada em linha recta e iria albergar um conjunto de edifícios de significativo recorte contemporâneo, ao lado de outros mais tradicionais, adentro da linguagem oficial do Estado Novo.

Ainda na década de 30, foi apresentado um projecto de abertura da Avenida Oeste¹⁶⁶ com o objectivo de dar continuidade à Avenida Arriaga criando-se, mais tarde, uma ampla rotunda que separaria as duas artérias. Pretendia-se, para a nova avenida, uma ordenação arquitectónica uniforme e moderna. O projecto de fachadas para as residências particulares a construir naquela avenida ficou a cargo do arquitecto Carlos Ramos¹⁶⁷. De cariz modernista, e revelando uma contida herança de Le Corbusier, o

¹⁶⁵ - Durante o mandato de Fernão de Ornelas iniciaram-se, entre outras, as obras de ampliação do porto do Funchal, a abertura da Avenida do Mar e a rua que hoje tem o seu nome.

¹⁶⁶ - Hoje Avenida do Infante D. Henrique.

¹⁶⁷ - Carlos Ramos (1897-1969) foi desenhador no atelier do Arq. Raúl Lino e um dos arquitectos presentes na Exposição do Mundo Português em 1940. Carlos Ramos projectara também diversos espaços verdes, praças e largos para o Funchal, durante esta década, integrados no conjunto de melhoramentos urbanos

projecto de Carlos Ramos dotou o Funchal com um conjunto de moradias que constituem excelente exemplo da arquitectura portuguesa daquele período. Este projecto foi exposto no 2º Salão dos Independentes de 1931¹⁶⁸ e a seguir no Funchal, em 1932.

Algumas moradias foram projectadas por Raul Lino, e outras por Edmundo Tavares. Destacamos este último, que trouxe ao Funchal os ecos da renovação arquitectónica nacional, assinando vários projectos importantes como o Mercado dos Lavradores, inaugurado em 1940 e de arrojada volumetria curvilínea; a Sede do Banco de Portugal, no cruzamento da Av. Zarco com a Av. Arriaga, de estilo mais conservador e de características monumentais, num «... *misto de casa tradicional portuguesa e templo clássico*»¹⁶⁹; e o Liceu Jaime Moniz, de linhas mais austeras, e com amplos e funcionais espaços interiores, inaugurado em 1946.

Foi nesta conjuntura de realizações de grande envergadura, modernizando parcialmente a Cidade, que foram aparecendo os monumentos integrados na arquitectura ou em praças e jardins públicos, num estilo escultórico próprio do Estado Novo. De carácter essencialmente comemorativo, estes trabalhos deixaram na Madeira a marca de consagrados estatuários como Leopoldo de Almeida, António Duarte, Delfim Maya e Barata Feyo, entre outros.

Porém, a primeira escultura inaugurada após o “Gonçalves Zarco” de Franco foi um convencional busto de Alexandre da Cunha Teles – escritor e advogado madeirense – encomendado ao escultor madeirense Agostinho Rodrigues¹⁷⁰ em 1937, e inaugurado em 1939. Em 1941, viu o Funchal ser inaugurado um busto em homenagem ao poeta António Nobre. Tratava-se de uma cópia do original concebido pelo escultor Tomás Costa¹⁷¹. O facto do escultor já ter falecido em 1932, é bem significativo da preferência conservadora das autoridades locais, que deste modo inauguraram uma peça artística – autor e homenageado falecidos – duplamente ligada ao passado.

Em 1940 foi adquirida pela Junta Geral do Funchal uma escultura em bronze, que representava o navegador Cristóvão Colombo. Esta figura sentada situa-se na passagem

que modificaram o traçado, sinuoso e orgânico, da Cidade. Sobre a arquitectura destes anos na Madeira ver na obra, publicada ainda no presente ano, «História da Expansão Portuguesa», Vol. V, o capítulo *Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português* de José Manuel Fernandes, pp. 337-345.

¹⁶⁸ - Cf. *O Notícias Ilustrado* de 14/02/1932 e *Catálogo do 2º Salão dos Independentes*, 1931. Ver também artigo «Sobre a acção da Junta Geral» in *Diário de Notícias*, Funchal, 22/08/1931.

¹⁶⁹ - José Manuel Fernandes, «Edmundo Tavares e a arquitectura do Funchal», in *Isleña*, nº 12, Funchal, 1993, pp. 57-60.

¹⁷⁰ - Nascido em 1913, emigrou cedo para os Estados Unidos, onde estudou escultura e manteve um atelier. No Funchal expôs vários bustos de personalidades madeirenses, na Associação Comercial do Funchal, em 1937. Cf. José Sainz Trueba e Nelson Veríssimo, *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*, SRTC, Funchal, 1996, p. 294.

¹⁷¹ - Inaugurado a 28 de Dezembro no largo que leva o seu nome, Funchal. O busto original foi descerrado no Jardim do Penedo da Saudade, em Coimbra, no início do Século. Cf. José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XIX*, vol. II, ob. cit., p. 213.

do naturalismo para a grandiosidade da estatuária modernizante. Executada por Henrique Moreira, discípulo de Teixeira Gomes, a escultura ficou arrecadada durante nada mais que vinte e oito anos, à espera da necessária abertura política para inaugurar um monumento a um herói não português¹⁷². No mesmo ano Leopoldo de Almeida executou uma figura sentada do Infante D. Henrique¹⁷³, enquadrado num alto arco ogival de cantaria escura. O conjunto escultórico, “olhando” para a rotunda que levaria também o nome do Infante, é um dos poucos exemplos de correcto enquadramento da escultura no espaço circundante, ainda que em moldes tradicionais. Trata-se de uma solução menos austera do que a maior parte da obra deste escultor.

António Duarte, outro importante escultor deste período, deixou dois trabalhos na Madeira e voltará novamente, nos anos 60, para inaugurar outros dois. A primeira escultura foi um baixo-relevo de figuração estilizada, datada de 1944, nos moldes de um academismo modernizado¹⁷⁴, para uma das paredes exteriores da Câmara Municipal. Esta obra fez parte do projecto de recuperação dos Paços do Conselho do Funchal, da responsabilidade do arquitecto Raúl Lino, que incluiu obras de ampliação do edifício e a criação do fontanário para a Praça da Constituição, contígua ao mesmo. Em 1946, António Duarte projectou um fontanário de simbologia nacionalista para a Rotunda do Infante D. Henrique¹⁷⁵, combinando o bronze e a pedra. Trata-se de uma esfera armilar, contendo os signos do Zodíaco e rodeada de cavalos-marinhos.

Neste ambiente de nacionalismo, onde predominava o carácter retórico e monumental das esculturas, o contraste é dado a nível da produção local pelo modesto, mas válido, trabalho de dois artesãos madeirenses. Na década de 50, popularizam-se os trabalhos artesanais de Roberto e Manuel Cunha. Mas foi sobretudo o primeiro, Roberto Cunha (1904 - 1966)¹⁷⁶ quem cedo se dedicou à criação de pequenas esculturas em barro, num estilo naturalista de grande sensibilidade e domínio técnico. Miniaturas de cenas campestres, imagens religiosas e presépios, são os temas de uma obra cuidada, que o escultor Anjos Teixeira, destacou em várias oportunidades: «*Algumas das miniaturas de Roberto Cunha são autênticas estátuas de pequenas dimensões, abstraindo-nos dos poucos centímetros encontramos-lhes a monumentalidade que é uma das expressões do talento ...*»¹⁷⁷.

¹⁷² - A estátua foi inaugurada em 12 de Outubro de 1968, no Parque de Santa Catarina, Funchal. Cristovão Colombo não era, de modo algum, a personagem histórica mais apreciada pelo regime salazarista. Pelo contrário, o Estado Novo não pretendeu, e sempre o evitou, homenagear factos históricos que ofuscassem o orgulho nacionalista. Contudo, na Madeira, o navegante assumiu uma importância especial devido à sua hipotética passagem e estadia na Ilha.

¹⁷³ - A escultura foi adquirida pela Câmara Municipal em 28 de Nov. de 1940 e inaugurada em 28 de Maio de 1947, na entrada do Parque de Santa Catarina.

¹⁷⁴ - Baixo-relevo alusivo a São Tiago. Inaugurado em 9 de Dezembro de 1944.

¹⁷⁵ - Inaugurado em Março de 1948. O projecto da rotunda é da autoria do arquitecto Faria da Costa.

¹⁷⁶ - Roberto Luís Paiva da Cunha foi funcionário público da *Cable and Wireless* da Madeira, para além da escultura em miniatura foi popular caricaturista entre os anos 30 e 50.

¹⁷⁷ - Anjos Teixeira citado por Luís Peter Clode, *Registo Bio-bibliográfico de madeirenses...*, ob. cit., p. 143.

Num outro contexto, o escultor Rebelo Júnior — também natural da Madeira — chegaria a ser promovido a nível regional, como o continuador de Franco, mas a sua obra nunca tal o permitiu¹⁷⁸. Num artigo com o título «A vaga da escultura está por preencher», Vasco de Lucena, depois de dar uma lição sobre as diferenças entre a escultura e a pintura, lamenta a falta de escultores madeirenses à altura de Francisco Franco, e aposta em Rebelo Júnior para ocupar o lugar de escultor oficial do regime, aqui na Madeira: «*Um escultor que para a Madeira represente o somatório destes factores de adaptação, de entusiasmo e de sinceridade é, Rebelo Júnior. Não o aproveitar nesta época de ressurgimento artístico?! Chamá-lo a ocupar o lugar a que tem jus, uma vez que a vaga está por preencher, seria a solução mais acertada e conveniente*»¹⁷⁹. O escultor em causa não ocuparia essa vaga, pois limitou-se a executar na Madeira apenas dois bustos, sendo um deles uma convencional representação do historiador Fernando Augusto da Silva, em 1955¹⁸⁰ suportado por um pedestal em cantaria — da autoria do engenheiro Raúl Araújo — mais interessante do que a própria obra.

Em suma, na década de 50 as realizações escultóricas são de pouca relevância e em número escasso. Foram apenas inaugurados, para além dos trabalhos anteriores, um busto de Barata Feyo, de 1956¹⁸¹ retratando o escritor madeirense João dos Reis Gomes, de linhas frias e austeras; e um outro em 1957¹⁸² de Delfim Maya, para o Pico do Castelo, no Porto Santo, que nada tem de assinalável, a não ser por se tratar da primeira obra escultórica inaugurada naquela Ilha.

¹⁷⁸ - Ao que parece Rebelo Júnior deixou a Madeira, ou então deixou de se dedicar à escultura. Nenhuma outra referência foi encontrada.

¹⁷⁹ - Vasco de Lucena, «A vaga da escultura está por preencher», *Das Artes e da História da Madeira*, nº 10, Funchal, 1952, pp. 30-31.

¹⁸⁰ - Inaugurado no largo de Sto. António a 6 de Janeiro de 1955.

¹⁸¹ - Inaugurada a 29 de Abril de 1956 no Jardim Municipal. Hoje transferida para os jardins exteriores do Palácio de S. Lourenço, na Av. Arriaga.

¹⁸² - Busto em homenagem a António Schiappa de Azevedo, botânico e iniciador da reflorestação no Porto Santo. A escultura foi descerrada em 17 de Julho de 1957.

Capítulo 3
1955 - 1974

3.1 – INSTITUIÇÕES CULTURAIS. A NOVA CONJUNTURA

O fim da década de 50 marca a crise generalizada do Estado Novo, coincidindo com uma abertura progressiva de Portugal ao exterior. A crescente atitude crítica e contestante em todos os sectores da sociedade, particularmente no âmbito político, traduz-se num novo alento, num despertar para a consciência da modernidade em Portugal. Culturalmente, um novo período irá começar com a criação da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1956. Novos meios de informação como a televisão, que faz a sua estreia em Portugal em 1957, abrem caminho a uma sociedade mais esclarecida, apesar de ainda subordinada a um regime totalitário.

É comum nesta época falar-se da “nova geração” que vai surgindo, na continuidade das vanguardas dos anos 40 e 50, e que terá uma expressão diversificada ao longo dos anos 60. Novas galerias como a *Pórtico, Divulgação, 111, Buckholz e Quadrante*; uma nova e inusitada actividade crítica – de que são expoentes os críticos Rui Mário Gonçalves, Fernando Pernes e Nelson Di Maggio –; as bolsas de estudo e a dinamização, trazidas pela F. C. G. são alguns dos factores que caracterizam a nova conjuntura portuguesa no tocante às artes plásticas. A estes factores junta-se uma crescente liberalização económica que conduz a um renovado incremento do mercado de arte.

Longe do centro, à Madeira irão chegar ecos desta nova dinâmica, e uma nova geração madeirense vai despertando também para os problemas da actualidade, seja ela política, económica, social ou cultural. Novas estruturas culturais surgem à par das novas preocupações e necessidades. A arte, na Região, dará os primeiros passos numa actualização que, sendo para alguns urgente, é para a maioria uma problemática demasiado distante para ser sequer equacionada.

A Academia de Belas Artes da Madeira

O primeiro passo na mudança significativa das estruturas culturais e artísticas na Região foi a criação de Cursos de Pintura e Escultura, à semelhança dos currículos praticados nas escolas continentais. Criados em 1956, estes cursos sofreram no ano seguinte a reforma do Ensino das Belas Artes que, a nível nacional, veio introduzir algumas alterações no estatuto do ensino artístico. Na Madeira, os cursos mencionados estavam incluídos na “Academia de Música da Madeira”, que a partir de então passou a

denominar-se “Academia de Música e Belas Artes da Madeira”, mais conhecida pela sigla AMBAM. O seu primeiro director foi o pintor Vasco de Lucena, na altura colocado no Funchal, como professor do ensino técnico. Sucederam-lhe o pintor Louro de Almeida, o escultor Anjos Teixeira – que se manteve ligado à escola até 1980 – e só mais tarde o pintor Justino Alves. O perfil do ensino praticado é facilmente perceptível, uma vez que Vasco Lucena e Louro de Almeida eram nitidamente académicos e Anjos Teixeira um escultor naturalista.

No primeiro ano lectivo foram matriculados vinte e dois alunos nos cursos de Pintura e Escultura. Para além do seu director Vasco de Lucena – que leccionou as Cadeiras de Pintura, Escultura e Desenho –, o quadro de docentes era constituído pelo historiador António Aragão, nas cadeiras teóricas; o engenheiro Hugo Amaral, na Geometria Descritiva; e o arquitecto Rui Góis Ferreira, na Cadeira de Desenho Architectónico. Dos primeiros alunos que nela se inscreveram – e cujos nomes estarão ligados, nas décadas seguintes, à movimentação artística regional – destacamos os escultores Franco Fernandes e Amândio de Sousa, (que irá concluir o curso no Porto), a pintora Patrícia Morris e o pintor Danilo Gouveia.

Estava criada no País, portanto, a primeira escola superior particular com equivalência, apesar de condicionada pelos exames finais, às suas congéneres do continente. À semelhança das Escolas de Belas Artes do Porto e Lisboa, os cursos eram divididos em duas fases: o Curso Geral e o Complementar. A reforma nacional de 1957 deu um estatuto superior ao ensino das artes plásticas, embora, a nível curricular, pouco se adiantou em relação a práticas académicas, que continuavam a existir em Cadeiras como o Desenho de Figura do Antigo ou a de Estilos Ornamentais.

Os resultados finais eram oficializados pela vinda dum júri, que realizava provas de exame em todas as Cadeiras. Fora estabelecido um acordo com as duas escolas do continente, que consistia na alternância de júris das referidas escolas, ou seja, um ano da ESBAP e o seguinte da ESBAL. No entanto, somente o Curso Geral era leccionado na Madeira. O Curso Complementar e os “exames de saída” eram realizados no Continente. O transtorno das deslocações impediu muitos alunos de frequentar o curso até ao fim, o que fez alguns desistir. Esta situação manteve-se na década de 60 e até 1974, data em que o corpo docente residente passou a efectuar os exames sem auxílio de júris externos. Note-se que já em 1972, tinha sido considerada suficiente a vinda de um único professor – nesse ano do Porto – como presidente dum júri constituído pelos professores aqui residentes.

As precárias condições da escola foram sendo lentamente superadas, através da insistência e interesse de alguns, e graças aos subsídios das entidades oficiais, facto que os sectores da oposição política (semi-clandestinos, na altura) sempre criticaram como inadmissível, alegando que o dinheiro do Estado não devia ser utilizado em iniciativas privadas. Mas é de reconhecer que o saldo de duas décadas, 60 e 70, permite-nos avaliar positivamente uma iniciativa que teve como mérito imediato a formação de docentes

para os diferentes graus de ensino¹⁸³. A primeira geração de professores da AMBAM formou pintores e escultores, que seriam mais tarde os professores e assistentes da mesma Academia. Nomes como Jorge Marques da Silva e Élia Pimenta são exemplo de antigos alunos que integrariam um corpo docente que seria, já dobrado o 25 de Abril, maioritariamente composto por madeirenses.

Quanto a exposições escolares, estas restringiram-se, durante a primeira década, ao próprio recinto da Academia, sendo pouco ou nada divulgadas. Contudo, e em virtude das relações desta com as Escolas de Lisboa e Porto, merece aqui referência a realização da “1ª Exposição da Escola Superior de Belas Artes do Porto” nos salões da AMBAM, em Setembro de 1962¹⁸⁴. Em 1970, a Escola local arriscava pela primeira vez uma mostra ao público de trabalhos de docentes e discentes, no átrio do Teatro Municipal. A “I Exposição Colectiva de Professores e Alunos da AMBAM” esteve patente de 30 de Abril a 10 de Maio de 1970. Expuseram os professores Justino Alves, Anjos Teixeira, Luísa Clode, J. Marques da Silva, Margarida Lemos Gomes e 27 alunos¹⁸⁵, apresentando um total de 97 trabalhos. As imagens seleccionadas para o catálogo exibem uma tendência escolar que privilegiava exercícios de composição abstractos, na sua maioria, — quer na pintura quer na escultura — e alguns estudos de figura e natureza morta.

Apesar do carácter incipiente, os trabalhos apresentados evidenciavam alguma actualização no uso de metodologias viradas para a experimentação. Justino Alves, o então director da Academia, resume no texto do catálogo os objectivos desta primeira exposição escolar: «*Durante os dois últimos anos lectivos tem vindo a tentar-se uma transformação de princípios e métodos de ordem pedagógica e didáctica, pondo-se em prática um sistema de metodologia capaz de vir a incidir num contexto de actualização plástica dos alunos, visando uma tomada de consciência dos valores correspondentes a uma formação artística de teor universal. Para atingir tais fins não se pouparam esforços, embora e por vezes a luta se tornasse desigual, tal a carência de meios humanos e materiais com que se debate para suprimir deficiências e inaptidões ...*». Apesar das circunstâncias adversas, Justino Alves reafirma que «... os princípios delineados para uma equação valorativa destes cursos foram atingidos»¹⁸⁶.

¹⁸³ - Uma grande parte dos professores efectivos (com uma percentagem deles em funções directivas) das escolas preparatórias e secundárias da Região pertenciam, na década de 70, à área das artes plásticas.

¹⁸⁴ - Esta exposição, promovida pela escola e patrocinada pela Câmara Municipal do Funchal, apresentou trabalhos de escultura, pintura, desenho e arquitectura. Júlio Resende, Armando Alves, Lagoa Henriques, Charters D’Almeida; e os madeirenses Martha Teles (pintura), Amândio de Sousa (escultura) e Rui Góis Ferreira (arquitectura) foram alguns dos representados.

¹⁸⁵ - Pela ordem do catálogo: Ana Maria, Maria do Carmo, Fátima Castanheta, Luz Afonso, Zelinda Correia, Ricardo Velosa, Gorete Jardim, Maurício, Fátima Melo, Joel Santos, Isabel Gonçalves, Teresa Valente, António Gorjão, Carmo Ramos, Irmã Ascensão Frango, Vanda Gonçalves, Isabel Tavares, Benvinda Rodrigues, Deolinda Gomes, Leonor Clode, Filomena F. Alves, Ana Paula, Francisco Simões, Filomena Alves, Irmã Emelda Franco. Muitos destes nomes ingressariam no ensino, outros irão protagonizar os acontecimentos artísticos do período seguinte.

¹⁸⁶ - In *Catálogo da I Exposição Escolar de Professores e Alunos da Academia de Música e Belas Artes da Madeira*, Funchal, 1970.

A “II Exposição Colectiva de Alunos e Professores da AMBAM” só será realizada dois anos depois, de 1 a 10 de Novembro de 1973, nos mesmos moldes da primeira. Participaram, entre outros, o escultor Anjos Teixeira e os ainda alunos Evangelina Sirgado, Maurício Fernandes e Ricardo Velosa, que farão parte, no pós-25 de Abril, do corpo docente da nova Escola Superior de Artes Plásticas.

A Sociedade de Concertos nos anos 60 e 70.

A SCM continuou o seu papel dinamizador no âmbito cultural. Porém, ao longo dos anos 60 e 70, a sua acção vai ser cada vez menos marcante. No entanto, e no campo do ensino, a SCM irá ainda criar, para além dos cursos de Belas Artes e Música já existentes, novos cursos de Línguas, alargando assim o leque da sua acção pedagógica na Região.

Coube à SCM organizar, em consonância com a Secção de Belas Artes da AMBAM, a maioria das exposições havidas na Ilha. Tenhamos em conta que, se as exposições realizadas pela SCM foram escassas em número, muitas também não foram as alternativas a estas, exceptuando as de arte contemporânea que veremos surgir, surpreendentemente, em 1966 e 1967. Assim, em 1960, inaugurou-se uma “Exposição de Porcelanas da Companhia das Índias”¹⁸⁷. Como já o tivera feito para Alfredo Miguéis, a Sociedade de Concertos organizou em 1961¹⁸⁸ uma exposição póstuma de Max Römer, falecido no ano anterior. Em 1963 foi a vez de uma outra exposição, pioneira no seu género, de “Pintura dos Séculos XIX e «românticos e impressionistas» do séc. XX”. Esta exposição reuniu pela primeira vez a pintura existente em colecções madeirenses, públicas e privadas que, com obras melhores e menos boas, constituiu uma excelente colectânea dos artistas que passaram pela Ilha, assim como dos coleccionadores locais. Constituiu, ainda, um claro testemunho do gosto vigente na Região.

Finalmente, já na década de 70 e mordazmente criticada pela imprensa de “oposição”¹⁸⁹, foi montada nos Salões da Academia uma “Exposição de cadeiras inglesas da Madeira (1702 a 1830) ” que integrou também pintura e gravura de motivos madeirenses. Significativas de uma preferência pelo passado, pelo âmbito regional e pela retrospectiva, as iniciativas da Sociedade de Concertos seriam, sem dúvida, ultrapassadas pela modernidade e arrojo de outras estruturas e acontecimentos que veremos mais adiante.

¹⁸⁷ - Realizada no Museu da Quinta das Cruzes durante os meses de Setembro e Outubro de 1960.

¹⁸⁸ - Exposição que esteve patente nos Salões da AMBAM, de 1 a 11 de Janeiro de 1961.

¹⁸⁹ - Ver o sub-capítulo seguinte (Imprensa, cultura e artes plásticas).

Todavia, a Sociedade de Concertos acalentou desde início a ideia de uma exposição de nível nacional e a futura criação de um museu de arte contemporânea, a concretizar em 1959: «Pela secção de Belas Artes da mesma Academia, pretende-se efectuar [...] uma exposição de pintura e escultura à qual poderão concorrer pintores e escultores da actualidade que para o efeito serão convidados por uma comissão a constituir»¹⁹⁰. O objectivo em vista era o de proporcionar aos alunos das Belas Artes da Madeira a oportunidade de actualizar os conhecimentos sobre arte moderna e «... quem sabe, talvez, a possibilidade de se organizar no Funchal aos poucos, um Museu de Arte Contemporânea que emparelharia ao lado dum Museu Diocesano de Arte Sacra de indiscutível valor artístico. [...] Teríamos assim como que uma escola de aprendizagem onde os alunos poderiam ver com os seus próprios olhos, quadros e esculturas dos melhores artistas da actualidade»¹⁹¹. O projecto de exposição viu-se concretizado em 1960, mas o museu de arte contemporânea não. A ideia estava, no entanto, lançada.

A SCM foi extinta, no período do após 25 de Abril, por uma conjuntura ditada por dificuldades económicas, constantes ataques de detractores e, naturalmente, pela sua resistência à mudança que os novos tempos impunham. Também, e portanto, a AMBAM seria dissolvida, e as suas três secções – de Música, Belas Artes e Línguas – daria origem a três instituições distintas, duas privadas e uma oficializada, a partir de 1977.

Imprensa, Cultura e Artes Plásticas

Existindo no Continente apenas duas publicações de grande relevo, especificamente dedicadas a questões culturais e artísticas – falamos da *Colóquio Artes* e do *Jornal de Letras e Artes* – pouco ou nada seria de esperar no resto do País.

Neste período existia na Madeira, para além da imprensa de tiragem diária – *Jornal da Madeira*¹⁹² e *Diário de Notícias*¹⁹³ – e alguns semanários, uma única publicação de carácter estritamente cultural, foi a revista *Das Artes e da História da Madeira*, órgão da SCM. Já referida no capítulo anterior, esta revista prolongar-se-á pelas décadas de 60 e 70, perdendo contudo a sua relevância, e passando de trimestral a anual até desaparecer. Importa aqui acompanhar o seu “declínio”, tendo em conta o aparecimento de um novo semanário, o *Comércio do Funchal* – que passamos aqui a denominar pela sigla CF¹⁹⁴ – e

¹⁹⁰ - «Actualidades» in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 28, Funchal, 1958, p. 81.

¹⁹¹ - Ibidem.

¹⁹² - Este Diário manteve um suplemento denominado *Página 2000* entre os anos de 1971 e 1976, coordenado por José António Gonçalves.

¹⁹³ - Existiu ainda o jornal diário *Madeira Popular*, que fora editado entre 1962 e 1977.

¹⁹⁴ - Outro semanário vocacionado, como o CF, para as problemáticas regionais foi o *Eco do Funchal* (1962-1977), que desempenhou um importante papel na edição de suplementos e pequenas tiragens de obras de autores madeirenses, nesta altura.

que, surgido em 1967, constituiu uma alternativa de difusão cultural muito mais audaz e actuante do que a velha revista da Sociedade de Concertos.

O *CF*, que ficou conhecido pelo público como o “Jornal cor-de-rosa”¹⁹⁵, desempenhou um papel fundamental na formação da opinião pública, durante o conturbado período da “primavera marcelista”, pois foi um dos veículos mais importantes na contestação social e política ao regime salazarista ao nível local, e mesmo nacional. Com um corpo redactorial jovem e insatisfeito com o *status quo*, o “cor-de-rosa” abordou de forma clara e inédita, os problemas socio-económicos da Madeira tais como o turismo, a emigração, a crise da agricultura e outros, assim como grandes questões nacionais e internacionais¹⁹⁶. Apesar de generalista, este periódico deu uma importância considerável às questões da cultura¹⁹⁷. A educação, as artes, o espectáculo e as tradições culturais foram também temáticas constantes no *CF*, colocadas frequentemente ao público em forma de debate.

Através de extensas reportagens e inquéritos, o *CF* atraía a atenção dos leitores para os problemas da Região. Logo no seu primeiro ano, o *CF* lançou o primeiro de vários inquéritos, que tratava da situação cultural madeirense¹⁹⁸, entrevistando personalidades ligadas à cultura local. Os inquiridos foram, entre outros: José Maria Silva, director do Cine-Forum; Luísa Clode, escultora e docente da AMBAM; Ara Gouveia, aluno da Academia; Amândio de Sousa, escultor; e António Aragão, então director do Arquivo Regional da Madeira. As respostas foram publicadas no *CF*, entre Junho e Setembro de 1967¹⁹⁹.

¹⁹⁵- O *CF* era impresso em papel de cor rosa, apresentando assim uma imagem diferente, arejada e, subtilmente próxima do vermelho, cor-símbolo da ideologia esquerdista, que o jornal perfilava.

¹⁹⁶ - Sobre este semanário ver o nosso trabalho, *A opinião pública na Madeira e o jornal cor-de-rosa (1967-1975)*, Funchal, 1996 (realizado no âmbito do Mestrado de História da UMA).

¹⁹⁷ - O *CF* editou, logo no seu primeiro ano, o suplemento literário *A Pedra*, que já tinha sido editado antes pelo *Eco do Funchal* em 1965. Este suplemento, como o nome sugere, pretendeu ser uma “pedrada no charco” do marasmo cultural.

¹⁹⁸ - O inquérito constava no seguinte questionário-base:

- *Que pensa da situação actual da cultura da Madeira?*
 - a) *Que aspectos definem esta situação?*
 - b) *Como encara o futuro desta situação e que soluções propõe?*
- *Como encara o problema do ensino das Belas Artes, na Madeira?*

¹⁹⁹ - A seguir transcrevemos os excertos que constituíram a manchete de cada um dos artigos:

- José Maria Silva «*O estado precário da situação actual da cultura na Madeira deve procurar-se em primeiro lugar, na própria estrutura do homem madeirense*» in *CF*, 25/06/1967, p. 2.

- Luísa Clode «*Há que criar o gosto pelas manifestações artísticas através da sua promoção entre nós*» in *CF*, 09/07/1967, p. 1.

- Ara Gouveia «*A Academia de Belas Artes da Madeira tem um caminho a tomar: fechar-se pura e simplesmente*» in *CF*, 30/07/1967, p. 1.

- Amândio de Sousa «*Será sempre de maior dificuldade usarem-se termos de cultura quando se pressupõem ainda no seu estado verdejante, problemas de infra-estrutura um dos quais, gravíssimo – o do analfabetismo*» in *CF*, 03/09/1967, p. 1.

O resultado deste inquérito era previsível. Grosso modo, todos assinalavam que os problemas da cultura, e das artes, no meio local passavam pela falta de dinamização, ausência de instituições e impreparação do público. Em suma, a situação era a de atraso cultural. Um dos inquiridos supracitados, Ara Gouveia, aproveitou para incluir na sua resposta uma dura crítica à Academia de Belas Artes, na sua condição de ex-aluno. Os ataques, assaz desmedidos, desencadearam uma polémica com o director da AMBAM, Louro de Almeida — e ainda outros intervenientes — durante os meses de Julho e Agosto desse ano²⁰⁰.

Também os artigos sobre exposições de artes plásticas tiveram um pendor crítico aguçado, que ultrapassava as questões estéticas para atingir, sobretudo, os governos e as suas ideologias. Este carácter polemizante foi visível num artigo sobre a “Exposição de Cadeiras Inglesas da Madeira” nas então novas instalações da Academia, onde o autor, sob um pseudónimo, critica a exposição, perguntando «*para quê uma exposição de cadeiras, ou seja de peças de uso nitidamente utilitário na “inauguração” das novas instalações da Academia de Música e Belas Artes? Será que a Academia vai propor a arte das cadeiras? Das cadeiras antigas? E sobretudo das cadeiras inglesas?*»²⁰¹.

Para além das questões insulares, o jornal “cor-de-rosa” esteve atento, assim como o *Eco do Funchal*, seu mais próximo — e menos irreverente — concorrente, às duas grandes exposições de arte portuguesa nacional, como veremos mais adiante. O pintor e crítico português Eurico Gonçalves manteve uma intermitente colaboração com o *CF*, entre 1970 e 1973, escrevendo artigos de divulgação das novas tendências artísticas, de dentro e fora de Portugal.

Neste contexto de renovação jornalística, a revista *Das Artes e da História da Madeira* teria necessariamente outro público e outro alcance. Mais vocacionada para a história, o património e as tradições madeirenses, esta revista publicou poucos artigos sobre arte contemporânea, à excepção de alguns textos que se dividiram entre os que esclareciam sobre as formas de arte mais recentes, e os que se empenharam em condená-la como arte “degenerada”, segundo as ideologias vigentes. Sem recorrer a polémicas, e muito menos a críticas ao regime, que tacitamente aceitava, a *Revista Das Artes e da História da Madeira* cumpriu uma importante missão na recuperação do passado regional, mas, como única

- António Aragão «No Funchal andamos ainda como no Séc. XVIII, no que respeita a Museus (e sabe-se lá quanto a outras coisas mais!) guardando "velharias" bonitas, mais ou menos bem expostas, para regalo do forasteiro. Mas um museu não é nada disto» in *CF*, 24/09/1967, p. 4.

²⁰⁰ - Das cartas publicadas pelo *Comércio do Funchal*, que elucidam muito bem esta polémica, deixamos aqui referência das principais:

- Ara Gouveia, *Resposta ao inquérito*, 30/07/1967, p. 1.
- Louro de Almeida, *Carta a Ara Gouveia*, 06/08/1967, p. 4.
- *Nota da Redacção à carta do prof. Louro de Almeida*, 13/08/1967, p. 7.
- Irene Lucília, *Carta a Ara Gouveia*, 27/08/1967, p. 5.

²⁰¹ - J. França (possível pseudónimo usado por António Aragão), «Cadeiras inglesas na Madeira - Uma exposição à Ionesco?», *Comércio do Funchal*, 13/06/1971, pp. 5-6.

publicação cultural, falhou na atenção ao presente, facto que o *CF* chamou a si, desde início.

Em 1972 foi reeditada²⁰² uma separata daquela revista, intitulada *Arte religiosa na Madeira*, onde fora inserido um artigo bem elucidativo da resistência da Igreja em relação à inovação e criatividade. O artigo critica duramente um presépio apresentado na montra de uma casa comercial da Cidade, no Natal de 1971. A julgar pela fotografia que acompanha o artigo, tratava-se de uma solução original e até de bom gosto. Os comentários que passamos a transcrever dão-nos, sem dúvida, a caracterização de uma sociedade fechada a novas ideias. Ideologia religiosa e política confundem-se, na sua persistente intransigência e intolerância: «... Não há dúvida que atravessamos uma era de ameaçadora decadência em todos os sectores da vida humana: social, político, religiosos, moral e estético. Contribuem para tão grande crise colectiva os indiferentes à Religião e os divorciados da Pátria»²⁰³. Por esta razão o autor só poderá ver como um deslize a organização daquele Presépio «... sem sentido nenhum religioso, sem concepção artística, um Presépio feito de tubos e canudos de folha-de-flandres, cortados à tesoura dum picheleiro com que se pretendeu figurar nesses pedaços de lata seres humanos, profanos e divinos, o Deus Infante e pastores bíblicos, segundo o rótulo patente e apenso àquele aglomerado exótico sem conceito algum de religião nem de arte, uma manifestação herética e ridiculizadora da Religião e da estética».

A censura não se fez esperar, e a inovação mais uma vez viu-se obrigada a sair de cena: «... Felizmente, um critério de bom senso e reconhecimento da paródia e da farsa, retirou da respectiva montra aquela exposição irreverente, sectária e ateia. Não era mais que um insulto a Deus, o protector da nacionalidade portuguesa, uma negação do mistério sagrado da Encarnação divina e da Redenção da Humanidade. Nem arte nem fé»²⁰⁴.

Até finais da década de 60, esta revista manteve um figurino idêntico ao da sua primeira edição, quase vinte anos atrás. A capa de Max Römer, já ultrapassada em termos gráficos, estava longe da modernidade do *CF*, de Design arejado, moderno e apelativo. Embora com objectivos e estratégias diversas, estas duas publicações foram partilhando o panorama editorial, no que diz respeito ao âmbito cultural. Contudo, ao longo dos anos 70, ambas foram perdendo público e credibilidade.

A revista *Das Artes e da História da Madeira* passou a ser editada anualmente – no início fora bimensal – até desaparecer em 1972, por falta de verbas e talvez, principalmente, pelo esgotamento de uma linguagem conservadora, que já não era tida como verdade infalível, num período de crescente descontentamento, como o foi esta década. Por seu lado, e não descurando a sua relevância na luta contra o regime, o *Comércio do Funchal* caiu no exagero oposto àquela. O descontentamento e a crítica

²⁰² - Trata-se da segunda edição. Não temos informações acerca da primeira edição.

²⁰³ - «Presépio irreverente» in Eduardo C. N. Pereira, *Arte Religiosa na Madeira* (separata da revista *Das Artes e da História da Madeira*), 2ª edição, 1972, p. 36.

²⁰⁴ - *Ibidem*.

construtiva foram dando lugar ao ataque constante e indiscriminado. O CF assumiu, a partir de 70, uma atitude esquerdista cada vez mais politizada, transformando-se num órgão panfletário, que as partidarizações e quezílias internas acabaram por extinguir em 1975.

O Cine Forum do Funchal

O “Círculo de Cinema”, primeiro cineclube português, foi fundado em Lisboa em 1946 e teve curta duração. No ano seguinte foi a vez do Porto. A Madeira teria o seu “Cineclube do Funchal” que, inaugurado em 1955²⁰⁵, estaria, de certa forma, na origem do Cine-Forum. Inicialmente fundado como cineclube em 1966, este organismo privado alargou a sua actividade à música e às artes plásticas, apostando nas manifestações contemporâneas. O Cine-Forum foi, no nosso País, o primeiro cineclube a promover debates públicos após as sessões de cinema. Era mais importante a troca de ideias e discussão sobre o filme do que a sua simples projecção.

Em menos de um ano de actividade, o Cine-Forum ultrapassava já as suas instituições congéneres do continente, em número de sessões de cinema apresentadas, entre as quais retrospectivas e ciclos, onde se incluíram os debates públicos. O seu presidente, José Maria da Silva reconhecia em 1967 que um clube deste tipo era uma *«iniciativa arriscada»* no Funchal, atendendo à falta de meios técnicos e humanos. Apostar unicamente no cinema era, segundo o mesmo, especializar demais uma instituição que actuava num meio como o nosso, na generalidade desprovido de bases culturais mínimas.

Assim, o Cine-Forum *«procurará uma preparação filosófica e humanística [...] Procurará estender a sua acção a outros domínios, talvez a começar pelo teatro, como a literatura em geral, a poesia, as artes plásticas, etc.»*²⁰⁶. Mais tarde, o âmbito da sua acção seria alargado à música e dança contemporâneas. Na área musical, por exemplo, foram realizados alguns concertos que trouxeram ao Funchal notáveis expoentes da música concreta, como John Cage.

Inicialmente integrado no Cine-Forum, surgiu o projecto de uma “Casa da Cultura” que iniciou a sua actividade em 1972. Segundo o presidente do Cine-Forum *«... a Casa da Cultura propõe-se para já a iniciativas várias, como a realização de concertos de música contemporânea e de exposições dos mais significativos artistas plásticos portugueses, além de ter em vista a criação de uma revista de cultura e vários núcleos de estudos dedicados à economia,*

²⁰⁵ - Foram membros fundadores os arquitectos Marcelo Costa (presidente da Assembleia Geral) e Gilda Góis Ferreira, o historiador António Aragão, João Pestana e Maria Eduarda Tomás de Sousa.

²⁰⁶ - In «Situação da vida cultural da Madeira», *Comércio do Funchal*, 25/06/1967, p. 4.

geografia e a história»²⁰⁷. Esta instituição poderia ter desempenhado um importante papel em matéria de artes plásticas, mas afundou-se em variadas questões burocráticas, desistências e faltas de apoio, que acabaram por gorar o projecto.

Num artigo do *Comércio do Funchal* louvava-se esta iniciativa, destacando-a de um passado cheio de decepções: «*Não se põem dúvidas ao que este programa significa de espírito de iniciativa e vontade clara de abrir o meio local a manifestações de carácter contemporâneo – o que constituiu uma absoluta novidade, sabendo-se que até hoje, e salvo esporádicas excepções, os órgãos “culturais” existentes na Madeira se destacaram sobretudo pelo reaccionarismo ou a sua absoluta ausência de actividade*»²⁰⁸

Jorge Marques da Silva, um dos membros fundadores desta instituição, salientou o papel do Cine-Forum, como sendo um dos poucos organismos responsáveis pela dinamização da cultura na Madeira. Afirmava também que existia um público madeirense ávido de novas propostas e experiências culturais: «*Agora, no momento presente, parece que o Funchal acorda para os problemas culturais, fortificado pelo repouso, cheio de curiosidade e vontade de redescobrir*»²⁰⁹. Nesta linha de pensamento, J. Marques da Silva conclui exemplificando: «*Após as projecções do Cine-Forum, dá-se início em horas em que o corpo já pede repouso, a debates e considerações sobre arte cinematográfica; e a assistência mantém-se estoicamente nos seus lugares, com firme vontade de ouvir*»²¹⁰.

No início da década de 70 foi ainda criado, no seio do Cine-Forum, um “Círculo de Artes Plásticas” e, neste contexto, foi organizada uma primeira exposição com artistas madeirenses. O “I Salão de Artes Plásticas do Cine-Forum Juvenil” foi inaugurado no Teatro Municipal do Funchal, em Junho de 1970. A experiência foi repetida em 1971, no mês de Maio e no mesmo espaço. Seria o segundo e último salão de artes plásticas do Cine-Forum, onde foram apresentadas pinturas e fotografias de jovens madeirenses²¹¹, quase todos estudantes da Academia. Curiosamente, este “Salão”, como outras iniciativas aqui já referidas, só conseguiria atingir uma segunda edição.

Projectos sem continuidade

²⁰⁷ - «Casa da Cultura para quê?», *Comércio do Funchal*, 16/01/1972, p.13.

²⁰⁸ - Ibidem.

²⁰⁹ - Jorge M. da Silva, «Acerca da II Exposição de Arte Moderna Portuguesa», in *Diário de Notícias*, Funchal, 21/01/1967, pp. 1-3.

²¹⁰ - Ibidem.

²¹¹- Participaram com pintura Eugénia G. Silva, António José Gomes, “Dualisa”, Aura V. de Freitas, Maria do Carmo, Leonor Clode, Maurício, Luz Afonso, Isabel Faria, Gorete Jardim, Tavares da Silva, Vanda Gonçalves, Vieira e Fátima Castanheta.

No verão de 1964, o Funchal é surpreendido com a inauguração da *Galeria de Artes Decorativas Tempo*. A exposição inaugural, denominada *Sete Pintores Portugueses*, apresentou trabalhos de Manuel Mouga, Jorge Pinheiro, Espiga Pinto, Manuel Pinto, José Rodrigues, Ângelo Sousa e Júlio Resende. O escultor madeirense Amândio de Sousa, recém diplomado pela Escola de Belas Artes do Porto, foi o responsável por esta primeira galeria de arte moderna no Funchal.²¹² O projecto incluía duas vertentes, a venda de objectos decorativos de Design moderno e um espaço para exposições temporárias. A *Tempo* seguiu o figurino de loja/galeria, já usual no continente. No entanto, ao longo desta década, um novo conceito, o de livraria/galeria, estava já a emergir em Lisboa, com galerias como a *Buchholz* e a *Divulgação*.

Não se conhecem mais exposições de nível nacional nesta galeria funchalense, que encerrou pouco tempo depois. Mais uma vez, os bons propósitos não tiveram continuidade, apesar do optimismo de então, presente nas palavras de António Aragão: «... Quando uma Galeria de Arte se propõe estar no nosso meio Ilhéu, de geografia tão limitada e se deixa ficar mesmo de frente para nós [...] Tempo intenta inaugurar-se no Tempo, no nosso tempo, com uma exposição de um grupo de artistas pintores mais ou menos representativos [...] numa linguagem portuguesa, em relação a certas correntes duma arte dos nossos dias»²¹³.

Outros espaços de vocação comercial, como a hoje desaparecida *Decorama* — que trouxe ao Funchal mobiliário e objectos contemporâneos — e as *Galerias Mundus*, adentro do mesmo tipo, deram o seu contributo para a renovação de um gosto geralmente desinformado e estagnado no século passado. Neste último espaço comercial chegariam a ser realizadas exposições de artistas locais, e por ele passaram alguns continentais mais ou menos conhecidos, entre eles António Palolo, em 1967²¹⁴.

Integrada na lógica do turismo cultural, que tanto se apregooou nesta altura, a construção de um moderno empreendimento turístico trouxe consigo uma curiosa iniciativa de divulgação das artes plásticas. Logo em 1973, a Sociedade de Empreendimentos Turísticos MATUR, em Machico, organizou uma “Exposição colectiva de pintura, gravura e cerâmica”, trazendo à Região nomes como Camila Loureiro, Artur Bual, Artur José, Mário Silva e Jorge Brandeiro²¹⁵. Chegará ainda a ser realizada uma 2ª exposição colectiva em Dezembro do mesmo ano, desta vez convidando-se também artistas locais, quase todos alunos da AMBAM. Nesta exposição encontramos nomes

²¹² - Ressalvemos a “galeria de arte” do antigo Casino Pavão, em 1922. Ver Capítulo 1.

²¹³ - Catálogo da exposição *Sete Pintores Portugueses*, Funchal, 1964.

²¹⁴ - Cf. «António Palolo - pintor das máquinas absurdas», *Comércio do Funchal*, 23/07/1967, p. 2.

²¹⁵ - Estes artistas doaram obras para a constituição do futuro Museu-MATUR, que ficaria instalado no próprio edifício do Hotel Atlantis, propriedade deste complexo turístico. Outros artistas que expuseram: Kira, Malangatana, Boavida Amaro, Manuela Pinheiro, Pedro Empis, Ribeiro Farinha, Pádua, Moita de Macedo e David D’Almeida.

como Isabel Santa Clara, Maurício e Evangelina²¹⁶, que seriam mais tarde professores do ensino superior artístico.

O intervalo temporal entre as duas colectivas, apenas de três meses, parecia prometer uma alteração no panorama insular — onde raramente aconteciam exposições — para além de ter sido uma das primeiras experiências de descentralização em relação ao Funchal. No entanto, a ideia da criação de um Museu MATUR, a constituir com obras doadas pelos expositores, não foi mais do que uma experiência fugaz que, também neste caso, não passou da segunda edição.

A utópica “Casa do Artista”

Na sequência das exposições de pintura moderna realizadas no Funchal, e das quais falaremos no ponto seguinte, surgiu aquela que parece ter sido a primeira tentativa séria para criar uma estrutura cultural de apoio, e divulgação, das manifestações de vanguarda. O projecto veio de fora e encontrou o entusiasmo de algumas pessoas ligadas às artes na Região, nomeadamente o escultor Amândio de Sousa e o historiador António Aragão. Repleto de boas intenções, utopia há muito acalentada por alguns, este ambicioso projecto acabaria por não ver a luz.

A ideia partiu de Victor Lacks²¹⁷, jornalista francês e crítico de arte que já conhecia a Madeira de visitas anteriores. Em Dezembro de 1967 deslocou-se de novo ao Funchal para propor a criação de um centro cultural, a funcionar como local de reunião de artistas internacionais, o que permitiria a criação e conseqüente divulgação da pintura e escultura contemporâneas. O crítico francês fez-se acompanhar de um grupo de intelectuais entre os quais estava o nome sonante de Michel Tapiés de Celeyram²¹⁸. Para o efeito tinha sido criado em Paris um “comité francês” constituído pelo próprio Victor Lacks; Michel Tapiés; Michel Ragon, presidente do Sindicato dos Críticos de Arte e Comissário Francês para as Bienais de Veneza e São Paulo; Jean Clarence Lambert, crítico e redactor-chefe da revista *Opus International* e Denys Chevalier, crítico e responsável pelo “Salão de Nova Escultura” de Paris. A comissão madeirense era formada por António Aragão, o escultor Amândio de Sousa, o arquitecto Keil do Amaral

²¹⁶ - Participaram também Conceição Ramos, Fátima Castanheta, Luísa Clode, Francisco Simões, Tolentino, Palmira Telo e Leonor Clode. Os artistas do continente foram Carlos Lança, Armando Loureiro, Helena de Sá, Isabel Laginhas, Quina, Victor Pi, João Estrócio, Sobral e Eduarda Feio.

²¹⁷ - Jornalista francês e crítico de arte, organizador do Salão de Pintura e Escultura de Paris, “Salon Comparaisons”.

²¹⁸ - Crítico e director do Centro Internacional de Investigação Estética. Outros convidados: Manoel Litran, repórter do *Paris Match* e M. Zeiler, amador e coleccionador de Arte, fundador do “Comité Français de l’Elegance”.

— que se encontrava a trabalhar na Ilha — e o presidente do Cine-Forum do Funchal, Dr. José Maria da Silva.

As sessões de trabalho, os diversos encontros e as visitas que se realizaram na Madeira entre os delegados e outros responsáveis, nos finais de 1967²¹⁹, traduziram-se num relatório/projecto que definia as intenções, logo na primeira página, de criar na Madeira «... *um Centro Cultural moderno e de alto nível é fazer desta ilha um centro de atracção mundial. É assegurar-lhe uma expansão duradoira com a ajuda dos meios legítimos, dado que as belezas naturais do lugar e os princípios de um eterno humanismo, serão os instrumentos essenciais dessa realização*»²²⁰. Interessava, portanto, encontrar na Ilha um local que reunisse concretamente estas condições.

Desde logo, o interesse turístico impôs-se como vector principal: «*Um exame geral da situação levou a uma escolha: a baía de Machico, situada num quadro privilegiado que a legenda [sic] e a história exaltam, e constitui, já por si próprio, um ponto de atracção turística. À beira de águas tranquilas e de acesso fácil, afastado do ruído da capital e do tráfego, no entanto, bastante próximo do aeroporto — um forte ergue aí as suas muralhas frente ao oceano. [...] Verificamos que ele podia prestar-se admiravelmente aos fins desejados*»²²¹».

Neste espaço estariam contidas zonas de exposição e conferências; dois ateliers para artistas e alojamento para os mesmos; recepção e escritório; salão/biblioteca com arquivos; sala de convívio; câmara escura; oficina de cerâmica; depósito e cantina. Tudo isto fora pensado cuidadosamente, até ao pormenor orçamental. Outros lugares foram apontados como possíveis alternativas ou complementos a este centro: «*Entre estes, surgiu a hipótese de que as pousadas situadas no campo, poderiam constituir apreciáveis dependências, oferecendo aos artistas e intelectuais possibilidades de trabalhos em condições de tranquilidade absoluta, e permitindo-lhes beneficiar ao máximo dos atractivos naturais da ilha. Uma quinta situada no Funchal, próxima do Casino, foi-nos também indicada e reteve vivamente a nossa atenção*»²²².

O desenvolvimento deste programa comportaria uma instalação no Forte de São João em Machico, destinada à elaboração de trabalhos artísticos e sua exposição. Estava também prevista uma outra instalação, a construir no Funchal, como prolongamento da primeira, e que a completaria «... *ganhando a forma de museu vivo de arte moderna, organizado com o objectivo de manifestações de nível e de investigação cultural e que, como uma chamada directa e imediata a todos os visitantes, iria integrar-se no conjunto de riquezas culturais e turísticas da cidade*». O turismo não estava esquecido, obviamente.

²¹⁹ - Os encontros realizaram-se de 11 a 16 de Dezembro de 1967.

²²⁰ - *Casa do artista - Relatório conjunto do comité francês e da comissão madeirense*, (fotocópia do original dactilografado, não encadernada), ARM, 1968.

²²¹ - *Ibidem*, p. 1.

²²² - *Ibidem*, p. 2.

Manifestações artísticas especiais, de preferência subordinadas a temas propostos, deveriam ocupar lugar importante nos programas previstos, tanto no Funchal como em Machico: «... Todos os anos, dez artistas seriam convidados a virem aí trabalhar, ficando propriedade do Centro uma das obras. Sem distinção de nacionalidades, os artistas seriam convidados simultaneamente pelo “comité” francês e pelo “comité” madeirense, segundo um regulamento estabelecido pelas duas partes». Assim, constituir-se-iam, pouco a pouco, colecções de arte que «... representariam um investimento de valor apreciável». Os artistas convidados teriam direito a expor as suas obras «... a fim de permitir ao público tomar conhecimento das expressões artísticas de um novo artista chegado. Desta maneira, estabelecer-se-iam plataformas de entendimento, melhor definidas em posteriores e possíveis colóquios com o artista»²²³.

Este projecto despertou o interesse da opinião pública e foi assunto várias vezes tratado na imprensa regional, e mesmo a nível nacional. O *Diário de Notícias* de Lisboa, de 09/12/1967, divulgou a «Criação de um Centro Cultural internacional na Ilha da Madeira». Por sua vez o *Primeiro de Janeiro*, no mesmo dia, disse que: «A Casa do Artista chamará à ilha da Madeira a arte moderna (e talvez) o turismo de qualidade», colocando novamente a questão do turismo cultural e, no fim do artigo, conjecturando o possível pioneirismo da Região: «*Irá a Madeira ter – primeiro que a capital – um museu de arte moderna propriamente dita?* ». A muito curto prazo a resposta afigurar-se-ia negativa.

Não será ainda este projecto a concretizar aqueles sonhos, há muito alimentados. A “Casa do Artista” caiu irremediavelmente no esquecimento, mercê de sucessivos entraves burocráticos e sobretudo, financeiros. No semanário *CF* encontramos o derradeiro artigo sobre este assunto, que lamentava a situação: «... A Casa do Artista, por força da incompreensão e da apatia, pode agora considerar-se situada, algures, no mapa das nossas ilusões. Ilusões, porém, que outros, noutras latitudes, vêm convertidas em realidades: as Canárias vão ter a sua Casa do Artista, e vão tê-la porque à indiferença madeirense correspondeu, nas ilhas vizinhas o interesse e a protecção oficiais imprescindíveis»²²⁴.

²²³ - Ibidem. p. 3.

²²⁴ - «A Casa do Artista na Madeira/As ilusões do passado e o desencanto do presente», in *Comércio do Funchal*, 17/11/68, pp. 11-12.

3.2 – ARTE CONTEMPORÂNEA NO FUNCHAL

Nos anos 60, a arte portuguesa aposta francamente na diversificação. Nomes como os de Paula Rego, Rodrigo, Noronha da Costa, Helena D’Almeida, Alberto Carneiro e Artur Rosa são bons exemplos dessa multiplicação de percursos. Nesta altura, o Funchal dá os primeiros passos numa actualização sem precedentes, contactando com obras marcantes da arte portuguesa do Século XX, através de importantes exposições trazidas do continente – e algumas do estrangeiro – e, sobretudo, pela realização de duas grandes exposições de pintura moderna portuguesa no Funchal, em 1966 e 1967.

Neste âmbito, a experiência pioneira foi da responsabilidade da SCM, que integrou nos seus segundos festivais de Música uma exposição de artes plásticas de nível nacional. Esta “I Exposição Nacional de Pintura” realizou-se na Quinta Vigia, no mês de Junho de 1960. Em colaboração com a SNBA, cujo conselho técnico seleccionou as obras²²⁵, foram expostos trabalhos de 43 artistas²²⁶, sendo um deles o madeirense António Aragão. Foi formado um júri composto por Luís Peter Clode, presidente da SCM; Emanuel Paulo Ramos; o pintor João Lemos Gomes (Melos); e da AMBAM os professores Louro de Almeida e Anjos Teixeira.

Atribuíram-se prémios em duas modalidades: na pintura “tradicionalista” foi premiado Silva Lino, e na vertente “modernista” Albertina Mântua, uma madeirense que trabalhava por esta altura nos domínios da abstracção informalista. Os prémios não reverteram em aquisições, e por esta razão não foi constituído qualquer espólio. Esta exposição, caída no esquecimento, foi uma espécie de embrião, por assim dizer, dos “Grandes Prémios do Funchal”, seis anos mais tarde, muito mais determinantes no contexto regional, e nacional inclusive.

Seguiu-se a exposição itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian que “passou” pela Madeira entre Outubro e Dezembro de 1962. No catálogo estão patentes as

²²⁵ - Júri formado por Abel Manta, Silva Lino, Júlio Pomar, Jorge Vieira e Chorão Ramalho. Cf. *Diário de Notícias*, Funchal, 16/07/1960.

²²⁶ - Expuseram: Albertina Mântua, Albertino Guimarães, Álvaro Perdigão, António Aragão, Anibal Alcino, António Charrua, Artur Bual, Belas Tavares, Cândido Costa Pinto, Celestino Alves, Fernando Azevedo, Fernando Conduto, Fernando José, Fortunato Anjos, Gisella Santi, Guadalini Marino, Hilário, Jaime Ferreira, Jaime Morteira, João Barata, João Hogan, João Pedro Veiga, Jorge Martins, José Júlio, José Ribeiro, Júlio Santos, Lauro Corado, Louro de Almeida, Machado da Luz, Manuel Baptista, Manuel Damásio, Manuel Guimarães dos Reis, Margarida Vigoço, Marques Perdigão, Menez Ribeiro da Fonseca, Querubim Lapa, Rogério Ribeiro, Silva Lino, Teresa Sousa, Tullio Vitorino, Vespeira e Waldemar da Costa.

intenções de divulgação da arte portuguesa no território nacional, numa iniciativa inusitada e louvável: «*Concretizada uma aspiração que vinha acalentando, a Fundação Calouste Gulbenkian elaborou um plano de exposições itinerantes que se começa a cumprir com a apresentação, nos principais centros dos Açores e da Madeira, antes mesmo que no Continente, de um conjunto de obras de arte portuguesa contemporânea, de pintura, desenho e gravura*». A importância desta exposição residiu no seu carácter pedagógico, mostrando uma selecção diversificada e retrospectiva da arte portuguesa do século XX.

Desta forma a Madeira começava a tomar contacto, mesmo que a grandes intervalos, com a modernidade artística. Assim, no Funchal puderam ver-se pinturas de Almada, Lourdes Castro, Carlos Botelho, Artur Bual, Júlio Resende, Júlio Pomar, Eduardo Viana, Dordio Gomes, Abel Manta, Costa Pinheiro e Fernando Azevedo, entre outros.²²⁷ No ano seguinte, a XXVI Missão Estética de Férias veio à Madeira trazendo, entre outros, Alberto Carneiro.

Neste tímido ambiente de renovação vão acontecer, num jogo de acasos felizes, as duas grandes exposições de arte moderna portuguesa dos anos 1966 e 1967, que, infelizmente, não tiveram continuidade, para além da segunda edição.

I Exposição de Arte Moderna Portuguesa no Funchal

Esta Exposição partiu da iniciativa da Delegação de Turismo da Madeira, sob o patrocínio da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e da Câmara Municipal do Funchal. A Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa colaborou estabelecendo os critérios de selecção das obras. O esforço desenvolvido por estas entidades proporcionou o acontecer inédito de arte numa cidade pouco habituada ao contacto com a vanguarda artística.

As personalidades responsáveis foram, em primeira instância, os elementos da comissão organizadora das “Festas de Fim do Ano”, composta pelo artista e historiador António Aragão e o representante da Delegação de Turismo da Madeira, Carlos Lélis Gonçalves. Este último, é justo salientar, foi o principal impulsionador desta iniciativa²²⁸.

²²⁷ - Outros expositores: Celestino Alves, D'Assumpção, Manuel Bentes, Flor Campino, António Charrua, Demeé, Gonçalo Duarte, Estrela Faria, Rui Filipe, Hogan, Alice Jorge, José Júlio, Jorge Martins, Menez, Clementina C. de Moura, Maria Eugénia Noronha, Emmerico Nunes, Mário de Oliveira, Nuno de Siqueira, António Soares, Vespeira, João Vieira. Estiveram presentes com desenhos: Santiago Areal, Jorge Barradas, Fernando Lemos, Bernardo Marques, Mily Possoz e Relógio. Na gravura Fernando Conduto, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro, Bartolomeu dos Santos e Maria Velez.

²²⁸ - Carlos Lélis (1932 -) nasceu no Funchal e é licenciado em Filosofia Românica pela Faculdade de Coimbra. Foi professor do Liceu Nacional do Funchal, vindo a ser, no pós 25 de Abril, secretário regional da Educação e Cultura. Residiu temporariamente na França, como Leitor de Português; assim como na Roménia, onde esteve destacado como adido cultural.

O apoio oficial ficou a dever-se ao então presidente da mencionada Delegação de Turismo, José R. Basto Machado. Por outro lado, a SNBA colaborou trazendo à Madeira o crítico de arte Fernando Pernes, secretário-geral daquela instituição.

Os prémios foram instituídos, conjuntamente, pela Câmara Municipal do Funchal, a Junta Geral e a Delegação de Turismo. Ficou estabelecido um “Grande Prémio da Cidade” de vinte mil escudos²²⁹, até à data um dos mais altos quantitativos para premiar obras de arte em Portugal, e que incluía a aquisição da obra premiada pela Junta Geral do Distrito. O júri foi composto por José-Augusto França, naquele tempo o historiador e crítico de arte mais conceituado do país; Fernando Pernes, também crítico; e dois madeirenses, António Aragão e Carlos Lélis. A exposição foi inaugurada a 7 de Janeiro de 1966, em local improvisado, no centro da cidade. O espaço, num segundo andar de um prédio particular na Rua Dr. Fernão de Ornelas, reunia boas condições para um evento desta natureza e levantou novamente a questão da falta de um local próprio para exposições no Funchal, assunto que já tinha preocupado as gerações anteriores.

A ampla cobertura da imprensa regional antes, durante e depois da exposição, mostra claramente o ineditismo de um acontecimento deste tipo numa cidade como o Funchal. Durante vários dias, o evento foi assunto de primeira página no *Diário de Notícias*²³⁰ e no *Jornal da Madeira*, principais órgãos de informação local, e mereceu ainda um suplemento, organizado por António Aragão, no semanário *Eco do Funchal*. A divulgação da exposição passou por uma ampla cobertura com entrevistas, resumos biográficos dos artistas premiados, excertos da acta do júri, transcrição das conferências e colóquios promovidos por J. Augusto França e Fernando Pernes, assim como alguns artigos de síntese crítica.

Nesta exposição estiveram presentes cerca de setenta pinturas e trinta expositores dos quais se destacam António Areal, Manuel Baptista, Artur Bual, Carlos Calvet, Manuel Cargaleiro, Alice Jorge, Álvaro Lapa, Menez, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Júlio Pomar, Paula Rego, Joaquim Rodrigo, Artur Rosa, Nuno Siqueira, Nikias Skapinakis, e extra-concurso, por ser elemento do júri o madeirense António Aragão. Não esteve representado, de modo algum, todo o fenómeno artístico contemporâneo. No entanto, o leque apresentado foi bastante elucidativo dos novos caminhos que arte portuguesa tomava na altura.

Foi contemplada com o Grande Prémio a pintura “Guarda Nocturno”, de Joaquim Rodrigo. Em relação à obra premiada o júri: «... resolveu por unanimidade atribuir o Grande Prémio do Funchal ao quadro nº 11, “Guarda Nocturno” do artista Joaquim Rodrigo, considerando que esta obra se encontra bem integrada num conjunto de quatro quadros de

²²⁹ - O “Grande Prémio” incluía ainda uma estadia de duas semanas na Madeira. Os segundo e terceiro prémios eram de aquisição e tinham o valor de quinze mil escudos cada um.

²³⁰ - Cf. «A Exposição de Arte Moderna Portuguesa» in *Diário de Notícias*, 04/01/1966, Funchal, p. 1.

idêntico teor estético, além de ser altamente válida em si própria, constitui um documento notável da evolução da pintura moderna em Portugal. Com efeito, datado de 1961, este trabalho situa-se entre os que definem, no seu início, uma importante proposta de “pop art” só depois generalizada na América e na Europa.»²³¹.

O segundo prémio de aquisição foi atribuído a Artur Rosa com “Abertura para um espaço ilusório”, um trabalho pioneiro de *op art* em Portugal. O quadro “Estudo para um Humanómetro” de Nuno Siqueira, síntese de figuração e abstracção no domínio da escrita caligráfica, recebeu o terceiro prémio.

Assim, as obras premiadas e adquiridas nesta primeira exposição tornaram possível o nascimento de uma colecção pública de arte contemporânea na Ilha da Madeira. Desde o primeiro momento foi visível a intenção, para além das consequências imediatas de uma exposição com estas características, de tornar esta mesma exposição no embrião de um futuro museu. Logo na conferência de imprensa do dia 4 de Janeiro se afirma: «... Depois de uma troca de impressões das consequências da realização periódica de exposições deste género na Madeira, apontando-se como a principal as possibilidades de criação de um património de arte moderna, seleccionado por um critério esclarecido, o Senhor Doutor José-Augusto França, afirmou que se fosse possível aqui um museu de arte moderna, seria ao Funchal que caberia a honra de ter o primeiro existente em Portugal...»²³². Assim, a descentralização do núcleo artístico português iria começar pela Madeira.

Da acta do júri consta a preocupação com a escolha de obras para o futuro museu: «... O júri resolveu por unanimidade, e dentro do critério que já presidira à atribuição do grande prémio, distinguir obras de valor intrínseco notável que representem pesquisa dentro dos variados caminhos estéticos da vanguarda no tempo que corre. Assim fazendo, o júri patenteia o desejo de pontuar a esta secção do Museu local uma orientação responsabilmente actual, que é inédita no país»²³³. Os responsáveis por esta exposição não adiantam a possibilidade de criação de um museu, mas a ampliação do Museu da Quinta das Cruzes, sugerida por António Aragão: «... Parece-nos, como natural extensão dinâmica, que o museu da Quinta das Cruzes devidamente ampliado é o único local que por ora, reúne aquelas condições imediatas para enquadrar um grande salão de exposições com a necessária vivência. [...] Assim, a Exposição de arte Moderna Portuguesa perderia seu carácter contingente, itinerante, e montava casa própria»²³⁴.

Por seu lado, José-Augusto França salientou a importância deste acontecimento a nível nacional, considerando que «... é extremamente agradável para uma pessoa que vem de

²³¹ - «Atribuição dos prémios - Acta do Júri» in *Eco do Funchal*, suplemento 11, “Cultura & Recreio”, 20/01/1966. Citado por Francisco Clode in *Catálogo da exposição “Colecção de arte Portuguesa - Anos 60”*, Museu de Arte Contemporânea do Funchal, 1997.

²³²- «A exposição de Arte Portuguesa Contemporânea» in *Diário de Notícias*, 04/01/1966, p. 3.

²³³- «Atribuição dos prémios - Acta do Júri», ob. cit.

²³⁴ - «Implantações» in *Eco do Funchal*, ob. cit., p. 7.

Lisboa ver que afinal nesta cidade portuguesa, que está muito longe da capital, foi possível um museu assimilar, absorver, três pinturas de vanguarda, de extrema vanguarda, fenómeno que (ai de nós!) não se verifica em museus mais importantes do continente. Coube-vos aos senhores do Funchal, e graças em grande parte às pessoas que organizaram esta exposição o papel de pioneirismo. Esse papel que só desejo, como continental que sou, vem a ter eco em Portugal Continental também»²³⁵

Esta exposição parecia, por outro lado, dar satisfação a uma das preocupações da SNBA, que era a de conseguir uma maior divulgação internacional da pintura contemporânea portuguesa. Segundo Fernando Pernes: «... a exposição do Funchal garante aos artistas portugueses nela representados um público internacional, pelos contingentes de turistas estrangeiros presentes no Funchal»²³⁶.

No mesmo ano, António Areal radicou-se temporariamente na Madeira e expôs 27 pinturas no Museu da Quinta das Cruzes²³⁷. Aqui conheceu Marcelo Costa, arquitecto madeirense que irá desenvolver também a prática artística, particularmente no desenho, e será autor de alguns arrojados projectos de arquitectura para o Funchal. Os dois, junto com Lourdes Castro, formariam uma espécie de *Cenáculo* nos anos 60. De carácter fechado, estas tertúlias deram origem a *performances* e encontros de arte, sempre à porta fechada e longe do grande público, alheado deste tipo de manifestações. Marcelo Costa escreveu uma “Dedicatória à pintura de Areal”²³⁸, aquando da exposição acima referida.

²³⁵ - José A. França, «As aquisições - pioneirismo - fundo de um museu» in *Eco do Funchal*, Suplemento 11, 20/01/1966, p. 2.

²³⁶ - “A exposição de Arte Portuguesa Contemporânea», in *Diário de Notícias*, Funchal, 04/01/1966, p. 3.

²³⁷ - Exposição inaugurada a 24 de Março de 1966.

²³⁸ - Texto do “Modelo para dedicatória à pintura de António Areal em 1966” por Marcelo Costa, entregue ao público no dia da inauguração daquela exposição:

Aos artistas que foram pobremente heróis na posteridade / aos guerreiros do triste mestre escola / aos empregados dos museus e aos museus que são gente / aos reformados do sol, todo o dia azul presos às máquinas de saldar / aos infieis que têm deuses nos bolsos rotos, e granadas vermelhas / às velhas meninas Julietas, magras no inverno e que olhando tudo isto julgam a sua natureza / aos poetas sem sílaba tónica / aos passeantes de sábado, domingo e quinta feira santa / para caixeiros viajantes e acompanhantes, sobretudo para os acompanhantes / para a Teresa, a prima de D. Maria e a Mariana vizinha, outra vez sábado à tarde / para recenseados José de Sousa Rodrigues, sua mulher, António Romeu de Sousa e a noiva e o irmão da noiva / para o chauffeur de D. Amélia, a esquálida africanista Isabelina / e os jovens licenciados ainda sem origens nem cognomes / e chefes de armazém e gerentes comerciais que andam sem se ver e vêem sem ser vistos / e fidalgos arruinados, sobretudo para suas amantes louras e vestidas de cor-de-rosa / e filhos de fazendeiros vivendo em Paris e nos arredores tristes das pequenas cidades brancas / e aos amigos dos pretos do jazz-band, lábios desenhados de vermelho, papel colado num vidro de cozinha / e aos escriturários, segundos oficiais e ajudantes de notários / e às pequenas estrelas de um firmamento oxigenado, lubrifico e desencontrado / e aos reis dos petróleos (de passagem), bondosos até ao esquecimento / e às filhas dos reis de qualquer coisa, todas as noites românticas e todas licenciadas em românticas / e aos neuróticos, melómanos e cantores líricos que encontram na dupla face do retrato / e aos banqueiros da nova opulência que fazem, das grandes salas de conferênciados gabinetes de administração e das bibliotecas imaginárias, museus de vanguarda e que ficam mais ricos por isso mesmo / e aos homens complicados e quantas vezes impessoais / e às mulheres dos artistas, três vezes às mulheres dos artistas.

Também o pintor distribuiu, na inauguração da mesma exposição, um “Aviso ao grande público”²³⁹.

II Exposição de Arte Moderna Portuguesa

A segunda edição desta exposição decorreu nos moldes da primeira, no que respeita às entidades organizadoras. Desta feita o júri foi composto pelo crítico Rui Mário Gonçalves, que em 1963 tinha recebido o Prémio Gulbenkian de Crítica de Arte, e Nelson Di Maggio. Repetiu-se também o local de exposição, assim como o figurino dos prémios a atribuir. O facto de se tratar da segunda edição mereceu menos destaque nos meios de informação, em comparação com a primeira.

«Conforme era do conhecimento público, realizou-se ontem, à tarde, o acto inaugural da 2ª Exposição de Arte Moderna Portuguesa»²⁴⁰ no mesmo local do ano anterior (cedido pela Companhia Insular de Moinhos)». De novo, a iniciativa, «do maior alcance cultural»²⁴¹ ficou a dever-se às pessoas e instituições já envolvidas na primeira edição deste evento. Para além dos artistas repetentes, outros nomes estreadam-se no Funchal. Entre outros, expuseram: Helena D’Almeida, António Aragão, António Areal, Manuel Baptista, Artur Bual, Manuela Cargalheiro, Joaquim Bravo, Vera Castro, José Escada, Eduardo Batarda, Eurico Gonçalves, Álvaro Lapa, Jorge Martins, Tomás Mateus, Júlio Pomar, António Palolo, Costa Pinheiro, Rocha de Sousa, Ângelo de Sousa, Helena Salvador e Miguel Vasques.

Os organizadores do acontecimento promoveram, no dia da inauguração, uma conferência de imprensa, aproveitando a presença de Rui M. Gonçalves e de Nelson Di Maggio. Uma conferência, com a duração de nada menos que quatro horas, foi bem elucidativa do interesse e polémicas levantados pela exposição. Nesta ocasião, os premiados foram também anunciados oficialmente. Rui Mário Gonçalves, falando em nome do júri afirmou que: «... o conjunto das obras expostas atingiram nível muito elevado e verdadeiramente significativo das actuais pesquisas da Pintura». Verificou-se haver um núcleo de artistas que apresentavam obras do maior interesse, o que «... dificultou muito a selecção para os outros prémios».

Os quantitativos monetários para os prémios — idênticos aos do ano anterior — foram transformados, por sábia decisão do júri, em seis aquisições, permitindo assim

²³⁹ - Folha solta com um texto que terminava da seguinte forma: «... Cada obra fala por si — e o público repare que ela está a vê-lo». In «Aviso ao Grande Público», publicado no Catálogo da retrospectiva deste pintor, realizada em Lisboa.

²⁴⁰ - «Inaugurou-se ontem a 2ª Exposição de Arte Moderna Portuguesa» in *Jornal da Madeira*, 19/01/1967, p. 1.

²⁴¹ - Ibidem.

alargar o número de obras que entrariam para o espólio do hipotético museu de arte contemporânea²⁴². O júri explicava: «*Tivemos de considerar a impossibilidade de ex-aequo (o primeiro prémio, como se sabe, inclui uma viagem e estadia na Madeira) e perante a multiplicidade de possíveis segundos prémios, decidimos não atribuir o segundo prémio. E uma vez que estes prémios teriam em vista a aquisição de obras para um futuro museu, propôs-se que a verba prevista na despesa destes segundos prémios não deixasse de ser utilizada na aquisição de algumas das obras expostas*»²⁴³. Esta inteligente decisão permitiu que ficassem obras de qualidade no Funchal, que de outra forma não teria hoje o pequeno, mas muito representativo, espólio de pintura portuguesa dos anos 60.

O mesmo crítico pronunciou-se seguidamente sobre a atribuição do primeiro prémio. Justificando a escolha e, em nome do júri, considerou «... *que António Areal apresentava um quadro que em confronto com os melhores quadros dos outros artistas, não encontrava nenhum que lhe fosse superior e o conjunto da sua representação conseguiu ser o mais notável da exposição*»²⁴⁴.

Rui M. Gonçalves destacou a importância desta realização no Funchal, afirmando que a mesma é verdadeiramente notável e acrescenta: «... *Poucas vezes tenho visto em Portugal exposições de arte moderna que se apresentem em coerência com o seu título. Por outro lado, como eu creio, que o entendimento do passado só pode ser feito através do conhecimento do presente, estas exposições realizadas no Funchal, e outras que se venham a realizar, com o critério destas duas primeiras, podem em breve, assim como a formação do museu que está previsto, permitir acelerar de um modo invulgar a compreensão geral dos problemas da pintura, por parte dos habitantes do Funchal*»²⁴⁵. Para este crítico, pela orientação dada ao acontecimento, é muito provável que o Funchal possua o melhor museu português de arte moderna, embora o afirme com algumas reservas.

A conferência, proferida por Rui Mário Gonçalves, constituiu também um momento inédito, numa cidade pouco familiarizada com a arte moderna portuguesa. A conferência «... *versou aspectos da arte de vanguarda e suas implicações com a época, numa tentativa de estruturação das diversas coordenadas que a informam. Escutado por um vasto e selecto auditório onde sobressaíam aqueles que de longa data se têm interessado, entre nós, pelos problemas artísticos*»²⁴⁶.

²⁴² - No fim da segunda exposição o pequeno espólio contava com as seguintes obras (num total de 13):

“Estudo para um Humanómetro” de Nuno Siqueira; “Guarda Nocturno” de Joaquim Rodrigo (1º Prémio de 1966); “Aberturas para um espaço ilusório” de Artur Rosa, “s/título” (3 guachos) de António Aragão; “O glorioso soldado da anarquia”, “Sobre um Deus morto” (1º Prémio de 1967), e “Estudo” de António Areal; “One seen one cut” de Jorge Martins; “s/título” de Helena de Almeida; “Relief noir” de José Escada; e um baixo-relevo (s/t) de Manuel Baptista.

²⁴³ - «II Exposição de Arte Moderna Portuguesa», in *Jornal da Madeira*, Funchal, 20/01/1967, p. 1.

²⁴⁴ - *Ibidem.*, p. 8.

²⁴⁵ - *Ibidem.*

²⁴⁶ - *Ibidem.*

Num artigo do mesmo jornal, Jorge Marques da Silva – pintor e professor da AMBAM, cumprindo as funções de único crítico madeirense – expressa a sua satisfação ao ver, pela segunda vez, o meio cultural do Funchal «... *agitado com os ventos benéficos de uma “exposição de arte moderna portuguesa” como aconteceu no ano passado*»²⁴⁷, acrescentando que, finalmente, o Funchal começava a «... *a apreciar uma Arte de Vanguarda, ou pelo menos – e isto já não é pouco – a acreditar na existência de uma Arte da Vanguarda. Durante longos anos a cultura madeirense, com um ou outro vago cintilar, manteve-se num sono profundo*»²⁴⁸.

O crítico madeirense destacou ainda o trabalho de alguns artistas como Batarda Fernandes, Jorge Martins, Tomás Martins, Rocha de Sousa, Miguel Vasques e António Palolo. Quanto às ausências, o mesmo lamentou que não estivessem presentes, apesar de convidados pela comissão organizadora, René Bertholo, Artur Rosa, Nuno Figueira, Nikias Skapinakis, Joaquim Rodrigo, Cruz Filipe e a madeirense Lourdes de Castro. Uma visita guiada à exposição, por Nelson Di Maggio, foi amplamente concorrida e durante duas horas deu-se «... *um convívio intenso com a arte e a sua problemática, graças ao, espírito culto e conhecedor do crítico Nelson Di Maggio*»²⁴⁹.

Como já o fizera no ano anterior, António Areal voltou a expor individualmente no Funchal, poucos meses após a segunda edição dos “Prémios do Funchal”. O artista apresentou desenhos inéditos da sua série “Laboratório Pictural”, na Quinta das Cruzes, em 1967.

A “Colecção Rolf Stenersen”. Uma exposição inédita.

Para além das exposições trazidas pelo gorado Museu-MATUR, pela loja/galeria *Tempo*, e pela *Galeria Mundus* – como já vimos –, foram muito poucas as exposições de arte, não produzida na região, que chegaram até nós neste período. No entanto, e rompendo o marasmo cultural – em que a Ilha voltou a cair, após a euforia dos eventos atrás mencionados – a década de 70 começou com uma exposição inédita no Funchal.

Representados na colecção privada de Rolf Stenersen²⁵⁰ foram vistas, por um público pouco habituado ao contacto com arte deste tipo, obras de grandes nomes do Século XX, como Picasso, Klee, Vasarely, Viera da Silva, Miró e Kandinsky, entre

²⁴⁷ - Jorge M. da Silva, «Acerca da II Exposição de Arte Moderna Portuguesa», ob. cit., p. 1.

²⁴⁸ - Ibidem, p. 2.

²⁴⁹ - «II exposição de Arte Moderna Portuguesa - Numeroso público participou na visita guiada», *Jornal da Madeira*, 21/01/1976, p. 1.

²⁵⁰ - Escritor, crítico e coleccionador de arte, Rolf Stenersen residiu durante alguns anos na Madeira. Na sua juventude foi secretário de Eduard Munch e, mais tarde, proprietário da quase totalidade da sua obra.

outros²⁵¹. Muitos dos trabalhos expostos eram serigrafias e *fac-símiles*, tendo sido apresentados alguns raros originais. Os primeiros contactos para a concretização deste acontecimento foram devidos a Aníbal Trindade, empresário madeirense, que nenhuma relação detinha com o mundo artístico a não ser o «... entusiasmo e interesse pela arte, revelados por Aníbal Trindade que, sendo das relações do colecionador, tateou as possibilidades de realização e, incansavelmente, serviu de elo de ligação entre Rolf Stenersen e as comissões organizadoras»²⁵².

Os cartazes espalhados pela cidade cedo alertam, sobretudo, os estrangeiros, que acorreram em grande número, mesmo antes de completada a montagem da exposição. De novo, a questão do turismo cultural veio a discussão, pois eram sempre os turistas os que em maior número acorriam às exposições de artes plásticas, e a esta muito mais, por se tratar de uma exposição com obras de nomes consagrados. Mas neste caso, também o público madeirense «... de todas as camadas sociais, espicaçado pela curiosidade suscitada pelos nomes dos grandes mestres, compareceu em grande número que ultrapassou todas as previsões. Dia a dia, os visitantes percorreram o vasto salão comentando, observando, e aprendendo. Os catálogos cedo se esgotaram, o que, se por um lado, se torna lamentável, por outro é uma aliciante prova do interesse do nosso público».

Aproveitando esta muito rara oportunidade, foram organizadas visitas de estudo, guiadas por professores da AMBAM, assim como da Escola Industrial, do Liceu Nacional, do Seminário do Funchal e outros colégios particulares, e «... o número de pedidos de visitas foi tão elevado que se tornou necessário abrir a exposição a horas não previstas no horário estabelecido»²⁵³. Os anos 70 foram inaugurados com uma inusitada mostra de arte internacional que, salvo um ou outro caso, não mais se repetiu.

²⁵¹ - Outros artistas cujas obras puderam ser vistas no Funchal: Appel, Feninger, Stäel, Jorn, Mondrian, Munch, Wols, Poliakov, Weidmann. Ao todo foram mostradas quinze pinturas a óleo, seis guachos, quatro aguarelas e uma colagem.

²⁵² - Jorge Marques da Silva, «Momento cimeiro da arte na Madeira – Exposição de arte...», in *Das Artes e da História da Madeira*, Funchal, Vol. VII, nº 40, 1970.

²⁵³ - *Ibidem*.

3.3 – ARTISTAS MADEIRENSES. ENTRE A PRESENÇA E A AUSÊNCIA

Após a presença intermitente dos irmãos Franco, como já vimos, a arte de vanguarda ausentou-se da Madeira. As décadas de 40 e 50 foram monopolizadas pelo naturalismo de artistas como Melos, Römer, Miguéis e outros tantos paisagistas. No entanto, a abertura do curso de Belas Artes em 1956 – apesar das carências e ensino tendencialmente academista, – trouxe ao Funchal uma formação especializada e possibilitou algumas actualizações, despertando interesses. Por outro lado, e complementarmente, os anos 60 trouxeram à Região inesperados acontecimentos artísticos de qualidade e repercussão nacional, como vimos anteriormente.

Assim, vão surgir pela mão de alguns alunos e ex-alunos, as primeiras mostras de trabalhos que podemos situar numa clara intenção contemporânea, mesmo que eles tenham sido incipientes ou inconstantes. Porém, sem oportunidades de desenvolver as suas aptidões, muitos madeirenses continuaram a optar, seguindo o destino dos seus predecessores, pela emigração. A ida a Lisboa, para estudar – uma forma de emigração interna – faz com que muitos não regressem à Madeira, ou só voltem para passar férias. Assim, nomes como os de Víctor Fortes²⁵⁴, Albertina de Sousa²⁵⁵ e outros, vão partir nos anos 60 e 70, radicando-se e desenvolvendo a sua prática artística no continente.

Já antes, na segunda metade dos anos 50, a prossecução de estudos levava Lourdes Castro, Martha Teles e António Aragão, entre outros, ao continente e daí para o estrangeiro. Como os madeirenses da 1ª geração modernista – contudo num contexto diferente – estes artistas constituem casos de necessário destaque pela sua importância no meio artístico português e internacional. A relação de cada um destes com a sua terra natal é, no entanto, diversa. Lourdes Castro – apesar dos seus constantes regressos temporários – e Martha Teles manter-se-ão distantes da Ilha. António Aragão terá um outro papel, mais activo, no meio insular.

²⁵⁴ - Nasceu no Funchal em 1943. De 1969 a 1971 trabalha na Slade School of Art, em Londres, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1969 realizou um mural para uma das paredes do edifício sede da FCG.

²⁵⁵ - Nasceu no Funchal em 1945. Em 1962 conclui o curso no Liceu Nacional do Funchal (hoje Liceu Jaime Moniz). Chegou a frequentar a AMBAM, no ano de 1968/69 mas logo transitou para a ESBAL, radicando-se definitivamente no continente. Virá a expor na sua terra natal, pela primeira vez, em 1985.

As primeiras manifestações locais

Os aqui ficaram vai tentando, tímida e esporadicamente — e contra a barreira dos preconceitos culturais ilhéus — as primeiras exposições de artes plásticas, que de um modo ou outro estariam ligadas à recente Academia. Para além das colectivas escolares, vão surgindo as primeiras exposições “independentes”, demarcadas da AMBAM. Durante os anos 60, um grupo de artistas madeirenses, formado por Danilo Gouveia, António Nelos, Silvestre Pestana, Humberto Spínola, Rogério Prioste e João Carlos Velosa, protagonizaram as poucas experiências de intenção contemporânea, ao lado das constantes exposições de aguarelistas e retratistas do natural.

Em 1960, Danilo Gouveia inaugurou uma exposição individual de arte abstracta no Teatro Municipal. Inédita no Funchal, esta mostra apresentou trabalhos de teor informalista, algumas experiências dentro do que podemos chamar de pintura matérica e, nalgumas obras, uma clara proximidade a Helena Vieira da Silva, influência que o pintor sempre assumiu. Durante os anos seguintes, várias exposições seguir-se-iam e Danilo Gouveia — que frequentou o curso de Pintura da AMBAM, passando depois pelas Escolas do Porto e Lisboa, — optou por desenvolver uma carreira feita de desvios e insistências, numa experimentação composicional abstractizante que se não iria afastar muito da geração que o marcou. Continuando a pintar até hoje, Danilo Gouveia dedica-se por inteiro ao “ofício” de artista, independente da crítica e dos tempos.

A Galeria *Mundus* cedeu as suas instalações, em 1966, para mostrar pintura de jovens madeirenses em início de carreira. Foram expostos desenhos surrealizantes de António Vasconcelos (Nelos) e Humberto Spínola; assim como trabalhos abstractos de Danilo Gouveia e Ara Gouveia. Um artigo do *CF* aproveita esta exposição para destacar a movimentação da geração mais nova, anunciadora de uma sociedade mais “arejada” que as precedentes: «... *Constata-se hoje, ao nível do Funchal a existência de pequenos grupos de jovens abertos já a uma avidez de conhecimentos e uma vontade criadora que, no âmbito apropriado de iniciativas e estímulos, poderiam constituir núcleos animadores de irradiação cultural. No caso das artes plásticas, há jovens que, sem quaisquer estímulos exteriores e quase isoladamente, têm vindo a realizar exposições reveladoras de experiências e procuras autênticas para além de academismos balofos e deformações escolares*»²⁵⁶.

Dois anos depois foi realizada, no mesmo espaço, a exposição colectiva “Cinco jovens pintores”. Entre eles estavam novamente Nelos e Silvestre Pestana, dois artistas que mais tarde irão escolher Lisboa, e depois o estrangeiro, para seguir percursos ligados à *performance* e poesia visual. Alguns meses depois, esta exposição seria levada aos Açores, constituindo a primeira itinerância de um grupo de artistas madeirenses fora da Ilha. As dificuldades para expor, a ausência de estímulo, a demarcação dos métodos

²⁵⁶ - «Casa da Cultura para quê?», *Comércio do Funchal*, 16/01/1972, p.13.

académicos da escola local, eram as realidades com que conviviam estes jovens que se aventuraram em linguagens inéditas na Região. Nelos, em entrevista ao *Comércio do Funchal*, reconhecia como era extremamente difícil para uma juventude isolada «... com uma formação cultural deficiente, desde as primeiras letras, muito pouco informada sobre arte e artistas de hoje e até de ontem, compreender arte moderna desconhecendo-a»²⁵⁷.

No início dos anos 70, a actividade da AMBAM vai sendo mostrada, como vimos, pelos seus professores e alunos, mas a regularidade das exposições ficou aquém do previsto. Porém, é de salientar que outras exposições, como as organizadas pelo Cine-Forum, eram constituídas na sua maioria por trabalhos escolares ou, de certo modo, influenciados pela existência uma escola de artes na Região. De jovens não formados por aquela escola foram também realizadas algumas colectivas que, durante a década de 70, repetiram os nomes de Adriano, Baptista, Rogério Prioste e Gabriel Motta, entre outros.

Em 1971, uma exposição de fotografia de João Pestana²⁵⁸ constituiu surpresa, pela sua inovação no contexto regional. Fotógrafo jornalístico, dedicou-se também à fotografia artística, realizando algumas obras de carácter experimental. João Pestana procuraria o domínio do abstracto através do enquadramento e tratamento posterior da imagem em alto contraste. Foi também autor dos primeiros nus fotográficos que, na segunda metade do século XX, ainda causariam algum escândalo no ambiente ilhéu.

No mesmo ano, uma exposição de alunos da Escola Industrial do Funchal, que se apresentada na Junta Geral²⁵⁹ foi, curiosamente, alvo de censura política, facto que gerou alguma polémica. De carácter incipiente – embora muito próximos das novas tendências, como a *pop art* – alguns dos quadros expostos, e assinados pelo jovem António Rodrigues, apresentavam uma temática relativa à guerra africana²⁶⁰. Em pleno conflito colonial, estes trabalhos foram retirados da exposição pela PIDE, que mais tarde os devolveria ao seu autor. Não tendo sido, talvez, o único caso de censura às artes na Região, é pelo menos aquele que chegou até nós, o que faz dele um incidente curioso, embora pontual.

Em 1974, no mês de Março, uma exposição colectiva no Teatro Municipal mostrava o trabalho de três jovens, na altura no serviço militar, que insistiam na produção artística: Carlos Luz, que virá a desenvolver a aguarela de paisagem com boa qualidade

²⁵⁷ - Cf. «Inquérito a quatro jovens pintores madeirenses» in *Comércio do Funchal*, 05/05/1968, p. 9.

²⁵⁸ - Exposição no Hotel Madeira Hilton em Dezembro de 1971. João Pestana é membro da *American Press Association*, trabalhou para revistas e livros, e foi técnico de realização no cinema e na televisão. Ainda hoje exerce esta profissão, continuando também a expor trabalhos de teor artístico, embora menos experimentais que os de então.

²⁵⁹ - Exposição de Fernanda Pereira, Eugénia Silva, Paulo Camacho e António Rodrigues no átrio da Junta Geral. De 29 de Maio a 6 de Junho de 1971.

²⁶⁰ - Arrecadados na Junta Geral durante a exposição, os trabalhos chamaram a atenção do público, que acorria à exposição, sobretudo, para espreitar os quadros “proibidos”. António Rodrigues viria a ser mais tarde escultor, formado pela ESBAP, e depois professor da Escola Francisco Franco.

técnica e radicar-se-á no continente; Maurício Fernandes, aluno da AMBAM, que apresentou escultura e pintura de referências *pop*; e Rui Carita, militar de carreira e caricaturista, que realizou por esta altura experiências informalistas. Este último apresentou, em Setembro do mesmo ano, uma exposição individual que merece aqui referência. Utilizando o processo de monotipia, Rui Carita explorou durante algum tempo a mancha abstracta, isolada num fundo branco, que na maior parte dos casos contemplava figura humana. Foram experiências que Rui Carita cedo abandonaria, para voltar a pintar de forma naturalista e mais convencional.

Um lugar para António Aragão

Parece-nos justo frisar que foi este madeirense quem, junto com Ernesto Melo e Castro, iniciou em Portugal o concretismo e experimentalismo literários. António Aragão foi pioneiro da poesia visual e concreta no País, ao mesmo tempo que estas linguagens apareciam no estrangeiro, ou seja, desenvolvendo uma vanguarda em primeira-mão. Na Madeira, e apesar das suas constantes ausências, Aragão teve tempo para participar em eventos artísticos e projectos culturais; exercer a actividade docente; dirigir instituições; publicar artigos de crítica na imprensa; e produzir textos sobre história da Madeira, para citar os mais relevantes.

Aragão é historiador de formação, restaurador, romancista, museólogo, etnógrafo, pintor, escultor, e poeta, escapando a toda tentativa de exacta catalogação. A actividade predominante é, porém, a literatura, como ele próprio afirma: «... *O que em mim predomina de facto, é o aspecto [...] vontade descontente com a situação cultural-Ilhoa, numa ânsia de partir sempre* »²⁶¹. Em resumo, como afirma Jorge Marques da Silva: «Muito poucas vezes se encontra um personagem com uma actividade tão dispersa, tão rica, tão generalizada e utopicamente tão profissionalmente especializada. Recria a história estudando com meticulosidade o passado; luta pela garantia da sua permanência através de um restauro cientificamente aplicado; lê a realidade do presente, compreende-a e explica-a; perscrutando num experimentalismo de vanguarda as metas do futuro forja na solidão da ilha novos caminhos que são do mundo.»

Nascido em 1921, licenciou-se em ciências histórico-filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa, e frequentou também a ESBAL, embora não concluindo o curso de Pintura que então iniciara. Começou, desde cedo, a criar no campo da escrita e da

²⁶¹ - Cf. A. de J. Gouveia, "O rosto e a palavra — António Aragão" in *Jornal da Madeira*, 13/12/1985. Do mesmo artigo: «Publicou livros sobre História da Madeira; estudou em Paris e Roma como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian; realizou estudos histórico-urbanísticos, incluso a inventariação e classificação da cidade do Funchal e do Porto Santo e os inventários artísticos de parte da Madeira [...] assim como iniciou a recolha de grande parte do folclore e etnografia da Madeira e Porto Santo».

imagem, simultaneamente. Daí, porventura, a ligação que ele fará entre as duas linguagens, através da poesia visual. Em 1956 publicou o caderno literário *Búzio*, editado no Porto. Nele estão compiladas poesias e outros textos de importantes nomes madeirenses e continentais. Neste caderno, António Aragão escreveu um artigo sobre arte moderna, mais propriamente sobre a arte abstracta ou abstractizante, que ele próprio começa a praticar. É um dos primeiros textos, escritos por um madeirense, que visa divulgar junto do público as novas tendências da arte.

A partir de 1958 vai iniciar, como já dissemos, o movimento experimentalista português, ao lado de Melo e Castro, e de outro importante escritor madeirense, Herberto Helder, para o qual o experimentalismo representou apenas uma fase, que logo abandonaria. Aragão começou a “escrever” uma poesia de carácter cada vez mais gráfico, onde a imagem é tão importante como a palavra, e onde a forma visual do texto recria os significados, resultando daí a polissemia intrínseca que define este tipo de criação. Os folhetos POEX (poesia experimental I e II) produzidos por Aragão e Herberto Helder no Funchal, em 1964 e 1966, são exemplos acabados desses jogos de linguagem, que passam por um constante «... *processo destruidor/recriador do existente*»²⁶². Em 1968, com *Mais exactamente p(r)o(bl)emas*, a poesia é marcadamente gráfica e a partir daí cada vez mais “desenhada” do que escrita.

Na pintura, o artista desenvolveu uma pesquisa eminentemente abstracta, com rasgos por vezes expressionistas. Expôs pintura na Associação Comercial do Funchal em 1948, tendo sido também expositor no Clube Funchalense em 1956. Mas foi em Lisboa, e também em Paris, que António Aragão trabalhou e expôs com maior frequência. O pintor Jorge Marques da Silva, amigo de Aragão, explica, a propósito de uma retrospectiva, o percurso que levou este artistas à abstracção: «... *começa por pintar a paisagem do Funchal e vai perdendo o valor icónico esbatendo-se na multiplicação das arestas de muros e telhados que se transformam em aglomerados abstractos que simulam cristais. Utilizou a técnica do óleo, a laca, encáustica (pintura a cera) que permite cores diluídas pela acção do fogo numa espécie de impressionismo abstracto. Finalmente os guachos englobam-se na pintura gestual*»²⁶³.

Como escultor, chegaria a executar algumas encomendas públicas para a Região. Menos irreverentes que a poesia, a qualidade dos trabalhos é, porém, reconhecível. Importantes também serão, nos anos 70, as suas experiências com as máquinas fotocopadoras, no domínio da *copy-art* e mais tarde da arte postal, que a ela está associada, fundando mesmo um núcleo no Funchal, do qual falaremos no capítulo seguinte.

²⁶² - Cf. Fátima Pitta Dionísio «O experimentalismo em António Aragão», *Isleña*, nº 20, Jan-Jun 1997, pp. 12-20.

²⁶³ - In *Catálogo da Exposição Retrospectiva*, Funchal, 1981.

Ainda nos anos 50, teria um importante desempenho na dinamização cultural no Funchal. Foi co-fundador do primeiro cineclube do Funchal em 1955, que funcionou no Teatro Municipal. Em 1959, falando a um jornal local sobre esta iniciativa, António Aragão mostrava já uma vontade de mudança afirmando que, para captar público para o cinema de qualidade, «...é preciso dar-lhes mesmo o que eles não pedem nem sabem que existe». Na década seguinte estará presente, como vimos, na “I Exposição de pintura moderna portuguesa” do Funchal, quer como organizador, quer como expositor²⁶⁴.

De espírito insatisfeito, Aragão foi uma das poucas vozes críticas que se fizeram ouvir, contra as situações de injustiça e atraso cultural que se vivia na Ilha. Os seus artigos de opinião na imprensa local, nomeadamente no *Comércio do Funchal*, e apesar da censura então existente, primaram sempre por uma certa audácia e capacidade de levantar questões.

Lourdes Castro e a sua relação com a Madeira

Nascido na Ilha, Lourdes Castro é eminentemente uma cidadã europeia e, como artista emigrada, é um caso aproximável – nas devidas proporções – ao de Helena Vieira da Silva. Ambas são, para alguns críticos e historiadores – como J. Augusto França –, artistas internacionais que por “acaso” nasceram em Portugal. Por esta razão não deveriam fazer parte da história da arte portuguesa. Pelo contrário, historiadores como Alexandre Melo defendem a sua inclusão no contexto português, sem qualquer hesitação. Este último salienta, no caso Vieira da Silva, que «... a importância de Portugal na sua carreira foi sempre evidente e plena de consequências». De certo modo, algo de semelhante acontece com a obra de Lourdes Castro, que deixa transparecer, embora vagamente, algumas das suas vivências na Ilha.

Nasceu no Funchal em 1930, e foi para Lisboa vinte anos depois, onde frequentou a Escola de Belas Artes até 1956. No último ano do curso, viu três das suas telas excluídas por não obedecerem às rigorosas exigências académicas de então. Foi por esta altura que Lourdes Castro começou a fazer serigrafia com René Bértholo, «... ao mesmo tempo que frequentava a escola, onde, estranhamente, não se aprendia nenhuma técnica de gravura»²⁶⁵. Voltando ao Funchal em 1955, realizou a sua primeira exposição individual no “Clube Funchalense”²⁶⁶. A propósito de uma colectiva apresentada no mesmo ano, na recém inaugurada Galeria *Pórtico*, o então director do Museu de Arte Antiga de Lisboa, João

²⁶⁴ - Algumas pinturas de A. Aragão foram adquiridas nesta exposição e hoje fazem parte do espólio do Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

²⁶⁵ - Cf. «Entrevista com Lourdes Castro», in *Diário de Notícias*, Funchal, 12/07/1977.

²⁶⁶ - Aqui expondo possivelmente trabalhos escolares, de que hoje não temos notícia, já que a imprensa pouco se debruçou sobre este evento.

Couto, referiu-se a Lourdes Castro, dizendo que os seus trabalhos «... *traduzem qualidades de fina sensibilidade e segura técnica, revelando faculdades criadoras e de ousada iniciativa pessoal*»²⁶⁷.

Desiludida com o ambiente artístico português, partiu para Paris em 1957 e ali, em conjunto com René Bértholo, Christo, Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada, Gonçalo Duarte e Jan Voss, fundou a revista *KWY* (que alguns dizem querer significar *Ka-Wamos-Yndo*)²⁶⁸ da qual saíram de 1958 a 1963, doze números executados em serigrafia, com uma tiragem de 300 exemplares por número. Quando voltam a Portugal, em 1960, os integrantes do grupo *KWY* expõem colectivamente na SNBA. A artista madeirense apresentou obras que exploravam um abstraccionismo lírico inusual, desenvolvendo «... *uma escrita cursiva cloisonnée*», segundo José-Augusto França²⁶⁹.

Os primeiros trabalhos com sombras foram serigrafados. Lourdes Castro reunia objectos e, querendo realizar obras impressas, colocava-os sobre a seda pré-sensibilizada «... *obtendo assim verdadeiras sombras projectadas*»²⁷⁰. Durante estes anos foi criando, ao mesmo tempo, uma série de *assemblages-collages*, objectos pintados em alumínio – curiosas acumulações de uma clara referência a Louise Nevelson e próxima dos *Nouveaux Realistes* –, experiências situadas entre a *pop* e o neo-dadaísmo, que depois abandona. O que realmente vai interessar-lhe é a possibilidade de se exprimir por meio da linha isolada, do traço puro que contorna o vazio do suporte.

As sombras projectadas serão alvo de uma expressão original, cujo lirismo e despojamento se tornariam imagens de marca da artista, como a própria, em 1977, descreveu: «*A surpresa do desenho, da forma, do contorno de uma forma me fascinou e fascina ainda. Uma sombra tem para mim mais significado que simplesmente o objecto descrito. É uma maneira de contemplar as coisas e a gente em torno de mim. Pela transparência e translucidez do "plexiglas", que utilizei muito a partir de 1964, as sombras se tornam mais ausentes e se projectam*»²⁷¹. A pesquisa das sombras aproxima-se, de certa forma, do teatro de sombras chinesas, evidenciando a presença das filosofias orientais que, nos anos 50 e 60, influenciaram a vanguarda internacional. Foi em Paris, a partir de 1973 – e depois de voltar de Alemanha – que desenvolveu as primeiras experiências neste campo.

Longe da sua terra, Lourdes Castro manteve sempre uma relação muito especial com a Madeira. Quando cá voltava, permanecia distante do meio cultural local, com o qual o diálogo era quase impossível. Tratou-se de um isolamento por opção: «*Quase todas*

²⁶⁷ - João Couto citado in *Lourdes Castro: Além da Sombra*, Catálogo da Exposição Retrospectiva, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Julho 1992.

²⁶⁸ - Outros colaboradores pontuais: Vieira da Silva, Arpad Szenes, Ives Klein, Carlos Saura, Corneille, Millares, Soto, Spoerri e Le Parc.

²⁶⁹ - José-Augusto França, *A arte em Portugal no Séc. XX*, ob. cit., p.429.

²⁷⁰ - Cf. «Entrevista com Lourdes Castro», ob. cit.

²⁷¹ - *Ibidem*.

*as experiências foram aqui iniciadas. Quando cá chego liberto-me. A tranquilidade é propícia à criação. Na Madeira sinto-me descansada e começo a digerir as coisas do ano»²⁷². Ao contrário de António Aragão, a artista limitou a sua acção e influência a um reduzido grupo de amigos, entre os quais o arquitecto Marcelo Costa. Com este realizou algumas *performances* e outros encontros artísticos “à porta fechada”, nunca expondo os seus trabalhos, ou expondo-se, ao público ilhéu.*

Assim, dizer que Lourdes de Castro é uma artista madeirense, só teria cabimento pelo facto de ela aqui ter nascido. Mas podemos, sem dúvida, falar da permanência do “local” numa obra aparentemente “universal”. Alguns trabalhos de Lourdes Castro exploram, nalguns casos e de certa forma, temáticas da Ilha, pela inclusão de referências locais como o bordado e as flores regionais. Durante o Verão de 72, a artista executou no Funchal algumas gravuras tiradas do seu “herbário de sombras”. Esta compilação de sombras comporta cerca de 100 espécies botânicas diferentes (com suas etiquetas, família, nome científico e vulgar, habitat), isto é, suas sombras projectadas tomadas directamente ao sol. Diz Lourdes de Castro a este respeito, com a simplicidade que a caracteriza: «Com tal quantidade de plantas é grato dar a riqueza inesgotável de árvores, ervas, frutas e flores da Madeira. Mas sobretudo amo as plantas, sempre com elas vivi, sempre as tenho cuidado e visto brotar».

O bordado, forma de artesanato que na Madeira ganhou características próprias de tradição cultural, foi aproveitado por Lourdes Castro para fazer sombras de «... gente deitada e a ideia de fazê-las sobre lençóis». Realizou os primeiros lençóis bordados na Madeira, durante o Verão de 1968: «... A surpresa do desenho de gente deitada, ou melhor, das sombras projectadas horizontal em vez de verticalmente – como o fazia quase sempre antes – alcançou tamanha importância que nunca mais deixei de fazer lençóis».

Em 1983 radica-se definitivamente na Madeira, isolando-se de tudo e todos e continuaria a produzir pequenos trabalhos de azulejaria e tapeçaria, contactando apenas com um reduzido grupo de amigos. Uma retrospectiva da Fundação C. Gulbenkian, em 1992, mostrou a evolução e diversidade da obra desta original artista, que o crítico e também pintor Eurico Gonçalves diz possuir um «saudável humor *dadá*». O mesmo crítico refere que, ao longo da sua carreira, Lourdes Castro manteve sempre uma «... íntima e serena relação com a natureza»²⁷³, com uma ilha interiorizada, numa experiência insular recriada em linguagem vanguardista.

²⁷² - Ibidem.

²⁷³ - Eurico Gonçalves, in *Lourdes Castro - Além da Sombra*, ob. cit. p. 87.

Martha Teles

Nascida em 1930 no Funchal, Martha Teles foi discípula de Alfredo Miguéis e frequentou também as aulas particulares de Max Römer, com quem diz ter aprendido a pintar flores. Partiu em 1958 para o Porto onde concluiu o Curso de Pintura, com 20 valores. Uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian levou-a até Paris, de 1963 a 1965, cursando estudos na Sorbonne. Ali conheceu Vieira da Silva, com quem partilhou experiências de estudo e de investigação artística.

A artista não voltaria tão cedo a Portugal, mudando-se definitivamente, em 1968, para o Canadá, onde continuou os estudos na Universidade do Quebec, concluindo também um curso de Gravura na Universidade McGill. Pintora figurativa, foi desenvolvendo uma pintura intimista, que em muito tem que ver com a terra natal que deixou. Reconstruindo a memória dos tempos de criança nos seus quadros, Martha Teles povoa de geometria os espaços híbridos de uma forma lírica, numa ingenuidade assumida que se sobrepõe às linguagens adquiridas nos tempos de estudo. Martha Teles manter-se-á fiel a uma pintura idealista, de traços controlados, que nos reporta a Puvis de Chavanes, Theodore Rosseau, e por vezes Chagall. Para Luís Sobral, que sobre ela escreveu em 1981, a estratégia da narrativa na pintura de Martha Teles – para além de uma técnica soberba – possui «...uma tal capacidade de evocação poética [...] sem paralelo na pintura nacional»²⁷⁴.

Em Montréal, longe da ilha que a viu nascer, e com a qual ela mantém uma permanente relação de saudade, a pintora cria obras cujos títulos referem claramente a Madeira. Numa série que chamou mesmo “memórias de infância” encontramos obras que, entre 1975 e 1979, aludem a cenários da freguesia do Monte; às características “levadas”²⁷⁵, – em paisagens geometricamente estilizadas –; aos recantos e arquiteturas insulares. Uma destas obras é o óleo “Depart”²⁷⁶, de execução meticulosa, que traduz visualmente a tensão entre as pessoas que partem – figuras distantes numa paisagem cenográfica – e as que ficam, numa metáfora onde Martha Teles se auto-refere. A artista madeirense viria a expor, pela primeira vez no Funchal, só na década de 80²⁷⁷.

²⁷⁴ - Luís de Morna Sobral, «Martha Teles no seu Labirinto», *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 51, Dezembro de 1981.

²⁷⁵ - Palavra utilizada na Região para designar os aquedutos que conduzem a água com fins agrícolas, rasgados um pouco por toda a Ilha, e ainda hoje utilizados para tal fim.

²⁷⁶ - Datado de 1983 e pertencente à colecção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal.

²⁷⁷ - Martha Teles trouxe ao Funchal a exposição retrospectiva que realizou na Sede da FCG, em 1984. A pintora voltou a Funchal, pensando em aqui residir, chegando inclusivamente a pertencer ao quadro do ISAPM, onde nunca leccionou.

3.4 – A RENOVAÇÃO DA ARTE NO ESPAÇO PÚBLICO

No continente, a escultura oficial continua a seguir os parâmetros da herança estatuária proposta por Franco. Monumentos inadequados à época continuam a ser atribuídos a escultores como António Duarte. As alternativas à estatuária surgem pela mão de escultores como Jorge Vieira e José Aurélio, no domínio da abstracção. Já nos anos 70, importante foi o conceito de anti-monumento proposto por João Cutileiro (D. Sebastião, Lagos, 1973), e o minimalismo de Fernando Conduto e Zulmiro de Carvalho. Porém, são os pintores os que alteram profundamente a noção de escultura no país, desenvolvendo o objectualismo, que ultrapassa qualquer classificação tradicional de objecto artístico. Entre eles estão Lurdes Castro, Réne Bértholo, António Areal, Costa Pinheiro e Noronha da Costa, entre outros.

A persistência da arquitectura e escultura “oficiais”

Nos finais de 50, a presença de uma arquitectura nacionalista e alguns trabalhos escultóricos da mesma linguagem são significativos de uma persistência regional que difere do abandono progressivo das mesmas no espaço continental. Edifícios, como o da Escola Industrial e Comercial do Funchal, concluída em 1958, de «*fachada pétrea e monumentalizante*»²⁷⁸; e o novo edifício da Alfândega, construído entre 1956-1962 na Avenida do Mar, do arquitecto Faria da Costa, são dois exemplos disso. Neste último, o anacronismo é visível na solução idealizada do grupo escultórico “Comércio e Indústria” de I. V. Perdigão, colocado em nicho na esquina do edifício, e datado de 1960. Esta escultura é formada por duas figuras alegóricas de anatomia severa, lembrando os cânones neoclássicos utilizados habitualmente pelos regimes fascizantes.

António Duarte volta de novo a trabalhar no Funchal, desta vez criando uma escultura para o tardio Palácio da Justiça do Funchal²⁷⁹, uma alegoria àquela instituição,

²⁷⁸ - José Manuel Fernandes, «Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português», in *Último império e recentramento (1930-1998)*, Vol. V da *História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1999, p. 342.

²⁷⁹ - Projecto de Januário Godinho, arquitecto portuense, um dos participantes no I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. É responsável por importantes obras durante a década de 60 e de que são exemplo o Palácio da Justiça de Lisboa (projecto de 1960), a Faculdade de Economia do Porto e o Instituto Gulbenkian do Laboratório de Engenharia Civil de Lisboa (1961).

materializada numa figura austera e algo mecânica, de braço erguido. A Estátua em bronze dourado enquadra-se numa fachada com algum sentido de monumentalidade, bem representativo da arquitectura oficial portuguesa já então em declínio. É, no entanto, um conjunto bem conseguido, se tivermos em conta o fontanário situado por baixo da estátua. A figura está centrada na fachada do edifício, inaugurado em 1962. O mesmo escultor tinha esculpido já antes, em 1957, quatro figuras em pedra de cantaria, destinadas a encimar o pórtico de entrada da Igreja de N^a Sr^a de Guadalupe, no Porto da Cruz. As figuras representam os quatro apóstolos, de contornos muito simplificados, que se alinham verticalmente com as colunas do vão de entrada, sobre o fundo branco da parede. O projecto da Igreja é de Chorão Ramalho, arquitecto que deixaria, nos anos 60, uma vasta obra no Funchal.

Numa solução muito aproximada à das figuras de A. Duarte, acima referidas, encontramos uma escultura de parede, em cantaria escura, representando uma Santa Ana com o menino. Este trabalho, datado de 1959 é da autoria de António Aragão, que também fez incursões no campo da escultura, estreando-se como tal com este modesto trabalho para os Paços do Conselho de Santana²⁸⁰, no norte da Ilha.

Outras encomendas públicas

Integrados em projectos arquitectónicos do omnipresente Chorão Ramalho – o autor de grande parte da arquitectura moderna destes anos no arquipélago²⁸¹ – são encomendados os primeiros trabalhos de pintura mural e painéis de azulejos de gosto moderno, subordinados às temáticas religiosas e de linguagem “oficiosa”.

Em 1957 Cândido Costa Pinto pintou um mural para o edifício da Empresa de Electricidade da Madeira²⁸². Já numa fase final – e menos irreverente – da sua carreira, o pintor desenvolveu uma alegoria, de figuração geometrizada, numa linguagem neo-cubista que simboliza o progresso trazido pela energia eléctrica. Costa Pinto optou por centrar uma figura alegórica na composição, que ilumina com um archote a Ilha, cujo relevo característico é sugerido por uma estilização geometrizante.

²⁸⁰ - Edifício de estilo tradicional “modernizado”, projectado pelo Arq. Leonardo Colaço de Castro Freire e inaugurado em 28 de Maio, obviamente, de 1958.

²⁸¹ - Chorão Ramalho foi responsável, dos finais dos anos 40 aos 70, por mais de vinte importantes projectos que marcaram a modernização do arquipélago, do mesmo modo que o tinha feito Edmundo Tavares para as décadas de 30 e 40. Igrejas, bancos, vivendas particulares, centrais hidroeléctricas, arranjos urbanísticos, hotéis e restaurantes, conformam o leque de realizações deste arquitecto. Algumas obras de Chorão Ramalho para o Funchal, entre outras: Edifício Blandy’s (1956), Igreja do Imaculado Coração de Maria (1957-1975), Banco Totta e Açores (1960), Banco Português do Atlântico (1961), Hotel Quinta do Sol (1965), Hotel Madeira (1970). Cf. José Manuel Fernandes, «Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português», ob. cit., p. 343.

²⁸² - Mais um projecto de Chorão Ramalho, realizado entre 1952 e 1957.

Nestes anos, Guilherme Camarinha assinou vários trabalhos entre os quais, em 1958 um painel de azulejos de contornos modernizantes, alusivo à “Lenda de S. Jorge e o Dragão”, para a capela do Cemitério de N^a S^a das Angústias, «... talvez a obra mais “pura” de Chorão Ramalho»²⁸³. Camarinha estivera ocupado, entre 1955 e 1958, com as decorações para o Palácio da Junta Geral do Funchal, onde deixou várias tapeçarias e um mural de consideráveis dimensões no átrio de entrada, à Av. de Zarco. Esta mural, assim como as tapeçarias, apresenta uma profusão de elementos, habitual na sua obra, representando temas típicos do imaginário folclorista da Madeira, (carro de bois, carro de cestos, viloa, bananeiras) numa composição de modernismo barroco.

Nos anos 60 serão realizados pelo pintor Louro de Almeida, director da AMBAM, um conjunto frisos pictóricos para a cantina da Escola Industrial e Comercial do Funchal²⁸⁴. Louro de Almeida pintou, em 1968, uma “Última Ceia”, constituída por um grupo de crianças – que representam a diversidade étnico-cultural das colónias –, tipicamente idealizadas no imaginário salazarista de “Deus, Pátria e família”, e ainda outros temas, tratados num academismo moderno, já algo tardio. No mesmo ano, Camarinha voltaria a trabalhar em conjunto com Chorão Ramalho, executando uma tapeçaria de suave lirismo para o Hotel Madeira, último projecto daquele arquitecto, inaugurado em 1970.

O Hospital Distrital do Funchal, (1970-1973) acolherá, como veremos, alguns trabalhos de escultores portugueses, assim como uma tapeçaria de Manoel Lapa para a biblioteca do mesmo, datada de 1973.

A tímida renovação da escultura

À medida que avançam os anos 60, a lenta e progressiva abertura oficial permite o surgimento das primeiras obras escultóricas de recorte verdadeiramente contemporâneo, comparativamente ao até então existente na Região. Na sua maioria integradas em projectos de arquitectura moderna – já liberta do monumentalismo de outrora – as novas esculturas introduzem linguagens inusitadas no meio, que foram trazidas ao Funchal por alguns dos escultores mais activos no continente.

Ainda na década de 50, nomes como o do escultor Querubim Lapa estiveram também associados à obra de Chorão Ramalho. Para a fachada da capela do Cemitério de N^a Sr.^a das Angústias, já referida, Querubim Lapa concebeu, em 1956, uma escultura

²⁸³ - In José Manuel Fernandes, «Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português», ob. cit., p. 342.

²⁸⁴ - Como já tivera feito Max Römer, nos anos 40, para a cantina do Liceu Nacional do Funchal. Ver capítulo anterior.

de parede. O bronze apresenta o tema bíblico da ressurreição num jogo de linhas quebradas e volumes, que aportam um dinamismo contrastante com a fachada uniformemente reticulada por tijolos abertos.

Logo em 1960, é inaugurado um monumento ao Infante D. Henrique, na ilha do Porto Santo. O projecto, mais uma vez de Chorão Ramalho, consistiu numa espécie de alameda em cujo centro se situa um prisma de betão com sete metros de altura, revestido totalmente por formas simplificadas, inscritas na cantaria escura, que evocam figuras e símbolos históricos ligados ao Infante. António Aragão assinou a parte gráfica, numa solução mais purista que os trabalhos anteriores deste autor.

António Aragão executou ainda outras encomendas públicas, nas quais está ausente a irreverência do experimentalismo literário, talvez por se tratarem de encomendas oficiais. No entanto, os painéis para o Mercado de Santa Cruz, de 1962, denotam as capacidades deste artista, que projecta com segurança uma composição de dimensões consideráveis, num estilo decorativo próprio deste tipo de trabalhos. Estes painéis policromados representam os agricultores e pescadores. De um fundo estruturalmente geometrizado surgem figuras estilizadas que acusam valores neo-cubistas e influências dum neo-realismo sem conteúdo crítico.

Um outro baixo-relevo do mesmo autor, desta vez subordinado ao tema “Artes e Ofícios”, segue a mesma linha temática embora num tratamento mais sóbrio, desta vez em pedra de cantaria rija, de tom escuro, funcionando como friso – com nove metros de comprimento – da entrada principal da Escola Secundária Francisco Franco, no Funchal. Aqui, as figuras simplificadas estão rigidamente organizadas no espaço, criando um conjunto equilibrado a partir de variações de um módulo figurativo que se repete, alterado pela atitude e posição anatómica dos diferentes artífices representados.

Nos finais de 60, outro projecto marcante de C. Ramalho é o Edifício da Caixa de Previdência do Funchal; incluído no conjunto de obras públicas que vinham sendo realizadas por todo o país, numa renovada preocupação urbanística e social dos arquitectos ao serviço do estado. Este Edifício, composto por um jogo de volumes bem integrado, inclui uma torre de apartamentos que se destaca no centro antigo da cidade pela sua altura. Alguns nomes portugueses, com a presença de continentais e madeirenses, deixaram neste espaço alguns bons exemplares escultóricos.

Jorge Vieira, um dos mais importantes escultores portugueses na década de 50, realizou a “Família,” grupo escultórico em bronze numa opção figurativa de contornos abstractizantes, obtidos mediante deformações e alongamentos. Para a entrada sul do mesmo conjunto habitacional, o escultor Lagoa Henriques executou uma figura feminina, de estilização modernista, que representa alegoricamente a “Previdência”.

No seu conjunto, este edifício alberga as primeiras e poucas peças de arte não figurativas no espaço público insular. Louro de Almeida, que vimos a pintar murais retrógrados e ideologicamente comprometidos, revela outro fôlego na criação, para este

edifício, de um jogo de figuras planas em vários níveis, obtido com placas de basalto de diversas texturas e cores, numa parede interior do mesmo. Amândio de Sousa, escultor madeirense que vimos ligado à galeria *Tempo*, concebeu um friso para a entrada oeste. Trata-se de um relevo em cimento, de desenho abstracto elementar, que se funde com as superfícies de betão que caracterizam o conjunto.

Amândio de Sousa produziu outros trabalhos de interesse que aqui cabe mencionar. Em 1963, realizou um conjunto de trabalhos para o átrio da Clínica Santa Catarina, no Funchal – edifício de linhas modernistas – nomeadamente painéis de cimento com relevos vegetalistas estilizados a duas cores, funcionando como esculturas de parede. E uma outra escultura parietal – uma “maternidade” – onde duas figuras, mãe e filho, de linhas estilizadas apontam já a tendência para um alongamento anatómico, característica na figuração do escultor. Em 1969, Amândio de Sousa voltaria a trabalhar concebendo uma escultura em bronze, de formas puristas, que constituiu a primeira obra abstracta ao ar livre, inaugurada fora do Funchal, num agenciamento simétrico de planos e curvas²⁸⁵, e que na altura mereceu algumas críticas, pelo seu carácter não representativo, como seria de esperar.

Em 1970, a construção do novo Hospital Distrital do Funchal²⁸⁶ incluiu encomendas a artistas portugueses, nomeadamente um mural cerâmico e várias esculturas, espalhadas pelos jardins do complexo. António Paiva representou, em 1972, uma alegoria à “Saúde e Família”, conjunto escultórico formado por duas figuras estilizadas na verticalidade, separadas por um disco solar. No mesmo ano, Hélder Baptista esculpiu uma figura geometrizada em acentuações deformantes, numa proximidade ao jogo de volumes e vazios de Henry Moore. Manuela Madureira executou, em 1973, um muro escultórico em cerâmica pintada e suspensa em aço, também para o exterior do edifício (hoje em franco estado de degradação), e um mural cerâmico, de padrão abstracto, para o átrio de entrada.

No mesmo ano, é iniciada a construção do Hotel Casino Park²⁸⁷. Localizado nos terrenos da antiga Quintas Pavão e Quinta Vigia, este projecto é um dos conjuntos hoteleiros de maior presença e qualidade estética construído durante o *boom* turístico de inícios de 70 que povoou a Madeira de hotéis²⁸⁸. Expoente puro da arquitectura moderna

²⁸⁵ - Escultura comemorativa do primeiro jogo de futebol realizado em Portugal (1875), na freguesia da Camacha. Alguns anos mais tarde as entidades oficiais decidiram “restaurar” a base da peça, alterando a sua aparência sem ter consultado o escultor.

²⁸⁶ - Projecto do arq. Eduardo Valente Estevez Hilário. Conjunto arquitectónico e urbanístico de estilo funcionalista.

²⁸⁷ - Só inaugurado em 1974.

²⁸⁸ - Entre 1970 e 1973, para além do hotel “Casino Park”, foram inaugurados a maior parte dos hotéis da zona oeste do Funchal (exceptuando o Reid’s Hotel, construído no séc. XIX e ampliado nos anos 40): hotel Lido-Sol (1970), hotel Madeira Hilton (1971, depois “Madeira Palácio” até hoje), hotel “Bungavílea” (1971), hotel “Madeira Sheraton” (1972, hoje “Madeira Carlton”), hotel “Duas Torres” (1972) e hotel Girassol (1973), entre outros. Este *Boom* hoteleiro estendeu-se ao Conselho de Machico com a construção do

de estilo brutalista, o projecto conjunto do brasileiro Oscar Niemeyer e o português Viana de Lima, integra sabiamente três edifícios de volumetria diferente mas complementar: o Hotel, o Casino e a Sala de espectáculos/cinema, dispersos por um conjunto de jardins que ladeiam a Avenida Arriaga.

Foram integradas, nos jardins, esculturas minimalistas de Fernando Conduto e Joaquim Rodrigues, peças geradas pela repetição de módulos cúbicos e a sua transformação no espaço. De Joaquim Rodrigues, lá ficariam duas estruturas gémeas móveis, em ferro pintado a vermelho, de linguagem abstracta²⁸⁹. Já no período posterior ao 25 de Abril, vários artistas colaboraram, entre 1975 e 1979, com tapeçarias e pinturas nos interiores do hotel, cuidadosamente pensadas para a harmonia total do conjunto. Entre outros estão representados: Maria Velez, Sobral, Conduto, Sá Nogueira e Armando Alves. Hoje, as sucessivas re-decorações do interior, sem qualquer respeito pelo espaço, quebraram o equilíbrio estilístico que a concepção original possuía.

complexo Turístico MATUR , com o respectivo hotel “Holiday Inn” (1972, e que mais tarde será o “Hotel Atlantis”, hoje desactivado mercê das polémicas da sua proximidade à nova pista do aeroporto do Funchal), e o hotel “Dom Pedro” (1972).

²⁸⁹ - O que tem proporcionado que as mesmas mudem constantemente de localização, ao gosto dos tempos, e dos responsáveis.

Capítulo 4
1974 - 1990

4.1 – A REGIONALIZAÇÃO E AS NOVAS ESTRUTURAS CULTURAIS

O 25 de Abril fez-se sentir na Madeira de dois modos; complementares para alguns, divergentes para outros. O primeiro sentimento, comum a todos os portugueses, é o de liberdade – a democracia triunfara sobre o regime deposto. O segundo sentimento, vincadamente regional, traduz-se por um descontentamento, acumulado ao longo de décadas, contra o poder central de Lisboa. À libertação democrática acrescenta-se a reivindicação da autonomia política, antiga questão insular²⁹⁰, retomada agora no período “quente” que se seguiu à revolução.

A instabilidade política nacional reflectiu-se na Madeira num momento de acesas lutas ideológico-partidárias, prevalecendo o domínio da ideologia esquerdista em quase todo o país. Os excessos revolucionários originaram confrontos entre os diferentes partidos do Continente e, na Região, alguns movimentos como a FLAMA defenderam, na altura, a independência da Madeira²⁹¹. O primeiro governo regional²⁹², resultante do voto democrático dos madeirenses, tomou posse em 1978 e foi presidido por Alberto João Jardim.

O fim da ditadura provocou profundas mudanças sócio-políticas que alteraram o panorama artístico português. A fragilidade dos governos, nos primeiros anos de democracia, não permitiu uma renovação atempada da política cultural. No continente, foram os próprios artistas que procuraram estratégias de organização como o “Movimento Democrático dos Artistas Plásticos” – fundado em 1974 – desenvolvendo acções, discutindo e elaborando os estatutos de uma nova situação cultural. A dinamização artística manifesta-se neste período mediante a animação do espaço público, com pinturas murais, *performances* e *happenings* de forte pendor contestante. Ao longo dos anos 70 e 80, Portugal continuou a aproximar-se em termos artísticos das tendências internacionais. Uma atitude generalizada, tida por muitos como pós-moderna, caracterizou-se por um esgotamento da lógica das vanguardas e pelo retorno aos suportes e técnicas tradicionais, tanto na pintura como na escultura. O

²⁹⁰ - Sobre a questão autonómica madeirense, durante o regime salazarista, ver Nelson Veríssimo, «Autonomia insular: o debate na primavera marcelista», *Isleña*, nº 9, Funchal, 1991.

²⁹¹ - Acerca do período pós-revolucionário na Madeira, nomeadamente sobre a FLAMA, ver Luís Calisto, *Achas na Autonomia*, Funchal, Diário de Notícias, 1995.

²⁹² - Em Março de 1975 tinha sido criada uma Junta de Planeamento que não foi mais do que um prolongamento das políticas continentais. No ano seguinte formou-se a Junta Regional que substituiu o órgão anterior. Foi neste ano que a Constituição consagrou o regime político-administrativo da Madeira através do seu título VII “Regiões Autónomas”.

final dos anos 70 é marcado pela significativa exposição “Alternativa Zero” e pela criação de algumas bienais, a primeira das quais a de Vila Nova de Cerveira, em 1978. Uma crítica renovada; o cruzamento de uma nova geração de artistas com os consagrados – que aprofundam percursos –; a revitalização do mercado de arte; a descentralização e a internacionalização, são alguns indicativos da nova conjuntura dos anos 80.

A um nível local podemos também verificar uma nova etapa, no que diz respeito ao aparecimento de estruturas culturais e artísticas. Esta nova conjuntura reflecte o todo nacional e é também, sobretudo, consequência de uma progressiva regionalização das decisões e iniciativas neste campo. O Cine-Forum voltou a estar no activo após alguns anos de interregno, iniciando uma época de grande dinamização no campo da dança, música contemporânea e artes plásticas. Neste último sector o Cine-Forum organizou e patrocinou algumas exposições de artistas locais e continentais, ao longo da década em apreço. Em 1983 foi realizada no Funchal – com co-organização do Cine-Forum – a “1ª Assembleia Mundial dos Realizadores de Cinema”, o maior evento internacional havido na Região após o 25 de Abril de 1974²⁹³.

A literatura regional vai conhecer, nos anos 80, um incremento na produção e publicação de prosa e poesia. Colectâneas como *Ilha* (1975), *Da Ilha que somos* (1977) e *Ilha 2* (1979) são disso exemplo. Herberto Helder, nome relevante já nos anos 60 e 70, e José Agostinho Baptista são casos de visível projecção nacional²⁹⁴. Em 1975, a actividade teatral ganhou um novo impulso com a criação do grupo GETF (Grupo Experimental de Teatro do Funchal) que passou a contar, a partir de 1978, com a orientação do encenador Roberto Merino.

A DRAC e o Núcleo de Arte Contemporânea

A Secretaria Regional de Educação e Cultura, dependente do Governo e através da sua Direcção Regional de Assuntos Culturais (DRAC) irá chamar a si, nos primeiros anos de autonomia, algumas importantes acções de desenvolvimento cultural, nomeadamente através do alargamento progressivo da rede escolar a nível do ensino básico e secundário.

²⁹³ - Também em 1983, no mês de Abril, decorreu o debate “Cultura Madeira 83”, organizado pelo Centro de Cultura do Cine-Forum. Participaram Jorge Marques da Silva pelo ISAPM, Fernando Heitor pelas Actividades Culturais da CMF, José Maria da Silva pelo Cine-Forum e António Aragão pelo Arquivo Regional da Madeira.

²⁹⁴ - Ver Maria Margarida Macedo Silva (organização de) *Literatura madeirense – panorâmica geral*, Tomos V e VI, Funchal, SRTC, 1988.

Criada em 1979²⁹⁵, esta Direcção Regional teve à sua frente, num período de instalação, o escultor Amândio de Sousa como Assessor. O cargo foi de início exercido por António Marques da Silva – que viria a ser depois o primeiro director da DRAC – e depois pela pintora Teresa Figueira de Freitas. Posteriormente, a Direcção Regional dos Assuntos Culturais passaria a depender da nova Secretaria Regional de Turismo e Cultura e, a partir de 1984, foi a escultora Manuela Aranha a ocupar o cargo até 1996²⁹⁶.

A DRAC foi afirmando o seu papel na década de 80, mediante o apoio e divulgação das iniciativas culturais, nomeadamente no campo artístico. Ficaram adstritos à DRAC os museus então existentes na Região, assim como as bibliotecas públicas e o Arquivo Regional. Foi criado um Núcleo de Defesa do Património Cultural que iniciou uma árdua tarefa de classificação e recuperação de imóveis, usos e costumes tradicionais. No que diz respeito às artes plásticas, importa aqui destacar dois núcleos directamente ligados a este campo.

O “Núcleo de Animação e Divulgação Cultural” desempenhou, ao longo dos anos 80, importantes funções de apoio e divulgação através da calendarização de acontecimentos culturais – calendarização sujeita, porém, a critérios de ocasião, pouco informados –; produção de cartazes e catálogos; montagem de exposições no Funchal; e apoio na itinerância daquelas na Ilha e no Continente. A produção artística regional beneficiou largamente destes apoios. Contudo, a prioridade nas exposições levadas ao exterior foi dada às manifestações ligadas ao folclore e artesanato.

O segundo núcleo que aqui cabe referir é o “Núcleo de Arte Contemporânea”. A este ficaria adstrito o espólio de arte moderna, que até então tinha estado na posse da Câmara Municipal. Em 1974, uma exposição integrada nas “Festas de Fim de Ano”, e realizada na Quinta das Angústias²⁹⁷, concentrou num mesmo evento uma curiosa diversidade de manifestações. Reuniu-se um conjunto de presépios do séc. XVIII; a colecção camarária das obras de Francisco e Henrique Franco; uma colectiva de fotografia; uma colectiva de artistas locais, e ainda uma “Galeria de Arte Moderna” que incluía os trabalhos adquiridos nas I e II exposições de arte moderna no Funchal de 1966

²⁹⁵ - Criada pelo Decreto Regional nº 6/79/M de 25 de Maio. A DRAC substituiu a anterior Assessoria para os Assuntos Culturais, criada em 1976.

²⁹⁶ - As sucessivas datas, designações, chefias, e mandatos deste organismo foram até hoje as seguintes:

- 1976 - 1978: Assessoria para os Assuntos Culturais, (dependente da SREC) Esc. Amândio de Sousa.
- 07/1978 - 09/1980: DRAC, (dependente da SREC) Dr. António Marques da Silva.
- 10/1980 - 1983: DRAC, (dependente da presidência do Governo Regional a partir de Março de 1982) Pint. Teresa Figueira de Freitas.
- 01/1984 - 1996: DRAC, (dependente da SRTCE a partir de Novembro de 1988, e da SRTC em Novembro de 1992) Esc. Manuela Aranha da Conceição.
- 1997 Até hoje - DRAC, (dependente da SRTC) Dr. João Henriques da Silva.

²⁹⁷- Esta exposição marcou a ocupação oficial desta quinta, que virá a ser a residência do Governo Regional.

e 1967. Este último conjunto de obras será a base do espólio de arte contemporânea, pertencente ao Governo Regional.

Em 1984, para além dos quadros distinguidos e adquiridos aquando dos “Prémios da Cidade do Funchal”, o espólio integrava já obras adquiridas pela DRAC nos últimos anos (sobretudo através das exposições da Quetzal no Funchal) e ainda alguns trabalhos realizados por um grupo de artistas jugoslavos, durante a sua estadia na Madeira, em 1982²⁹⁸. Com a criação do Núcleo de Arte Contemporânea da DRAC, em 1980, este conjunto de obras foi inventariado continuando a ficar, no entanto, no arquivo do Museu da Quinta das Cruzes.

No dia 28 de Maio de 1984 foi finalmente inaugurada uma “Sala de Arte Contemporânea” ainda que provisória, na Quinta Magnólia. Num espaço improvisado ficaram em exposição permanente algumas obras deste pequeno mas interessante espólio, já há quase duas décadas à espera de um museu²⁹⁹. Algumas exposições temporárias foram organizadas neste espaço entre 1988 e 1989.

O Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira

Durante os primeiros e conturbados anos da democracia, a AMBAM foi uma das tantas instituições que sofreram a pressão constante de detractores – que acusavam tudo e todos – numa época de reivindicações, de antifascismo exacerbado e de rejeição pelo passado mais próximo³⁰⁰. Mas foi no próprio interior da Academia que uma nova geração alicerçou a mudança, reclamando uma actualização urgente do ensino. No pós 25 de Abril, alguns alunos e professores da Academia formaram comissões para analisar o futuro do ensino das artes na Região.

Da responsabilidade de António A. C. Gorjão – diplomado pela AMBAM e mais tarde professor da mesma – foi elaborado, em Fevereiro de 1976, um “Anteprojecto de reestruturação do ensino superior artístico”³⁰¹, no âmbito das reformas que

²⁹⁸ - Artistas integrados numa “Missão Estética” em Novembro de 1982, a convite da Direcção Regional de Turismo.

²⁹⁹ - No acto da inauguração desta sala de arte contemporânea, o então Secretário Regional do Turismo e Cultura, João Carlos Abreu, aproveitou para anunciar a realização de uma “I Feira Bienal de Artes Plásticas” na Madeira, que teria lugar no ano seguinte. Esta ideia só verá luz em 1987, com a realização da MARCA Madeira.

³⁰⁰ - O *Comércio do Funchal*, a partir de Abril de 1974, publicou artigos assumidamente acusatórios, que atingiram instituições e pessoas ligadas ao antigo regime. A Academia de Música e Belas Artes da Madeira não foi poupada e, por várias vezes, foi alvo dos mais diversos ataques. Sobre este assunto vejam-se as últimas edições deste semanário, entre 1974 e 1975.

³⁰¹ - Foi constituída uma Assembleia de Escola para aprovar os estatutos. O anteprojecto, na sua generalidade foi aprovado pelo prof. J. Marques da Silva e a comissão de alunos formada por Maria do

caracterizaram este período no país. A partir desta iniciativa foi criado oficialmente, em Outubro de 1977³⁰², o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, «... que viria a dar continuidade à acção desenvolvida pela antiga Academia no campo do ensino das artes plásticas». Segundo António Gorjão, a política de regionalização que se seguiu ao 25 de Abril permitiu dar resposta: «... à necessidade de dotar este arquipélago com uma unidade de ensino que, neste campo específico, assegure, para além de funções didácticas, as de investigação, de expansão cultural e de prestação de serviços à comunidade, numa perspectiva de abertura ao meio em que se insere»³⁰³, ficando assim oficialmente definido o papel e estatuto desta instituição³⁰⁴.

A criação do ISAPM resultou, pois, das diligências efectuadas pelos órgãos de gestão das correspondentes secções da ex-Academia, a partir das quais foram formadas as subseqüentes comissões instaladoras. Longas discussões, demarcações e os resultantes acordos, envolveram os representantes da SCM – proprietária da AMBAM – o Secretário Regional de Educação e Cultura e os representantes do Ministério de Educação. Transformada num instituto superior público, a antiga secção de Belas Artes foi assim reconhecida como instituição com largas provas dadas. Garantiu-se nesta passagem o aproveitamento de pessoal, estruturas, edifícios e equipamentos, estes últimos então adquiridos pelo Estado aos anteriores proprietários.

Assim, o Instituto herdou os alunos, docentes e funcionários da antiga Academia. O período de instalação durou quatro anos e a comissão instaladora foi constituída pelos professores Jorge Marques da Silva, António Gorjão e Isabel Santa Clara Gomes. A nova escola iniciou a sua actividade ministrando os cursos de Artes Plásticas/Pintura, Artes Plásticas/Escultura e Design/Projectação Gráfica. A alteração curricular foi acompanhada por um promissor leque de projectos, como a instalação de laboratórios de vídeo – com tecnologia de vídeo a cores, pioneira entre as escolas do país – e fotografia, assim como a abertura de um atelier infantil. Este último funcionou de forma experimental e associado à disciplina de “Educação Visual Básica”, o que permitia aos alunos do curso um contacto directo com a expressão plástica infantil. Este atelier desempenhava, ao mesmo tempo, um serviço de extensão cultural, ao facultar no meio a iniciação às artes plásticas neste nível etário, um facto pioneiro na Madeira.

Céu G. P. de Gouveia, Maria Fernanda F. V. Pereira e Maria Luísa C. P. C. Correia. Ver o documento policopiado de António A. Gorjão, *Anteprojecto de reestruturação do ensino superior artístico na Madeira*, Funchal, AMBAM, 1976.

³⁰² - Criado pelo Decreto-Lei nº 450/77.

³⁰³ - António Gorjão, «ISAPM, um novo estabelecimento de Ensino Superior», in *Espaço-Arte*, nº 1-2, Maio 1979, pp. 9-16.

³⁰⁴ - Segundo o Decreto-Lei que o criou, o novo Instituto Superior teria como finalidades: « a) proporcionar a formação básica no domínio das artes plásticas; b) promover a especialização e aperfeiçoamento daquela formação; c) realizar e estimular a investigação nas matérias referidas nas alíneas anteriores; d) difundir, por forma adequada, os conhecimentos respeitantes às matérias incluídas nos seus planos de ensino e de investigação». *Ibidem*.

O ISAPM constituiu, a partir do pós-25 de Abril, um pólo formador e dinamizador actuante, responsável por muitas iniciativas culturais através de acordos de colaboração com os organismos oficiais ligados à cultura. Foi reservado um espaço, nas novas instalações³⁰⁵, para uma pequena galeria de exposições aberta ao público, onde se irão realizar as mostras escolares e, esporadicamente, algumas exposições de artistas nacionais e estrangeiros.

Em 1978 foi iniciada a publicação de um boletim anual a que se chamou *Espaço-Arte*, constituindo nesta época a única publicação sobre artes plásticas na Região que teve, no entanto, uma reduzida tiragem e, portanto, uma parca divulgação. Alguns professores, como Maurício Fernandes e Jorge Marques da Silva³⁰⁶, colaboraram regularmente na imprensa local, com artigos críticos e de divulgação. Também colaborador neste sector, o professor António Gorjão publicou, entre 1978 e 1981, uma parte do ensaio “Consciência Estética” – conjunto de 5 tomos, desdobrados por vários volumes – que constitui um dos trabalhos de maior vulto na área da teoria estética, em Portugal³⁰⁷.

Para além das funções escolares, outras iniciativas foram encetadas. Porém, muitas delas ficariam restritas ao âmbito do próprio Instituto, situação que o seu director explicava, em 1984: «... a maioria do público não se habituou ainda a procurar este espaço; e a sua publicitação por motivos económicos (e dado o alheamento dos “órgãos de comunicação”) tem sido escassíssima – verificando-se mesmo o absurdo de muitas das mostras efectuadas na galeria do Instituto não terem chegado a ser noticiadas»³⁰⁸. E prosseguia: «... Já por dezenas se contam também os cursos especiais intensivos, seminários, palestras, colóquios ou debates e performances, havidos (uns inteiramente públicos, outros abertos mediante inscrição prévia e outros destinados aos próprios alunos e docentes ou também a participantes convidados)».

Neste contexto, e ainda em 1979, foi leccionado um “Curso intensivo de introdução a problemas centrais de investigação antropológica”, orientado pelo antropólogo convidado Jorge Freitas Branco³⁰⁹. Em Janeiro de 1980, em colaboração com a DRAC um debate público sobre as exposições de arte de 1979/80, sob a orientação de António A. Gorjão e coordenados por Jorge Marques da Silva. Em Junho do mesmo ano foi feita uma visita de docentes das Escolas de Belas Artes de Lisboa

³⁰⁵ - O ISAPM passou a funcionar integralmente, desde o ano lectivo 1976/77, no prédio da Rua da Carreira, nº 56, onde já vinha funcionando a AMBAM desde 1971. Este edifício prolongava assim a tradição que já detinha em relação às artes plásticas, pois nele residira, nos anos 40, o pintor Alfredo Miguéis.

³⁰⁶ - Este último já vinha colaborando desde os anos 60, como professor da antiga Academia. Ver capítulo anterior.

³⁰⁷ - Porém, este projecto de publicação ficou incompleto, não tendo sido publicados os tomos 4 e 5.

³⁰⁸ - António A. Gorjão, «O ISAPM e a Região», *Espaço-Arte*, nº 8, Funchal, ISAPM, Maio de 1984, pp. 17-27.

³⁰⁹ - Iniciativa enquadrada nos complementos de formação para os docentes, este curso foi realizado no mês de Outubro de 1979. A grande afluência obrigou a alargar o número de grupos e dias do curso.

(prof. Rocha de Sousa e Helder Baptista) e Porto (prof. José Rodrigues) para um encontro conjunto com o ISAPM.

Em Março de 1981 foram realizadas uma série de iniciativas sob o nome “A mágica e misteriosa viagem”, onde foi integrada uma exposição de desenhos do escultor Lagoa Henriques, o qual já tinha estado na Madeira, na década de 70. Para além da exposição foi organizado um “Estúdio Experimental de Desenho” com a orientação do mesmo escultor e outros professores do ISAPM. Ali, os participantes inscritos tomaram contacto com as técnicas e as possibilidades criativas do desenho.

Merece aqui referência um trabalho escolar realizado em 1982, inserida nas actividades curriculares do Instituto. Tratou-se de uma acção que podemos situar entre a arte sociológica e o *happening*, inédita no Funchal. Um objecto “estranho” – uma porta e respectivo aro, o que permitia abri-la e fechá-la – foi colocado na Praça do Município, bem no centro do Funchal³¹⁰. Esta forma de intervenção artística, mesmo que de nível escolar, provocou as mais diversas reacções dos transeuntes, habituados a um quotidiano citadino pouco dado a surpresas.

Outras acções do Instituto trouxeram arte e artistas de fora da Região, sempre numa clara preferência por linguagens e processos actualizados. Em 1981 foi promovida uma “Conferência e uma Intervenção Orfotímica”, anti-conferência próxima da *performance*, onde António Aragão «... *desafiou com o seu mutismo um ávido e reduzido público*»³¹¹. No mesmo ano, o ISAPM colaborou na organização de uma colectiva de fotografia contemporânea de artistas estadunidenses, no Museu de Arte Sacra. Incluiu-se ainda um curso de fotografia e palestras.

A partir de Outubro de 1986 foram iniciadas as “Jornadas Anuais do ISAPM”, encontros temáticos que passariam a ser efectuados com esta periodicidade, mantida até finais dos anos 90. As primeiras visaram o tema “Arte e ensino artístico/hoje”. No ano seguinte as Jornadas foram integradas no “Congresso de Arte Contemporânea” da MARCA/Madeira, congresso que o ISAPM organizou e do qual falaremos a seguir. As III Jornadas Anuais trataram do futuro da cultura nos anos 90 – ou “Decénio Mundial de desenvolvimento Cultural” – e dos novos currículos da educação artística básica e secundária. Em 1989 o tema voltaria a ser o ensino superior artístico e, a partir dos anos 90, as temáticas diversificar-se-iam e teriam um estatuto mais alargado, com convidados de âmbito nacional.

As exposições escolares, dentro e fora do recinto do Instituto, mantiveram também uma periodicidade regular, sendo realizadas várias ao longo do ano. A “I Colectiva de

³¹⁰ - Trabalho realizado no âmbito da cadeira de “Sociologia da Arte”. Foram registados em fotografia os vários dias e ocorrências do *happening*, e elaborado um inquérito, assim como uma análise escrita que se encontra no arquivo de trabalhos do Ex-ISAPM.

³¹¹ - Realizada em 14 de Março. Cf. in «A anti-conferência de António Aragão», *Diário de Notícias*, Funchal, 15/03/1981.

Alunos do ISAPM”, apresentada fora da escola, pôde ser vista no Museu de Arte Sacra, entre 10 e 22 de Julho de 1979³¹². Na inauguração desta exposição, por convite do ISAPM, esteve presente o crítico de arte Rui Mário Gonçalves, que se encontrava de novo na Madeira³¹³.

Este crítico, avaliando o trabalho apresentado pelos alunos, não deixou de concordar com a opinião proferida por António Gorjão, por ocasião de uma entrevista à imprensa local. Ambos lamentavam que não tivessem surgido «... *alguns trabalhos de carácter mais decididamente experimental ou vanguardista [no bom sentido]*»³¹⁴. As notórias semelhanças estilísticas, formais e substanciais, entre trabalhos de autores diversos são um produto natural, como dissera Rui Mário Gonçalves, nos estudantes e muito mais marcado, por vezes, nas escolas. Contudo, A. Gorjão salientou, nesta primeira exposição «... *a liberdade de pesquisa proporcionada e incentivada cabendo a cada aluno procurar os meios próprios da sua realização, expressão e criação. Além disso todas as obras são experimentação; nessa medida, todas estas o são também e portanto*»³¹⁵.

Novas estratégias de grupo. Associações e ateliers.

Na sua maioria ex-alunos e professores do ISAPM, uma nova geração de artistas locais vai encontrar na mútua colaboração, e reunião de esforços, uma solução eficaz para romper as limitações do meio insular. A carência de espaços para criação e divulgação artística será preenchida com dois projectos, entre si ligados, que constituem o núcleo estrutural de associação dos artistas madeirenses.

Em 1974, ainda na então Academia de Belas Artes, nasceu a ideia e projecto de criação de um atelier de artes plásticas, por iniciativa do arquitecto e professor Gil Martins e de António Gorjão, na altura finalista do Curso de Pintura. Diversas dificuldades de concretização levaram a sucessivos adiamentos, pautados por experiências incipientes que tomaram forma definitiva a partir de 1977, aquando da criação do ISAPM. Nas novas instalações da Rua da Carreira passou a funcionar um atelier livre, utilizado nas horas em que os espaços não estavam ocupados pelos alunos.

³¹² - Expuseram Aires Teixeira, Ana Manuela, Ana Sousa, António Nelos, Celso Caires, Dina Pimenta, Elsa Velosa, Eugénia Miguéis, Fernanda Pereira, Guilhermina da Luz, Idalina Sardinha, Isabel Natal, Ivone Ferreira, José Júlio Fernandes, José Manuel, Jovita Leão, Lena Farinha, Luísa Correia, Mariana, Olema Miranda, Ricardo Pinto, Rita Lucília, Rita Sales Caldeira, Rui Rodrigues e Teresa Brazão.

³¹³ - Rui Mário Gonçalves leccionou, na década de 80, a Cadeira de “Literatura e Artes Plásticas” na então Extensão da Faculdade de Letras de Lisboa, que funcionou no Funchal até à abertura dos cursos da Universidade da Madeira, em 1989.

³¹⁴ - In «I Exposição do ISAPM - Balanço francamente positivo do trabalho desenvolvido em dois anos», *Diário de Notícias*, Funchal, 11/07/79.

³¹⁵ - *Ibidem*.

Este ambiente de criação partilhado proporcionou um clima suficientemente motivador para que alguns dos artistas locais, na sua maioria ex-alunos do ISAPM, continuassem uma prática iniciada na escola e, que de outro modo, não teria condições de ser prosseguida.

Organizado e gerido por docentes do ISAPM, o Atelier Livre teve o mérito de chamar a si alguns artistas autodidactas, como Eduardo Freitas – ou outros que regressaram à Ilha após longos períodos de ausência, como Alice de Sousa – permitindo assim um saudável intercâmbio de experiências, num inusitado convívio pouco comum num meio onde, curiosamente, todos parecem estar muito afastados, apesar da exiguidade do território. Este atelier passou a ser gerido, a partir de meados dos anos 80, pela CIRCUL'ARTE, uma associação que complementarará os esforços de organização dos artistas plásticos.

Criada em Julho de 1986, a CIRCUL'ARTE foi constituída oficialmente após alguns anos de ideias e projectos desenvolvidos por alunos, ex-alunos e docentes do ISAPM, ligados ao atelier livre então adstrito àquele Instituto. Por iniciativa do professor António Gorjão foi promovida a constituição de uma comissão, que ficou a cargo da gestão dos ateliers livres. Esta comissão teria também papel decisivo na criação de uma Associação de Artistas Plásticos «... *vocacionada para integrar os próprios utentes daqueles ateliers e todos os cultores das Artes Plásticas na Região*»³¹⁶.

À cabeça daquela Comissão estava José Júlio C. Fernandes³¹⁷, principal impulsionador e fundador da CIRCUL'ARTE. Com este nome ficou baptizada a primeira e única experiência de associação, de carácter estatutário, dos artistas na Madeira. Pretendia-se, como máximo objectivo, a defesa e promoção das artes plásticas. Estava assim preenchida uma lacuna, o que iria permitir aos artistas locais desenvolver projectos em conjunto, promover intercâmbios de informação, colaborações, cursos, visitas de estudo e exposições. A Associação de Artistas Plásticos surgiu no auge do *boom* artístico dos anos 80, como consequência de uma nova e dinâmica escola de artes, que veiculou projectos, discussões e debates assíduos sobre os mais diversos problemas relacionados com o sector. De forma complementar, a presença entre nós de uma galeria como a *Quetzal* e a consequente organização da MARCA/Madeira, pautaram o nascer e os primeiros anos, de certo modo eufóricos, desta nova forma de estar no panorama das artes locais.

Um ano depois da sua formação, a CIRCUL'ARTE apresentou a sua “I Mostra de Artes Plásticas”, integrada na MARCA Madeira 87. Da sua actividade posterior

³¹⁶ - António A. C. Gorjão, «Ateliers livres e Associação de Artistas Plásticos da Madeira», in *Espaço- Arte*, ISAPM, Funchal, nº 11, 1996, pp. 37-41.

³¹⁷ - José Júlio C. Fernandes, licenciado em Farmácia, matriculou-se posteriormente no ISAPM, obtendo ali a Licenciatura em Escultura e mais tarde em Design. Participou em diversas exposições colectivas e realizou trabalhos nas áreas da medalhística, fotografia, design, *performance*, vídeo e instalação.

destacamos uma segunda colectiva em 1988, denominada “Insinuações e Propostas”, da qual foi escolhida uma representação de artistas madeirenses que exporiam no “Forum Picoas”, realizado em Lisboa, no mesmo ano. A “II Mostra de Artes Plásticas” desta Associação, que será a última assim denominada, aconteceu em 1989. No ano seguinte, a colectiva “Ideias & Argumentos” inaugurava uma nova década e constituiu, paradoxalmente, a derradeira exposição deste tipo organizada pela CIRCUL’ARTE³¹⁸.

Finalmente, cabe aqui apontar a criação do Atelier de Artes Plásticas de Machico, como experiência de descentralização artística ligada à movimentação anterior. Inaugurado em Abril de 1988, este Atelier contou com a dinamização do escultor Luís Paixão, natural daquele Concelho, e de Jorge Moreira, que esteve na direcção até princípios de 90, altura em que o atelier cessou a sua actividade.

³¹⁸ - Outras actividades promovidas ou organizadas pela CIRCUL’ARTE, ainda nos anos 80, foram: representação de artistas madeirenses na Feira de Indústrias e Cultura (Lisboa, 1989) em colaboração com a DRAC; coorganização de exposições de Poesia Ilustrada (Funchal, 1989 e 90); realização do curso de Vídeo-Arte (1989) e de cursos de iniciação à Pintura e à Escultura (1990).

4.2 – DA QUETZAL À “MARCA MADEIRA”

Após meados de 60, as exposições de âmbito nacional trazidas à Madeira quase desapareceram – recordem-se as duas exposições de 1966 e 1967 – exceptuando algumas iniciativas sem continuidade, acompanhadas pela presença constante de naturalistas, retratistas e pintores de ocasião, que aqui foram pintando e expondo, vindos do Continente e estrangeiro. Após 1974, um surto de exposições do mais variado leque de qualidades e procedências animou o panorama cultural ilhéu. Vamos deter a nossa atenção naquelas que, de um modo ou de outro, se evidenciaram pelo seu valor artístico.

A Arte que veio ao Funchal

Muitas ausências seriam de esperar, pois continuava a ser a capital do País o centro monopolizador das mais importantes exposições de arte. Na Madeira, contudo, a descentralização progressiva começou a mostrar resultados nestes primeiros anos de autonomia. As instituições locais, ora em concorrência, ora em colaboração, trouxeram ao Funchal com alguma frequência boas, e menos boas, mostras de arte contemporânea nacional e, por vezes, internacional.

O segundo contacto da Região com a arte internacional de vanguarda³¹⁹ ocorreu em 1977 com a exposição itinerante, co-organizada pelo Ministério da Cultura e a Embaixada de França em Portugal, denominada “De Bonnard a Miró - Homenagem a Teriade”³²⁰. Editor desconhecido do grande público, Teriade publicou livros e albuns de desenhos de artistas como Bonnard, Matisse, Miró, Chagal, Gris, Villon, Picasso, Léger, Rouault e outros expoentes da arte moderna, que puderam ser vistos pela primeira vez no Funchal, onde a arte internacional pouco ou nada circulava.

O relançamento das técnicas da gravura em Portugal, ao longo dos anos 60 e 70, vai reflectir-se nas exposições trazidas ao Funchal, que privilegiaram repetidamente

³¹⁹ - Lembramos que a exposição da “Colecção Rolf Stenersen” foi a primeira mostra deste tipo, em 1970. Ver capítulo anterior.

³²⁰ - Inaugurada no *Grand Palais* em Paris no ano de 1973. No nosso país, a exposição percorreu as cidades de Lisboa, Porto, Ponta Delgada e Funchal.

este domínio. Destacamos, logo em 1978, a exposição “Gravura no Funchal”³²¹. No mesmo ano foram expostas gravuras de Vieira da Silva no Museu de Arte Sacra³²². Em 1980 foi a vez da II Exposição Nacional de Gravura, co-organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela DRAC, seguida no mesmo ano por uma mostra de gravura de Teixeira Lopes e Sérgio Pinhão, no Teatro Municipal. Em 1982 foram expostas no Teatro Municipal 40 gravuras de Ilda Reis, sob a organização conjunta da Câmara Municipal em colaboração com a FCG. Finalmente, e já no final da década (1989), foi organizada pelo “Núcleo de Arte Contemporânea” a exposição “Gravura e outros múltiplos” com obras de artistas nacionais e locais, presentes em colecções da Ilha.

Outras linguagens também marcaram presença no Funchal, tendo sido, no entanto, muito esporádicas. Ainda em 1978 foi realizada uma intervenção artística de rua, no Largo da Restauração – em pleno centro do Funchal – pelo artista de *performance* Rui Órfão, ligado ao CAPC³²³. Também aconteceram, episodicamente, algumas exposições de fotografia, como a do grupo “IF”, (João Paulo Sotto Mayor, José Carlos Príncipe, José Marafona e Luís Abrunhosa Vasconcelos) trazida ao Funchal pela DRAC em 1978. Fotografias de Gageiro e Ana Esquível foram expostas no Teatro Municipal em Novembro de 1980.

Quanto a exposições individuais de artistas portugueses, para além das anteriores, destacamos duas. A primeira foi escultura de Charters D’Almeida, no Museu de Arte Sacra, em Outubro de 1979. No ano seguinte foi a vez de uma exposição retrospectiva de José de Guimarães, integrada nas “Festas de fim do ano”. Em itinerância chegaram até nós, em 1983, “Imagens da Arte em Portugal” da responsabilidade da FCG, também apresentada no Museu de Arte Sacra. Em 1988 virá outra exposição itinerante, “Pintura Portuguesa 1988”, trazida ao Funchal pelo Centro Nacional de Cultura.

O Cine-Forum, por sua vez, organizou algumas exposições de artistas portugueses como René Bértholo, em 1980, que apresentou uma espécie de retrospectiva na galeria de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra. Uma outra retrospectiva foi a de pintura produzida por António Aragão entre 1957 e 1965, apresentada no mesmo Museu³²⁴. No mesmo ano, a convite do Cine-Forum, foi a vez de uma interessante exposição do arquitecto madeirense Marcelo Costa, responsável

³²¹ - Apresentada no Teatro Municipal, em Janeiro. Organizada pela Câmara Municipal do Funchal e a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

³²² - Apresentada em Julho. Foram realizadas visitas guiadas, sob orientação de professores do ISAPM.

³²³ - «Arte-intervenção no Funchal» in *Diário de Notícias*, Funchal, 27/08/1978. Trata-se de um pequeno artigo que anuncia este acontecimento que teve lugar no dia 28 de Agosto. No próprio dia, e depois da *performance* de Rui Órfão, não foi dada qualquer cobertura ao evento.

³²⁴ - Exposição aberta entre 27 de Fevereiro e 20 de Março de 1981.

por alguns edifícios de carácter pós-moderno, e referências *pop*, no Funchal³²⁵. A exposição, denominada “Desenhos e um Objecto Motorizado”, esteve patente no Casino Park Hotel.

Neste período regressam à Madeira para expor pela primeira vez, depois de consagradas no exterior, Lourdes Castro e Martha Teles. A primeira apresentou em Junho de 1977 o seu “Teatro de Sombras”, que tinha já percorrido a Europa e América Latina. No fim de 1979, a artista apresentou no átrio da DRAC uma exposição do trabalho que vinha realizando com sombras desenhadas, bordadas em lençóis e recortadas em acrílico. Nesta exposição, os visitantes recebiam um calendário para 1980 com a reprodução de uma obra em cada “mês” (Dezembro 79/Janeiro 80). A artista manteve, como já foi dito, um contacto assíduo com a Ilha, mas até então nunca tinha mostrado o seu trabalho ao público madeirense. Por sua vez, Martha Teles expôs, no Museu de Arte Sacra, um conjunto de obras que já tinha mostrado um ano antes na FCG, em Lisboa.

Em 1983, uma outra retrospectiva de António Aragão sucede-se à já antes referida. Tratou-se de “Aquarelas de costumes madeirenses”, trabalhos datados de 1965³²⁶. Os madeirenses Vítor Fortes e Albertina de Sousa também apresentaram a sua primeira exposição no Funchal, depois de muitas lá fora, em 1985 e 1986 respectivamente, após terem emigrado nos anos 60.

A Galeria Quetzal

Paralela aos acontecimentos referidos anteriormente, esta iniciativa do galerista Francisco Faria Paulino trouxe até nós importantes exposições de artistas portugueses. Responsável em Lisboa pela Galeria *Altamira*, Faria Paulino criou na Madeira a Galeria *Quetzal*, projecto ligado à editora continental do mesmo nome. Não possuindo espaço próprio para expor no Funchal, a *Quetzal* apresentava as suas exposições no Teatro Municipal e no Museu de Arte Sacra, os únicos e habituais locais de exposição na Cidade. Estas exposições foram realizadas em colaboração com a recém criada DRAC.

³²⁵ - Marcelo Costa (1927-1995) nasceu no Funchal e cursou arquitectura na escola de Belas Artes do Porto. Conheceu e manteve relações de amizade com Lourdes Castro, Keil do Amaral e António Areal, entre outros. Este arquitecto esteve ligado às artes plásticas através da prática do desenho, de referências *pop*, assim como ao objectualismo, criando pequenos objectos de papel. Na arquitectura, Marcelo Costa destacou-se com projectos para o Funchal como o edifício do “Jornal da Madeira” e o Hotel “Navio Azul” (1969-1974), de tom lúdico e figurativo. Marcelo Costa assinou ainda projectos de carácter utópico, como o da Igreja da Graça e o surpreendente edifício *Kodak Press Building*, nunca construído, que tem a forma de uma câmara fotográfica, e do qual o Museu de Arte Contemporânea do Funchal possui alguns desenhos de corte e alçado. Cf. José Manuel Fernandes, *Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português*, ob. cit., p. 344.

³²⁶ - Realizada no Teatro Municipal de 5 a 7 de Fevereiro de 1983.

Deste modo, foi possível ver no Funchal boas exposições de pintura, começando com Moniz Pereira em 1981. Uma importante “Colectiva de Gravura” de artistas portugueses³²⁷ – entre os quais os madeirenses de projecção nacional Lourdes de Castro e Víctor Fortes – foi aberta ao público em Janeiro de 1982. No mesmo ano a *Quetzal* trouxe a Madeira João Hogan (Março), José de Guimarães (Maio), Rogério Amaral (Setembro) e António Botelho (Novembro). Em 1983 expuseram Cruzeiro Seixas (Março), Teresa Magalhães (Junho), Carlos Calvet (Setembro) e Cargaleiro (Novembro). No ano seguinte Francisco D’Almada (Abril), Emília Nadal (Setembro) e Manuel Baptista (Novembro). Em 1985 foi a vez de Henrique Ruivo (Abril), João Mourão (Julho), Isabel Laginhas (Setembro) e Guilherme Parente (Novembro).

Exposições de qualidade foram acontecendo com uma periodicidade trimestral, quebrando assim a rotina e contribuindo para o ambiente movimentado dos primeiros anos da década de 80, despertando interesses e motivando os próprios artistas locais, tão carenciados do contacto directo com a pintura contemporânea. Nesta sequência, o galerista Faria Paulino levaria até à *Altamira*, em Lisboa, uma colectiva de artistas madeirenses intitulada “Dezassete Graus Oeste” (1986).

Assim, o diálogo com os artistas de fora fomentou a troca de opiniões e saberes, fundamental numa região isolada. Francisco Faria Paulino colaborou também na imprensa local, através de artigos de carácter “pedagógico” sobre artes plásticas, onde o galerista pretendeu, de forma clara e fundamentada, dar ao grande público “ferramentas” para compreender a arte contemporânea³²⁸.

MARCA 87/ Festival de Arte Contemporânea do Funchal

Após vinte anos, o Funchal voltaria a ser palco de um evento artístico de escala nacional. Tinha-o sido pela última vez em 1967 com a II Exposição de Arte Moderna Portuguesa, referida no capítulo anterior. A MARCA Madeira, que surge na sequência da acção dinamizadora do madeirense Francisco Faria Paulino – responsável pela galeria *Quetzal* –, constituiu o acontecimento artístico do ano no País. Pautada pelo figurino de Feira de Arte, foi a primeira realização deste tipo em Portugal.

Por não existir, na altura, um espaço especialmente reservado a acontecimentos desta dimensão, foi escolhida e adaptada para tal efeito a Escola Secundária Francisco Franco. O festival foi organizado pelas Secretarias de Turismo e Cultura e da Educação;

³²⁷ - Os artistas representados foram: Armando Alves, Bartolomeu Cid, Carlos Botelho, Carlos Calvet, Costa Pinheiro, David de Almeida, Jorge Martins, Júlio Pomar, Lourdes Castro, Menez, Moniz Pereira, Nadir Afonso, Nikias Skapinakis, António Palolo, René Bertholo, Vespeira, Víctor Fortes e Vieira da Silva.

³²⁸ - A título de exemplo conferir: Francisco F. Paulino «Abstracção em Pintura ou ... a faculdade da criar mundos» in *Diário de Notícias*, Funchal, 19/06/1983, p. 3.

desdobrado por diversas comissões e um comissariado executivo. Neste aspecto, a MARCA constituiu um “marco” exemplar de gestão e colaboração entre organismos oficiais e particulares, pouco frequente no nosso meio insular, e até mesmo nacional.

O acontecimento teve um carácter diversificado, prolongando-se num leque de actividades constituído por um “Forum das Galerias de Arte” (31 galerias representadas)³²⁹; uma “Feira do Livro de Arte”; um mediático leilão de obras, transmitido em directo para todo o País através da televisão; um “Congresso de Arte Contemporânea Portuguesa”, e ainda exposições paralelas a decorrerem nos museus, escolas e galerias locais. Entre estas actividades paralelas destacamos uma “Mostra de Arte Contemporânea Açoriana”, patente na Galeria da SRTC, onde estiveram representados Canto da Maya, Domingos Rebelo, António Dacosta, José Nuno Câmara Pereira, Carlos Carreiro e Raposo de França; a “I Mostra da CIRCUL’ARTE” no Teatro Municipal; e uma exposição do espólio do “Núcleo de Arte Contemporânea” do Funchal, na Quinta Magnólia.

Importante, e decorrendo em paralelo com a MARCA, foi a exposição do espólio oficial da obra dos irmãos Henrique e Francisco Franco, pois esta assinalou a inauguração do Museu³³⁰ que leva o nome daqueles artistas. Finalmente, os habitantes da Madeira – e os visitantes – teriam contacto directo e permanente com o espólio dos dois artistas madeirenses, espólio adquirido em sucessivas etapas pela Câmara Municipal do Funchal³³¹.

Por outro lado, a Galeria *Quetzal* apresentou neste festival de arte uma selecção de artistas madeirenses, ligados de um modo ou outro ao trabalho efectuado por aquela galeria no Funchal. Representaram a *Quetzal* Celso Caires, Maurício Fernandes, Isabel Santa Clara, Élia Pimenta, Guilhermina da Luz, Teresa Jardim, Teresa Catarina, Evangelina Sirgado, Luís Paixão e Luís Amado.

Para assinalar a MARCA foi também pintado um mural colectivo, que contou com a participação dos artistas visitantes e residentes. O mural foi pintado num pátio interior da Escola Secundária Francisco Franco e participaram, entre outros, Eurico

³²⁹ - Galerias representadas: Fonte Nova, Oficina 59, Livraria Barata, Pousada Castelo de Palmela, Novo Século, Graffiti, Gilde, Leo, São Bento, Centro português de Serigrafia, Arco 8, Bertrand, Altamira, Quadrum, Ana Isabel, Cómicos, R73, 111, EMI Valentim de Carvalho, Módulo, IAM, Quetzal, Diferença, Nasoni/Sala Atlântica, Nasoni/Monumental, Roma e Pavia, Alfarroba, Espaço Oligrupo-Renascença, EG e S., Mamede.

³³⁰ - Foi escolhido para este Museu um edifício contíguo a Escola Secundária onde ambos foram alunos e professores. Trata-se do antigo Auxílio Maternal, projecto datado de 1945 – logo coevo dos artistas. Diversas contingências adiaram sucessivamente a inauguração do Museu, que ocorreu a 21 de Agosto de 1987, dia da Cidade do Funchal.

³³¹ - A primeira aquisição deu-se em 1966, quando a Câmara Municipal ficou na posse de uma vasta colecção de esculturas e desenhos de Francisco Franco. Mais tarde veio juntar-se a este o também largo património de pintura a óleo, e alguns desenhos e aguarelas, de Henrique Franco. Cf. in *Catálogo da MARCA/Madeira 87*, Funchal, Eco do Funchal, 1987, p. 153. Acerca deste museu ver também Rui Carita, *Catálogo do Museu Henrique e Francisco Franco*, Funchal, CMF, 1988.

Gonçalves, José Paulo Ferro, Isabel Garcia, Kira, Carlos Lança, Helena Matta, Armando Alves, Teresa Magalhães, Cristina Ataíde e o madeirense Rigo.

Por outro lado, o Congresso de Arte Contemporânea – o primeiro do género realizado no País – foi organizado pelo Instituto de Artes Plásticas da Madeira e, durante três dias, participaram artistas, historiadores, sociólogos, críticos e galeristas, num total de quarenta especialistas. O programa do congresso, também integrado nas “II Jornadas Anuais do ISAPM”, incluiu os seguintes temas: “Perspectivas da Arte Portuguesa Actual”, “Abordagens Históricas”, “Crítica, Difusão e Teorização”, “Ensino Superior Artístico” e “Património Cultural”. Apresentaram comunicações, entre outros: Sílvia Chicó, Raquel Henriques da Silva, Alexandre Melo, Alberto Carneiro, E. de Melo e Castro, Eurico Gonçalves, António Quadros, Clara Meneres, e os Professores do ISAPM António Gorjão, Idalina Sardinha, Celso Caires e Maurício Fernandes³³².

Foi elaborada uma acta onde se concluía que o Congresso serviu para equacionar a situação da arte portuguesa nas suas variadas componentes. Recomendou-se também, neste documento, a continuidade periódica de manifestações deste tipo, cuja periodicidade deveria ser «... *de preferência bienal, com maior especialização dos temas a abordar*»³³³. O ensino artístico, uma das questões debatidas, ficou agendado para um próximo encontro «... *especialmente destinado ao estudo de concertações e reformulações convenientes no âmbito do Ensino Superior Artístico a nível nacional e tipos de formação que proporciona*»³³⁴, a organizar novamente pelo ISAPM. Um dos pontos urgentes, para as artes plásticas, era a «... *adequada inserção das escolas oficiais no ensino universitário e formas de articulação diversificada entre estas e as escolas privadas*»³³⁵.

No seu conjunto, e para a soluçante pacatez do meio insular, a MARCA representou, indubitavelmente, um momento privilegiado para contemplar no Funchal uma selecção bastante representativa da arte contemporânea portuguesa, e para assistir a debates e palestras conduzidas por nomes importantes do panorama artístico nacional, quer no campo da criação, quer no da teoria e crítica de arte. É notável o destaque dado pela imprensa local que não se limitou, como é hábito, a noticiar os acontecimentos, pois inseriu, durante várias edições, entrevistas e artigos mais ou menos aprofundados sobre as diferentes realizações. O número de páginas dedicadas à arte, nestes dias de exposição, igualou as do desporto, facto deveras assinalável.

³³² - Também apresentaram comunicação: Helena de Freitas, Marina Ruttler Ruivo, João Miguel Jorge, Eduardo Barroso, António Rodrigues, Helena Lopes, Sérgio Ferreira da Costa, António Nelson, Isabel Moreira, Ana Bela Mendes, Margarida Calado, João Vieira, Carlos Barroco, Correia Pinto, Maria João Fernandes, Miguel Soromenho, David Justino, Carlos A. Ferreira de Almeida, Artur Nobre de Gusmão, J. Coelho dos Santos, Dario Alves, Filipe Rocha da Silva, António Miguelote.

³³³ - In *Congresso de Arte Contemporânea do Funchal - conclusões e recomendações*, Funchal, ISAPM, 09/09/1987.

³³⁴ - Ibidem.

³³⁵ - Ibidem.

Assim, a MARCA fez renascer na Ilha o entusiasmo pelos eventos artísticos de grande porte — e também o protagonismo da Madeira a nível nacional — que já tinham proporcionado, duas décadas antes, as duas grandes exposições de arte moderna portuguesa, realizadas no Funchal.

4.3 – O INCREMENTO DA PRODUÇÃO LOCAL

O dinamismo criado pela Quetzal, assim como a nova geração de alunos e professores do ISAPM, foram dois factores determinantes para o incremento de exposições e aparecimento de novos artistas, na sua maioria ligados ao Instituto, formados ou não nele – ou através do Atelier Livre, aberto também a autodidactas. A DRAC apoiou e organizou muitas exposições, e os artistas madeirenses desenvolveram a prática artística com um entusiasmo e frequência sem precedentes, expondo preferencialmente em colectivas. São diversos os nomes que vão entrando e saindo da cena artística; outros que persistem e alguns que se restringem aos trabalhos do fim de curso, depois abandonando projectos, para irremediavelmente enveredar pelo ensino; ou por falta de incentivos, etc. Muitas são as razões para que alguns jovens prometedores deixassem de criar com alguma continuidade. Utopias, abandonos e insistências caracterizaram o fim dos anos 70, e princípios dos 80.

As exposições colectivas. Experiências e vontades

A partir de 1976, o aumento do número de exposições não significou, taxativamente, incremento na qualidade. A selecção dos trabalhos obedeceu, em muitos casos, a critérios pouco claros e desinformados, primando por alguma falta de organização e fraco diálogo entre as instituições envolvidas. Porém, devemos destacar algumas colectivas organizadas pela Câmara Municipal em colaboração com o ISAPM. Foi realizada uma em 1976 com 25 expositores, e outra no ano seguinte, com a participação de 16 artistas. Nestes anos foram presença constante os nomes de artistas como Adriano, Maurício Fernandes, Carlos Luz, Rui Carita, Ângela Costa, José Baptista, Gabriel Mota e o espanhol Miguel Osório. Só alguns se manteriam activos ao longo dos anos 80.

Uma primeira exposição a salientar, pelo seu ineditismo, foi a colectiva denominada ART'ILHA. Esta colectiva de artistas madeirenses, realizada em 1978, constituiu uma das primeiras mostras da produção regional que ultrapassou os limites ilhéus e percorreu algumas cidades do Continente. Esta exposição teve o mérito de constituir uma inovadora experiência de animação cultural, quebrando os moldes tradicionais das exposições de arte na Madeira. Assim, para além de pintura e escultura, foram apresentados filmes e diaporamas; foi realizado um debate público e ainda um

inquérito. Um grupo de *Jazz* local (o grupo *Oficina*)³³⁶ actuou no recinto da exposição. A adesão do público foi inesperadamente positiva, talvez devida ao conjunto de actividades paralelas. Foi uma tentativa de agitação do meio que resultou mas que, mais uma vez, não teve continuidade³³⁷.

Os anos 80 inauguram-se com uma série de exposições colectivas que prometiam instituir-se como mostras anuais. O “1º Salão de Artes Plásticas” do Cine-Forum apresentou 24 artistas da Região, com um total de 47 trabalhos, e não teve segunda edição. Uma outra colectiva no Restaurante/Livraria “Pátio - Letras e Artes” foi inaugurada no mesmo ano, e terá tão só uma segunda edição em 1981, onde foram mostrados 60 trabalhos de um total de 20 artistas. Outra exposição de dimensões consideráveis foi, em 1983, a colectiva dos alunos do ISAPM realizada no Museu de Arte Sacra (136 trabalhos de 31 alunos). Outras colectivas reuniram pintura e escultura de madeirenses como Alice Sousa, Franco Fernandes, Luís Amado e Gil Bazenga.

Os docentes do ISAPM também realizaram um conjunto de exposições colectivas que aconteceram com uma frequência assinalável. Em 1982 foi a vez de “Fragmentos”, a primeira exposição colectiva de professores e alunos (Guilhermina da Luz, Teresa Brazão, Maurício, Paulo Maria e Celso Caires). Entre 1986 e 1987 ocorreram, num curto intervalo temporal, “Sinais Convencionais”, 2ª colectiva de professores do ISAPM; uma terceira intitulada “Colecção de Inverno” e ainda “Dezassete Graus Oeste”. Esta última exposição foi levada no mesmo ano à Galeria *Altamira*, em Lisboa. Para além destas, e das mostras da CIRCUL’ARTE, outras colectivas apresentaram no fim da década o trabalho de uma geração mais jovem, como a “Zeros”, no Casino Park Hotel; a exposição “Situações” e “Woauh”, entre outras.

³³⁶ - Criado em 1979 este grupo de madeirenses, empenhados na criação colectiva de *jazz* experimental (de improvisação), tem participado em iniciativas que reúnem as artes plásticas e a música, em exercícios de criação mútua.

³³⁷ - Excertos do texto inserido no catálogo da exposição itinerante, em 1978:

«... Porque não quisemos que esta exposição ficasse restrita aos modelos tradicionais, propusemo-nos introduzir novos elementos dinâmicos, porventura pouco usuais:

- um debate público, orientado por dois professores da ESBAL (não concretizado por falta de apoio oficial)
- apresentação de novos autores
- apresentação de obras criadas noutros centros culturais
- exibição de filmes e diaporamas
- actuação do grupo de *Jazz Oficina* no próprio recinto da exposição.
- inquérito com o intuito de detectar a sensibilização do público a este tipo de manifestações».

«... ARTILHA apresentou-se como um trabalho de grupo, possível porque houve um objectivo comum: a necessidade de uma acção de animação cultural. A afluência do público, que ultrapassou de longe todas as nossas expectativas, levou-nos a pensar na itinerância de ARTILHA. Não desconhecendo que aqui o meio tem características diferentes. Por isso, pensamos que:

- apresentar uma proposta de trabalho realizada e testada noutro meio,
- dar a conhecer aqui, alguns artistas de lá,
- provocar o intercâmbio de formas de expressão criativa,
- comparar reacções, adesões, recusas, críticas, viria enriquecer a nossa experiência inicial».

Outras exposições com destaque estiveram também directamente ligadas ao ISAPM. Em 1985 foi aberta, na galeria do Instituto, uma exposição de “Arte por Computador”, uma das primeiras realizadas em Portugal. Jorge Marques da Silva e Evangelina Sirgado, ambos docentes daquela escola superior, mostraram as experiências de programação que vinham realizando com computadores pessoais da primeira geração, muito limitados, mas com potencialidades que eram novas e que estes artistas souberam explorar. Marques da Silva desenvolve trabalhos que apostam na interactividade, em obras que exploram o aleatório controlável, fazendo surgir imagens que se auto-transfiguram, e nas quais o público pode intervir através do teclado. Evangelina Sirgado constrói paisagens de síntese que depois fotografa. São linhas geométricas programadas para produzir animações, árvores e montanhas, que vão configurando uma paisagem virtual.

Outra exposição a salientar, com o nome de “Neo-lithos”, foi também apresentada na galeria do ISAPM, em 1986. Nela, o escultor Luís Paixão, recém diplomado, mostrou um interessante trabalho utilizando pedra basáltica, característica da Ilha. Inédita, esta mostra constituiu uma agradável alteração no tratamento escultórico habitual na Região. A matéria, em bruto, é transformada através de pequenas incrustações de metal e acrílico. Luís Paixão foi uma promessa esporádica. Responsável depois pelo primeiro Atelier Livre de Artes Plásticas fora do Funchal, (em Machico), abandonou a actividade artística para dedicar-se ao ensino e à política.

Depois da exposição ART’ILHA, a itinerância dos artistas locais pelo território nacional foi sendo experimentada, ao sabor dos esforços e oportunidades que foram surgindo. Em 1980 Isabel Santa Clara, Manuel Gomes e Maurício Fernandes, docentes do ISAPM, levaram até a SNBA uma exposição de fotografia intitulada “50 imagens”, já antes mostrada no Funchal. O “I Encontro Cultural Funchal - Lisboa”, realizado em 1981, integrou Teatro, Poesia e Artes Plásticas, na “Casa da Madeira” em Lisboa, com um total de 60 trabalhos. Em 1983 foi a vez da exposição “24 artistas madeirenses nos Açores”, patrocinada pela DRAC, que fez parte de um intercâmbio com a Academia das Artes de S. Miguel.

A “1ª Bienal de Arte dos Açores” (1985) acolheu uma representação madeirense, na qual Evangelina Sirgado, com trabalhos de arte por computador, obteve o “Prémio revelação”. No ano seguinte o galerista Faria Paulino mostrou na *Altamira*, em Lisboa, a colectiva “Dezassete Graus Oeste”, com participação de docentes do ISAPM. Em 1988, durante a exposição “Insinuações e Propostas” da CIRCUL’ARTE, foram seleccionados – por um júri presidido por Rui Mário Gonçalves – 17 artistas³³⁸ para participar no mesmo ano no Forum de Arte Contemporânea em Lisboa (*Forum Picoas*).

³³⁸ - Os artistas seleccionados foram: Alexandre, Alfredo Rodrigues, António Dantas, Domingas Pita, Evangelina Sirgado, Filomena, Lígia Gontardo, Jorge Marques da Silva, José Júlio Fernandes, José Manuel Gomes, Luís Filipe, Manuel Valle, Maurício, Micaela, Luís Paixão, Rita Rodrigues, e Teresa Jardim.

Ao nível do ensino secundário, na escola secundária Francisco Franco, foi desenvolvida nos anos 80 uma iniciativa que merece aqui uma referência – num projecto que reuniu a música, as artes plásticas e a poesia. Durante quatro anos consecutivos foram realizadas as “12 Horas de Música”, da responsabilidade dos professores de Artes Visuais daquela escola. António Rodrigues, escultor e principal coordenador, dinamizou de uma forma inédita o ambiente escolar, envolvendo os alunos em actividades artísticas de carácter interdisciplinar. Tratou-se, mais uma vez, de uma experiência sem continuidade.

Fora dos circuitos habituais. Electrografia e Arte Postal

Paralelamente à arte que era exposta no Funchal, saída da produção local e dos artistas que cá chegaram, foi desenvolvida uma curiosa e importante experiência nos domínios da *Mail Art*; que confirma uma vontade criativa e, de certo modo a intenção de ultrapassar as barreiras da insularidade, através dos canais alternativos de expressão. A Arte Postal, estratégia marginal de produção e divulgação artística – e por isso vanguardista, na sua essência –, desenvolveu-se a partir dos anos 50 com Ray Johnson e estaria mais tarde ligada ao Neo-dadaísmo e ao grupo *Fluxus*³³⁹. A arte postal estendeu-se um pouco por todo o mundo, tendo sido explorada também nesta Ilha.

António Aragão foi quem realizou, na Madeira, as primeiras experiências de “electrografia” com as pioneiras fotocopiadoras *Xerox* chegadas à Região, nos finais da década de 70. A fotocopiadora introduzia novas possibilidades de alteração e manipulação da imagem, e uma extrema facilidade na produção de múltiplos. Esta nova tecnologia vem ao encontro das pesquisas que o artista vinha desenvolvendo no campo da poesia visual, constituindo um novo veículo criativo, quase que uma nova linguagem.

O grupo constituído pelos madeirenses António Aragão, António Dantas, António Nelos e Eduardo Freitas, vai iniciar em 1981 a produção do “boletim” ou “revista” *Filigrana*. Publicação pouco ortodoxa, a *Filigrana* era formada por uma série de folhas “soltas” com reproduções de trabalhos em preto e branco sobre papel. Não existiu, porque não era essa a intenção, uma organização nem periodicidade que permita hoje contabilizar o número de edições produzidas e distribuídas. Os trabalhos eram, em muitos casos, resultantes da montagem de fotografias de diversas proveniências. Muitas

³³⁹ - A origem da Arte postal ou *Mail Art* pode ser encontrada mais cedo, no início deste século com os expressionistas alemães, os futuristas e os surrealistas, entre os quais podemos destacar Kurt Schwitters, Tristán Tzara, Marcel Duchamp e Marinetti. Os objectivos não eram só de divulgação dos programas de cada grupo, mas também para permitir o intercâmbio de mensagens criativas de forma livre.

vezes era explorada a própria degeneração da imagem através de tiragens sucessivas. Outras experiências podem ser enquadradas no campo da poesia visual.

Durante aproximadamente quatro anos foram enviados, para os mais diversos pontos do mundo, trabalhos dos artistas mencionados, juntamente com postais e mensagens de carácter subversivo, irónico e lúdico, em relação ao conteúdo e a própria linguagem³⁴⁰. O envio pressupunha a troca e, de volta, o grupo recebia obras de artistas ingleses, mexicanos e espanhóis, para citar só alguns. O envelope era carimbado com o símbolo da “Filigrama”, criado pelo grupo. Esta forma de arte alternativa, de expressão marginal e provocatória, constitui uma das experiências mais interessantes a nível regional e a menos conhecida do público. A “Filigrama” deixou de ser produzida por volta de 1983. António Dantas continuaria a realizar experiências no campo da electrografia e na arte vídeo e estará ligado, nos anos 90, à criação da galeria Porta 33. Eduardo Freitas irá dedicar-se à pintura, ao desenho e à ilustração de livros. António Nelos radicar-se-á definitivamente no continente, assim como António Aragão.

Associado a este grupo esteve também Ricardo Gouveia – conhecido artisticamente como Rigo – que partiu da Madeira aos 18 anos, em 1984, para Lisboa. Ali participou numa exposição colectiva da Fundação C. Gulbenkian e no ano seguinte emigrou para os Estados Unidos, onde viria a desenvolver trabalhos ligados à banda desenhada e pintura mural de grandes dimensões, com influência *graffiti*; tendência que o tornou conhecido em terras americanas. O artista madeirense tem contruído a sua carreira entre Lisboa e São Francisco, concluindo o curso do *Art Institute* nesta última cidade, em 1990. Um ano antes Rigo pintara, no Funchal, um mural para a Estação de Correios do Edifício Freitas, onde apresenta, num claro sentido *neo-pop*, figuras que se estendem das paredes para o mobiliário (caixas de correio). O artista estaria de novo na Madeira, em 1991, para discutir a possibilidade de realizar uma grande pintura mural no Funchal, facto que até hoje se não concretizou.³⁴¹

Recuando até 1988, encontramos Rigo, António Dantas e outros jovens artistas ligados aos circuitos da *mail art* e a *bad painting*, participando numa colectiva na cidade de

³⁴⁰ - No primeiro “número”, e a modo de manifesto, foi incluída uma folha com o texto infracitado, assaz esclarecedor do pedido que os seus autores lançavam ao mundo, numa urgente necessidade de serem ouvidos:

«Estamos morrendo a pouco e pouco numa ilha (os anos passam, a piça mija, o cu caga) rodeados apenas pela puta da Natureza que o sacana do Criador espalhou com celeste tesão à nossa volta. Procuramos ainda qualquer linguagem que transmita ao nosso semelhante o ronco desesperado das nossas entranhas e a porra defecada das nossas vidas.

Em resumo: sentimos necessidade de comunicar com os outros seres vivos e também receber deles a sua fodida sensação de viver. Esta é a única maneira que nos resta para não regressarmos à primitiva fase troglodaca.

Precisamos da vossa ajuda. Para tal vimos dizer que trocamos (por Filigrama), assinamos, compramos, ou recebemos qualquer manifestação (revistas, livros, bazucas, jornais, postais, batatas, metralhadora, aviões, torneiras, etc., etc.) que nos possa trazer algo da vossa presença nesta ilha de merda. Agradecemos também quaisquer indicações que nos permitam mesmo à custa do nosso próprio suicídio estabelecer novos contactos».

³⁴¹ - Cf. Duarte Caires «Rigo - Madeira, EUA, Arte, Muros e ... uma história» in *Jornal da Madeira*, Funchal, 09 /09/ 1991.

São Francisco, a convite da galeria *Artists Television Access*. Simultaneamente, foi realizada uma réplica desta exposição no Funchal, e mais tarde nos Açores³⁴². Nesta mostra de *performance*, electrografia, pintura e desenhos neo-expressionistas, o experimentalismo de alguns e o amadorismo assumido de outros – com a aplicação de um desenho irreverente, descuidado e reivindicativo – foram o tom dominante de uma exposição diferente, de fortes conteúdos críticos, sociais e existenciais. O catálogo, policopiado a preto e branco, é uma espécie de banda desenhada colectiva, constituída por pranchas de cada um dos participantes, onde os próprios se apresentam através de desenhos e uma escrita manual espontânea.

A outra pintura

Por outro lado, a tradição naturalista e o gosto pela pintura de paisagem é uma constante que se prolonga até hoje. Nos anos 80, muitas exposições de autodidactas e amadores proliferaram no Funchal, em diversos espaços. Foram estas, como seria de esperar, as exposições de maior sucesso comercial. Abrangendo o gosto geral dos compradores, a maior parte destes artistas vê na pintura um passatempo agradável, um intervalo poético em relação às suas actividades profissionais, na maior parte dos casos alheia à área artística. Nada preocupados com uma actualização de linguagens, vão pintando e expressando uma visão pessoal, ingénuo por vezes, oportunista noutros casos. É uma realidade que caracterizou os anos 80 e que se mantém até hoje, alimentada pelos compradores assíduos de paisagem e pintura decorativa convencional.

Entre estes é importante destacar os que, adentro de uma pintura mais convencional, apresentam qualidade assinalável; assim como aqueles que marcaram uma presença constante pelo número de exposições. Salientamos Francisco Maya e João de Lemos Gomes (Melos), que já referimos para décadas anteriores, e que continuam a expor nesta década. Patrícia Morris destaca-se pela prática de uma pintura naturalista de grande lirismo e pureza temática. Cecília Margot, pintora autodidacta de boa cotação comercial na Ilha, frequentou a AMBAM como aluna extraordinária, e participou em várias colectivas e individuais. Pinta aguarelas e óleos de paisagem, árvores e flores, num meio caminho entre a arte ingénuo e um autodidactismo esforçado, mas não dominado. Outros cultores do naturalismo são Jesus Guido e José Manuel Gouveia

³⁴² - A exposição tinha por título “Do Atlântico para a costa oeste - oito jovens artistas portugueses”. Esteve no Teatro Municipal do Funchal de 29 de Novembro a 15 de Dezembro de 1988, e no ano seguinte na Galeria Arco 8 em Ponta Delgada nos Açores, de 20 a 29 de Janeiro. Para além dos artistas citados, expuseram os madeirenses Gilberto Gouveia (irmão de Rigo), Rui Carvalho, Luís Tranquada, Luís Amím, Dina Diniz e uma jovem pintora açoreana de iniciais T. T.

(filho de António Gouveia). É de referir ainda a presença insistente de uma anacrónica “pintura clássica” de Manuel Costa Neves, artista continental que expõe frequentemente na Madeira.

Outro caso curioso é a permanência de um surrealismo de raiz daliniana, que tem alguns cultores como Eleutério Mota, José Alberto de Abreu (Berto) e, como o seu representante mais profícuo, Emanuel Aguiar. Autodidacta, Emanuel expõe desde inícios dos 80 e foi, durante esta década, um caso de sucesso comercial inusitado, tendo vendido a totalidade dos trabalhos expostos na sua primeira mostra individual. A proximidade do surrealismo ao gosto mais ou menos generalizado e uma aposta no virtuosismo técnico asseguram-lhe esta popularidade.

Rui Carita, que nos anos 70 realizou algumas experiências no campo do informalismo, concentra agora a sua produção num trabalho de raiz naturalista que desenvolve a temática do património arquitectónico, reflectindo de certo modo a sua investigação na área da História da Arquitectura³⁴³. Envereda nos anos 80 por uma pintura de costumes e paisagem, expondo aguarelas e óleos de bom domínio técnico, abandonando assim o experimentalismo da fase anterior. Durante algum tempo render-se-á a uma prática quase hiper-realista, retratando cenas do quotidiano em jeito de instantâneo fotográfico.

Caso à parte, a pintura ingénua conheceu alguns cultores com expressão e autenticidade próprios deste modo especial de criação. Filomena Freitas Alves (1929 -), nascida no Funchal, realizou a sua primeira exposição individual em 1978, no Teatro Municipal. Os seus trabalhos incidem numa temática religiosa, caracterizada pela insistência num imaginário tradicional de santos, meninos-jesus e outros símbolos católicos. Desbordante de alegria e pureza quase infantil é a pintura de Maria Luísa Barros (1908 -), também madeirense, que começou a pintar com frequência a partir dos 74 anos. Maria Luísa é um caso típico da expressão transparente e bucólica de um «... *paraíso perdido*»³⁴⁴, materializado em ambientes povoados de flores, meninas com tranças, lagos e borboletas; de uma frescura inerente à verdadeira pintura *naïf*.

A pintura ingénua também veio de fora, como aconteceu logo em 1978, com a exposição de Luísa Pagano – pintora italiana, membro do centro suíço de Pintura *Naïf* Europeia – no Teatro Municipal. No ano seguinte chegou até nós uma boa mostra de pintura ingénua portuguesa, com a participação de Maria do Carmo Neves, Victor Silva Vieira, Hipólito Clemente, Augusto Pinheiro, Ivone Carvalho e Manuel Carvalho, numa iniciativa das Actividades Culturais da Câmara Municipal do Funchal. Foi ventilada, por ocasião desta exposição, a ideia de criação de um museu, a constituir partindo de obras

³⁴³ - Em 1994 Rui Carita apresentou, na UMa, a Tese de Doutoramento intitulada *A Arquitectura Militar na Madeira nos séculos XV a XVIII*, publicada em 1998.

³⁴⁴ - Jorge Marques da Silva, *Catálogo da Exposição «Maria Luísa - Pintura»*, ISAPM, Fevereiro de 1988.

doadas por aqueles artistas: «*Alguns dos expositores ofereceram à Câmara Municipal do Funchal trabalhos patentes nesta mostra, doação que vem enriquecer o núcleo de obras do futuro museu de arte ingénuia a instalar nesta cidade*»³⁴⁵. Até hoje este museu resumiu-se a uma sala do Teatro Municipal, pouco acessível ao público, onde figuram os quadros então adquiridos.

³⁴⁵ - In «*Pintura Ingénuia Portuguesa no Salão Nobre do Teatro Municipal*», *Diário de Notícias*, Funchal, 24/10/1979.

4.4 – A ARTE PÚBLICA. ESCULTURA E PINTURA MURAL

Em Portugal, o panorama da escultura altera-se significativamente com renovadas concepções de objecto e espaço escultórico, propostas por artistas como Rui Sanchez, Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis, e Fernanda Fragateiro, entre outros muitos nomes de uma nova geração, pautada pelos valores de desconstrução e reflexão pós-modernas. A escultura é, cada vez mais, uma arte de galeria, integrada em instalações ou projectos ligados a outras áreas. Todavia, a arte pública, ainda ligada aos valores de monumento e homenagem oficial, persistem numa linguagem tradicional e desfasada dos tempos. No entanto, destacaram-se neste período, trabalhos como os de João Cutileiro, nomeadamente a estátua de Camões em Cascais (1983) e o de José Rodrigues (Porto, 1984). Na pintura mural podemos mencionar como exemplo “A Ribeira”, de Júlio Resende, pintada no Porto em 1983.

Na Madeira, o período da Autonomia é caracterizado, quanto a encomendas oficiais, pela preferência dada a escultores madeirenses, ou residentes na Madeira. Assim, nos finais da década de 70 dois monumentos são inaugurados, um no Funchal e outro na Vila do Porto Moniz, no norte da Ilha, da autoria de Anjos Teixeira e Franco Fernandes, respectivamente. Após a presença de alguns nomes importantes da escultura portuguesa de vanguarda, no período anterior, verificamos o “regresso” ao tradicional monumento naturalista, apoiado na figura humana, sempre identificável e de fácil leitura para a grande maioria dos observadores, pouco habituados a linguagens mais subtis, conceptuais ou abstractas.

O prolongamento do naturalismo

Em 1973, o escultor Anjos Teixeira concluía o “Monumento ao Trabalhador”, escultura representando um operário em tronco nu, figura incrustada num baixo-relevo em pedra (cantaria rija). O Mestre Anjos Teixeira³⁴⁶, como ficou conhecido, é um dos escultores mais solicitados no campo das encomendas públicas, nestes anos. Filho do escultor naturalista Anjos Teixeira, os seus trabalhos satisfazem encomendas cujas

³⁴⁶ - Professor da antiga Academia de Belas Artes da Madeira, transitou para o ISAPM até se reformar em 1982.

temáticas homenageiam o povo; ou são relativas às tradições populares, emblemáticas de uma ilha turística. Assim, executou uma “florista”, em 1980, mulher trajando o fato tradicional da “viloa” com um cesto de flores, porém de fisionomia idealizada. A estátua foi inaugurada no local³⁴⁷ onde tinha estado, pela primeira vez, o “Semeador” de Francisco Franco.

Em 1986 foi inaugurado um conjunto escultórico representando a tradicional “bordadeira” madeirense. O Mestre Anjos Teixeira representou uma mulher adulta e uma criança bordando um pano, onde estão minuciosamente representados os desenhos característicos deste tipo de artesanato³⁴⁸. Não só estas como outras obras do escultor, espalhadas pelo País, denotam os amplos e amadurecidos conhecimentos técnicos do mesmo, porém, enquadrados num prolongamento anacrónico da linguagem naturalista.

Ricardo Velosa, aluno de Anjos Teixeira, será influenciado em toda a sua obra pelo naturalismo do Mestre. Com uma ou outra solução mais livre, grande parte das suas esculturas apresentam nitidamente uma opção naturalizante, numa preferência pela figuração, e gosto pelas técnicas tradicionais. Estas características farão, de certo modo, com que este último venha a vencer os poucos concursos públicos, que neste período foram abertos na Região.

As excepções à escultura convencional, neste período, são dadas pela rara contribuição de Lourdes de Castro, com uma série de objectos em *plexiglas*, para o Edifício dos Correios do Funchal, na Avenida Zarco, que datam de 1985. Tratam-se de sombras e transparências coloridas de sacos e embalagens. No mesmo material, mas desenvolvendo a temática das flores típicas da Ilha, a artista realizou outra série de trabalhos para a sucursal do Banco Internacional do Funchal, na Ribeira Brava.

Monumentos, concursos públicos e pintura mural

A maior parte das esculturas foram, por hábito e ao longo do século, encomendadas pessoalmente a este ou aquele escultor, conforme critérios de ocasião ou motivadas pelo mérito do artista e/ou do tema a tratar. Neste período democrático, a figura do concurso público assume-se na região como novidade tendo contudo, na prática, acontecido em muito poucas oportunidades.

O primeiro concurso lançado na década de 80 destinava-se a um “Monumento ao Emigrante”, tendo sido aberto em Setembro de 1981 pelo Governo Regional. Teve fraca

³⁴⁷ - Na Praça de Tenerife, Funchal.

³⁴⁸- Esta escultura está situada nos jardins do Instituto do Bordado da Madeira, Funchal.

adesão, sendo apenas três os concorrentes. Todos apresentaram, como solução, a figura humana resolvida linearmente e sem grandes audácias compositivas. O primeiro prémio foi para Franco Fernandes, e o terceiro (o segundo não foi atribuído) para Ricardo Velosa. O júri foi composto por Rui Gonçalves Silva, da Secretaria Regional do Trabalho; os escultores Tomás Silva, Evangelina Sirgado, Manuela Aranha e o pintor Marques da Silva. A escultura premiada, uma robusta figura que segura uma esfera armilar, foi inaugurada no ano seguinte, no Funchal³⁴⁹.

Mas o grande monumento deste período é, sem dúvida, o “Monumento à Autonomia”. Aberto em 1985 pela presidência do Governo Regional, este concurso pretendia homenagear – como já o fizera Francisco Franco com o seu “Gonçalves Zarco”, noutras circunstâncias – valores históricos regionais que, nesta época de democracia, substituem os do antigo regime. Trata-se, pois, de concursos oficiais regidos por preceitos ideológicos de estado, mesmo que democrático, e por isso próximos dos seus congéneres do passado. De âmbito regional, este concurso teve a pouco significativa participação de menos de uma dezena de concorrentes. Destacamos os projectos de Manuel Gomes, da arquitecta Gilda Góis Ferreira e do escultor Gil Bazenga.

O 1º prémio coube a Ricardo Velosa, escultor por várias vezes chamado, ao longo da década, a executar encomendas públicas. A solução proposta por Ricardo Velosa aposta na figuração simbólica, utilizando a mulher como alegoria de “autonomia”, um substantivo feminino. A figura assenta num esguio pedestal de ambígua organicidade, cuja base é o próprio plano do solo que se “rasga”, partindo-se o lajeamento de betão. Enquanto a figura humana apresenta uma solução mais corrente, a base do pedestal destaca-se pela bem conseguida ideia de força e quebra, aliadas à ligação dos planos vertical e horizontal, através de uma concordância visual eficaz. Questões técnicas de execução obrigaram a sucessivas alterações, e o projecto final ficou ligeiramente modificado em relação ao original. Inicialmente pensado para as imediações do aeroporto de Santa Catarina, ali fora inaugurado em 1987, sendo mais tarde transferido e reinaugurado na Praça da Autonomia³⁵⁰, no centro da Cidade do Funchal.

A constante mudança de localização das esculturas públicas, facto com alguma tradição na Ilha³⁵¹, é significativa das contingências no planeamento urbanístico e pouco respeito pelo trabalho dos escultores, que vêm as suas obras colocadas em espaços para os quais não foram concebidas. Na sua nova localização, o Monumento à Autonomia anula-se, de certo modo, na praça situada num cruzamento de avenidas e com horizontes de fundo pouco abonatórios à visibilidade da figura. Para além destas questões, a altura total da escultura, que rondava mais de 10 metros no original, fora

³⁴⁹ - Inaugurada a 1 de Julho de 1982 na Av. do Mar, hoje Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses.

³⁵⁰ - Inaugurado nesta Praça em Maio de 1990.

³⁵¹ - Recordemos aqui as esculturas da Av. Arriaga, nos anos 20 e 30 (Cf. capítulo 1).

também reduzida em aproximadamente três metros, o que ainda a afasta mais do sentido inicial que o escultor lhe conferira. Para além do vencedor, outros trabalhos presentes neste concurso merecem a nossa atenção. Manuel Gomes apresentou um conjunto escultórico onde o jogo de volumes e espaços permitia uma maior ligação entre o monumento e o espaço circundante. Interessante também foi um projecto de monumento-fonte, onde o elemento água era integrado numa espécie de construção piramidal, sem recurso à figura humana.

Finalmente, em 1987, foi aberto um outro concurso, desta vez para recordar a “Revolução da Madeira de 1931”. Deste modo, voltou-se a insistir na temática histórica de carácter regional, completando assim um pequeno ciclo de monumentos destinados a comemorar o passado ilhéu.

O projecto assinado por Ricardo Velosa não foi o vencedor do concurso mas, por decisão do Governo Regional, acabou por ser o trabalho a executar. Este escultor apresentou a solução mais directa e de mais fácil leitura. Desta feita, uma figura masculina, oprimida entre dois blocos de betão, rompe com as suas mãos aqueles paralelepípedos, em jeito de “libertação”. Com uma dinâmica de volumes bem conseguida, esta escultura continuava a ser, no entanto, uma aposta segura nos valores escultóricos tradicionais, preferidos sempre nas encomendas oficiais. A localização do monumento num triângulo ajardinado, situado num nó de ligação rodoviária, impossibilita a visualização da escultura pelo transeunte, exceptuando os automobilistas, que só podem observá-lo durante poucos segundos. Este é mais um exemplo da falta de cuidado na implantação de monumentos públicos, como vínhamos expondo.

Os trabalhos premiados neste concurso propunham alternativas mais ousadas que o monumento de Ricardo Velosa, que era mais convencional. Assim, Manuel Gomes, que recebeu o 1º prémio, projectou um conjunto escultórico onde vários “arcos” de pedra – formados por elementos ortogonais – albergam figuras humanas em diversas atitudes. Ao lado irónico e desconstrutor da linguagem tradicional, aliava-se uma cuidada atenção aos espaços abertos e ao envolvimento. Amândio de Sousa, que concorreu com um jogo subtil de formas abstractas evidenciando um equilíbrio instável, recebeu o 2º prémio. Marcelo Costa, fiel às suas reminiscências *pop*, resolveu o projecto com espelhos de água e formas curvilíneas, o que lhe valeu o terceiro lugar. Curiosamente, fora recomendada a execução do projecto vencedor de Manuel Gomes, num outro local a decidir, facto que nunca se concretizou.

Por outro lado, algumas experiências no campo da pintura mural foram tentadas na “Zona Velha da Cidade”³⁵², integradas na animação cultural e recuperação daquele local. Artistas de ocasião, amadores e outros desconhecidos, pintaram uma série de paredes

³⁵² - Denominação geralmente atribuída ao conjunto habitacional situado nas imediações da Rua de Santa Maria, na Freguesia do mesmo nome, e que constitui o núcleo mais antigo da Cidade do Funchal.

com murais de baixo interesse estético, hoje desaparecidos. Noutros espaços públicos do Conselho do Funchal – como a nova “Estrada do Aeroporto”, a zona hoteleira do Lido e a esplanada do Teatro Municipal – também apareceram (e desapareceram) pinturas murais que hoje poucos recordam.

As decorações parietais para o edifício do Aeroporto de Santa Catarina, em 1983, foram na sua totalidade encomendadas a artistas madeirenses. Pinturas murais de Guilhermina da Luz, Dina Pimenta, Tolentino Nóbrega e Teresa Brazão, distribuem-se pelas zonas de embarque e chegada de passageiros. São pinturas decorativas abstractizantes, de cores vivas e com motivos figurativos que aludem ao imaginário turístico da Ilha. Para este mesmo espaço, o escultor Ricardo Velosa criou baixos-relevos em branco, de cunho hiper-realista, executados em fibra de vidro. Representam pormenores de turistas carregando as bagagens, ou empunhando a máquina fotográfica. Estes trabalhos, pautados por uma linguagem mais actualizada, destacam-se das propostas mais convencionais que caracterizam a produção deste escultor.

Em 1988, Guilhermina da Luz voltou a trabalhar em pintura mural e, desta vez, para o Pavilhão Gimno-Desportivo do Funchal, com uma composição bem equilibrada onde desenvolve um estilo figurativo pessoal, que também vinha explorando nos seus trabalhos de serigrafia e pintura.

III

Anos 90

A história recente

Artes Plásticas em fim de século

Sendo impossível historiar um período tão recente, pareceu-nos necessária, no entanto, a perspectivização do primeiro quinquénio desta década como conclusão lógica e prolongamento das realizações dos anos 80, substituindo, portanto, a clássica conclusão/resumo. Assim, destacamos neste período o aparecimento de novas galerias e outros espaços de exposição que proporcionam um aumento quantitativo, mas nem sempre qualitativo, no âmbito da divulgação; a instalação definitiva e abertura do Museu de Arte Contemporânea; o amadurecimento de percursos no âmbito da criação regional e as primeiras exposições individuais de alguns artistas madeirenses; e o processo, algo polémico, de integração do ISAPM na recém criada Universidade da Madeira, são alguns dos aspectos importantes que “obrigam” a prolongar o estudo para permitir uma conclusão coerente.

Para além daqueles, outros factos merecem referência como por exemplo a continuidade e acrescido interesse das Jornadas Anuais do ISAD³⁵³, assim como a produção de artigos e outros documentos escritos sobre arte, no geral, e sobre a criação artística local, da responsabilidade dos docentes do ISAD, na sua maioria publicados na revista *Espaço-Arte*³⁵⁴. Outras entidades como a DRAC, e a Câmara Municipal do Funchal – através da acção dinamizadora da escultora Teresa Brazão – chamaram a si o apoio logístico aos artistas locais (espaços de exposição, publicitação e edição de catálogos). A divulgação artística, pouco especializada na imprensa local, também passou pelo canal de televisão regional, com o programa “Letra Dura e Arte Fina”³⁵⁵,

³⁵³ - Jornadas Anuais do Instituto até 1995:

- V Jornadas Anuais dos ISAPM: “Futuros do Futurismo”, Junho 1990.
- VI Jornadas Anuais do ISAPM: “Design e Realidade”, Novembro 1991.
- VII Jornadas Anuais do ISAPM: “Funções do Instituto”, Maio de 1992.
- VIII Jornadas do ISAD: “Expressionismo(s)”, Novembro 1994.
- IX Jornadas do ISAD: “Arte e Ciência”, Outubro 1995.

Para além destas e paralelamente, foram também realizadas as “Jornadas Internas”, com organização conjunta de alunos e docentes. As primeiras versaram o tema “Arte e Design”, no ano de 1991. A partir de 1994 passariam a ser denominadas “ISADÍADAS - Jornadas Académicas do ISAD”, sendo anuais e de temáticas várias até hoje.

³⁵⁴ - Ver nos anexos a listagem de artigos publicados nesta revista ao longo da sua existência.

³⁵⁵ - Magazine cultural da RTP-Madeira, transmitido semanalmente e conduzido por Maria Aurora Carvalho Homem.

que esteve no ar timidamente desde finais dos 80 até meados dos anos 90. Este programa de entrevistas e pequenas reportagens proporcionou alguma visibilidade aos artistas. Porém, tratou-se de uma divulgação apenas local e pouco aprofundada.

Quanto à iniciativa privada, irão surgir a partir desta data algumas experiências galerísticas que contribuirão para alargar a oferta, já de si reduzida, no que diz respeito a locais de exposição. Três galerias comerciais são inauguradas nos fins dos anos 80 e princípios da década seguinte. A galeria *Funchália* – dirigida por Maurício Fernandes e Rui Carita, entre outros – foi inaugurada em Abril de 1989 e organizou 31 exposições de nacionais e estrangeiros, sete das quais foram de artistas locais, cessando a sua actividade em 1994. O critério qualidade norteou esta galeria que mostrou entre outros Vieira da Silva, João Moreira, André Sander, Cruzeiro Seixas, Rocha Pinto e António Botelho³⁵⁶. A Galeria *Falkenstern Fine Art*, na zona turística do Caniço abriu as portas em Novembro de 1991, e vem mostrando exposições de artistas estrangeiros e do seu fundador Siegwald Sprotte³⁵⁷. Entretanto, uma terceira galeria, a *Porta 33*, tinha sido já inaugurada em 1990. Dela falaremos no ponto seguinte.

Por fim, e no que concerne a monumentos públicos, este período trouxe algumas pequenas inovações, acompanhadas sempre pelas “estátuas” comemorativas, totalmente desfasadas no tempo. Deve por isso ser destacada a escultura de Amândio de Sousa, “Trilogia dos Poderes”, para a Assembleia Regional (1990) e o conjunto de perfis escultóricos, intitulado “Turista” (199?), de Ricardo Velosa, um dos seus trabalhos mais interessantes. Estas obras sobressaem da restante produção de bustos e outras peças assaz convencionais.

A Galeria Porta 33 e o Museu de Arte Contemporânea

Inaugurada em Outubro de 1990, a galeria *Porta 33* constituiu uma iniciativa sem precedentes na Região, graças à sua filosofia de organização e o seu alcance nacional, até mesmo internacional. A *Porta 33* abriu com um projecto que conjuga um atelier com uma galeria e um bar. Os responsáveis fundadores da galeria foram António Dantas, Cecília Vieira de Freitas, Eduardo Freitas, Luís Tranquada, Luísa Sousa e Maurício Reis, todos eles, de uma maneira ou outra, ligados às artes na Região. Começando como actividade privada, de difícil manutenção atendendo ao fraco mercado de arte contemporânea na Ilha, esta galeria reformulou a sua gestão passando constituir-se em

³⁵⁶ - Entre os madeirenses: Celso Caires, Maurício Fernandes, Guilhermina da Luz, Lígia Gontardo, Marcelo Costa, Carlos Luz, Víctor Fortes e Rui Carita.

³⁵⁷ - Pintor austríaco radicado pontualmente na Madeira desde meados dos anos 80. Pratica um original paisagismo gestualista, trabalhando sobretudo em aguarela. Realizou uma exposição individual em 1985, na Galeria da SRTC.

“Associação Quebra-Costas” em 1991, com apoios de empresas privadas e do Governo Regional.

As intenções apontavam, como resume Isabel Santa Clara «... para a criação de um local de trabalho, de encontro, e de contacto com obras contemporâneas de reconhecida projecção nacional e até internacional, contacto esse aprofundado pela presença dos próprios artistas, não só nas exposições mas também em Workshops, e pela visita de críticos de modo a estimular a necessária questionação em torno dos acontecimentos»³⁵⁸. A todas estas acções era exigida, como primeira condição da sua eficácia, uma sólida continuidade «... já que de acontecimentos episódicos está a memória da ilha cheia»³⁵⁹.

Para além de importantes exposições de artistas portugueses, foi realizada uma colectiva de artistas locais em 1993³⁶⁰ que foi levada até ao Porto³⁶¹. Em 1994 o madeirense Rigo, radicado nos Estados Unidos, realizou uma instalação denominada “Largo do Canto do Muro” que transfigurou o espaço da galeria com a colocação de pedra (calçada portuguesa) no chão e uma pintura mural onde se reproduzem nomes da toponímia funchalense. Entre o neo-conceptualismo e a *pop*, esta instalação foi ainda complementada com uma conferência na mesma Galeria³⁶².

Nos finais de 1993, e após um longo período de “incubação” que teve como base o anterior “Núcleo de Arte Contemporânea”, foi finalmente inaugurado o primeiro museu oficial do país, dedicado exclusivamente à arte contemporânea. Este facto pioneiro, num país onde já é tradição o atraso na formação de um museu deste tipo é, todavia, relativizado por um espólio descontínuo, em termos de acompanhamento histórico. Como afirmara a pintora Isabel Santa Clara, nas vésperas da sua inauguração, este museu «... não podendo aspirar à exaustividade, será sobretudo o registo dos contactos da região com a contemporaneidade e a reflexão que irá permitir fazer sobre esses factos»³⁶³. O Museu foi inaugurado com uma exposição de parte do seu espólio e uma instalação conjunta de Fernanda Fragateiro e a artista norte-americana Amy Yoes. A galeria *Porta 33* esteve associada a esta inauguração, expondo igualmente no seu espaço trabalhos destas escultoras.

³⁵⁸ - Isabel Santa Clara «Galeria Porta 33» in *Artes e Leilões*, nº 22, Lisboa, Out/Nov, 1993.

³⁵⁹ - *Ibidem*.

³⁶⁰ - António Bacalhau (Director artístico da Galeria *Palmira Suso*, em Lisboa), que colaborou nesta exposição, proferiu uma conferência intitulada “Na periferia da periferia”. Nela falou da «... necessidade de multiplicar as pontes entre as periferias e os centros, de modo a criar linguagens entendíveis de parte a parte, fazer participar as periferias dos grandes debates da contemporaneidade». Cf. Duarte Caires, «António Bacalhau fala de arte na Porta 33» in *Jornal da Madeira*, 16/04/1993.

³⁶¹ - Exposição de artistas madeirenses na Casa da Madeira no Porto, integrada num conjunto de iniciativas denominado “Palestras e Exposições sobre a Madeira”. Expuseram Lígia Gontardo, Francisco Clode, António Dantas, Filipa Venâncio e Manuel Gomes.

³⁶² - “Lugar da Galeria na Arte Contemporânea”, conferência de Alexandre Melo e José Sousa Machado, realizada a 1 de Fevereiro de 1994, no decurso da exposição.

³⁶³ - Isabel Santa Clara, «Galeria Porta 33», *ob. cit.*, pp. 75-78.

O local escolhido para o Museu, após várias polémicas, foi o Forte de São Tiago, construção militar situada à beira-mar, em bom estado de conservação, que introduz um interessante contraste arquitectónico em relação às peças expostas, de recorte contemporâneo. O espólio – descontínuo como já apontamos – é formado pelas aquisições realizadas nos anos 60, já várias vezes aqui referidas, e por algumas obras dos anos 70 e 80, que vão da gravura à pintura de artistas como Bartolomeu Cid, António Bouça, Emília Nadal, José de Guimarães, Jorge Pinheiro, Carlos Calvet, António Palolo e outros. Estes trabalhos foram sendo adquiridos pela DRAC nas exposições trazidas à Madeira pela *Quetzal* – e outras instituições como o Cine-Forum e a Câmara Municipal do Funchal. Incluem-se neste espólio algumas obras dos madeirenses António Aragão, Albertina de Sousa, Lourdes Castro e Martha Teles, que aqui também expuseram nos anos 80, como já foi referido.

Ao longo das décadas de 80 e 90, e porque o Museu tem adquirido, através da DRAC, obras dos artistas madeirenses que tem mantido uma actividade visível no meio, foi-se constituindo um pequeno espólio de arte produzida na Região, onde estão representados nomes como Teresa Jardim, Guilhermina da Luz, Danilo Gouveia, Alice de Sousa, Evangelina Sirgado, Rui Carita, Marcelo Costa, Domingas Pita, Élia Pimenta, Manuel Gomes e Lígia Gontardo, entre muitos outros.

Percursos Individuais. Artistas e tendências

Chegados a esta década, alguns artistas locais atingem uma definição e actualização de percursos que por si só justifica esta abordagem. Já em finais dos 80, mais especificamente em 1989, um debate sobre a criação artística regional tinha aflorado uma primeira reflexão acerca das tendências e opções expressivas dos artistas locais³⁶⁴. Em 1994, a propósito de uma colectiva de artistas madeirenses na *Porta 33*, o crítico de arte João Pinharanda salientava a actividade regional: «*Numa altura em que a conjuntura artística está em franca recessão, podem detectar-se na Madeira indícios de dinamismo e confiança: exposições de arte contemporânea que não param, um museu que se anuncia. Acções que podem ser as primeiras pérolas de um tesouro a constituir*»³⁶⁵. Quanto aos artistas, mais especificamente, concluía: «*... A diversidade de meios de expressão, de sensibilidades e a actualidade das propostas é suficientemente interessante para permitir caracterizar a dinâmica local de uma das áreas culturais de menor audiência ...*»³⁶⁶.

³⁶⁴ - Organizado pela CIRCUL'ARTE, este debate contou com a participação dos críticos de arte Sílvia Chicó e Rui Mário Gonçalves, e das docentes do ISAPM Idalina Sardinha e Isabel Santa Clara. Cf. «Criação artística esteve em debate no Funchal» in *Jornal da Madeira*, 16/04/1989.

³⁶⁵ - João Pinharanda, «Os cinco e a ilha do tesouro» in *Público*, Lisboa, 03/02/1993, p. 26.

³⁶⁶ - *Ibidem*.

Assim, a partir de 1990, uma nova situação vislumbra-se: a estratégia das exposições colectivas cede lugar ao aparecimento das primeiras mostras individuais de artistas regionais. Alguns já o tinham feito anteriormente, mas os que agora o fazem ir-se-ão destacar mostrando um trabalho mais amadurecido, já encontrada uma linguagem própria e reflectida. Nos anos 90, são sobretudo – salvo algumas excepções – professores e ex-alunos do ISAPM (agora ISAD/UMa³⁶⁷) os artistas que mostram uma produção contemporânea de qualidade visível e potencialidades seguras.

Na pintura encontramos uma diversidade de linguagens que, no entanto partilham um denominador comum: a presença maioritária de uma figuração fantástica, intimista e tendencialmente onírica. Numa aproximação crítica, Idalina Sardinha escreveu alguns artigos onde analisa a produção regional, estabelecendo pontos de contacto com as tendências da arte internacional. Sob o ponto de vista da pós-modernidade, e tendo em conta valores como a desconstrução e o narcisismo, esta docente opina que «... o artista madeirense, de um modo geral, desenvolve uma estratégia aparentemente oposta – a estratégia da ocultação. Silêncios, agressivos ou “doces”, espectantes, parecem ocultar um quotidiano de obsessão povoado de monstros, anjos, répteis ...»³⁶⁸ e conclui que a arte madeirense é «... narcísica, por certo, mas nunca hedónica»³⁶⁹.

Neste domínio temático podemos referir, em primeiro lugar, a professora Élia Pimenta (1939 - 1996) que, dedicada por inteiro ao ensino, desenvolveu uma prática artística feita de grandes intervalos. Foi aluna da AMBAM de 1959 a 1962, tendo concluído o curso complementar de Pintura em 1965 em Lisboa, com 20 valores. Élia Pimenta retomou a prática artística no início dos anos 80, recomeçando com desenhos a lápis. As linhas delicadas e sinuosas, mas seguras, terminam em objectos do quotidiano. Seres insólitos, animais humanizados começam a habitar os desenhos. Lentamente, retoma a cor através da aguarela e mais tarde passa ao óleo. Entre 1993 e 1996 atinge o auge expressivo e uma força gestual e cromática de grande qualidade. Trata-se de uma pintura sólida, de figuração fragmentada e cores contrastantes. Segundo Jorge Marques da Silva, colega e amigo da pintora, «... a cor, atingida a maturidade, vibra em uníssono com o rico mundo interior da artista, por vezes, sugere uma alegria desmedida; por vezes uma tragédia inevitável, nunca uma serena passividade»³⁷⁰. Por sua vez, Idalina Sardinha salienta a capacidade narrativa dos: «... seres que caminham para nós, se dissipam e renovam na

³⁶⁷ - O ISAPM foi integrado na recém criada Universidade da Madeira por protocolo assinado em 1992. A nova denominação passou a ser ISAD/UMa (Instituto Superior de Arte e Design da Universidade da Madeira). Devemos salientar que no momento em que esta tese está a ser produzida o ISAD, já trasladado para o Campus Universitário, adoptou a denominação genérica de Unidade de Arte e Design.

³⁶⁸ - Idalina Sardinha, «Reflexão acerca da situação artística madeirense» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 17, Junho 1989, p. 8.

³⁶⁹ - *Ibidem*.

³⁷⁰ - Jorge M. da Silva in *Catálogo da Retrospectiva Póstuma de Élia Pimenta “Uma exposição Forte”*, Museu de Arte Contemporânea, Funchal, 1996. pp. 7 e 8.

bruma, dando lugar a outros de forma recriada, fragmentária ou ampliada»³⁷¹. Élia Pimenta foi professora de Pintura do Natural na Secção de Belas Artes da AMBAM entre 1970 e 1977, transitando para o ISAPM onde leccionou até 1996, data do seu falecimento. Alunas de Élia Pimenta, as artistas que se seguem partilham este universo expressivo, pautado pelo recurso à figuração fantástica.

Teresa Jardim (1960 -) foi co-fundadora da CIRCUL'ARTE e mais tarde do Atelier Infantil "Casa das Cores", expondo em colectivas desde 1976. Realizou diversas experiências artísticas enquanto estudante, nomeadamente no campo da *performance* e da instalação. A sua pintura, gestual e incisiva, apresenta figuras híbridas e outros elementos fantásticos. Tem vindo nas últimas exposições a abandonar a fluidez e espontaneidade de traço iniciais para realizar uma pintura de cor plana, de jogos formais e cromáticos sem abandonar, contudo, as temáticas anteriores.

Lígia Gontardo (1964 -), também formada pelo ISAPM, expõe desde 1987 e individualmente desde 1990³⁷². Também explora as relações entre humano e o animal, recorrendo a híbridos e metamorfoses, numa livre associação de personagens que não contam uma história, talvez esbochem uma proto-narrativa. As tábuas que mais tarde pinta são fragmentos de madeira utilizados como suporte da pintura, tábuas que se transformam em objectos de arte. Lígia Gontardo tem mantido «... *uma figuração expressionista de forte cromatismo, em suportes de início não convencionais*»³⁷³.

Domingas Pita também começou, nos anos 80, em exposições escolares e outras colectivas, em muitas das quais participaram as pintoras anteriormente referidas. É mais um exemplo de figuração expressionista, desenhando corpos com o pincel, por vezes com a presença de uma escrita "desenhada" que «... *de "escrever" se auto-destrói, insinuatamente*»³⁷⁴. Desenvolveu a problemática da transcendência representando frequentemente anjos, num claro-escuro monocromático de grande intensidade visual.

Filipa Venâncio (1964 -) é, como as anteriores, professora do ensino secundário e expõe em colectivas desde 1985, individualmente desde 1990. Ainda em trabalhos de fim de curso deixa-se seduzir pelos interiores de contos de fadas e memórias de infância, numa pintura de forte colorido e rico tratamento textural. Mais tarde, na exposição "Habitáculos", explora os conceitos de interioridade/exterioridade, apresentando uma série de trabalhos de dimensão reduzida (20x20) onde as casas surgem miniaturizadas «... *pela simplificação formal que as torna embalagens de vivências*

³⁷¹ - Texto de Idalina para o *Catálogo da Exposição Colectiva*, Jornadas Anuais do ISAD, 1995.

³⁷² - Em 1993 foi a única portuguesa seleccionada no concurso *La Maison des Pages*, para estudantes de arte na Europa, realizado em Bruxelas.

³⁷³ - João Pinharanda, «Os cinco e a Ilha do tesouro», ob. cit.

³⁷⁴ - Teresa Jardim, «Nove novos - Exposição de artes plásticas na galeria da SRTC», *Diário de Notícias*, Funchal, 10/08/1986.

*deixadas à nossa imaginação, porque são vistas de cima, liliputianamente, e pelo formato reduzido dos suportes»*³⁷⁵.

A tendência para uma pintura mais elaborada, onde predomina o cuidado da execução, também tem os seus representantes. Mafalda Gonçalves (1963 -) é licenciada em Design pelo ISAPM e expõe desde 1982. Inicia um percurso como designer e dedica-se a uma pintura de rigor e objectividade formal, recorrendo à geometria. A figura humana surge como módulo de um padrão que estrutura um todo denso, mas claramente organizado. Os motivos observados são transpostos com um realismo ampliado nas pinturas de Manuel Rodrigues (1965 -), também formado pelo ISAPM, que expõe desde 1989. Tem desenvolvido uma copiosa actividade nas áreas da cenografia (para teatro e cinema)³⁷⁶, decoração de interiores, animação cultural e pintura mural. Também nesta linha da pintura figurativa destaca-se a pintora Karocha³⁷⁷ (1962 -), licenciada pelo ISAPM, que retrata cenas de um quotidiano intimista, recorrendo com frequência a um enquadramento de tipo fotográfico.

Autodidacta, Eduardo Freitas³⁷⁸ expõe desde 1976 e participou na experiência de Arte Postal com a revista *Filigrana*. Com um repertório diversificado, este pintor segue um percurso bastante profícuo e singular na produção contemporânea insular. Os seus trabalhos apresentam muitas vezes uma figuração “neoclássica”, subvertida pela exploração do onírico, oscilando entre a abstracção lírica e o hiper-realismo e, por vezes, rondando a esfera de um *Kitsch* recuperado pela arte actual, justapondo e reinventando linguagens. Nos anos 90 realizou exposições individuais de franco interesse como “A água, o corpo, a casa” na *Porta 33* (1993). A sua pintura «... tem sido marcada por referências expressionistas, de realização figurativa de grande perfeição académica, por situações surrealizantes e por rupturas desconstrutivas e abstracionistas»³⁷⁹.

Alice Sousa (1937 -) nasceu na Madeira mas foi no Continente, na década de 60, onde iniciou estudos seguindo depois para o Brasil, onde concluiu o Curso de Pintura. Esteve ligada à abstracção, ao gestualismo e a uma síntese linguística que aglutina referências a Chagal, Klee e outros mestres da Escola de Paris. Regressada à Madeira, expôs individualmente no Funchal, pela primeira vez, em 1992. Alice Sousa tem vindo a explorar uma pintura de vivo colorido, incluindo apontamentos de paisagem

³⁷⁵ - Isabel Santa Clara, *Catálogo da Exposição Colectiva*, Funchal, Galeria Porta 33, p. 5.

³⁷⁶ - Recebeu, em 1994, o Prémio de teatro para a melhor cenografia (da peça “Eva Perón” da Companhia Arte Livre do Brasil) no Festival de Teatro de Santiago de Compostela.

³⁷⁷ - Nome artístico de Lurdes Sessarêgo.

³⁷⁸ - Expõe em colectivas desde 1976 e individualmente desde 1993. Participou na experiência da *Filigrana* e foi co-fundador da Galeria Porta 33. Para além da pintura, tem desenvolvido larga actividade nas áreas do design gráfico, cenografia e ilustração.

³⁷⁹ - João Pinharanda citado por Lília Bernardes, «Eduardo Freitas. Uma exposição a três dimensões» in *Diário de Notícias*, 04/04 /1993, pp. 20-21.

madeirense numa pintura lírica, quase surreal, onde introduz com frequência papéis colados que se fundem com as tintas.

Também ligada ao ISAPM, Isabel Santa Clara³⁸⁰ (1951 -) expõe em colectivas desde 1973 e individualmente desde 1990. É precisamente nesta primeira exposição individual, “Uma exposição com pintura e tudo”, onde podemos verificar as preocupações da artista, que explora referências do real em soluções pictóricas híbridas, onde os valores matéricos de cor e textura permanecem quando se perdem as referências figurativas. Para além dos quadros a óleo, a exposição é uma instalação onde objectos, frases e o próprio espaço envolvente “dialogam” com a pintura.

Ainda no âmbito de uma pintura de raiz informalista, podemos referir Francisco Clode de Sousa (1964 -), director do Museu de Arte Contemporânea, que tem vindo a explorar a cor e a mancha, sugerindo figuras/paisagens que nascem do espaço informal. Tem participado em colectivas e expõe individualmente desde 1992³⁸¹.

No campo da escultura, e para além dos nomes ligados às encomendas públicas – como Ricardo Velosa, Amândio Sousa, e outros – destacamos dois artistas, ambos docentes do Instituto, que vêm expondo trabalhos escultóricos de interior. Guilhermina da Luz (1947 -) também docente de pintura, expõe desde finais dos anos 60 e vem desenvolvendo uma investigação no campo da serigrafia artística. Mas é sobretudo a sua extensa produção escultórica, bem característica, que aqui nos interessa. As memórias do continente africano, onde viveu na sua juventude, estão presentes nas peças trabalhadas em madeira. Pequenos objectos, esculturas de parede, e outras soluções tridimensionais – ora com molduras geométricas ora figurando silhuetas humanas simplificadas – são povoadas com ideogramas secretos, inscritos na superfície polida da madeira, evocando memórias pessoais de outros lugares e tempos. O carácter decorativo das peças é assumido no cuidadoso acabamento das mesmas e na sedução dos materiais, das texturas e das cores naturais. A sua participação em encomendas públicas de pintura mural e os prémios até agora recebidos confirmam o seu lugar como uma das criadoras mais profícuas e conhecidas da Região³⁸².

³⁸⁰ - Docente de Pintura no ISAD, é docente de História da Arte, escreve para catálogos, artigos de imprensa e encontra-se actualmente a investigar acerca do Maneirismo na Madeira.

³⁸¹ - Para Filipe Rocha da Silva, a pintura de Francisco Clode revela uma prática fundamentada no convívio constante com a arte que o circunda, enquanto responsável pelo Museu de Arte Contemporânea: «... A evidente sobrecarga cultural, o armazenamento de muitas imagens visuais já criadas que ele efectuou ao longo dos anos, que é imprescindível à actividade profissional que neste momento é para ele principal não impede que, ao vermos as suas obras pela primeira vez, tenhamos uma surpreendente sensação de frescura». Filipe R. da Silva in *Catálogo da Exposição – A ilha e os seus Habitantes*, Lisboa, 1992, p. 9.

³⁸² - Para além das artes plásticas, tem publicado contos e colaborou em textos para catálogos, e elaborou ainda uma entrevista a Alberto Carneiro, publicada no catálogo da Exposição Antológica do artista em 1991.

Manuel Gomes³⁸³ (1956 -) formou-se em Escultura pelo ISAPM. Expõe em desde 1980 e é docente no ISAD. Tem vindo a actualizar constantemente a sua prática artística integrando-se nas mais recentes tendências contemporâneas do tridimensional. Durante os anos 80 trabalhou na área da figura humana mais ou menos convencional, mas na década seguinte avançou com propostas enquadradas numa visão revivalista e hedonista. Juntando materiais como o gesso, ferro e chapa metálica, os pequenos “monumentos” que o escultor executa, conjugam elementos clássicos com referências populares e locais, combinando assim «... soluções de uma recriada monumentalidade escultórica, com indícios de certa intenção melancólica, decorativa ou Kitch»³⁸⁴. Nestas obras, Manuel Gomes recorre à abertura de pequenos nichos, onde anjos e outras figuras barrocas se acumulam, se alinham numa atitude de “retórica pluralista, de um discurso barroco, se não maneirista [...] de uma pós-modernidade revivalista e neoclassicista”³⁸⁵.

A prática artística de António Dantas (1954 -)³⁸⁶, co-fundador da revista *Filigrana*, e co-responsável pelo projecto *Porta 33*, caracteriza-se pelo recurso a formas de arte alternativas, e pelo uso de uma linguagem provocadora e subversiva. Esta prática esteve associada, desde cedo, às novas tecnologias geradoras da imagem, como o vídeo, a fotografia e a electrografia (como vimos no capítulo anterior). Nestes meios, o artista explora «... a imediatividade e até a prodigialidade com que são capazes de registar [...] e o fascínio decorrente de carregar no botão»³⁸⁷, com um claro objectivo de questionar a própria tecnologia que utiliza e, sobretudo, as suas implicações sociais. Após o uso de fotocópias a preto e branco nos anos 80, Dantas trabalha agora com a cor, realizando instalações de vídeo onde integra grandes ampliações de trabalhos de colagem, montagem e fotocópia, como é caso do trabalho apresentado na colectiva de artistas madeirenses da galeria *Porta 33*, em 1993.

Por fim, na última década do século, uma nova geração desponta com uma admirável diversidade e actualidade de propostas artísticas. A título de exemplo, podemos referir alguns nomes que, de um modo ou outro, têm vindo a mostrar uma trajectória coerente prometendo serem os protagonistas, no século que já bate à porta, da criação artística regional. De pendor neo-expressionista, raiando a *Bad Painting* distinguem-se Marco Fagundes e Carla Cabral. Uma pintura elaborada com múltiplas referências e de rico conteúdo metalinguístico é o caso de Helena Sousa e, muito particularmente, de Guida Ferraz. As “bonecas” de Graça Berimbau, feitas de pintura e

³⁸³ - Participou em vários concursos públicos, tendo recebido o 1º prémio no concurso para o Monumento à Revolução da Madeira de 1931; o 1º prémio no concurso para Medalha das Comemorações de Colombo na Madeira e o 2º prémio no concurso para o Monumento à Autonomia, entre outros.

³⁸⁴ - João Pinharanda, ob. cit.

³⁸⁵ - Idalina Sardinha, *Catálogo da Exposição de Pintura e Escultura/Jornadas do ISAPM*, Funchal, ISAPM, 1995.

³⁸⁶ - Expõe desde 1980 fora da Madeira, nomeadamente em Lisboa, Porto, Figueira da Foz, México, Alemanha e EUA.

³⁸⁷ - Isabel Santa Clara, *Catálogo da exposição colectiva*, ob. cit. p. 3.

colagem de objectos; as instalações de Patrícia Sumares e as esculturas de Paulo Ladeira e Paulo Pingo, são alguns dos trabalhos a acompanhar com atenção. Fora do âmbito dos artistas formados pelo ISAD – como é o caso dos anteriores – destaca-se o pintor argentino Marcos Milewzki, residente na Ilha desde inícios de 90, com um trabalho de figuração “clássica”, onde a técnica e linguagem grandiloquente é de certo modo subvertida por um conteúdo que ironiza as atitudes e objectos do quotidiano.

Considerações finais

A conclusão deste discurso apresenta uma dificuldade inerente a qualquer trabalho de inventariação e síntese explicativa, no campo da História da Arte. Não é objectivo deste trabalho chegar a ideias conclusivas sobre uma visão panorâmica, pois tal não teria qualquer utilidade. Porém, e porque a História é sempre vista com o olhar do presente, e tendo em conta a necessidade de extrair ideias-chave para a compreensão dos factos expostos, permitimo-nos tecer algumas considerações.

Como já verificamos, importa conhecer a situação actual das Artes Plásticas na Madeira, para fazer um balanço final da relação desta Ilha com o seu passado, em termos de “evolução” – na falta de melhor termo –, assim como em relação ao presente, posicionando a realidade local no todo nacional e internacional; e ainda tendo em vista o futuro possível. Destacamos, pois, aquelas que podemos considerar as grandes linhas de continuidade, e também os momentos de ruptura, tendo em conta os critérios, ou conjuntos de critérios, que nortearam a própria organização do texto central. São basicamente, e em primeiro lugar, o conjunto de condições e estruturas – paralelas ou envolventes – que informaram os factos artísticos.

Assim, no início do século XX partimos de um quadro cultural oitocentista, à semelhança do continente português, agravado pela condição insular. A saída constante de intelectuais integrou-se no fenómeno de emigração mais generalizada que caracterizou todo o país e que não foi excepção na Madeira. Portugal funcionava como trampolim para o estrangeiro, e foram exemplo disso Henrique Franco, Francisco Franco, Alfredo Miguéis. O mesmo faria Lourdes de Castro, António Aragão, Silvestre Pestana, Martha Teles, Víctor Fortes e muitos outros. Os artistas que regressam, trazem consigo novos conhecimentos e uma vontade de mudança que encontra muitas resistências num meio tendencialmente conservador.

Apesar do seu importante contributo a nível nacional, e a sua acção no campo pedagógico, os irmãos Franco e Alfredo Miguéis não souberam, ou não puderam, alterar o ambiente cultural ilhéu. A acção dos intelectuais do *Cenáculo* limitou-se a um pequeno grupo e, socialmente, a intelectualidade dos anos 20 não chegou a alterar quase nada. Nas décadas seguintes, a conjuntura ideológica do Estado Novo iria

concentrar a sua atenção, sobretudo, nalguns campos como a arquitectura e a escultura oficiosas — formas artísticas sabiamente manipuladas pelo sistema — que, à semelhança do Continente, quase monopolizaram o panorama artístico na Região, durante essa época. O desenvolvimento cultural aconteceu lentamente numa Ilha condicionada por altos índices de analfabetismo, o arcaísmo económico da colónia e a ausência de infra-estruturas de comunicação. É obvio que não devemos construir um quadro caracterizador unicamente com estas condicionantes. A cultura de uma comunidade é um conjunto assaz heterogéneo — e o conceito de cultura muito complexo para ser aqui abordado em profundidade — que transcende a simples inventariação de dificuldades. Porém, são as dificuldades que criam a necessidade de mudança.

Assim, foi a partir dos anos 50 que as estruturas começaram a sofrer importantes alterações. A AMBAM, primeira academia do seu género no país, o Cine-Forum, e mais tarde o *Comércio do Funchal*, são alguns dos sinais de uma nova etapa. A dinamização crescente, os avanços e recuos, e as utopias desmedidas foram constantes nos anos 60 e 70. A intermitência das iniciativas, que raramente ultrapassaram a segunda edição, mostram que a receptividade foi sempre momentânea, mas deixaria um substrato que alimentou alguma continuidade. Com a democracia chegou a regionalização e um período de acertos e reflexões, mas sobretudo de mais-valia quanto às capacidades de decisão e a livre expressão das vontades. Isto traduz-se nas artes plásticas por um crescimento inusitado do número de criadores e expositores, com escola ou sem ela, que participaram dessa liberdade com sabor a novo.

O ISAPM, continuando a acção desenvolvida pela AMBAM, foi sem dúvida o grande pólo aglutinador de esforços e a base do incremento na movimentação artística acima referida. As exposições escolares permitiram veicular novos conceitos artísticos, numa escola que rapidamente actualizou os seus currículos, criando — para além dos cursos de Artes Plásticas — o curso de Design; aderindo às novas tecnologias; incentivando a criação de associações; etc. São sobretudo o grupo de docentes e ex-alunos a desenvolverem uma prática artística que vai consolidando, aos poucos, um grupo de relações e discussão mais ou menos coeso.

Pontualmente foram surgindo na Ilha acontecimentos, projectos e iniciativas inéditas de repercussão nacional. O pioneirismo madeirense foi uma constante à qual, no entanto, faltou a *durreé* — como diria José-Augusto França, em relação ao País. Recordemos o protagonismo das exposições de arte contemporânea dos anos 60 e da I Feira de Arte Contemporânea do país, a MARCA'87, que não tiveram continuidade. A MARCA, a título de exemplo, foi pensada como bienal e só voltou a ser repetida em 1997, 10 anos mais tarde. Este carácter soluçante vai-se atenuando à medida que avança o século. O Museu de Arte Contemporânea, através do seu espólio, demonstra claramente esta tendência para uma actualização feita de grandes “saltos”.

Por sua vez, a arte pública, concentrada em grande parte no Funchal, é testemunho e reflexo das diversas políticas culturais ao longo do século. Sendo raros os casos de boa integração urbana, o espaço público regional carece de obras marcadamente contemporâneas. A contínua insistência em anacrónicas soluções escultóricas alia-se à deficiente localização da maior parte das peças.

Dois aspectos fundamentais para completar esta caracterização dizem respeito ao público e ao mercado artístico. Na generalidade, os valores estéticos da maior parte da população são ainda oitocentistas, e a Madeira continua a “vender paisagem”, porque o turismo assim o determinou ao longo do século. Prevaecem os compradores de paisagens e “vistas do Funchal”, na sua maioria turistas, para os quais a aquisição de um quadro integra-se na lista dos *souvenirs* a comprar. O tão apregoado turismo cultural afoga-se quase sempre em mal-entendidos e actividades pouco conscientes. Contudo, este facto que tem vindo a diminuir nos últimos anos, em prol de uma planificação cultural mais informada.

No campo artístico, continua a não existir crítica de arte capaz de comunicar com eficácia, seleccionar com critério, e manter a noção de escala. O mercado de arte é muito limitado e sujeito a critérios e auto-validações que tanto podem pecar por excesso como por defeito, exceptuando um pequeno núcleo de coleccionadores que o fazem por gosto e conhecimento. Um importante comprador é o Estado, através das entidades ligadas à cultura, embora na maior parte dos casos as aquisições sejam feitas gratuitamente, por oferta ou como pagamento pela utilização dos espaços de exposição.

Apesar dos aspectos menos positivos, podemos concluir sem complexos de “periferia” que as artes plásticas exerceram um importante papel no devir cultural da Região. Na verdade, os anos 90, agora chegados ao seu fim, deixam bem claro que é possível concretizar sonhos e realizar um trabalho autêntico, contemporâneo, e ligado aos indivíduos e suas vivências práticas e académicas. A situação actual, hoje bastante diversa do quadro cultural de 1910, é também o produto das rupturas acontecidas a nível internacional que abriram Portugal, e conseqüentemente os seus territórios insulares, a uma cada vez maior sintonia com o tempo presente, pois é esse o verdadeiro sentido de contemporaneidade. Entre o pessimismo ilhéu, ou fatalismo se quisermos, — que tanto parece dever ao “fado” português, que a tradição nos impôs como sendo estrutural — e um optimismo inconsciente, que cria situações de megalomania provinciana, existe um meio-termo, um equilíbrio desejável que é feito precisamente da constante oposição entre estes dois extremos.

Esse equilíbrio é visível na diversidade de linguagens e formas de arte, erudita ou não — com todos os cruzamentos possíveis — que convivem num mesmo espaço, exíguo como o nosso, e caracterizado precisamente, quanto a nós, por essa amálgama cultural. Põe-se aqui, finalmente, uma questão (talvez uma falsa questão): “Existe uma arte madeirense?”. Esta questão ficará necessariamente em aberto, porque terá de ser integrada numa outra que problematize a “cultura madeirense”, na generalidade.

Cultura local – cultura global? Ou arte madeirense - arte portuguesa? Muitos binómios poderíamos elaborar para iniciar uma discussão deste tipo. Neste fim de século, novos conceitos terão de ser formulados para caracterizar a arte, e a cultura, de uma região, numa sociedade actualmente dominada pela informação instantânea e globalizante, que parece, simultaneamente, esbater e tornar mais nítidas as diferenças entre os grupos.

Na introdução deste trabalho falávamos dos anos 90 como “ponto de chegada” obrigatório para a conclusão do mesmo. Agora, neste capítulo conclusivo, só podemos considerar os anos 90 como “ponto de partida” para uma outra história, a que ainda está por viver.

O considerável número e a diversidade de factos inventariados – ressaltando tudo aquilo que não figurou no texto final, assim como as informações não disponíveis – permitiram, na medida do possível, esboçar um balanço histórico do tema tratado. Julgamos assim ter contribuído com uma base útil para futuros trabalhos de aprofundamento. A recolha e arrumação deste assunto, nunca antes sistematizado, poderão trazer luzes sobre as principais conjunturas e acontecimentos do panorama artístico deste século, na Região.

Esperamos ter cumprido o nosso objectivo.

ESPÓLIOS

PÚBLICOS

Palácio de S. Lourenço.

Museu de Arte Contemporânea - Fortaleza de São Tiago.

Câmara Municipal do Funchal.

Quinta Vigia (Residência oficial do presidente do Governo Regional)

Museu Henrique e Francisco Franco.

Museu da Quinta das Cruzes.

Arquivo da Secretaria Regional de Turismo.

Arquivo do ex-Instituto Superior de Arte e Design (Hoje Secção de Arte e Design/Uma)

PRIVADOS

Família Clode

Fundação Berardo

Rui Carita

António Gorjão

Adelaide Valente

BIBLIOGRAFIA / FONTES

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS (as datas correspondem aos períodos consultados)

- Revista *Das Artes e da História da Madeira* (1950-1972)
- Revista *Espaço-Arte* (1977-1995)
- Revista *Islenha* (1980-1995)
- Revista *Atlântico* (1980-1985)
- Semanário *Comércio do Funchal* (1967-1975)
- Semanário *A Ilha* (1934)
- Diário de Notícias* (1915-1995)
- Diário da Madeira* (1920-1925)
- Jornal da Madeira* (1960-1995)

OBRAS GERAIS DE HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

ACCIAIOULI, Margarida

- *Os Anos 40 em Portugal – o país, o regime e as artes*, Vol I, Tese de Doutoramento, Lisboa, UNL, 1991.

GONÇALVES, Rui Mário

- *Pioneiros da modernidade*, vol. 12 da *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Edições Alfa, 1984.
- *Pintura e Escultura em Portugal – 1940/1980*, Col. Biblioteca Breve, vol. 44, Lisboa, Ministério de Educação, 1991, 3ª ed.
- *Arte Portuguesa nos anos 50*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- «Um grito claro» in *O que há de português na arte moderna portuguesa*, catálogo da exposição, Lisboa, Instituto da Comunicação social, Junho 1998.

FRANÇA, José-Augusto

- *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, vols. I e II, Bertrand, 1985, 2ª ed.
- *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa, Bertrand, 1985, 2ª ed.

MELO, Alexandre; PINHARANDA, João

- *Arte Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Temas e Debates, 1986.

PEREIRA, Paulo (dir. de)

- *Do Barroco à Modernidade*, 3º vol. da *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates, 1995.

PORTELA, Artur

- *Salazarismo e Artes Plásticas*, Coleção Biblioteca Breve, vol. 68, Lisboa, Ministério de Educação, 1987, 2ª ed.

SAIAL, Joaquim,

- *Estatuária portuguesa nos anos 30 – (1928 - 1940)*, Tese de Mestrado, Lisboa, Bertrand, 1991.

HISTÓRIA GERAL DA MADEIRA

Colóquio Internacional de História da Madeira, (Actas do I e II Colóquios), 3 Vols., Funchal, SRTC, 1989-1990.

CALISTO, Luís

- *Achas na Autonomia*, Funchal, Editora Diário de Notícias, 1995.

CARITA, Rui

- *Paulo Dias de Almeida e a Descrição da Madeira*, Funchal, DRAC, 1982.

COSTA, Lima J. A.

- «Salazar na Madeira. Uma nótnula histórica» in *Das Artes e da História da Madeira*, 1948, p. 26.

CLODE, Luís Peter

- *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses – Sécs. XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983.

GOES, José Laurindo L. de

- «Estabelecimento e Evolução do Ateneu Comercial do Funchal» in *Atlântico*, nº2, Funchal, 1985, pp. 127-135.

GOMES, Fátima F. e Nelson Veríssimo

- *A Madeira e o Sidonismo*, Funchal, 1983.

GONÇALVES, Ernesto

- *Portugal e a Ilha - Colectânea de Estudos Históricos e Literários*, Funchal, 1992.

JANES, Emanuel

- *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira dos Anos Trinta*, Funchal, SRTC, 1997.

MIGUEL, Carlos Montenegro

- «Madeira e Canárias» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. III, nº 14, Funchal, 1953, pp. 1-3.

MONTEREY, Guido de

- *Duas Ilhas em contraste - Madeira e Porto Santo*, Porto, (edição do autor), 1974.

PEREIRA, Eduardo C. N.

- *Ilhas de Zargo*, Funchal, 1989, 4ª edição (1ª edição de 1956).

SILVA, António Marques da

- «Viajando com Ackermann» in *Isleña*, nº 10, Funchal, 1992, pp. 97-98.

SILVA, Fernando Augusto da; **MENESES**, Carlos A.

- *Elucidário Madeirense*, 4 Vols., Funchal, 1984, 4ª edição (1ª edição de 1922).

VERÍSSIMO, Nelson

- «Em 1917 a Madeira reclama Autonomia» in *Atlântico*, Funchal, 1985, nº 3 , pp. 230-233.
- «A nossa Autonomia» in *Atlântico*, nº 19, Funchal, 1989, pp. 197-202.
- «Funchal *Cittá Dolente*» in *Isleña*, nº 12, Funchal, 1989, pp. 7-15.

VIEIRA, Alberto

- *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1995.

ARTES PLÁSTICAS

- *Marca Madeira 87* (catálogo do festival), Funchal, Eco do Funchal, 1987.
- *Lourdes Castro – Além da Sombra* (catálogo da exposição retrospectiva), Lisboa, FCG, Julho 1992.

CARITA, Rui

- *Museu Henrique e Francisco Franco* (catálogo), Funchal, CMF, 1988.
- «O grande monumento a Zarco de Francisco Franco» in *Isleña*, nº 3, Funchal, Jul-Dez/1988, p. 91-95.
- «Uma mesa madeirense de embutidos» in *Atlântico*, nº 17, Funchal, 1989, pp. 35-39.

CLODE, Luís Peter

- «O nome completo do pintor Nicolau Ferreira é Nicolau Ferreira Duarte» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. III, nº 13, Funchal, p. 38.

FERREIRA, M. Juvenal Pita

- «Artistas madeirenses» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. V, nº 30, Funchal, 1960, pp. 53-59.

GORJÃO, António F. Coutinho

- *Anteprojecto de reestruturação do Ensino Superior Artístico na Madeira*, Funchal, AMBAM, 1976 (documento policopiado).

- «ISAPM, um novo estabelecimento de Ensino Superior» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº1-2, Funchal, 1979, pp. 9-16.

- «Depoimento para o debate sobre exposições realizadas na passagem de 79 para 80» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 5, Funchal, Dez /1980, pp. 9 - 12.

- «O ISAPM e a Região» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 8, Funchal, Maio/1984, pp. 17 - 27.

- «Ateliers livres e Associação de Artistas Plásticos da Madeira» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 11, Funchal, Ago/1986, pp. 37 - 41.

- «Os 10 anos do ISAPM», in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 14, Funchal, Jan/1988, pp. 11-14.

«Artes plásticas e ensino artístico – uma escola madeirense?...», in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 20 e 21, Funchal, Jan/1992, pp. 53 - 60.

JESUS, Júlio

- *Joaquim Manuel da Rocha e Joaquim Leonardo da Rocha – Subsídios para as suas biografias e alguns elementos para o estudo das suas obras*, Lisboa, Tipografia Gonçalves, 1932.

LUCENA, Vasco de

«Quinta das Cruzes - Museu César Gomes» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. III, nº 15, Funchal, pp. 36-37.

- «A vaga da escultura está por preencher» in *Das Artes e da História da Madeira*, nº 10, Funchal, 1952, pp. 30-31.

- «Ensino da pintura e da escultura na Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. IV, nº 21, Funchal, 1956, pp. 29-30.

MACEDO, Diogo de

- «Subsídios para uma análise à obra de Francisco Franco» in *Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, nº 6, 2ª série, Lisboa, 1953.

- «Nota sobre pintores portugueses que estiveram na Madeira» in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. VII, 1949, Funchal, pp. 65-67.

- «O pintor Adolfo Rodrigues» in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. IX, Funchal, 1951, pp. 209-212.

NASCIMENTO, Cabral do

- «Estampas antigas com assuntos madeirenses» in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. IV, 1934-35, Funchal, pp. 14-16.

- «Criação e funcionamento da Aula de Desenho e Pintura no Funchal» in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. IX, Funchal, 1951, pp. 209-212 (1ª edição deste artigo em 1933, vol. I, pp. 36-47).

PESTANA, Isabel Santa Clara G.

- «Instantes guardados» in *Islenha*, nº 10, Funchal, 1992, p. 104-107.
- «Galeria Porta 33» in *Artes e Leilões*, nº 22, Lisboa, Out/Nov 1993.

PEREIRA, Eduardo C. N.

- *Arte Religiosa na Madeira* (separata da revista *Das Artes e da História da Madeira*), Funchal, 1970, 2ª edição.

SAINZ-TRUEVA, José de; **VERÍSSIMO**, Nelson

- *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*, Funchal, DRAC, 1996.

SARDINHA, Idalina

- «Reflexão acerca da situação artística madeirense», in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 17, Funchal, Jun/1989, pp. 7-9.
- «Reflexão acerca da situação artística madeirense - 2», in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 20 e 21, Funchal, Jan/1992, pp. 38-41.

SILVA, Jorge Marques da

- «Momento Cimeiro da Arte na Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VIII, nº 40, Funchal, 1970.
- «Evocação de Alfredo Miguéis», in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 14, Funchal, Jan/1988, pp. 7- 10.
- «Arte Naïf. A expressão do saber sem conhecer», in *Atlântico*, nº 20, Funchal, 1990, pp. 307-312.

SOBRAL, Luís de Moura

- «Martha Teles no seu Labirinto» in *Colóquio-Artes*, nº 51, Lisboa, Dez. 1980.

SOUSA, Evangelina

- «Computador: uma outra máquina de desenhar? ou: o infinito controlado» in *Espaço-Arte*, ISAPM, nº 12, Funchal, Jan/1987, pp. 45-49.

SOUSA, Francisco Clode de

- «Francisco Franco e a cidade luminosa (1910-1923)» in *Atlântico*, nº 10, Funchal, 1987, pp. 111-114.
- «A propósito de três obras de Tomás de Anunciação» in *Islenha*, nº 2, Funchal, 1988, pp. 77-79.
- «Das Artes e da História. Arte Nova» in *Diário de Notícias*, 6 de Junho, Funchal, 1990.
- «Das Artes e da História. As colecções e colecionadores do Museu da Quinta das Cruzes» in *Diário de Notícias*, 12 de Junho, Funchal, 1992.
- *Por causa de Paris* (catálogo de exposição) Funchal, CMF, 1996.

TEIXEIRA, Pedro Anjos

- «Francisco Franco» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VI, nº 34, p. 13.
- «Roberto Cunha - Um artista madeirense quase desconhecido» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VII, nº 38, pp. 18-20.
- «Os cursos de Belas Artes na Madeira: História e números», in *Espaço-Arte*, Funchal, ISAPM, nº 1 e 2, Maio/1979, pp. 17- 19.

VERÍSSIMO, Nelson

- «Cinquenta anos de pintura de Maria Gabriela» in *Diário de Notícias - Revista*, Funchal, 20/11/1994, p. 13.

WILHELM, Eberhard Axel

- «Max Römer (postais madeirenses percorrem o mundo)» in *Atlântico*, 1988, nº 14, pp. 113-122.

ZAGALLO, Manuel C. de Cayola

- *A Pintura dos Séculos XV e XVI da ilha da Madeira*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

ARTUR, Alberto Sarmiento

- «Teatros antigos na Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VII, nº 37, Funchal, 1967, pp. 81- 94.

CARITA, Rui

- *Introdução à arquitectura militar na Madeira. A Fortaleza-Palácio de São Lourenço*, Funchal, 1981.

DIONÍSIO, Fátima Pitta

- «O experimentalismo em António Aragão» in *Islenha*, nº 20, Funchal, 1997, pp. 12-20.

FERNANDES, José Manuel

- «Edmundo Tavares e a arquitectura do Funchal» in *Islenha*, nº 12, Funchal, 1993, pp. 57-60.

«Arquitectura e urbanismo no espaço ultramarino português», in *Último Império e Recentramento (1930-1998)*, vol. V da *História da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1999, p. 334-345.

FREITAS, Eugénio de A. C.

- «Dois poetas madeirenses na Academia dos Anónimos de Lisboa» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. IV, nºs 19-20, Funchal, 1955, pp. 16-18.

GOMES, Álvaro Reis

- «A ilha da Madeira vista por grandes nomes das letras nacionais e estrangeiras» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VII, nº 38, Funchal, pp. 27-30.

GOUVEIA, Horácio Bento

- «Reis Gomes - Homem de letras» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. III, nº 13, Funchal, 1952, pp. 29-31.
- «Grande Escritor Madeirense Albino Meneses» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. IV, nº 19-20, Funchal, 1955, pp. 19-22.

GUTIERRES, Sebastián H.

- «Brutalismo em Madeira- El caso del Casino Park Hotel» in *Isleña*, nº 6, Funchal, 1990, pp. 68-74.

LINO, Raul

- «Arquitectura - A propósito da casa madeirense» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. VI, nº 32, Funchal, 1962, pp. 42-44.

MARQUES, João Maurício

- *Os faunos do cinema madeirense*, Funchal, Correio da Madeira, 1997.

MELO, Luís F. S; CARITA, Rui

- *100 Anos do Teatro Municipal Baltazar Dias (Catálogo)*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1988.

PESTANA, César

- «Academias e tertúlias da Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. II, nº 12, Funchal, 1952, pp. 35-36.
- «O Cenáculo. Academias e Tertúlias Literárias da Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. II, nº 38, Funchal, pp. 21-23.

PORTO DA CRUZ, Visconde do

- *Notas e comentários para a história da madeira. 3º Período / 1919 - 1952*, vol. III Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1953.

RAMOS, Emanuel Paulo,

- «Dificuldades e esperanças da cultura na Madeira» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. V, nº 29, Funchal, 1959, pp. 1-6.

SILVA, Pe. Fernando Augusto da,

- «Poetas madeirenses» in *Das Artes e da História da Madeira*, vol. IV, nº 24, Funchal, 1956, pp. 18-22.

SILVA, Maria Margarida Macedo (Org. de)

- *Literatura madeirense – panorâmica geral*, Tomos V e VI, Funchal, SRTC, 1988.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(Os números entre parêntesis correspondem a notas de rodapé)

- Abreu, João Carlos – (299).
 Abreu, José Alberto (Berto) – 134.
 Aguiar, Emanuel – 134.
 Aguiar, Beatriz – 42.
 Almeida, F. Louro de – 73, 78, 86, 106, 107, (200, 226).
 Almeida, Leopoldo de – 68, 69.
 Almeida, Paulo Dias de – (3).
 Almeida, Simões de (tio) – 34.
 Alves, Filomena Freitas – 134, (185).
 Alves, Justino – 73 a 75.
 Amaral, Keil – 84, (325).
 Amím, Luís – (342).
 Anunciação, Tomás da –
 Anjos Teixeira, Pedro (ver Teixeira, Pedro...)
 Aragão, António – 53, 73, 77, 82 - 84, 86 - 89, 91, 95, 98 - 100, 102, 105, 107, 117, 122, 123, 131, 132.
 Aranha, Manuela – 113, 138, (296).
 Areal, António – 88, 90 a 93, 104, (227, 238, 242, 325).
- Baptista, José – 97, 128.
 Baptista, Helder – 108, 117.
 Berimbau, Graça – 149.
 Brazão, Teresa – 129, 140, (312).
 Bazenga, Gil – 129, 138.
- Cabral, Carla – 150.
 Caires, Celso – 125, 126, 129, (312).
 Camarinha, Guilherme – 106.
 Carita, Rui – 49, 51, 98, 128, 134
 Castro, Henrique Vieira de – 30, 35, 38, 39.
 Castro, Lourdes – 87, 90, 93, 95, 100, 101, 102, 104, 123, 124, (325, 327).
 Clode, Francisco – 63, (107).
 Clode, Luís Peter – 54, 59, 61, 86, (145).
 Clode, Luisa – 74, 77, (216).
 Combe, William – 15, (3).
 Conduto, Fernando – 104, 109, (226, 227).
 Costa, Berta – 41.
 Costa, Marcelo – 90, 102, 122, (205, 325).
 Costa, Tomás – 68.
 Costa Mota, A. Augusto da – (ver Mota, A. ...)
 Costa Pinto, Candido – (ver Pinto, Candido...)
 Cunha, Manuel – 69.
 Cunha, Roberto – 69.
- D'Almeida, Charters – 122, (184).

- Dantas, António – 131, 132, 133.
 Di Maggio, Nelson – 72, 91, 93.
 Duarte, António – 68, 69, 104, 105.
- Franco, Francisco – 25, 31, 33 - 35, 37 - 39, 42 - 51, 57, 62, 68, 70, 95, 104, 113, 125, 137, 138.
 Franco, Henrique – 25, 31, 33, 36 - 43, 57, 62, 64, 95, 113, 125.
 Feio, Barata – 51, 68, 70.
 Fernandes, Franco – 73, 129, 136, 137.
 Fernandes, José Júlio Castro – 119, (312, 338).
 Fernandes, Maurício – 75, 83, 98, 116, 125, 126, 128, 129, 130.
 Ferraz, Guida – 150.
 Ferraz, Matilde – 41.
 Ferraz, Pedro – 64.
 França, José-Augusto – 36, 88, 89, 90, 100, 101, (34, 70).
 Freitas, Eduardo – 119, 131, 132.
 Füller, Josef – 45.
- Gomes, César – 58, (147).
 Gomes, João de Lemos (Melos) – 65, 86, 133.
 Gomes, João dos Reis – 48, 70.
 Gomes, José Manuel – 130, 138, 139, 145, 150, (338, 361).
 Gomes, Margarida Lemos – 74.
 Gonçalves, Mafalda – 148.
 Gonçalves, Rui Mário – 72, 91, 92, 118, 130, (72, 313).
 Gontardo, Lígia – (338, 354).
 Gorjão, António – 114, 115, 116, 118, 119, (115, 185).
 Gouveia, António – 42, 43, 64, (161).
 Gouveia, Ara – 77, 78, 96, (199).
 Gouveia, Danilo – 73, 96.
 Gouveia, Gilberto – (342).
 Gouveia, Ricardo (Rigo) – 132.
- Henriques, J. A. Lagoa – 107, 117, (184).
- Jardim, Teresa – 125, 145, 147, (338, 374).
- Lacks, Víctor – 83, 84.
 Lagoa Henriques (ver, Henriques, J. A. Lagoa)
 Lapa, Querubim – 106, (225).
 Lélis, Carlos – 87, 88, (228).
 Leónidas, Maria Gabriela F. de – 64, (160).
 Lucena, Vasco – 58, 60, 70, 73.
 Lupi, Miguel – 16, 36.
 Luz, Carlos – 98, 128, (354).
 Luz, Guilhermina da – 125, 129, 140, 145, 149 (312, 356).
- Madureira, Manuela – 108.
 Manta, Abel – 27, 31, 37, 42, 43, 87, (87, 225).
 Margot, Cecília – 134.
 Marinho, Américo – 64, 65.
 Marques da Silva, António – 113.
 Marques da Silva, Jorge – 33, 74, 81, 93, 98, 99, 115, 116, 130, 130, (74).
 Maia, Delfim – 68, 70.
 Maia, Francisco – 58, 133.

- Melo, Felipe C. da Costa e – 20.
 Metrass, Francisco – 16.
 Miguéis, Alfredo – 25, 27, 30 - 33, 37, 38 - 41, 63 - 65, 75, 95, 103, (70, 74, 305).
 Moreira, Henrique – 69.
 Mota, A. Costa – 46, 48.
 Mota, Eleutério – 124.
- Nascimento, João Cabral do – 26, 27, 43, 58, 63, (21).
 Nascimento, João José do – 20, (26).
 Nelos, António – 96, 97, 131, 132, (312).
 Niemeyer, Oscar – 109.
- Orfão, Rui – 122.
 Ornelas, Maria – 42.
 Osório, Miguel – 128.
- Paixão, José Luís – 120, 125, 130, (338).
 Pernes, Fernando – 72, 88, 90.
 Pestana, César – 27, 28, (40).
 Pestana, Isabel S. Clara Gomes – 83, 115, 125, 130, (15).
 Pestana, João – 97, (205, 258).
 Pestana, Silvestre – 96.
 Pickens, Andrew – 15.
 Pimenta, Élia – 74, 125.
 Pinto, Candido Costa – 105, (226).
 Pita, Domingas – 145, 147, (338).
- Ragon, Michel – 84.
 Ramalho, Raúl Chorão – 105 - 107, (225, 281, 282).
 Ramos, Carlos – 67, 68, (167).
 Rocha, Joaquim Leonardo da – 16, 18, 19.
 Rodrigo, Joaquim – 88, 93, (242).
 Rodrigues, Adolfo – 17, 31, 41, (161).
 Rodrigues, Agostinho – 68.
 Rodrigues, António – 97, 131, (259, 260, 333).
 Rodrigues, Joaquim – 109.
 Rodrigues, Manuel – 148.
 Rodrigues, Rita – (338).
 Römer, Max – 42, 43, 63 - 65, 75, 79, 95, 103, (284).
- Santa Clara, Isabel (ver Pestana, Isabel Santa Clara G.)
 Sardinha, Idalina – 126, (312).
 Silva, Fernando Augusto da – 26, 29.
 Silva, José Maria da – 77, 80, 84, (199, 293).
 Silva, Vicente Gomes da – 18, (14).
 Sirgado, Evangelina – 75, 125, 130, 138, (338).
 Sousa, Albertina – 95, 123.
 Sousa, Alberto de – 55, 62, 63.
 Sousa, Alice – 119, 129.
 Sousa, Amândio – 73, 77, 82 - 84, 108, 113, 139, 143, 149 (184, 199, 296).
 Sousa, Francisco Clode de – 63, 149, (107, 361, 388).
 Sousa, Helena – 150.
 Spínola, Humberto – 96.
 Sprotte, Siegward – 143.

Sumares, Patrícia – 143.

Tapiés, Michel – 83, 84.

Tavares, Américo – 64.

Tavares, Edmundo – 68, (281).

Teles, Martha – 42, 95, 103, 123, (184, 277).

Vasconcelos, Marco – 150.

Velosa, Ricardo – 75, 137 - 140, 143, 149 (185).

Venâncio, Filipa – 145, (361).

Vieira, Elmano – 29, 61.

Vieira, Jorge – 104, 107.

Vieira, Manuel Luís – 25.

Vieira da Silva, Helena – 93, 96, 100, 103, 122, (268).

Xavier, Raúl – 46.

Zagallo, Manuel Cayolla – 54 - 57, 60.

Westall, William – 15.

AS ARTES PLÁSTICAS NA MADEIRA (1910 - 1990)

VOLUME II

ANEXOS

ANTONIO CARLOS JARDIM VALENTE / TESE DE MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE / UNIVERSIDADE DA MADEIRA / 1999.

7
VAL Art
+ C
V.2
TM

7
VAL ART
+ C. 1.1
V. 2
T/M

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

CONTEÚDOS

Tabelas

I - Cronologia de acontecimentos culturais e artísticos na Região/Séc. XX.	2
II - Cronologia comparada (1910-1990).	11
III - Artigos sobre Arte na Revista "Das Artes e da História da Madeira"	17
IV - Pintura do século XX existente em colecções madeirenses (em 1963)	19
V - Obras existentes no espólio do "Núcleo de Arte Contemporânea" (em 1982).	21
VI - Quantitativo de alunos dos Cursos da AMBAM/ISAPM (1955-1990).	23
VII - Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995).	24

Ilustrações

1910-1954	1
1955-1974	16
1975-1990	30
Anos 90 (até 1995)	49
Índice das Ilustrações	64

CRONOLOGIA DE ACONTECIMENTOS CULTURAIS E
ARTÍSTICOS NA REGIÃO - SÉC. XX.

FINAIS DO SÉC. XIX até 1930

- 1889
- Foi criada por decreto a "Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos".
- 1893
- Passagem da anterior escola a "Escola Industrial e Comercial do Funchal".
- 1906
- Primeira escultura inaugurada neste século, no Funchal, da autoria de Josef Fuller.
- 1914
- "Escola de Utilidades e Belas Artes" instituída pela Junta Geral do Funchal (até 1919).
- 1914 -20
- Período de permanência de Francisco na Madeira.
- 1919
- Inauguração do busto de "João Gonçalves Zarco", de Francisco Franco, no restaurante Esplanade.
- 1922
- I Exposição de pintura e escultura moderna no Funchal, na galeria de arte do Casino Pavão. O "Grupo dos Seis": Alfredo Miguéis, Henrique Franco, Francisco Franco, Madeleine Emery, Roberto Vieira e Bernard England.
- Inauguração do Busto do Conde de Canavial (de Raúl Xavier) gera polémica na imprensa durante o mês de Março.

1923

- Inauguração do busto "Aviador" no Jardim Municipal (de Francisco Franco)

1924

- Francisco Franco executa o busto em homenagem a Henrique Vieira de Castro. (inaugurado só em 1943)

1925

- Inauguração do Busto de João Fernandes Vieira "libertador de Pernambuco" (do escultor Costa Motta) na Avenida Arriaga.

- Paisagens de Abel Manta (o pintor esteve na Madeira entre 1924-26)

ANOS 30/40/50

1932

- Transferência das esculturas da Av. Arriaga para outros locais a fim de reservar este espaço, em exclusivo, para o "Gonçalves Zarco" de Franco.

1933

- Manuel Cayolla Zagallo no Funchal.

1934

- Inauguração da estátua de "João Gonçalves Zarco", do escultor Francisco Franco, na Av. Arriaga, com honras de estado.

- Agnarelas de Alberto de Sousa no átrio da Junta Geral do Funchal,

1936

- Inauguração da escultura "O Semeador" de Francisco Franco (datada de 1923) na Praça de Tenerife, Funchal.

1940

- Início das obras de recuperação do edifício dos Paços do Concelho Funchal, a cargo do arquitecto Raúl Lino.

- Pinturas de Alfredo Miguéis para o edifício dos Paços do Concelho.

- 1943
- Formação da "Sociedade de Concertos da Madeira", da responsabilidade do Eng. Luís Peter Clode, e subsequente criação da Academia de Música da Madeira.
 - Pinturas de Max Römer para a Cantina do Liceu Nacional do Funchal.
- 1944
- Exposição póstuma da obra de Alfredo Miguéis na Quinta Vigia.
- 1944-46
- Trabalhos de António Duarte para o Funchal (Baixo-relevo nos Paços do Concelho e rotunda do Infante D. Henrique)
- 1946
- Exposição de António Aragão na Associação Comercial do Funchal.
- 1947
- Inauguração do monumento ao Infante D. Henrique, de Leopoldo de Almeida (datado de 1941).
 - Incêndio no Palácio de São Pedro destrói obra de Alfredo Miguéis.
- 1948
- Exposição de Pintura do séc. XIX de colecções privadas da Madeira, organizada pela Sociedade de Concertos da Madeira.
- 1950
- Pinturas de Bryce Nair (paisagista inglesa) nas "Galerias da Madeira".
 - Criação do Instituto Cultural da Madeira, dependente da SCM.
 - Exposição de aguarelas e desenhos de Américo Marinho, professor da Escola Industrial e Comercial do Funchal, na sede da SCM.
- 1951
- Aguarelas de Melos (João de Lemos Gomes) na SCM.
- 1952
- Guilherme Camarinha, Raúl Lino e Chorão Ramalho no Funchal.
- 1954
- Inauguração do busto em homenagem a João Abel de Freitas, da autoria de Leopoldo de Almeida, na Avenida Arriaga.
- 1955
- Exposição individual de Lourdes Castro no Clube Funchalense.
- 1956
- Exposição individual de António Aragão no Clube Funchalense.
 - Publicação do caderno literário *Búzio*, da responsabilidade de António Aragão.
 - Pintura mural de Guilherme Camarinha para o átrio da Junta Geral do Funchal.
- 1944-46
- Criação de uma Secção de Belas Artes na Academia, que passou a denominar-se "Academia de Música e Belas Artes da Madeira" (AMBAM).
- 1957
- Escultura pública inaugurada no Porto Santo, da autoria de Delfim Maya.
 - Pintura mural de Cândido Costa Pinto para o átrio da Empresa de Electricidade da Madeira.
- 1959
- Exposição de aguarelas de Melos na SCM.
- ANOS 60/70
- 1960
- Centro Artístico Infantil do Funchal, dirigido por Luz Correia e subsidiado pela FCG. Actividade experimental com crianças de rua e subsequente exposição em Lisboa, apoiada pela F. Gulbenkian.
 - Exposição individual de Melos em Lisboa. Palácio das Galveias.
 - "1ª Exposição de Pintura Moderna" na AMBAM com apoios da SNBA. Premiados Silva Lino e Albertina Mântua.
 - Danilo Gouveia expõe pela 1ª vez no Centro Académico do Funchal.
 - Alameda do Infante D. Henrique no Porto Santo (Projecto de Chorão Ramalho e escultura de António Aragão)

- 1961
- Exposição póstuma de Max Römer na AMBAM, integrada nas Festas da Cidade.
 - Pintura de Giovanni Huber no Teatro Municipal. (O pintor viveu na Madeira até 1967)
- 1962
- Exposição itinerante da colecção de Arte Contemporânea da Fundação Calouste Gulbenkian (na Madeira e nos Açores)
 - "1ª Exposição da Escola Superior de Belas Artes do Porto" na AMBAM com o patrocínio da Câmara Municipal do Funchal.
 - Inauguração da escultura de António Duarte para a entrada do Palácio da Justiça.
- 1963
- XXVI Missão Estética de Férias (Alberto Carneiro entre outros). Primeira e única na Madeira.
- 1964
- Inauguração da Galeria de Artes Decorativas TEMPO com a exposição "Sete Pintores Portugueses" (Manuel Moura, Jorge Pinheiro, Espiga Pinto, Manuel Pinto, José Rodrigues, Ângelo Sousa e Júlio Resende). Ago-Set.
 - Inauguração do restaurante e livraria "Pátio - Livros e Artes".
- 1966
- "1ª Exposição de Arte Moderna Portuguesa" no Funchal. Atribuição do "Prémio Cidade do Funchal" a Joaquim Rodrigo com «Guarda Nocturno». (Júri: José Augusto França, Fernando Peres, António Aragão e Carlos Lélis)
 - Pinturas de António Areal na Quinta das Cruzes.
 - Desenhos de António Nelos e Humberto Spínola nas Galerias *Mundus*.
 - Formação do Cine-Forum do Funchal
- 1967
- "II Exposição de Arte Moderna Portuguesa". Atribuição do "Prémio Cidade do Funchal" a António Areal com «Sobre o Deus Morto». (Júri: Rui Mário Gonçalves e Nelson Di Maggio)
- 1968
- Exposição de desenhos inéditos de António Areal, da sua série "Laboratório Pictural". Museu da Quinta das Cruzes.
 - 1º número do semanário *Comércio do Funchal*.
- 1969
- Relatório conjunto da comissão madeirense e do comité francês para a criação de uma "Casa do Artista" e do Museu de Arte Moderna do Funchal, nunca concretizado.
 - Colectiva de artistas madeirenses "Cinco jovens pintores" (Ricardo, Silvestre Pestana, António Nelos, Humberto Spínola, Rogério Prioste).
 - Colectiva de pintores madeirenses (ver anteriores) nos Açores.
 - Pinturas murais de Louro de Almeida na Escola Industrial e Comercial do Funchal.
 - Inauguração da estátua de Cristovão Colombo, da autoria de Henrique Moreira, no Parque de Sta. Catarina. (Escultura adquirida 28 anos antes).
- 1970
- 1ª escultura abstracta inaugurada na Madeira (Camaçha), da autoria de Amândio de Sousa.
 - Exposição de Arte Moderna "Colecção Stenersen". (Miró, Picasso, Kandinsky, Munch, Appel, Klee, Vieira da Silva, etc).
 - 1ª Exposição Colectiva de Professores e Alunos da AMBAM, no Teatro Municipal.
 - 1ª Exposição de Artes Plásticas do Cine-Forum Juvenil, no Teatro Municipal.
- 1971
- Exposição de fotografia e Pintura de Jovens artistas madeirenses. Cine-Forum Juvenil. Teatro Municipal.
 - Exposição de alunos da Escola Industrial e Comercial do Funchal (Fernanda, Eugénia, Paulo e António) no átrio da Junta Geral. Polémica da apreensão de quadros pela PIDE.
 - Inauguração das novas instalações da AMBAM na Rua da Carreira com a "Exposição de cadeiras inglesas e pinturas de motivos madeirenses".

- Exposição de fotografia de João Pestana no Hotel Madeira Hilton.

1972

- Exposição de fotografia de Eduardo Gageiro, nas festas de fim do ano.

- Escultura de Helder Baptista para os Jardins do Hospital Distrital do Funchal.

1973

- 1ª Exposição Colectiva organizada pela MATUR—Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira. Proposta de criação de um Museu MATUR incluindo obras de artistas locais.

- 2ª Exposição MATUR. (artistas nacionais e regionais)

- Muro escultórico de Manuel Madureira nos Jardins do Hospital Distrital do Funchal.

- 2ª Exposição colectiva de alunos e professores da AMBAM (Anjos Teixeira, Evangelina, Maurício Barros, Ricardo Velosa, entre outros).

1974

- Exposição colectiva de Carlos Luz, Maurício Fernandes (desenho e escultura) e Rui Carita no Teatro Municipal.

- Exposição individual de Rui Carita.

Pos - 25 de Abril

Finais de 1974

- Exposição integrada nas festas de fim de ano, na Quinta Vigia (das angústias). Insólita exposição que reuniu: Presépios do séc. XVIII; a colecção camarária da obra de Francisco e Henrique Franco; uma exposição de fotografia (João Pestana); uma colectiva de artistas locais e ainda uma "Galeria de Arte Moderna" que incluía os trabalhos adquiridos nas I e II exposições de arte moderna no Funchal de 66 e 67.

1975

- Tapeçarias de Fernando Conduto para o Casino Park Hotel.

1976

- Criação do Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (ISAPM) por extinção da AMBAM.

- Colectiva de Artes Plásticas organizada pela Câmara Municipal. (Maurício Fernandes, Isabel Santa Clara, Ricardo Velosa, entre outros).

- Exposição de Arte Negra Africana no átrio da Câmara Municipal, em colaboração com o Museu da Quinta das Cruzes.

1977

- Números 1 e 2 da revista *Espaço-Arte*, boletim do ISAPM.

- Fotografias de João Pestana no átrio da CMF.

- Colectiva de Artes Plásticas integrada nas actividades culturais da CMF.

- Exposição Itinerante "De Bonnard a Miró - Homenagem a Tériade" (apresentada pela primeira vez em Paris em 1973). Museu de Arte Sacra.

1978

- Criação da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC).

- Exposição "Gravura no Funchal" no Teatro Municipal. Organização conjunta da CMF e da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

- Exposição de pintura Naïf de Luisa Pagano, italiana, membro do centro suíço de Pintura Naïf Europeia. Teatro Municipal.

- Colectiva de artistas da região "6 + uma", no Teatro Municipal. Organizada pela Comissão de actividades culturais da CMF.

- Colectiva de artes plásticas, diaporamas e cinema experimental "ART'ILHA", no Funchal e posteriormente em Lisboa, Évora e Porto. Colaboração da CMF, ESBAL e Câmara Municipal de Évora.

- Gravuras de Vieira da Silva no Museu de Arte Sacra. Visitas guiadas orientadas por professores do ISAPM

- "Arte-intervenção" — happening e performance (no Largo da Restauração) de Rui Orfão.

- Exposição de Victor Belém "A via láctea / Pintura objecto envolvente" no Teatro Municipal.

- Exposição audiovisual sobre "Le Bateau Lavoir" no Museu de Arte Sacra. (organização da embaixada de França e Fundação Calouste Gulbenkian).

1979

- Exposição de fotografia do grupo "IF" (João Paulo Sotto Mayor, José Carlos Príncipe, José Marafona e Luís Abrunhosa Vasconcelos) organizada pela DRAC. Teatro Municipal.

- II exposição do Atelier infantil do ISAPM. Texto de Evangelina Sousa. 11 a 22 de Junho,

- 1ª Exposição colectiva de alunos do ISAPM no Museu de Arte Sacra

- Esculturas de Charters D'Almeida na Galeria de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra.

- A colecção de arte contemporânea reunida há duas décadas, foi posta à responsabilidade da DRAC.

- Pintura ingénua portuguesa no Teatro Municipal. Participaram: Maria do Carmo Neves, Victor Silva Vieira, Hipólito Clemente, Augusto Pinheiro, Ivone Carvalho, Manuel Carvalho. Iniciativa das Actividades Culturais da CMF.

- Filomena Freitas, pintora *naif* madeirense, expõe pela 1ª vez no Teatro Municipal.

- "50 imagens", exposição de fotografia de Isabel Santa Clara e Maurício Fernandes, docentes do ISAPM, na galeria do Instituto.

- Exposição de aguarelas de Rui Carita e José António Nunes, no Pátio-Artes, marca o reinício das actividades culturais deste local.

- 2ª Exposição de Lurdes de Castro no Funchal, organizada pela DRAC, numa sala polivalente deste organismo.

1980

- II Exposição Nacional de Gravura. Organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela DRAC. Museu de Arte Sacra. 23 de Abril.

- Gravura de Teixeira Lopes e Sérgio Pinhão no Teatro Municipal integrada no âmbito da exposição anterior.

- Exposições individuais de Danilo Gouveia, Miguel Osório, Manuel Luís Andrade e Luís Arnim no Teatro Municipal. Francisco Maya expõe óleos e aguarelas no Museu de Arte Sacra.

- "1 Salão de Artes Plásticas" do Cine-Forum, no Museu de Arte Sacra.

Artistas madeirenses.

- "50 imagens" de Isabel Santa Clara, Manuel Gomes e Maurício Fernandes expostas na Sociedade Nacional de Belas Artes.

- Exposição de René Bertholo na Galeria de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra, organizada pelo Cine-Forum.

- Fotografias de Gageiro e Ana Esquivel no Teatro Municipal.

- Exposição retrospectiva de José de Guimarães, integrada nas "Festas da Cidade".

- Pintura de João Pinheiro na Sede da DRAC.

1981

- "Revista" *Filigrana*, copy art e arte postal de António Aragão, António Dantas e Eduardo Freitas, entre outros.

- Retrospectiva de Pintura (1957-1965) de António Aragão no Museu de Arte Sacra. Organização do Cine-Forum.

- Concurso público de Escultura "Monumento ao Emigrante" (1º prémio atribuído a Franco Fernandes)

- Exposição de desenhos de Lagoa Henriques, por iniciativa do ISAPM, no Museu de Arte Sacra.

- IV Exposição do Atelier Infantil do ISAPM. Texto de Evangelina Sousa. Outubro.

- I Encontro Cultural Funchal-Lisboa. Pintura, fotografia, poesia ilustrada e escultura de artistas madeirenses na Casa da Madeira.

- Exposição de Marcelo Costa "Desenhos e um Objecto Motorizado" no Casino Park Hotel, organizada pelo Cine-Forum.

- Colectiva de fotografia (artistas estadounidenses) no Museu de Arte Sacra. Organizada pela Casa da Cultura da Madeira e o ISAPM.

- Início da actividade da Galeria Quetzal com a exposição de pintura de Moniz Pereira.

- Colectiva de pintura e escultura no "Pátio" organizada pela "Ilhatur", com patrocínio da DRAC.

- Guilhermina da Luz expõe na galeria do ISAPM.

- Retrospectiva póstuma de Rui Teles no átrio da CMF.

1982

- Pinturas murais no Aeroporto de Santa Catarina. Guilhermina da Luz, Ricardo Velosa, Dina Pimenta, Teresa Brazão e Tolentino Nóbrega.
- Exposição colectiva de gravura portuguesa, no Museu de Arte Sacra, organizada pela Quetzal.
- A galeria *Quetzal* traz ao Funchal exposições de Joaquim Ramalho, João Hogan, José de Guimarães, Rogério Amaral e António Botelho.
- "Fragmentos". 1ª Exposição colectiva de professores e alunos (Guilhermina da Luz, Teresa Brazão, Maurício Fernandes, Paulo Maria e Celso Caires) do ISAPM no Teatro Municipal.
- "Conversando com... Moniz Pereira, João Hogan, José de Guimarães e Rogério Amaral". Compilação de entrevistas com Francisco Faria Paulino, responsável pela galeria QUETZAL.
- Exposição "Ilda Reis - Gravura" no Teatro Municipal, organizada pela CMF e a Fundação C. Gulbenkian.
- Inauguração da galeria de exposições temporárias da Secretaria Regional de Turismo e Cultura (SRTC) com uma exposição de Melos, aguarelista madeirense.
- Colectiva de artistas madeirenses (Alice Sousa, Franco Fernandes e Gil Bazenga) na galeria da SRTC.
- 1º Concurso "Dia da Cidade" (Artes Plásticas, Música, Literatura e Poesia). O 1º prémio de Artes Plásticas não foi atribuído cabendo o 2º a Miguel Osório e o 3º prémio a Alice Sousa.
- "Encontro cultural Funchal em Lisboa". Teatro, Poesia e Artes Plásticas. Casa da Madeira em Lisboa.
- Exposição de pintores iugoslavos no Teatro Municipal organizada pela D.R.T.

1983

- Exposição de aguarelas de "costumes madeirenses" (de 1965) de António Aragão no Teatro Municipal.
- Cruzeiro Seixas, Teresa Magalhães, Carlos Calvet, Cargaletiro e António Palolo expõem no Funchal pela mão da Quetzal.
- Debate "Cultura Madeira 83" organizado pelo Centro de Cultura do Cine-Forum.

- Colectiva de alunos do ISAPM no Museu de Arte Sacra

- V Exposição do Atelier infantil do ISAPM.

- "24 artistas madeirenses nos Açores", exposição organizada pela Associação de Amizade Madeira-Açores e patrocinada pela DRAC dos Açores.

- Colectiva de Artes Plásticas e Artesanato da Academia das Artes de São Miguel, integrada na iniciativa anterior. Apoios da DRAC Teatro Municipal.

- 1ª Assembleia Nacional dos realizadores de cinema, co-organizada pelo Cine-Forum.

- Exposição itinerante da FCC "Imagens da Arte em Portugal", no Museu de Arte Sacra.

- Colectiva de fotografia de alunos e professores do ISAPM no Teatro Municipal.

- José de Guimarães volta a expor no Funchal. Teatro Municipal.

1984

- "Madeira tanto verde" Exposição de fotografia de Evangelina e Gonzaga no Teatro Municipal.

- A Quetzal traz ao Funchal a pintura de Francisco D'Almada, Emília Nadal e Manuel Baptista.

- Abertura do "Núcleo de Arte Contemporânea" na Quinta Magnólia.

- VI Exposição do atelier infantil do ISAPM.

- Exposição de Martha Teles (artista madeirense radicada no Canadá) com o apoio da FCCG, no Museu de Arte Sacra.

- Exposição (comemorativa do dia da Cidade) do espólio canarário de Francisco e Henrique Franco.

- Pinturas Murais de Dina Pimenta. (Hotel Alto Lido)

- O "Semeador" de Francisco Franco foi transferido para o Parque de Santa Catarina.

- António Palolo expõe no Casino Park Hotel.

1985

- "I Bienal de Arte dos Açores", em Ponta Delgada. (participação de artistas madeirenses).

- Participação de artistas madeirenses na colectiva "Panorâmica" no Casino Estoril.
 - Colectiva de Alice Sousa, Gil Bazenga e Luís Amado na galeria da SRTC.
 - Guilherme Parente na galeria da S.R.T.C.
 - Decorações do Edifício dos C.T.T. (Av. Zarco) com esculturas e painéis de Lourdes Castro, Ricardo Velosa e António Magalhães.
 - Albertina de Sousa (madeirense radicada no continente). Expõe pintura, gravura e desenho na galeria da RTC.
- 1986
- Concurso público de escultura "Monumento à Autonomia" (1º prémio Ricardo Velosa)
 - "Sinais Convencionais", 2ª colectiva de professores do ISAPM na galeria da SRTC.
 - "Neo-Lithos", exposição de escultura de Luís Paixão na galeria do ISAPM.
 - Vítor Fortes expõe pela primeira vez no Funchal, na Galeria da SRTC, trazido pela QUETZAL.
 - "Coleção de Inverno - originais para início de estação", 3ª colectiva de professores do ISAPM. Destaque-se a participação de Evangelina S. Sousa com uma das primeiras mostras de «Computer Art» a nível nacional.
 - "Nove Novos", na galeria da SRTC e em Machico: Luísa Sousa, Catarina, São Gonçalves, Domingas Pita, José Júlio, Luís Paixão, mafalda, Rita Rodrigues e Teresa Jardim.
 - Criação da CIRCUL'ARTE - Associação de Artistas Plásticos da Madeira.
 - Colectiva "Dezassete Graus Oeste" na Galeria do Turismo e na Galeria *Alumina* em Lisboa.
- 1987
- "Cenas e Objectos", 4ª colectiva de professores do ISAPM.
 - "Baleias", exposição de gravuras de David de Almeida na Galeria da SRTC
 - MARCA/MADEIRA. Festival de Arte Contemporânea. Comissário

- coordenador: Francisco Faria Paulino).
- Exposição panorâmica da "Arte Contemporânea Açoreana" integrada na MARCA (Canto da Maya, Domingos Rebelo, António Dacosta, José Nuno da Câmara Pereira).
 - I Mostra de Artes Plásticas da CIRCUL'ARTE, integrada na MARCA.
 - Concurso público de Escultura "Monumento à Revolta da Madeira-1931" (1º Prémio José Manuel Gomes)
 - "Portas e Janelas da Zona Velha da Cidade". Pintura de Rui Carita no Teatro Municipal.
- 1988
- "Insinuações e Propostas" da CIRCUL'ARTE. Desta exposição foram seleccionados trabalhos por um júri (crítico convidado: Rui Mário Gonçalves) para participar, no mesmo ano, no Fórum de Arte Contemporânea (Forum Picos).
 - Colectiva "Zeros" (Filipa,) no Casino Park. Patrocínio dos Seguros Bonança. 16 a 19 de Março.
 - Exposição itinerante do Centro Nacional de Cultura "Pintura Portuguesa 1988. Quinta Magnólia. DRAC.
 - Prémio Leacock de Artes Plásticas.
 - Participação de Lígia Contardo e Luís Filipe na exposição LUDO, na Galeria *Novo Século*, Lisboa.
 - Colectiva "Situações" de pintura, desenho e fotografia na Galeria da SRTC.
 - "Oito artistas madeirenses/Funchal, Ponta Delgada e EUA". António Dantas, Dina Diniz, Gilberto Gouveia, Luís Amin, Luís Tranquada, Rigo e Rui Carvalho e T.T.
 - Pinturas Murais de Guilhermina da Luz no Pavilhão Gimno-desportivo dos Trabalhadores do Funchal.
- 1989
- Monumento ao Turista, de Ricardo Velosa, na Praça do Turista, Funchal.
 - II Mostra de Artes Plásticas da CIRCUL'ARTE.
 - Colectivas de artistas madeirenses em Coimbra (Galeria 5) e nos Açores.

- Colectiva "Woauh" na galeria da SRTC.
 - Exposição "Gravura e outros múltiplos" organizada pelo "Núcleo de Arte Contemporânea" (Obras de artistas nacionais e locais presentes em colecções da Ilha).
 - Inauguração da Galeria *Funchália* com uma exposição de Helena Viera da Silva.
 - 1ª exposição individual de Celso Caires na galeria Funchália. Danilo Gouveia. átrio da IRM
 - Uma nova galeria na Zona Velha da Cidade abriu as suas portas a artistas autodidactas como António Pereira Cecília Margot Eleutério Mota, Jorge Neves, Veronica Nel, António J. Loja Aguiar, Armando Aguiar, João Oliveira, Maria Franco e Filomena Alves.
 - Nuno San-Paio expõe na galeria da SRTC.
- ANOS 90 (até 1995)**
- 1990**
- Inauguração da Galeria *Porta 33*.
 - Primeiras exposições individuais de Filipa Venâncio e Guilhermina da Luz, na Galeria da SRTC.
 - Primeiras exposições individuais de Lígia Gontardo e Maurício, na galeria *Funchália*.
 - "Uma exposição com pintura e tudo", 1ª exposição individual de Isabel Santa Clara e 1ª exposição de arte contemporânea realizada na Casa Museu Frederico Freitas.
 - Colectiva de artistas madeirenses na Galeria MASP.
 - Escultura "Trilogia dos Poderes" de Amândio de Sousa para o Pátio da Assembleia Regional.
 - "15 desenhos e um objecto" de Marcelo Costa na *Funchália*.
- 1991**
- Colagens, electrografia de António Nelos na galeria da SRTC.
 - "Olhares Atlânticos", Mostra de artes plásticas da Madeira na
- Biblioteca Nacional, Lisboa.
 - 1ª exposição individual de Francisco Clode de Sousa na galeria da SRTC.
 - 1ª exposição individual de Celso Caires na *Funchália*.
 - "Guardiães da terra" de Guilhermina da Luz na Galeria da SRTC.
 - Grupo escultórico para a Praia da Palmeiras em Santa Cruz, de Lagoa Henriques.
- 1992**
- Assinatura do protocolo de integração do ISAPM (agora ISAD) na Universidade da Madeira.
 - Desenhos de Maurício Fernandes no átrio da Imprensa Regional.
 - "A Ilha e os seus habitantes", Pintura de Lígia Gontardo e Francisco Clode no Centro Nacional de Cultura, Lisboa.
 - "Silêncios" de Guilhermina da Luz. Casa Museu Frederico de Freitas.
- 1993**
- Inauguração do Museu de Arte Contemporânea do Funchal no Forte de São Tiago, com a exposição conjunta de Amy Joes e Fernanda Fragateiro.
 - Inauguração da Casa da Cultura de Santa Cruz, no Concelho do mesmo nome.
 - Colectiva de artistas madeirenses na Galeria *Porta 33*. António Dantas, Filipa Venâncio, Francisco Clode, Lígia Gontardo e Manuel Gomes.
 - 1ª Exposição individual de Eduardo Freitas, na *Porta 33*.
 - Escultura e Serigrafia de Guilhermina da Luz na *Funchália*.
 - Colectiva de Domingas Pita, Lígia Gontardo, Teresa Jardim e Eduardo Freitas, "A Escada de Jacob" na Casa Museu Frederico de Freitas.
 - Lígia Gontardo, única artista portuguesa seleccionada para a exposição "La Maison des Pages" em Bruxelas.
- 1994**
- Instalação de Rigo (Ricardo Gouveia) na Galeria *Porta 33*.
 - 1ª Exposição individual de Karocha na Galeria da SRTC.

- 2ª exposição individual de Eduardo Freitas na Galeria do Turismo.
 - I Mostra de arte na Casa da Cultura de Sta. Cruz.
 - Mostra de arte na Discoteca Vespas. Funchal.
 - Esculturas de Patrícia Garrido na galeria *Porta 33*.
 - "Habiáculos" de Manuel Gomes e Filipa Venâncio na galeria da SRTC.
- 1995
- Pintura de Élia Pimenta e escultura de Manuel Gomes no ISAD, integrado nas Jornadas do ISAD.
 - Fernando Calhau e Michael Biberstein simultaneamente no Museu de Arte contemporânea e na *Porta 33*.
 - Retrospectiva de António Sorais no Museu de Arte Contemporânea.
 - Aguardelas de Carlos Luz na *Funchália*.
 - Colectiva "Arte pela tolerância" no Ateneu Comercial do Funchal.
 - Colectiva em homenagem a Natália Correia na Feira do Livro. Funchal.
 - "35 anos de pintura", retrospectiva da Danilo Gouveia no Átrio da Imprensa Regional.

Cronologia comparada (1910-1990)

ANO	HISTÓRIA GERAL		FACTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS	
	CONTINENTE	MADEIRA	CONTINENTE	MADEIRA
1910	Implantação da República.		Reforma do Ensino das Belas Artes	Henrique e Francisco Franco em Paris (até 1914)
1911				Alfredo Miguéis em Paris (até 1914)
1912				Escola de Utilidades e Belas Artes
1913				Os irmãos Franco regressam à Madeira
1914				
1915			I Exposição dos Humoristas e Modernistas (Porto)	
1916		Ataque dos submarinos alemães ao porto do Funchal	"Portugal Futurista"	
1917		Diadura de Sidónio Pais	Ballets Russos em Lisboa	Paisagens madeirenses de Henrique Franco
1918				
1919				
1920				
1921		Falecimento do Imperador Carlos I da Áustria (Quinta do Monte)	Revista "Seara Nova"	Polémica das estátuas da Avenida Arriaga
1922			Exposição dos "Cinco independentes"	I Exp. de Arte Moderna no Funchal
1923			Revista "Athena"	Max Römer no Funchal
1924				Abel Manta no Funchal (até 1926)

Cronologia comparada (1910-1990)

ANO	HISTÓRIA GERAL		FACTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS	
	PORTUGAL	MADERA	PORTUGAL	MADERA
1925			I Salão de Outono	
1926	Ditadura Militar 28 de Maio		Exposições de Eduardo Viana e Abel Manta	
1927			"Presença"	
1928	Olivera Salzar			F, Franco conclui a estátua de J. G. Zarco
1929	Ministro das Finanças		Raul Lino " A Casa Portuguesa"	
1930				
1931		Revolta da Madeira Arquivo Distrital do Funchal	I Salão de Fotografia	
1932	Governo de Salazar (-1968)		I Salão de Inverno	
1933			Reforma do Ensino das Belas Artes	Manuel Cayolla Zagallo no Funchal
1934				Inauguração da estátua de João Gonçalves Zarco na Av. Arriaga
1935		Fernão de Ornelas Presidente da Câmara do Funchal (-1946)	I Exp. de Arte Moderna do SPN	Alberto de Sousa no Funchal
1936				Inauguração do "Semeador" no Campo da Barca
1937				
1938				
1939		Inauguração da Avenida do Mar		

Cronologia comparada (1910-1990)

ANO	HISTÓRIA GERAL		FACTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS	
	PORTUGAL	MADERA	PORTUGAL	MADERA
1955	Portugal é admitido na ONU			Exposição de Lourdes Castro no Clube Funchalense
1956				Criação da Secção de Belas Artes na Academia de Música da Madeira
1957				
1958	Campanha eleitoral de Humberto Delgado			
1959	Metropolitano de Lisboa			
1960				Pintura abstracta de Danilo Gouveia
1961	Operações militares no Ultramar		"Jornal de Letras e Artes" Pinturas Pop de J. Rodrigo	
1962				Exposição itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian na Madeira e Açores
1963			Rui M. Gonçalves - Prémio Crítica de Arte F. Calouste Gulbenkian	
1964		Aeroporto de Santa Catarina		Galeria "Tempo" "Pátio - livros e Artes"
1965				
1966	Inauguração da Ponte sobre o Tejo		Grupo de colecionadores 100/100 "Arte em Portugal, séc. XIX". J.A. França	I Exp. de Arte Moderna Portuguesa Desenhos de António Arcaç no Funchal
1967		Semanário "Comercio do Funchal" (até 1975)	Galeria S. Mamede Objectos de Noronha da Costa.	III Exp. de Arte Moderna Portuguesa Projecto da "Casa do artista"
1968	Governo de Marcello Caetano			
1969			Criação da AICA portuguesa Inauguração da sede da F. C. Gulb.	

Cronologia comparada (1910-1990)

ANO	HISTÓRIA GERAL		FACTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS	
	PORTUGAL	MADEIRA	PORTUGAL	MADEIRA
1970	Morte de Oliveira Salazar	Início do "Boom" hoteleiro	Galeria Zen. Porto	I Exposição de alunos e professores (AMBAM)
1971				Exposição da Coleção Rolf Stenersen Hotel Casino Park de Oscar Niemeyer
1972			Colóquio-Artes	
1973			Galeria Quadrum	
1974	Fim do Estado Novo (25 de Abril)		MDDAP / Movimento Democrático de Artistas Plásticos / pint. murais	Exposição de fim de ano (espólios de Henrique e Francisco Franco; espólio dos anos 60)
1975			Exposições Figuração Hoje? Abstração Hoje? (SNBA)	
1976	Ramalho Eanes, 1º Presidente da II República	Junta Regional das eleições regionais	Ensino pós-graduado de História da Arte na UNL.	
1977				Criação da Secretaria Regional de Turismo e Cultura (SRTC)
1978			II Bienal de Via Nova de Cerveira	Criação da Direcção Regional de Assuntos Culturais (DRAC)
1979				
1980				
1981			II. (Jornal de Letras, Artes e Ideias)	Galeria "Quetzal" (até 1985)
1982				Revista "Filingrama". Arte postal Galeria da SRTC
1983		I Assembleia Mundial dos Realizadores de Cinema	Centro de Arte Moderna da FCG	
1984				

Cronologia comparada (1910-1990)

ANO	HISTORIA GERAL		FACTOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS	
	PORTUGAL	MADEIRA	PORTUGAL	MADEIRA
1985			I Bienal dos Açores	Evangelina Sirgado, "Computer Art"
1986				Associação de Artes Plásticas da Madeira (CIRCUL'ARTE)
1987				MARCA Madeira 87 Festival de Arte Contemporânea do Funchal
1988			Fórum Picoas / Feira de Arte	
1989				Galeria "Funchália"

Artigos sobre Arte na Revista "Das Artes e da História da Madeira"

ano	autor	título	n.º	pág.
1950	Luis Peter Clode	Um grande pintor na Madeira	1	8
1950	Elmano Vieira	Da necessidade de um roteiro turístico na Madeira	1	4
1950	Elmano Vieira	A Madeira nas estampas da primeira metade do século XIX	2	28
1950	João Maria Henriques F. V.	Influências árabes na arte peninsular	3	15
1951	Secção de Actualidades	O ostentório da Santa Casa da Misericórdia	4	25
1951	Visconde do Porto da Cruz	Ourivesaria Sacra - uma grande exposição a realizar-se no Funchal	5	44
1951	João Maria Henriques	Ligeira notas sobre os monumentos do Arquipélago - A Sé Manuelina	5	6
1951	Vasco de Lucena	Alguns móveis estilo Chippendale	5	22
1951	Pe. Manuel Ferreira Pita	Apontamentos de estética "A moda de braço dado com a estética"	5	13
1951	Secção de Actualidades	A capela do Senhor Jesus e o seu retábulo	6	19
1951	Secção de Actualidades	Exposição de Pintura pelo Dr. Lemos Gomes (Melos)	6	36
1951	Secção de Actualidades	Hora de Arte	7	39
1951	Cónego Fulgêncio de Andrade	Convento de Sta. Clara - uma exposição magnífica	8	41
1952	Vasco de Lucena	Exposição de ourivesaria sacra em Santa Clara	8	24
1952	. C. F.	A vaga da escultura está por preencher	10	30
1952	César Pestana	A Igreja defensora da Arte num discurso de Pio XII	12	17
1952	S.A.	Academias e tertúlias da Madeira	12	35
1953	S. A.	O sacerdote e o artista	13	19
1953	Secção de Actualidades	Novos problemas de arte religiosa	14	28
1953	João Oscar Ribeiro Pereira	O Dr. Velez Carajo e a sua exposição de quadros	14	46
1953	Vasco de Lucena	A arte e a criação artística	15	9
1953	Vasco de Lucena	Reflexões sobre a Arte e a Natureza	15	25
1953	Vasco de Lucena	Salas de exposições da Pintura	16	36

Artigos sobre Arte na Revista "Das Artes e da História da Madeira"

ano	autor	título	n.º	pág.
1953	Vasco de Lucena	Quinta das Cruzes - Museu César Gomes	15	36
1954	A. F. G.	Exposição de esculturas religiosas no Convento de Sta Clara	17-18	57
1954	Conego Fulgêncio de Andrade	As nossas riquezas artísticas	17-18	25
1955	Manuel Cayolla Zagallo	Museu Diocesano de Arte Sacra do Funchal	20	25
1955	Secção de Actualidades	Francisco Franco	19-20	93
1955	Secção de Actualidades	Museu Diocesano de arte sacra	19-20	93
1955	Vasco de Lucena	O ensino da pintura e da escultura na Madeira	21	29
1955	Eugénio André da Cunha e Freitas	D. Manuel de la Quadra - Um artista sevilhano no Funchal	21	30
1956	Anjos Teixeira	Francisco Franco	22	13
1956	Secção de Actualidades	Belas Artes na Madeira	22	52
1957	S. A.	A arte moderna e a arte modernista	25	19
1957	Luis Peter Clode	Património artístico da Madeira (PAM) - porcelana chinesa	27	54
1957	Secção de Actualidades	A Ilha da Madeira e as Belas Artes	27	73
1958	Secção de Actualidades	Pela Secção de B. A. pretende-se efectuar uma exposição de Pintura e Escultura	28	81
1960	Luisa Clode	O cadeirado da Sé do Funchal	30	33
1962	Luis Peter Clode	Algumas peças de porcelana europeia no Museu das Cruzes	32	11
1963	Anjos Teixeira	Exposição de pintura do séc. XIX	33	29
1963	Emanuel Paulo Ramos	Arte contemporânea - natureza, problemas e ensinamentos	33	23
1966	João Lemos Gomes	Arranjo e modificação do camarim da Sé do Funchal	36	25
1968	Anjos Teixeira	Roberto Cunha	37	18
1970	Jorge Marques da Silva	Momento cimeiro da Arte na Madeira/ Colecção Rolf Sternersen	40	29
1971	Pe. Eduardo Pereira	Arte religiosa	41	5
1971	Secção de Actualidades	Exposição de cadeiras inglesas 1702-1830	41	55

Pintura do séc. XX existente em colecções madeirenses (em 1963) *

autor	título	técnica	data	entidade / colecionador
Fortunato Anjos	ALFAMA	óleo	1944	Luis Peter Clode
G. Bacarissas	CIBRALTAR	óleo	<i>não datado</i>	Edmund Leacock
G. Bacarissas	PROCESSÃO DA PENHA	óleo	<i>não datado</i>	Edmund Leacock
G. Bacarissas	CAMACHA	pastel	<i>não datado</i>	George Welsh
G. Bacarissas	STO. ANTONIO	pastel	<i>não datado</i>	George Welsh
Jorge Barradas	FIGURA SENTADA	aguarela	1922	Luis de Sousa
León Barrillot	FESTA RELIGIOSA NA BRETANHA	óleo	<i>não datado</i>	George Welsh
J. Cardoso	VELHA PLANIXO	óleo	<i>não datado</i>	Frederico de Freitas
Cavel	CURRAL DAS FREIKAS	aguarela	<i>não datado</i>	Delegação de Turismo do Funchal
Cavel	INTERIOR DA MADEIRA	aguarela	<i>não datado</i>	Delegação de Turismo do Funchal
Rodolfo Claudius	MARINHA	óleo	1950	Emanuel Valle
Rodolfo Claudius	EVOCACÃO NAVAL	óleo	1951	Emanuel Valle
Américo Diniz	TELHADOS DE COIMBRA	óleo	<i>não datado</i>	Celestino Maia
August Hezog	PAISAGEM NO LAGO	óleo	<i>não datado</i>	João Wetzler
W. Howard Jarvis	MARINHA	óleo	<i>não datado</i>	Charles Horace Zino
S. Arthur Lindsey	ATELIER	aguarela	1921	Charles Horace Zino
S. Arthur Lindsey	CATHEDRAL DE REIMS	óleo	1924	Charles Horace Zino
Lázaro Lozano	NAZARENA	óleo	<i>não datado</i>	João de Lemos Gomes
Abel Mantia	RETRATO DE OSCAR B. GONÇALVES	óleo	<i>não datado</i>	Maria Regina F. A. Gonçalves
Ubaldo Maganvacca	PAISAGEM DESOLADA	óleo	<i>não datado</i>	Edmund Leacock
Alfredo Miguéis	ENXOVAL PARA O NETINHO	óleo	<i>não datado</i>	Museu da Quinta das Cruzes
Jaime Murteira	MARINHA	óleo	<i>não datado</i>	João de Lemos Gomes

* Quadro elaborado a partir dos dados da exposição realizada na Quinta Vigia em Janeiro de 1963, organizada pela AMBAM.

Pintura do séc. XX existente em colecções madeirenses (em 1963) *

autor	título	técnica	data	entidade / colecionador
A. F. Nicoll	PAISAGEM EM NOVA ZELÂNDIA	aguarela	não datado	George Welsh
Rohrweader Prize	PAISAGEM COM RECATO	óleo	não datado	Edmund Leacock
Edward Saego	CANAL EM HONIHEUR	óleo	não datado	George Welsh
Edward Saego	ALDEIA DE PESCADORES	óleo	não datado	George Welsh
Abel Salazar	NÚ	óleo	não datado	João de Lemos Gomes
Alberto Sousa	PENHA VERDE	óleo	não datado	Frederico de Freitas
Alberto Sousa	VISTA DE AVO	aguarela	não datado	Frederico de Freitas
Alberto Sousa	A SÉ, VISTA DA RUA JOÃO GAGO	aguarela	não datado	Frederico de Freitas
Alberto Sousa	QUINTA PALMEIRA	aguarela	não datado	Governo do Distrito do Funchal
Alberto Sousa	RECANTO DA AVO	aguarela	não datado	George Welsh
Alberto Sousa	AVO JUNTO AO RIO	óleo	não datado	Museu da Quinta das Cruzes
Alberto Sousa	PORMENOR DO CADEIRAL DA SÉ	óleo	não datado	Museu da Quinta das Cruzes
Ginnette Rapp	VIA DE PESCADORES	óleo	não datado	George Welsh
Júlio Ramos	PAISAGEM	óleo	não datado	João de Lemos Gomes
Adolfo Rodrigues	VARINAS	óleo	não datado	João de Lemos Gomes
Eduardo Romero	UMA OLIVEIRA	óleo	não datado	João de Lemos Gomes
Mário Salvador	PISOS: SINTRA	aguarela	não datado	João de Lemos Gomes
Molina Sanchez	DOIS ANJOS	aguarela	não datado	J. Rafael Basto Machado
Wiljeen Slephen	PAISAGEM ARGENTINA	óleo	não datado	João de Lemos Gomes

* Quadro elaborado a partir dos dados da exposição realizada na Quinta Vigia em Janeiro de 1963, organizada pela AMBAM.

Obras existentes no espólio do "Núcleo de Arte Contemporânea" (em 1982)

Data de aquisição	Autor	Título	Técnica	Data da obra
1966	Nuno Siqueira	"Estudo para um Humanómetro" (2º prémio 1966)	pintura	1965
1966	Joaquim Rodrigo	"Guarda nocturno" (1º prémio 1966)	pintura	1965
1966	Arthur Rosa	"Aberturas para o espaço ilusório" (2º prémio 1966)	desenho e colagem	1965
1966	António Aragão	s/título (3 guachos)	pintura	1965
1967	António Areal	"Um glorioso soldado da anarquia"	pintura	1966
		"Sobre um Deus morto" (1º prémio 1967)	pintura	1966
		"Estudo"	pintura	1966
1967	Jorge Martins	"One seen one cut"	pintura	s/data
1967	Helena de Almeida	s/título	pintura	1960
1967	José Escada	"Relief noir"	pintura	s/data
1967	Manuel Baptista	s/título	baixo-relevo	1966
1978	Bartolomeu Cid Santos	"Northwest approach to the city"	gravura	1976
1978	António Bourca	"Medidas do amor"	gravura	1976
1978	João Bento D'Almeida	"O senhor fulano de tal"	serigrafia	1976
1978	Jorge Pinheiro	s/título	serigrafia	1973
1979	Charters de Almeida	"paisagem"	escultura	1978
1980	Lourdes de Castro	"Sombra de Isaura Moniz de Bettencourt"	pintura	1964
		s/título	serigrafia	1979
		"Sombra num saco de compras"	serigrafia	1977
1980	José de Guimarães	"Nadadora"	pintura	1980
		"Mulher ao espelho"	serigrafia	1975
		"Vénus à la coquille"	serigrafia	1976
		"Formas"	serigrafia	1976

Obras existentes no espólio do "Núcleo de Arte Contemporânea" (em 1982)

Data de aquisição	Autor	Título	Técnica	Data da obra
1980	René Bertholo	"Montage à l'exposition" s / título	serigrafia serigrafia	1969 1969
1984	Siegward Sprotte	"Jardim subtropical, Funchal" "Palmeira e estrelícia"	pintura aguarela aguarela	1979 1983 1984
ARTISTAS JUGOSLAVOS (MISSÃO ESTÉTICA DE FÉRIAS 1982)				
1982	Mica Uzelac Branka Veselinovic Dusan Todorovic Vlada Labat Pop Pavel Jovan Bob Mica Mihajlovic Zikica Jovanovic Rajko Petkovic Supavski Jan	1 obra 3 obras 4 obras 2 obras 4 obras 3 obras 2 obras 2 obras 2 obras 2 obras	pintura pintura e gravura pintura e desenho baixo-relevo desenho e gravura guache desenho desenho pintura escultura	1982

Quantitativo de alunos dos Cursos da AMBAM / ISAPM (1955/1990)

ANO LECTIVO	inscritos pela 1ª vez	Total inscritos	Concluíram o curso
1955-56	22	22	0
1956-57	5	19	0
1957-58	5	21	0
1958-59	6	22	10
1959-60	5	13	1
1960-61	2	12	0
1961-62	4	14	3
1962-63	10	21	4
1963-64	7	22	1
1964-65	9	26	2
1965-66	8	30	7
1966-67	3	21	1
1967-68	2	15	4
1968-69	4	16	2
1969-70	9	20	2
1970-71	9	24	4
1971-72	8	25	1

ANO LECTIVO	inscritos pela 1ª vez	Total inscritos	Concluíram o curso
1972-73	14	35	2
1973-74	9	35	11
1974-75	9	51	3
1975-76	17	54	7
1976-77	12	54	6
1977-78 (a)	10	58	9
1978-79	5	43	-
1979-80	11	42	13
1980-81	9	34	2
1981-82	16	38	8
1982-83	15	46	5
1983-84	13	48	7
1984-85	25	63	10
1985-86	24	71	5
1987-88	25	83	3
1988-89	24	79	6
1989-90	25	91	4
TOTAIS 1955-1990	381		143

a) Até esta data como Secção de Belas Artes da AMBAM, e a partir desta data como ISAPM.

1980

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

INDIVIDUAL ou COLECTIVA	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO LETTE	"II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE GRAVURA"	MUSEU DE ARTE SACRA
COLECTIVA	GRAVURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (org. pelo Cine-Forum)	PINTURA	MUSEU DE ARTE SACRA
DANILO GOUVEIA	"I SALÃO DE ARTES PLÁSTICAS"	MUSEU DE ARTE SACRA
FRANCISCO MAYA	DESENHO E PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
GAGEIRO / ANA ESQUÍVEL	TÉCNICAS DIVERSAS	MUSEU DE ARTE SACRA
JOÃO PINHEIRO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JOSÉ DE GUIMARÃES	FOTOGRAFIA	TEATRO MUNICIPAL
LUÍS AMÍM	"EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA"	ÁTRIO DA CMF
LUÍS AMÍM	PINTURA	DRAC
MANUEL LUÍS ANDRADE	PINTURA	DRAC
MIGUEL OSÓRIO	PINTURA	PÁTIO-LETRAS E ARTES
RENÉ BÉRTHOLO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
TEIXEIRA LOPES e SERGIO PINHÃO	PINTURA	ÁTRIO DA CMF

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1981

25

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO ARAÇÃO	RETROSPECTIVA DE PINTURA (1957-1965)	MUSEU DE ARTE SACRA
LAGOA HENRIQUES	DESENHO	MUSEU DE ARTE SACRA
COLECTIVA (artistas alemães)	DESENHO	ISAPM
COLECTIVA	FOTOGRAFIA	ISAPM
COLECTIVA	"IV EXPOSIÇÃO DO ATELIER INFANTIL"	ISAPM
MARCELO COSTA	"DESENHOS E UM OBJECTO MOTORIZADO"	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA (artistas estadunidenses)	FOTOGRAFIA	MUSEU DE ARTE SACRA
MONIZ PEREIRA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	PÁTIO - LETRAS E ARTES
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
RUI TELES	PINTURA (RETROSPECTIVA PÓSTUMA)	ÁTRIO DA CMF
WALTER KALOT	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO BOTELHO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ANTÓNIO LEITE	PINTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	"EXPOSIÇÃO DE GRAVURA PORTUGUESA"	MUSEU DE ARTE SACRA
COLECTIVA	"FRAGMENTOS"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	"CONCURSO DIA DA CIDADE"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	RESTAURANTE-LIVRARIA "PÁTIO"
COLECTIVA (artistas iugoslavos)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
GILBERTO SOARES	TÉCNICAS VÁRIAS	ÁTRIO DA CMF
ILDA REIS	GRAVURA	TEATRO MUNICIPAL
JOÃO DE LEMOS GOMES	AGUARELAS	GALERIA DA SRTC
JOÃO DE LEMOS GOMES	AGUARELAS	HOTEL ATLANTIS
JOÃO HOGAN	PINTURA E GRAVURA	TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM RAMALHO	DESENHO E GRAVURA	TEATRO MUNICIPAL
JORGE WELSH	PINTURA E FOTOGRAFIA	TEATRO MUNICIPAL
JOSÉ DE GUIMARÃES	PINTURA E SERIGRAFIA	TEATRO MUNICIPAL
KLAUS WILHNERT	AGUARELA	GALERIA DA SRTC
LUÍS MIGUEL RODRIGUES (GUEL)	PINTURA	HOTEL ATLANTIS
LUÍS MIGUEL RODRIGUES (GUEL)	PINTURA	ÁTRIO DA CMF
LUÍS TRINDADE	CARICATURA	TEATRO MUNICIPAL
ROGÉRIO AMARAL	PINTURA E DESENHO	HOTEL CASINO PARK

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1983

28

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ALBERTO DE ABREU (BERTO)	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ANTÔNIO ARACÃO	AGUARELA	TEATRO MUNICIPAL
ANTÔNIO GOUVEIA (e filho)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ANTÔNIO PALOLO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CARGALEIRO	SERIGRAFIA	GALERIA DA SRTC
CARLOS ANTÔNIO (AMATA)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CARLOS CALVET	PINTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	"EXPOSIÇÃO 83"	ISAPM
COLECTIVA	"V EXPOSIÇÃO DO ATELIER INFANTIL"	ISAPM
COLECTIVA	FOTOGRAFIA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (alunos)	"EXPOSIÇÃO ISAPM"	MUSEU DE ARTE SACRA
COLECTIVA (artistas açoreanos))	"ARTES PLÁSTICAS E ARTESANATO"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (itinerante)	"IMAGENS DA ARTE EM PORTUGAL"	MUSEU DE ARTE SACRA
CRUZEIRO SEIXAS	PINTURA, DESENHO E COLAGEM	GALERIA DA SRTC
DANILO GOUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
FRANCISCO MAYA	AGUARELA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO MAYA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
JOÃO VIEIRA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
JOSÉ DE GUIMARÃES	PINTURA E COLAGEM	TEATRO MUNICIPAL
LUÍS AMIM	pintura e desenho	GALERIA DA SRTC
LUÍS MIGUEL (GUEL)	PINTURA	GALERIA DA SRTC
LUÍS MIGUEL (GUEL)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ROBERTO HUBER	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
TERESA MAGALHÃES	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1984

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO PALOLO	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA	"VI EXPOSIÇÃO DO ATELIER INFANTIL"	ISAPM
COLECTIVA	FOTOGRAFIA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (espólio)	"NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA"	QUINTA MÁGNOLIA
DANILO GOUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
EMÍLIA NADAL	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO DALMADA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO E HENRIQUE FRANCO (Espólio)	"EXPOSIÇÃO DIA DA CIDADE"	ÁTRIO DA CMF
JORGE WELSH	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
LUÍS MIGUEL (GUEL) E JOÃO VIEIRA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
LURDES SESSAREGO (KAROCHA)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
MANUEL BAPTISTA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
MANUELA PESTANA	PINTURA, ESCULTURA E PERFORMANCE	TEATRO MUNICIPAL
MARTHA TELES	PINTURA (RETROSPECTIVA)	MUSEU DE ARTE SACRA
TONY COCKER	DESENHO E GRAVURA	TEATRO MUNICIPAL

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ALBERTINA DE SOUSA	PINTURA, DESENHO E GRAVURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	"TRÊS ARTISTAS"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	FOTOGRAFIA E DESIGN	ISAPM
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	ISAPM
COLECTIVA	"SEIS NOVOS ARTISTAS PLÁSTICOS"	GALERIA DA SRTC
DANILO COUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
GUILHERME PARENTE	PINTURA	GALERIA DA SRTC
HENRIQUE RUIVO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ISABEL CASTEL BRANCO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ISABEL LAGINHAS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
JOÃO MORÃO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
KLAUS WILHNERT	AGUARELA	GALERIA DA SRTC
PIETER PEARN	PINTURA	GALERIA DA SRTC
RUI CARITA	PINTURA	CAPELA DESTA. CATARINA
SIGWARD SPROTTE	AGUARELA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1986

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO PEREIRA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
CECÍLIA MARCOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CHRISTOPHER CHUA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	"DEZASSETTE GRAUS OESTE"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (professores do ISAPM)	"SINAIS CONVENCIONAIS"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	"NOVE NOVOS"	MACHICO
COLECTIVA	"EXPOSIÇÃO 86"	ISAPM
COLECTIVA (professores do ISAPM)	"COLEÇÃO DE INVERNO"	GALERIA DA SRTC
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ELISA RODRIGUES	PINTURA	GALERIA DA SRTC
EMANUEL AGUIAR	PINTURA	MACHICO
GILBERTO SOARES	PINTURA	GALERIA DA SRTC
HELDER DE CARVALHO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ISABEL TORRES	PINTURA	GALERIA DA SRTC
JESUS GUIDO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JOSÉ LUÍS PAIXÃO E TERESA JARDIM	"NEO-LITHOS" (PINTURA E ESCULTURA)	GALERIA DO ISAPM
JOSÉ MANUEL GOUVEIA	AGUARELA	TEATRO MUNICIPAL
MANUEL COSTA NEVES	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ROCHA PINTO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
RUI CARITA	PINTURA	CAPELA DE STA. CATARINA
VÍCTOR FORTES	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO COUVEIA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ARMANDO AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA SRTC
BERTO	AGUARELA	TEATRO MUNICIPAL
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (de âmbito nacional)	MARCA/ MADEIRA Festival de Arte Contemporânea	ESCOLA FRANCISCO FRANCO
COLECTIVA	"ARTE AÇOREANA"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (CIRCULO/ARTE)	"1 MOSTRA DE ARTES PLÁSTICAS"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (alunos do ISAD)	"EXPOSIÇÃO DE SETEMBRO"	ISAPM
COLECTIVA (professores do ISAPM)	"CENAS E OBJECTOS"	GALERIA DA SRTC
COLLOT GRILLES	PINTURA	GALERIA DA SRTC
DANILO COUVEIA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
DAVID D'ALMEIDA	"BALEIAS" (GRAVURA)	GALERIA DA SRTC
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
EMANUEL AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO MAYA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JOÃO PAULO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
LOURDES LEITE	PINTURA	GALERIA DA SRTC
LURDES SESSARECO (KAROCHA)	PINTURA	ISAPM
MANUEL COSTA NEVES	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
RUI CARITA	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
BERTO	PINTURA	ÁTRIO DA CMF
CATARINA FREIRE	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	"ZEROS"	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA	"11 ANOS"	ISAPM
COLECTIVA	"OITO ARTISTAS MADEIRENSES"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	"ISAPM 88"	ISAPM
COLECTIVA (1ª mostra da CIRCUL'ARTE)	"INSINUAÇÕES E PROPOSTAS"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (itinerante)	"PINTURA PORTUGUESA 1988"	QUINTA MAGNÓLIA
COLECTIVA (professores do ISAPM)	"SITUAÇÕES"	GALERIA DA SRTC
CUNHA ROCHA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
EMANUEL AGUIAR	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ILDA REIS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
IVONE REIS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
JESUS GUIDO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
JOÃO VIEIRA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIAS D. JOÃO
JOHN HOLDOREFT	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
JORGE NEVES	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
MANUEL AMADO	PINTURA	ÁTRIO DO BCP
MARTINS GOMES	PINTURA	HOTEL SAVOY
PATRÍCIA MORRIS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
TERESA BRAZÃO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
YVONNE MUSRI	PINTURA	ÁTRIO DA CMF

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANA LUÍSA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
ANN FOLCK	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
ANTÓNIO LOJA AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
ANTÓNIO PEREIRA	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
ARMANDO AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
BERTO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CARLOS COSTA	PINTURA	MACHICO
CECÍLIA MARCOT	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
CELSO CAIRES	PINTURA	FUNCHÁLIA
COLECTIVA	DESENHO E PINTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (artistas nacionais e locais)	"WOAUIH" (PINTURA E ESCULTURA)	QUINTA MAGNÓLIA
COLECTIVA	"GRAVURA E OUTROS MÚLTIPLOS"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (atelier de artistas de machico)	"8ª EXPOSIÇÃO DE POESIA ILUSTRADA"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (CIRCUL'ARTE)	"2º ANIVERSÁRIO DO ATELIER"	MACHICO
CUNHA ROCHA	"II MOSTRA DE ARTES PLÁSTICAS"	TEATRO MUNICIPAL
DANILO GOUVEIA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
EMANUEL AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
EVANGELINA SIRGADO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO MAYA E FILHO	"IMAGEM DIGITAL"	GALERIA DA SRTC
JOÃO GOUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JÓAO OLIVEIRA	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
JORCE NEVES	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
MARIA FRANCO E FILOMENA ALVES	PINTURA NAÍF	GALERIA DA ZONA VELHA
MELOS E PEDRO FERRAZ	PINTURA E DESENHO	GALERIA DA ZONA VELHA
MICAELA FREITAS	PINTURA E ESCULTURA	HOTEL CASINO PARK
NIUNO SAN-PAYO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
TERESA BRAZÃO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
VERÓNICA NEL	PINTURA	BIBLIOTECA DA CMF
VIEIRA DA SILVA	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
		FUNCHÁLIA

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1990

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
AFONSO COSTA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ANTÓNIO JOJA AGUIAR	PINTURA E ESCULTURA	TEATRO MUNICIPAL
AUGUSTO ALVES	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
BERNARDETE FREITAS	CERÂMICA	HOTEL CASINO PARK
CARLOS LUZ	AGUARELA	FUNCHÁLIA
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	"POETARTE 90" (POESIA ILUSTRADA)	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	GRAVURA E AGUARELA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
COLECTIVA (acervo da galeria)	PINTURA	FUNCHÁLIA
COLECTIVA (alunos do ISAPM)	PINTURA ESCULTURA E DESENHO	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA (alunos do ISAPM)	DESENHO	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (CIRCULARTE)	"IDEIAS & ARGUMENTOS"	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (espólio)	"NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (Galeria Alameda)	PINTURA, ESCULTURA E OUTROS	GALERIA DA ZONA VELHA
COLECTIVA (infantil)	PINTURA E DESENHO	GALERIA DA RTP-MADEIRA
COLECTIVA	"MAGENS DA ILHA SECRETA"	GALERIA DA RTP-MADEIRA
COLECTIVA	"MAGENS SOLTAS"	GALERIA DA RTP-MADEIRA
COSTA NEVES	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
CUNHA ROCHA E SÉRGIO ROCHA	AGUARELA	GALERIA DA SRTC
DANILO GOUVEIA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
DANILO GOUVEIA	"30 ANOS DE PINTURA"	TEATRO MUNICIPAL
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
FILIPA VENÂNCIO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
GRAÇA PEREIRA COUTINHO	PINTURA	GALERIA PORTA 33
GUILHERME PARENTE	PINTURA	FUNCHÁLIA
GUILHERMINA DA LUZ	ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
ISABEL SANTA CLARA	PINTURA E INSTALAÇÃO	C. MUSEU FREDERICO DE FREITAS
ISABELTORRES	AGUARELA E GUACHE	HOTEL CASINO PARK
JOSÉ BERARDO	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
JOSÉ CARTOLA	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

LÍCIA GONTARDO	PINTURA	FUNCHÁLIA
MARCELO COSTA	DESENHO	FUNCHÁLIA
MARISOL VIEIRA	PINTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
MAURÍCIO FERNANDES	PINTURA E DESENHO	FUNCHÁLIA
PATRÍCIA MORRIS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ROCHA DA SILVA	PINTURA	GALERIA PORTA 33
RUI CARITA	AGUARELA	FUNCHÁLIA
TERESA RIBEIRO	TAPECARIA	HOTEL CASINO PARK
TERESA SAPORITI	GRAVURA	GALERIA DA SRTC
TINA NUNES	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
VERÔNICA NEL	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ALBERTO CEDRON	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
ALICE SOUSA/GIL BAZENGA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
ANTÓNIO ARAGÃO	PINTURA	GALERIA PORTA 33
ANTÓNIO BOTELHO	PINTURA	FUNCHÁLIA
ANTÓNIO NELOS	ELECTROGRAFIA	GALERIA DA SRTCE
ARMANDO AGUIAR/JORGE MIGUEL	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
BERNARDETE FREITAS	CERÂMICA E AZULEJOS	HOTEL CASINO PARK
CARLOS FREITAS	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CARLOS LUZ	PINTURA	FUNCHÁLIA
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CELSO CAIRES	PINTURA E DESENHO	FUNCHÁLIA
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA ZONA VELHA
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	PINTURA, ESCULTURA E DESENHO	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	"VERS'ARTE 91" (poesia ilustrada)	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO SANTO
COLECTIVA	"DIÁLOGOS"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA	PINTURA	FUNCHÁLIA
COLECTIVA (2º aniversário da galeria)	"EFABULAÇÕES"	GALERIA PORTA 33
COLECTIVA (acervo da galeria)	PINTURA, ESCULTURA E OUTROS	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (alunos ESBAP)	PINTURA	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (espólio)	"NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA"	GALERIA DA SRTC
COLETE NAVIS BARDIN	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
DANILO GOUVEIA	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
DANILO GOUVEIA	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
DANILINA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
DINIRNAGA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
EVANGELINA SIRGADO	COMPUTER ART	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO CLODE	PINTURA	GALERIA DA SRTC
GIOCONDA FERREIRA	VITRAIS	HOTEL CASINO PARK

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ALBERTINA SOUSA	GRAVURAS E DESENHOS	GALERIA DA SRTC
ALBERTO ABREU	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
AMY YOES/ FERNANDA FRAGATEIRO	INSTALAÇÃO	PORTA 33 E MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
ANTÓNIO LEITE MACHADO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
BEATRIZ MADEIRA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CARLOS FREITAS	ACUARELA	TEATRO MUNICIPAL
CARLOS FREITAS	PINTURA	GALERIA ZONA VELHA
CARLOS FREITAS	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CELSO CAIRES	PINTURA E DESENHO	FUNCHÁLIA
COLECTIVA	FOTOGRAFIA	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA (artistas locais)	PINTURA, ESCULTURA, COPYART, VÍDEO	GALERIA PORTA 33
COLECTIVA	CERÂMICA	ISAD
COLECTIVA	SERIGRAFIA E GRAVURA	FUNCHÁLIA
COLECTIVA	PINTURA E ESCULTURA	ISAD
COLECTIVA	DESENHO	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	LOGOTIPOS	ISAD
COLECTIVA (alunos do ISAD)	(PINTURA E DESENHO) "A ESCADA DE JACOB"	CASA MUSEU FREDERICO DE FREITAS
COLECTIVA (MAGALHÃES)	CERÂMICA	GALERIA DA SRTC
COLETTE BARDIN	PINTURA E ESCULTURA	TEATRO MUNICIPAL
COSTA NEVES	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
DANILO COUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
DANILO COUVEIA	PINTURA	HOTEL SAVOY
DANILO COUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
DANILO COUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
EDUARDO FREITAS	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	GALERIA PORTA 33
FERNANDO SILVA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
FERNANDO SILVA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
GUILHERMINA DA LUZ	ESCULTURA	FUNCHÁLIA
GUILHERMINA DA LUZ	PINTURA E OBJECTOS EM MADEIRA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

GUILHERMINA DA LUZ	ESCULTURA E SERIGRAFIA	GALERIA DA SRTC
HERNANI LOPES	PINTURA	FUNCHÁLIA
JOÃO PESTANA	FOTOGRAFIA	HOTEL CASINO PARK
JOSÉ ANTÔNIO CARDOSO	PINTURA	GALERIA PORTA 33
JOSÉ DA ENCARNAÇÃO	ESCULTURA	TEATRO MUNICIPAL
MARCOS MILLEWSKI	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
MARCOS MILLEWSKI	PINTURA	FUNCHÁLIA
MARIA DA PAZ NÓBREGA	PINTURA E DESENHO	TEATRO MUNICIPAL
MAURÍCIO FERNANDES	PINTURA	FUNCHÁLIA
PEDRO MORAIS/MANUEL ZIMBRO	"CALIGRAFIA ZEN" (INSTALAÇÃO)	GALERIA PORTA 33
ROCHA PINTO	PINTURA	FUNCHÁLIA
SIMONE ERTAN	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
TERESA RIBEIRO	PINTURA	GALERIA DA SRTC

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1992

40

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ALICE SOUSA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
ANDRE SANDER	PINTURA	FUNCHÁLIA
ANNA FALLK	ACUARELAS	HOTEL CASINO PARK
ARMINDA CONCEIÇÃO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
BARROS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
BO ARDERUP	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
CARLOS LUZ	AGUARELA	FUNCHÁLIA
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
COLECTIVA	PINTURA, ESCULTURA E DESENHO	GALERIA PORTA 33
COLECTIVA	PINTURA, ESCULTURA E DESENHO	DISCOTECA VESPAS
COLECTIVA	GRAVURA	ISAD
COLECTIVA (alunos do ISAPM)	PINTURA E ESCULTURA	ISAPM
COLECTIVA (artistas de Loures)	"A QUADRANTE NO FUNCHAL"	TEATRO MUNICIPAL
COLETTE BARDIN	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COSTA CAMACHO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
COSTA NEVES	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
CRUZEIRO SEIXAS	PINTURA	FUNCHÁLIA
DANILO COUVEIA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
DANILO COUVEIA	ARTE POR COMPUTADOR	TEATRO MUNICIPAL
EDUARDO RIBEIRO	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
ELEUTÉRIO MOTA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
EMANUEL AGUIAR	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO CLODE	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FRANCISCO CLODE E LÍGIA CONTARDO	"A ILHA E OS SEUS HABITANTES" (PINTURA)	GALERIA DA SRTC
GIAN LUIG REZZONICO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
GONÇALO COUVEIA	GRAVURA	HOTEL CASINO PARK
GUILHERMINA DA LUZ	SERIGRAFIA E ESCULTURA	ISAPM
HENRIQUE MARTINS	PINTURA E DESENHO	CASA MUSEU FREDERICO DE FREITAS
ILDA DAVID	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
		GALERIA PORTA 33

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

JAIME LEBRE	PINTURA	GALERIA PORTA 33
JOAQUIM BALTAZAR	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
JOSÉ FARIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JOSÉ GONÇALVES FARIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
JOSÉ GOPAR	PINTURA	FUNCHÁLIA
LINA BERGSETH	INSTALAÇÃO	GALERIA DA SRTC
LUZ HENRIQUES	TAPEÇARIA (macramé)	GALERIA ZONA VELHA
MADALENA SARDINHA	PINTURA	GALERIA ZONA VELHA
MANUEL VIEIRA	INSTALAÇÃO	GALERIA ZONA VELHA
MANUELA GONÇALVES	SERIGRAFIA	ISAD
MANUELA PINHEIRO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
MARIA MANUELA MADUREIRA	ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
MIGUEL BRANCO	DESENHO E PINTURA	GALERIA PORTA 33
PATRÍCIA PEREIRA (MORRIS)	AUARELAS	GALERIA DA SRTC
SOFIA AREAL	PINTURA E DESENHO	GALERIA PORTA 33
SOFIA AREAL	PINTURA E DESENHO	GALERIA DA SRTC
TERESA RIBEIRO	PINTURA	GALERIA DA SRTC
TORÍBIO	DESENHO	GALERIA DA SRTC
ULISSES ROLIM	FOTOGRAFIA	HOTEL CASINO PARK
VÍCTOR FORTES	PINTURA	FUNCHÁLIA
VÍCTOR XAVIER	PINTURA E ESCULTURA	TEATRO MUNICIPAL
WOLF DIETER	PINTURA	HOTEL CASINO PARK

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1994

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ANTÓNIO BOTELHO	GUACHES	FUNCHÁLIA
ANTÓNIO PALOLO	PINTURA E DESENHO	GALERIA PORTA 33
ANTÓNIO RODRIGUES	"40 E SEIS DESENHOS"	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
CECÍLIA MARGOT	PINTURA	GALERIA ZONA VELHA
CECÍLIA MARGOT	PINTURA E DESENHO	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA	PINTURA, ESCULTURA E DESENHO	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
COLECTIVA	FOTOGRAFIA	GALERIA ZONA VELHA
COLECTIVA	PINTURA, ESCULTURA E DESENHO	VESPAS / CASA DA CULTURA STA. CRUZ
COLECTIVA	CERÂMICA	TEATRO MUNICIPAL
COLECTIVA (alunos do ISAD)	"4 = 5"	GALERIA DA SRTC
COLECTIVA (Artistas russos e ucranianos)	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
COLETT BARDIN	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
DANILO GOUVEIA	PINTURA	TEATRO MUNICIPAL
DIVONE GOUVEIA	ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
EDUARDA ALMADA	PINTURA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
EDUARDO FREITAS	PINTURA	GALERIA DA SRTC
FILIPA VENÂNCIO E MANUEL GOMES	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
GONÇALO GOUVEIA E EDUARDO WELSH	GAVURA	GALERIA DA SRTC
ILDA REIS	PINTURA	FUNCHÁLIA
JOÃO MOUREIRA	PINTURA	FUNCHÁLIA
JOÃO QUEIROZ	PINTURA	GALERIA PORTA 33
JOSÉ LOUREIRO	DESENHOS E PINTURA	GALERIA PORTA 33
JUAN HENRIQUE BECCUER	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
LISSA	TINTA DA CHINA	FUNCHÁLIA
LUIÍS ARAÚJO	AGUARELA	HOTEL SAVOY
LURDES SESSAREGO (CAROCHA)	PINTURA	GALERIA DA SRTC
LUZ HENRIQUES	TAPEÇARIA	HOTEL SAVOY
MANUELA GONÇALVES	SERIGRAFIA	GALERIA DA SRTC
MARTINS GOMES	PINTURA	HOTEL SAVOY
PATRÍCIA GARRIDO	ESCULTURA	GALERIA PORTA 33

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

PATRÍCIA SUMARES	INSTALAÇÃO	ISAD
RIGO (RICARDO GOUVEIA)	INSTALAÇÃO	GALERIA PORTA 33
RITA FERNANDES	PINTURA, GRAVURA E SERIGRAFIA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
RUI CARTA/CARLOS LUZ	AGUARELA	FUNCHÁLIA
SILVA PALMEIRA/FERREIRA DA SILVA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL

Exposições realizadas nos anos 80 e 90 (até 1995)

1995

45

COLECTIVA/INDIVIDUAL	TÉCNICA ou NOME DA EXPOSIÇÃO	LOCAL
ÂNGELA COSTA	GRAVURA	GALERIA DA SRTC
ANTÓNIO RODRIGUES	DESENHO	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
ANTÓNIO SOARES	PINTURA	MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
CARLOS LUZ	AGUARELA	FUNCHÁLIA
COLECTIVA	"LETRA DURA & ARTE FINA"	GALERIA DA RTP-MADEIRA
COLECTIVA	PINTURA (homenagem a Natália Correia)	FEIRA DO LIVRO
COLECTIVA	PINTURA	ISAD
COLECTIVA	"ARTE PELA TOLERÂNCIA"	ATENEU COMERCIAL DO FUNCHAL
COLECTIVA	PINTURA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
COLECTIVA (acervo da Gal. Amaranite)	"EXPOSIÇÃO COLECTIVA"	HOTEL CASINO PARK
COLECTIVA (alunos do ISAD)	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
COSTA NEVES	PINTURA	HOTEL CASINO PARK
DANILO GOUVEIA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
F. CALHAU/MICHAEL BIBERSTEIN	PINTURA	GALERIA PORTA 33
F. CALHAU/MICHAEL BIBERSTEIN	PINTURA	MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
FERNANDA SILVA	PINTURA	HOTEL SAVOY
FERNANDO VILAR	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
FRANEK	PINTURA E GRAVURA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
GUARETA SOUSA	PINTURA	GALERIA DA SRTC
GUIDA FERRAZ	PINTURA	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO SANTO
GUIDA FERRAZ E HELENA SOUSA	DESENHO E PINTURA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
GUILHERMINA DA LUZ	PINTURA E ESCULTURA	GALERIA DA SRTC
JIAO YENGGUI	PINTURA	MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
JOÃO PESTANA	FOTOGRAFIA	GALERIA DA SRTC
LÍGIA GONTARDO	PINTURA	CASA DA CULTURA STA. CRUZ
MANUEL TRINDADE VIEIRA	FOTOGRAFIA	HOTEL CASINO PARK
MÁRIO ROCHA	PINTURA	ÁTRIO DA IMPRENSA REGIONAL
PATRÍCIA SUMARES	INSTALAÇÃO	ISAD
ROGÉRIO AMARAL	PINTURA	FUNCHÁLIA

ILUSTRAÇÕES

1910 - 1954



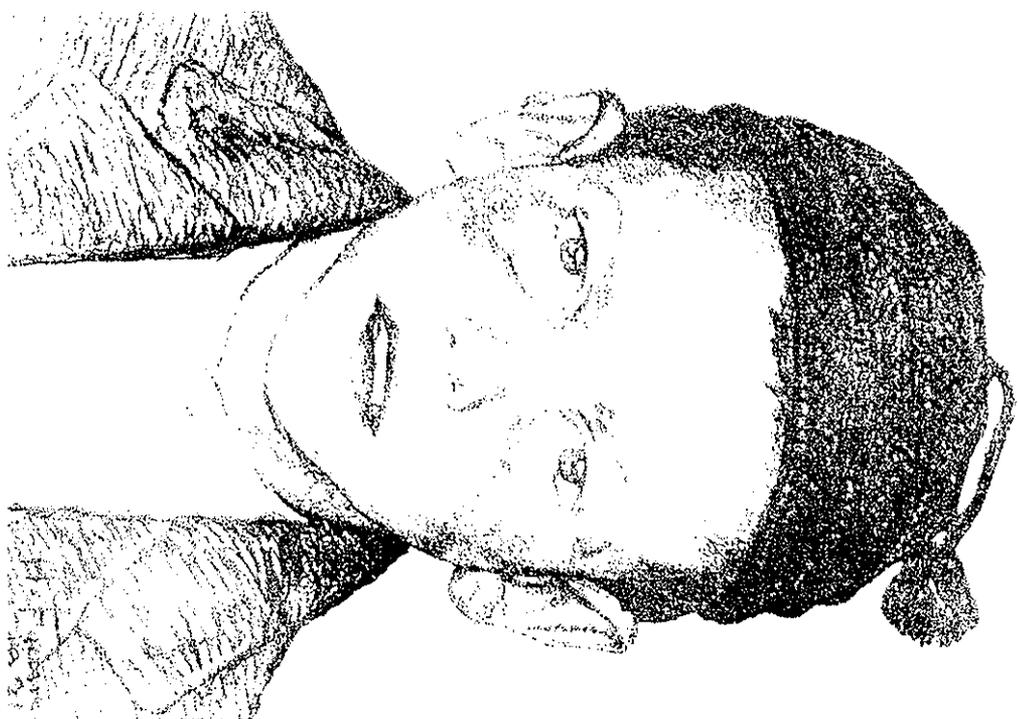
Alfredo Miguelis Aguiar, 22x13 cm, sítulo (pormenor da cidade do Funchal).
 Coleção particular (Rui Caria), 1911



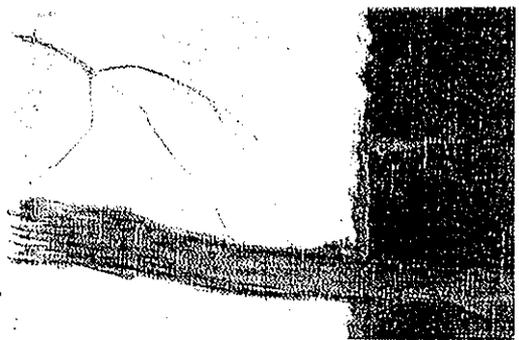
Francisco Franco Busio em bronze, 103 cm, "João Gonçalves Zarco", Terreiro da
 Lata inaugurado no antigo restaurante "Esplanade", em 1919, 1914



Henrique Franco. Óleo s/ta. 100x80 cm. "A blusa azul", séata (provavelmente entre 1920 e 1922; atendendo a sua proximidade com outros trabalhos deste período)



Henrique Franco. Carvão s/papel. 37x27 cm. "Kappaz", (Coleção Museu Henrique e Francisco Franco, Funchal), 1921



Francisco Franco. Óleo sobre tela, 50x54 cm. "Paisagem", (Coleção do Museu Henrique e Francisca Franco, Funchal) 1921.

Foto: Arquivo de Carlos Filipe



4



Francisco Franco. Xilogravuras, s. título, (ilustrações para o livro "Descaminho" de João Cabral do Nascimento, 1926).

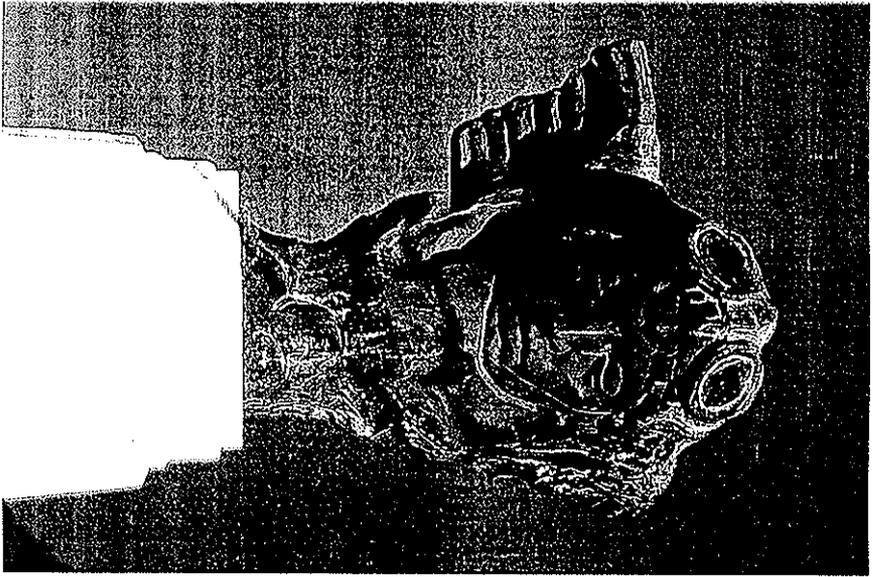
Foto: Arquivo de Carlos Filipe



Francisco Franco Bronze. 18,5 cm. "Anjo implorante". Cemitério de São Martinho, Funchal (transferido do antigo Cemitério de N.ª S.ª das Angústias para o actual local em 1945). 1916



Henrique Franco Óleo sobre tela. 45x35 cm. "Paisagem". (Coleção particular. Rui Caria, Funchal). 1918

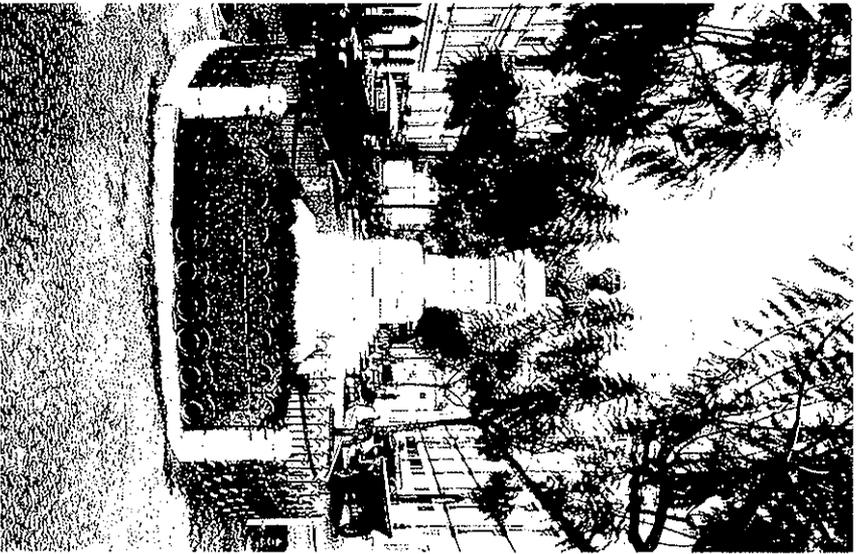


Francisco Franco - Bronze, 80 cm. "Aviador", Parque Santa Catarina, Funchal (Escultura em homenagem aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, inaugurada em 1923). 1921



Max Römer - Aguarca, "Rua dos Ilheus", (Coleção do Museu da Quinta das Cruzes) 1922.

Arquitetura e paisagem em Madeira



Raül Navier. O busto em homenagem ao "Conde de Canavial". (Ver imagem anterior).
 Avenida Arraiga (no tempo das polémicas surgidas pela sua localização, orientação e
 gradiente), 1921



Raül Navier. Busto em bronze, 91cm. "Conde de Canavial". Praça de Feneffe.
 Funchal inaugurado na Av. Arraiga e transferido para o actual lugar em 1932), 1921.



Maria Ornelas. Olhos redos (2021, 3 ems. s. título, (C. coleção particular, Arquivo Coagão Funchal), a data remite (1970 e 1979, aprox.)

Arquivo Coagão Funchal



Francisco Franco. Busto em bronze, 05 em. "Henrique A. Vieira de Castro", Hospital dos Mameletes, Funchal (inaugurado em 1943), 1924

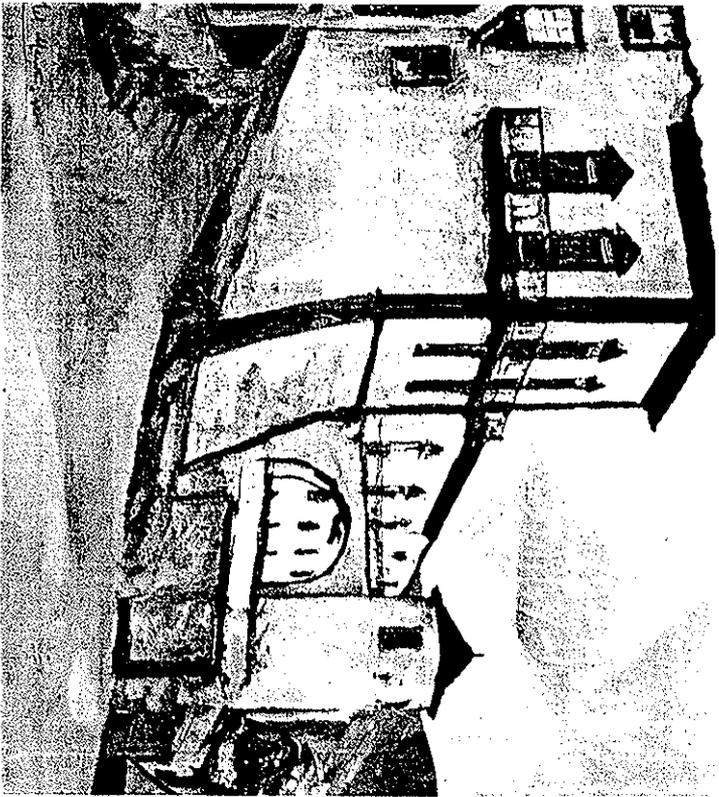
Foto: Museu de Arte Contemporânea da Universidade do Porto



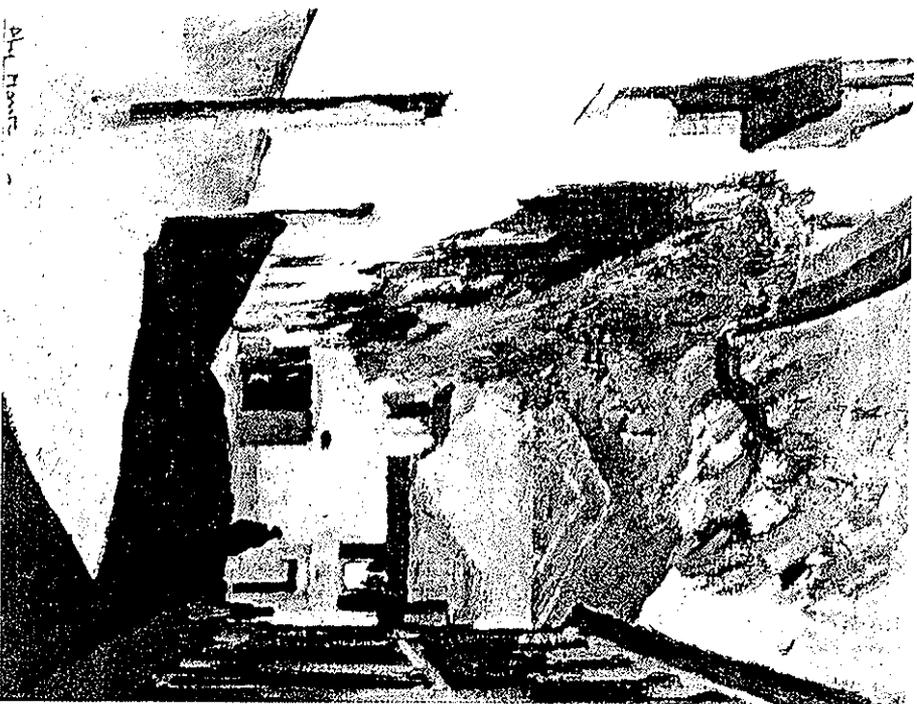
Francisco Franco. Bronze. 245 cm. "O semeador", Parque Sta. Catarina, Funchal (inaugurado na Praça de Tenente em 1936 e transferido para o actual lugar em 1989). 1923



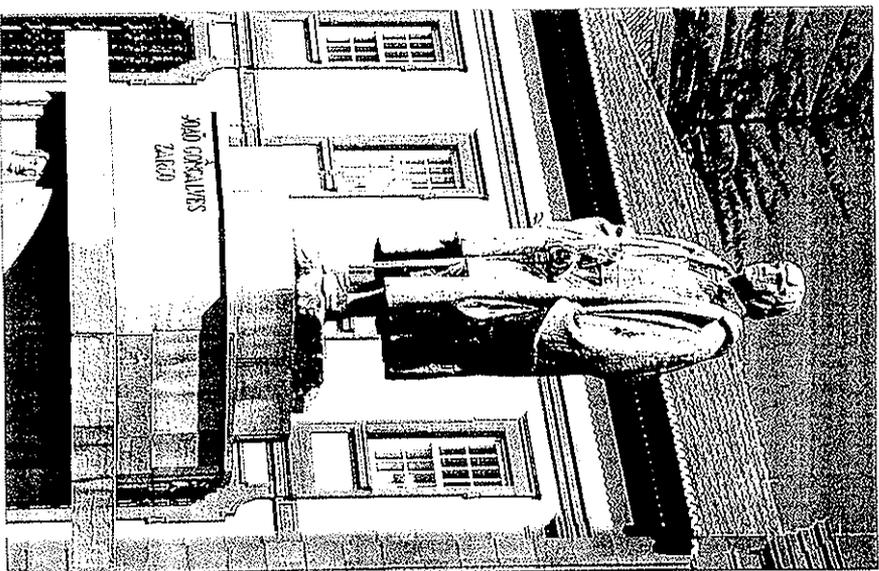
Francisco Franco. O "Semeador", no átrio de entrada da Junta Geral do Distrito. Av. Zarco. (local onde esteve colocado entre 1966 e 1983, ver imagem anterior).



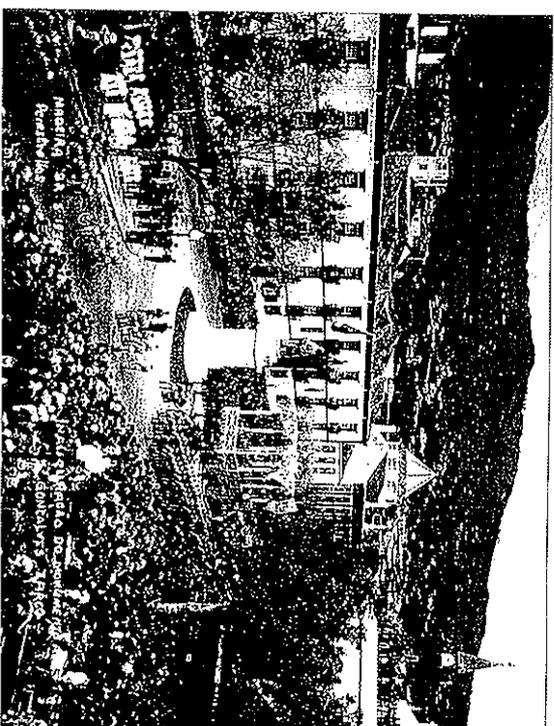
Abel Manta. Oleo s tela. "Praçaco de São Lourenço", (Coleção particular, Funchal) 1926



Abel Manta. Oleo s tela. "Rua de São Pedro", (Coleção particular, Funchal) 1926



Francisco Franco - Figura em bronze, 320 cm, "João Gonçalves Zarco", (Pedestal em calcário do arquitecto Cristiano Silva), Av. Zarco, Funchal, inaugurado em 28 de Maio de 1954-1957

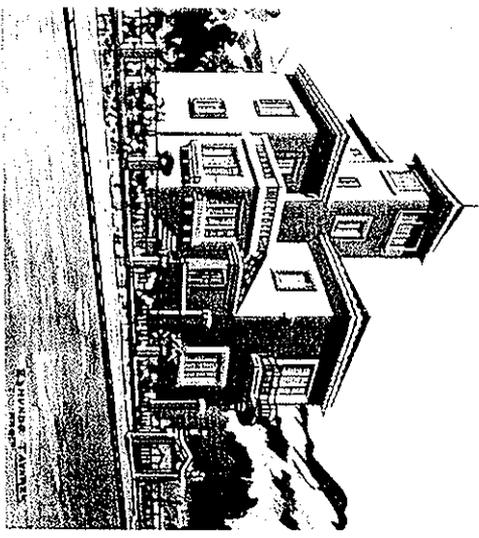


Francisco Franco - Dia da inauguração da escultura em homenagem a "João Gonçalves Zarco" (ver imagem anterior), 1954



Henrique Moreira. Figura em bronze, 170 cm. "Cristóvão Colombo", Parque de Santa Catarina. Funchal (inaugurado em 1968). 1940

Fotografia de Rui e amado, in *100 Anos da Revolução da Madeira*, Faro, 2002.



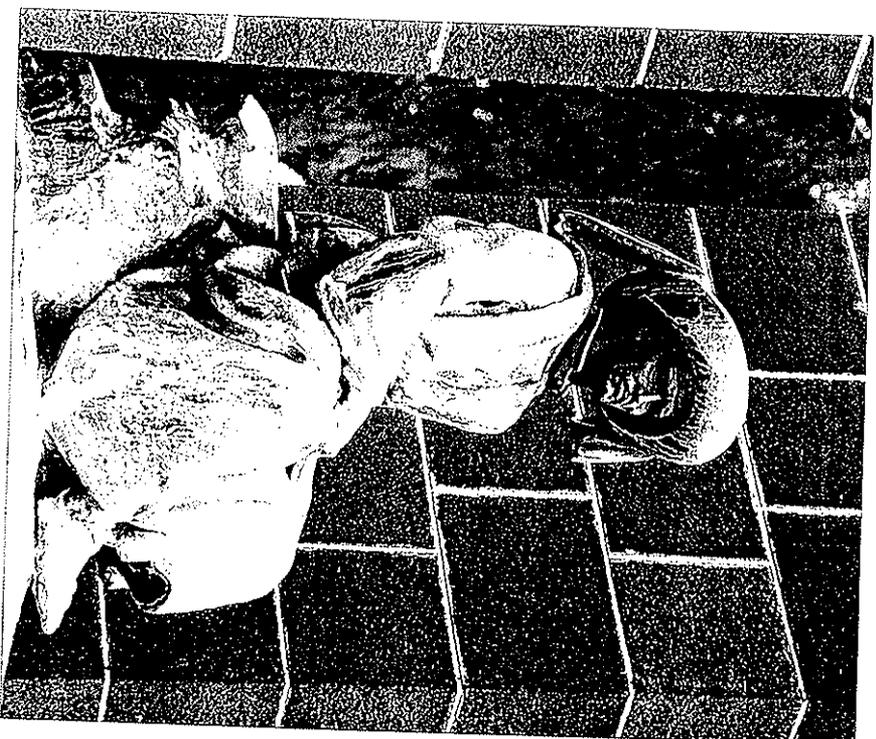
Edmundo Tavares. Projecto de Moradia para a Avenida do Infante. (Publicando in *J Reis Gomes, Casas Maderenses*, Funchal, 1937, 1º ed.) 1931.

Fotografia de Carlos Vazone



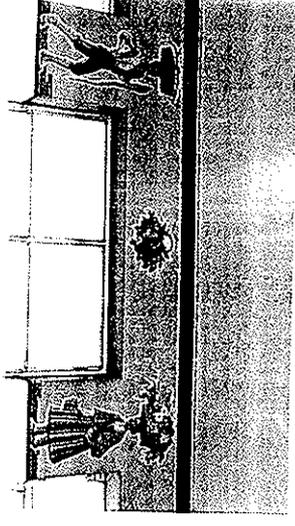
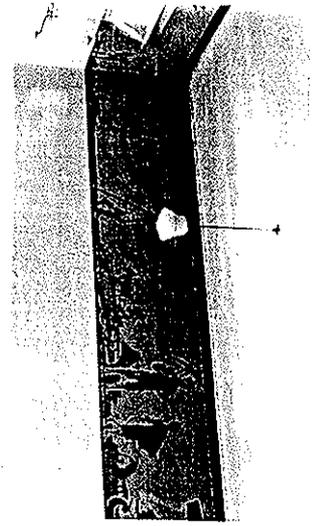
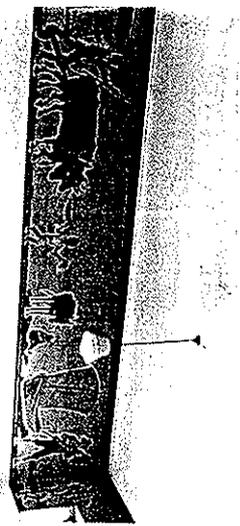
Alfredo Miguel, óleo sobre tela: "Allegoria A Cidade do Funchal", 215x210 cm aprox.,
Salão Nobre da Câmara Municipal do Funchal, 1940.

Fotografia de Carlos Adame



Leopoldo de Almeida: Figura em bronze: "Infante D. Henrique", Rua da Infância, Funchal inaugurado em 1947, 1941

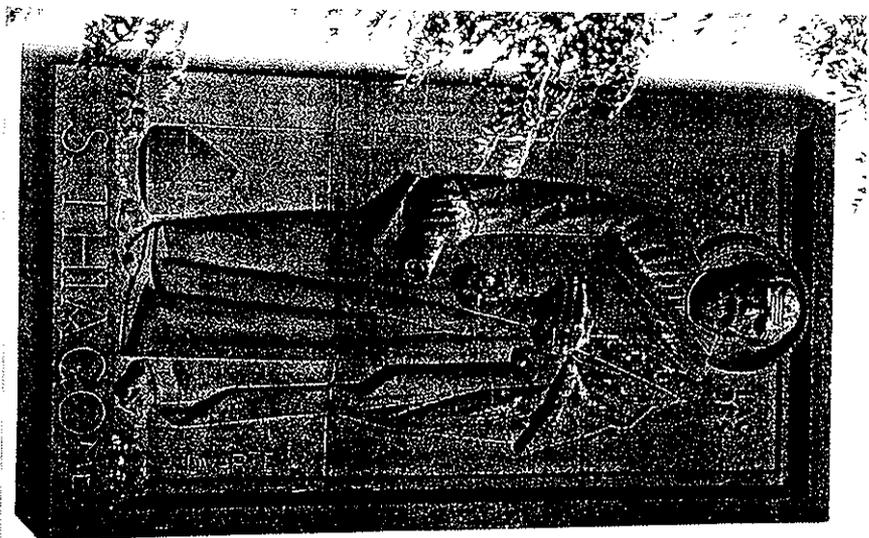
Fotografia de Rui Camacho em "A Arte da Escultura em Funchal", 1997



Max Klinger: Pintura mural, diversas perspectivas: Cantina do Liceu Nacional do Funchal hoje Liceu Jaime Moniz; altura aproximada de 200 cm, 1943



Max Klinger: Pintura mural, pormenor: Cantina do Liceu Nacional do Funchal hoje Liceu Jaime Moniz, 1943

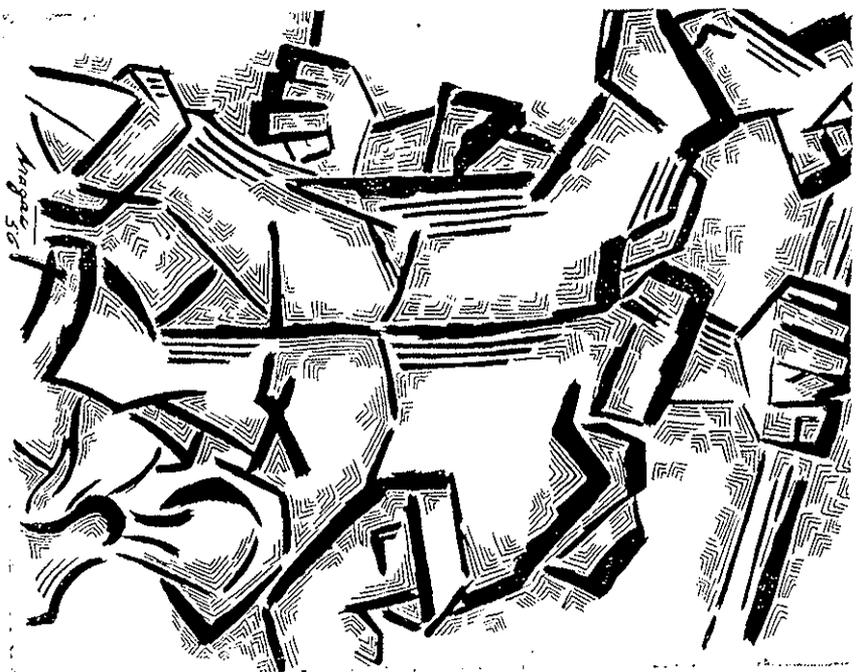


António Duarte. Baixo-relevo em cantaria, 300X165 cm, "São Tiago", exterior do Edifício dos Paços do Concelho, Funchal, (integrado no projecto de recuperação arquitectónica da autoria de Raúl Lino) 1944



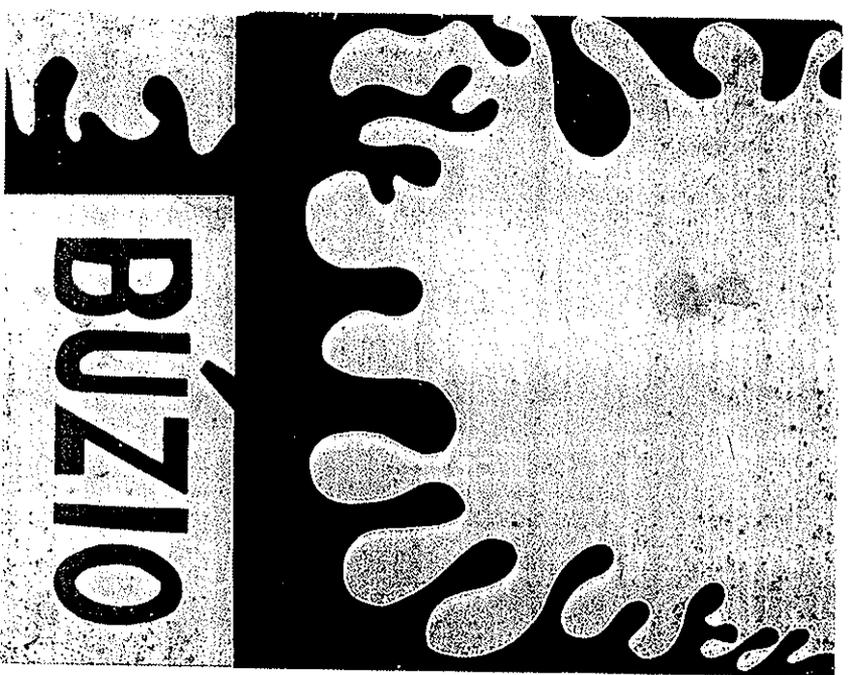
Maria Gabriela F. Leonidas. Óleo s tela, "Rapaz do Monte", Colecção particular, (Vasco Maria Leonidas) 1945

1955 - 1974



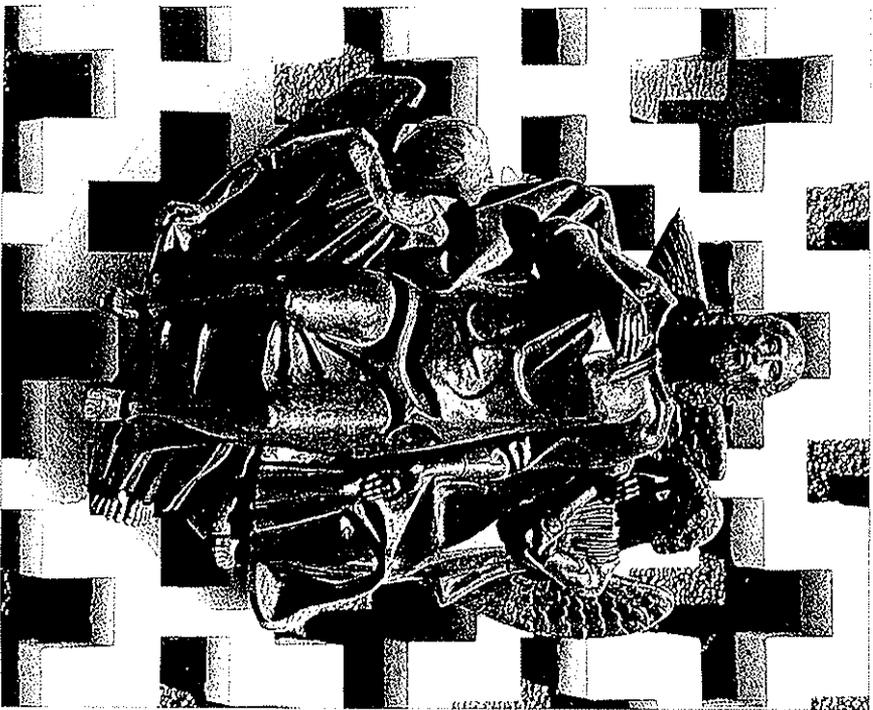
António Aragão. Tinta da China s. papel. s. título. 27x21 cm. 1956.

Imagem cedida por António Aragão



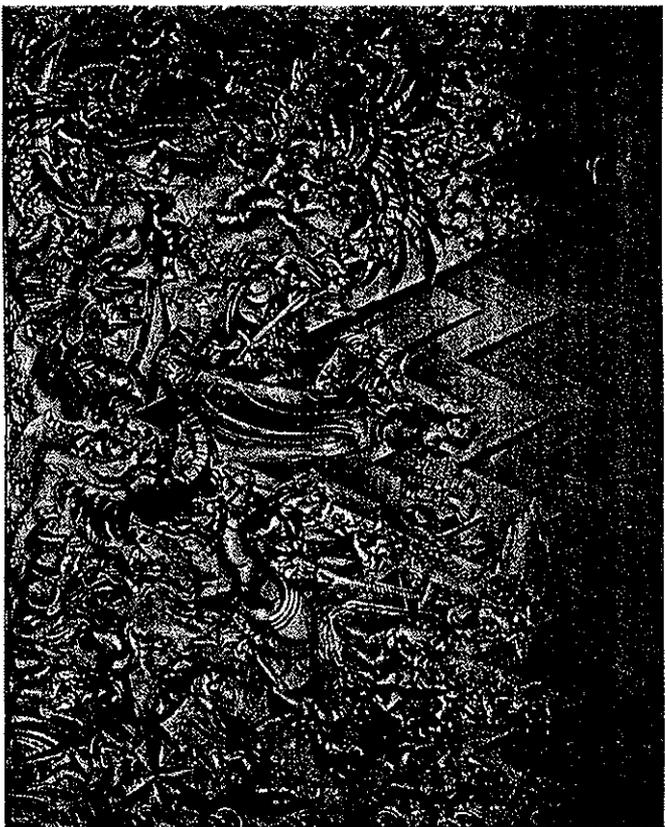
António Aragão. Capa do caderno literário "Búzios", edição do autor. Empresa Industrial Gráfica do Porto. 1956

Imagem cedida por António Aragão



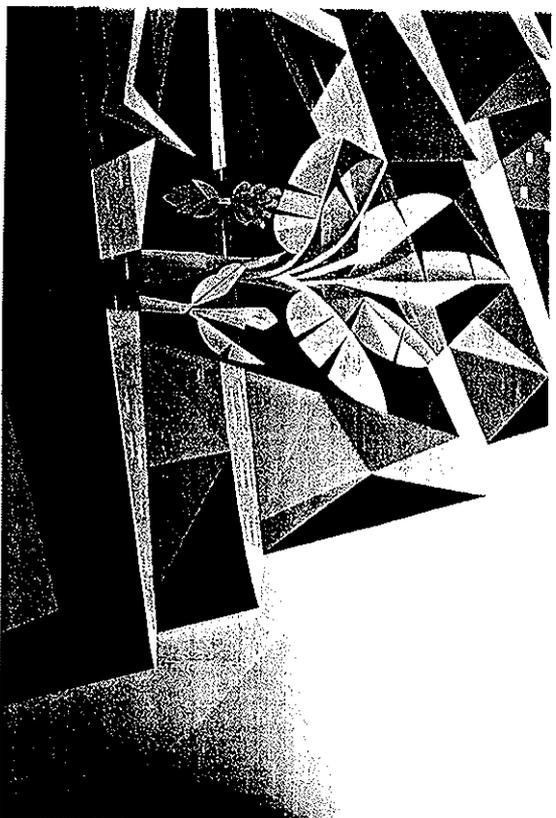
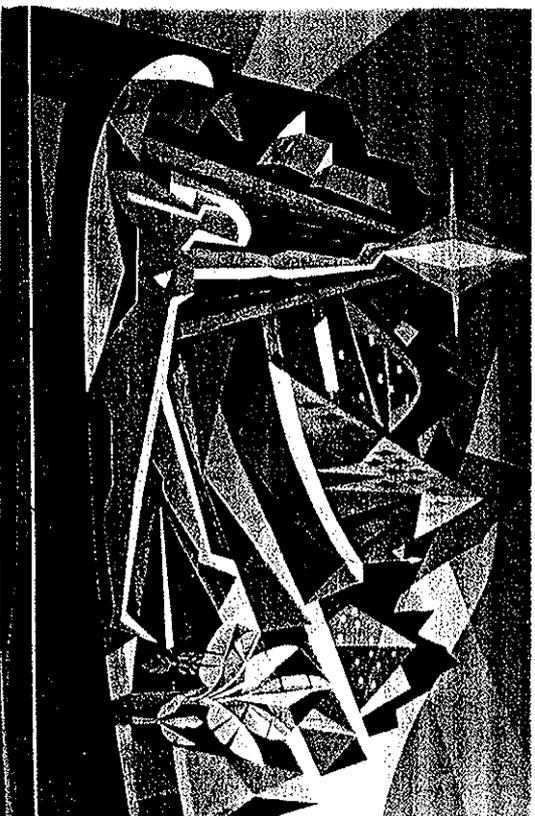
Querubim Lapa. Bronze, 148 cm, "Ressurreição", Fachada da capela do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias, Funchal, 1956.

Exposição de Arte Amadora em Funchal, na Fachada da Capela do Cemitério de Nossa Senhora das Angústias, 1956.



Guilherme Camarinha. Pintura mural, "Allegoria a Ilha da Madeira", 480x430 cm aprox., Sede da Junta Geral do Funchal (hoje Governo Regional), 1956.

Exposição de Arte Amadora em Funchal, 1956.



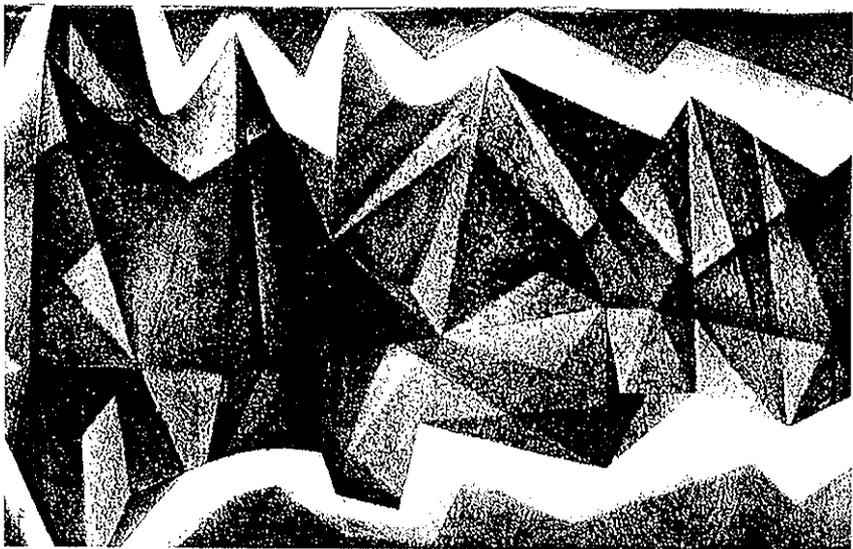
Cândido Costa Pinto. Pintura mural. 420x 310 cm (Árrio da Empresa de Electricidade da Madeira, Funchal). Vista geral e pormenor. 1957.

Arquivo de Arte da UCP



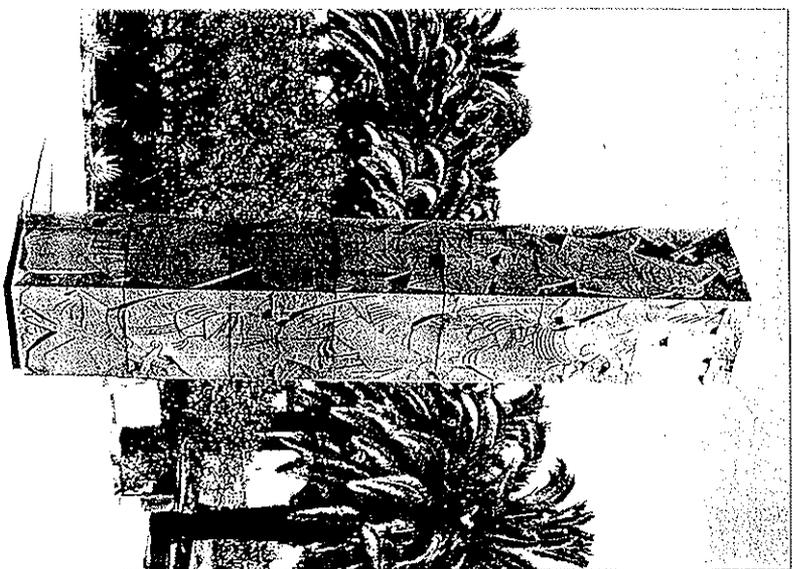
Guilherme Camarinha. Painel de azulejos: "São Jorge e o Dragão", altar da capela do Cemitério de São Martinho, Funchal. 1958.

Arquivo de Arte da UCP



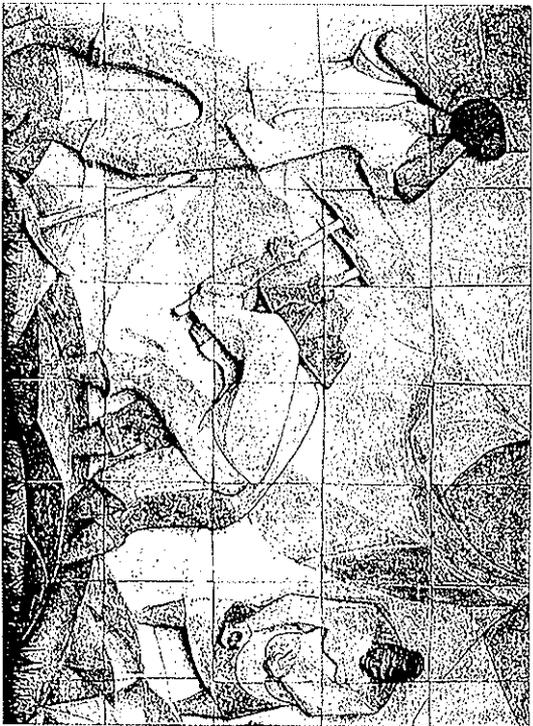
António Arriago. Óleo sípatex, 183x182 cm. "Outra maneira de violar um astro", (exposto recentemente na exposição retrospectiva do artista, Galeria *Porta 33*, 1991, Funchal)1958.

Fotografia sobre o catálogo da exposição.



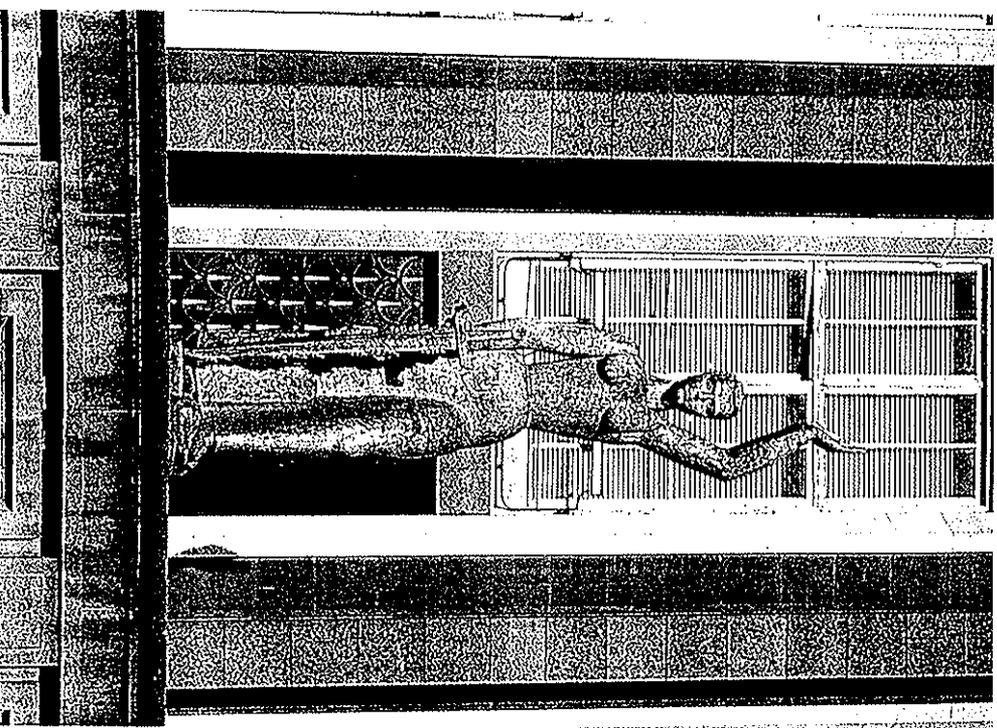
António Arriago. Baixos-relevos em cantaria, 700 cm. "5º (centenário da morte do Infante D. Henrique", Alameda Infante D. Henrique, Porto Santo, (projecto arquitectónico de Chorão Ramalho)1960.

Fotografia de Ivan Canabarro, in *Arquitectura do Arriago - Itinerário da Tabela - 2007/2008*.



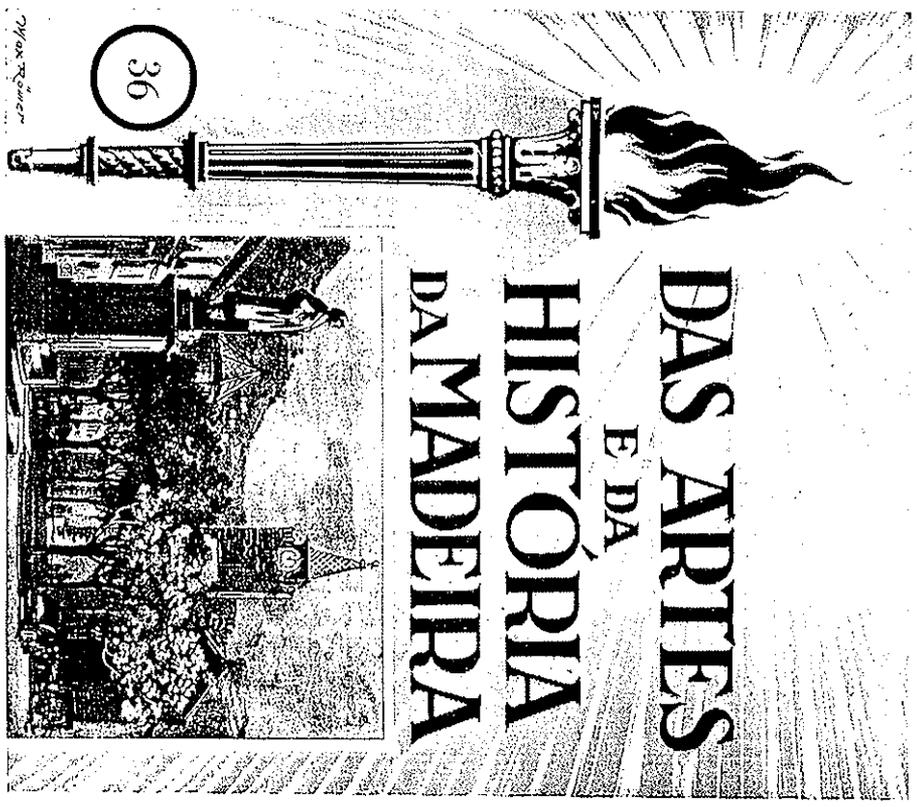
António Aragoão. Painel cerâmico policromado, 350x212 cm, "Agricultura", Mercado Municipal de Santa Cruz, inaugurado em 1962.

Fotografia de Rui Casimiro, in *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - 1945-1975*.



António Duarte. Bronze dourado, 480 cm, "Justiça", entrada do Palácio da Justiça (da autoria do arquitecto Januário Godinho), Funchal, 1962.

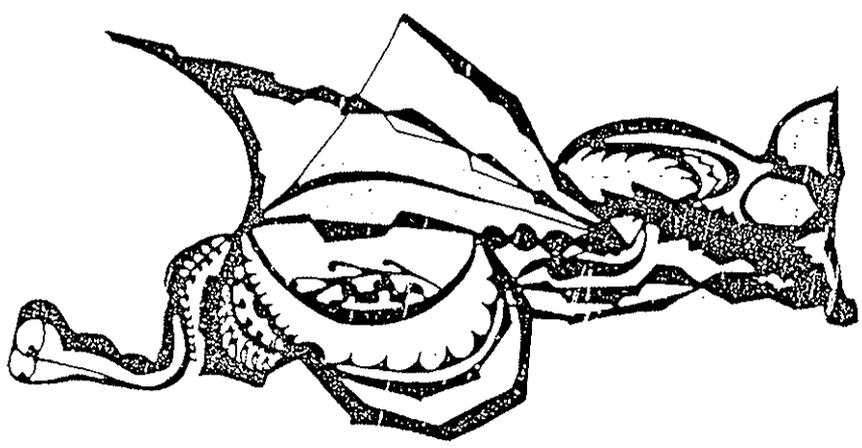
Fotografia de Carlos Adame.



REVISTA DE CULTURA DA SOCIEDADE DE CONCERTOS DA MADEIRA

Max Römer. Capa da revista "Das Artes e da História da Madeira". (Ilustração original de 1950), n.º 36, Vol. VI, 1966

Arquivo A. S. V. P. A.



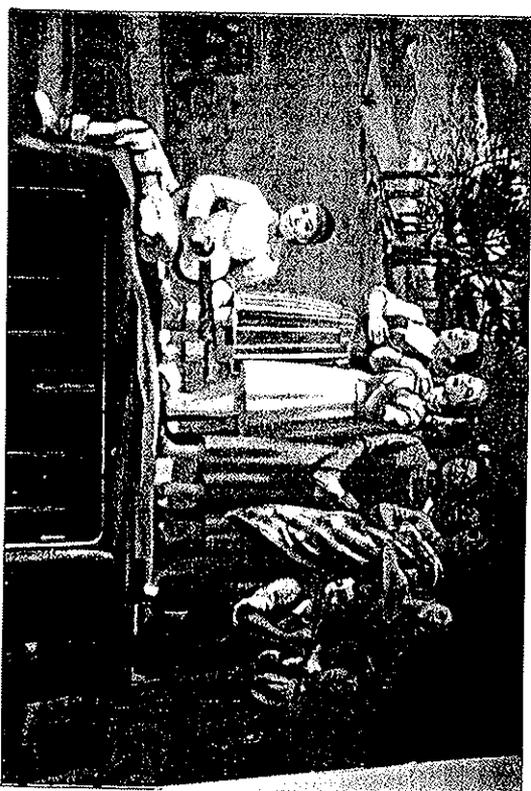
Silvestre Pestana. Tinta da china s. papel (Desenho publicado no suplemento "Jún. enif" do semanário *Cronística do Funchal*, 1967).

Arquivo A. S. V. P. A.



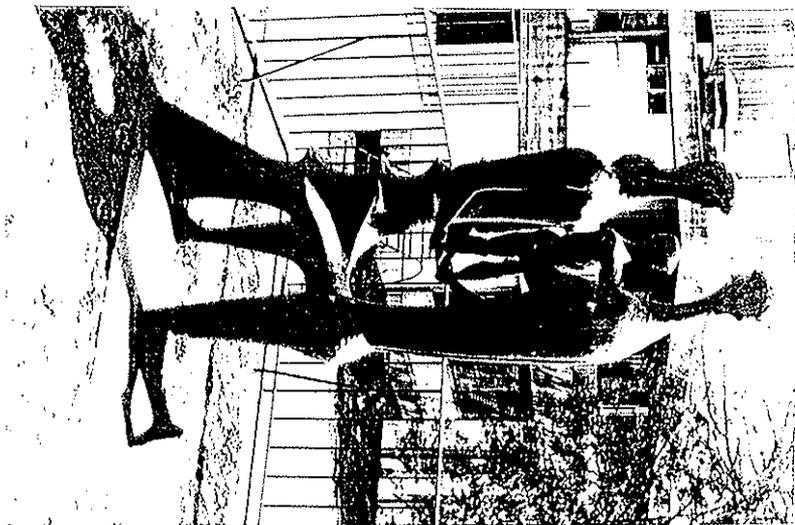
Damilo Gouveia. Óleo síctil, 45x45 cm aprox., sítulo. (Coleção do artista) 1968

Imagem de Carlos Valente



Louro de Almeida. Mural em tinta de água, integrado no conjunto de pinturas decorativas da Cantina da Escola Industrial do Funchal, (hoje Secundária Francisco Franco) 1968

Arquivo Fotográfico do IS.PVI



Jorge Vieira. Escultura em bronze. 222 cm. "Família". Conjunto habitacional da Caixa de Previdência. Funchal, finais dos anos 60.

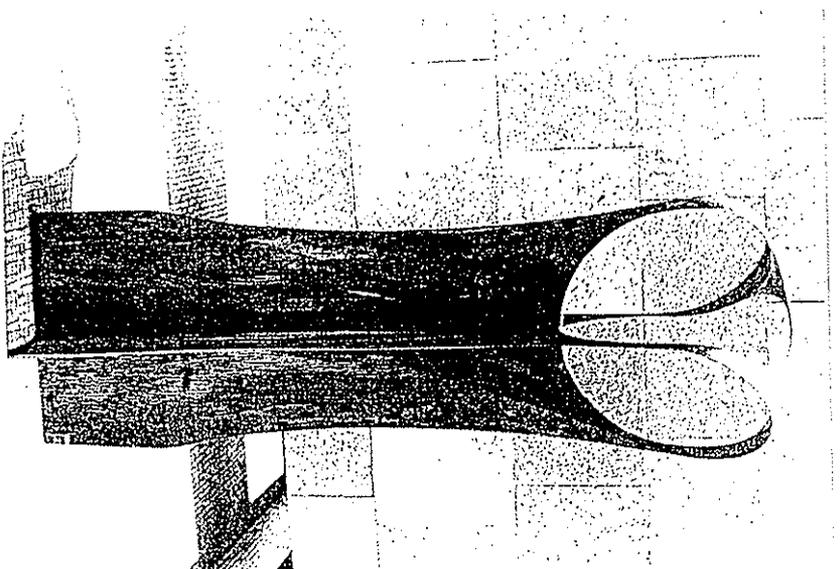


Lagoa Henriques. Escultura em bronze. 140 cm. "Previdência". Conjunto habitacional da Caixa de Previdência. Funchal, finais dos anos 60.



Guilhermina da Luz. Pintura mural: "Pedregos de Parisão", 320x220 cm. (Escola Industrial e Comercial do Funchal, hoje Escola Secundária Francisco Franco), 1968.

Foto: António de Albuquerque



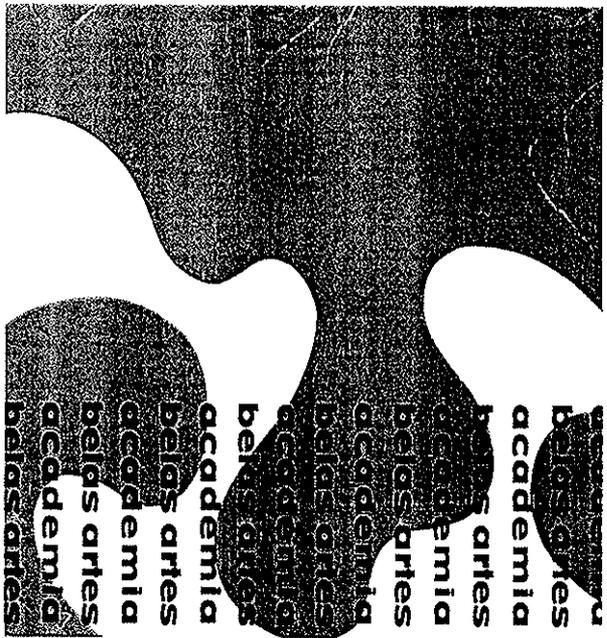
Amândio de Sousa. Bronze, 183 cm de altura. (fotografia do original, hoje parcialmente modificado) "Homenagem ao 1.º Jogo de Futebol realizado em Portugal", Largo da Achada, Cima da Seta, 1969.

Fotografia de Amândio de Sousa



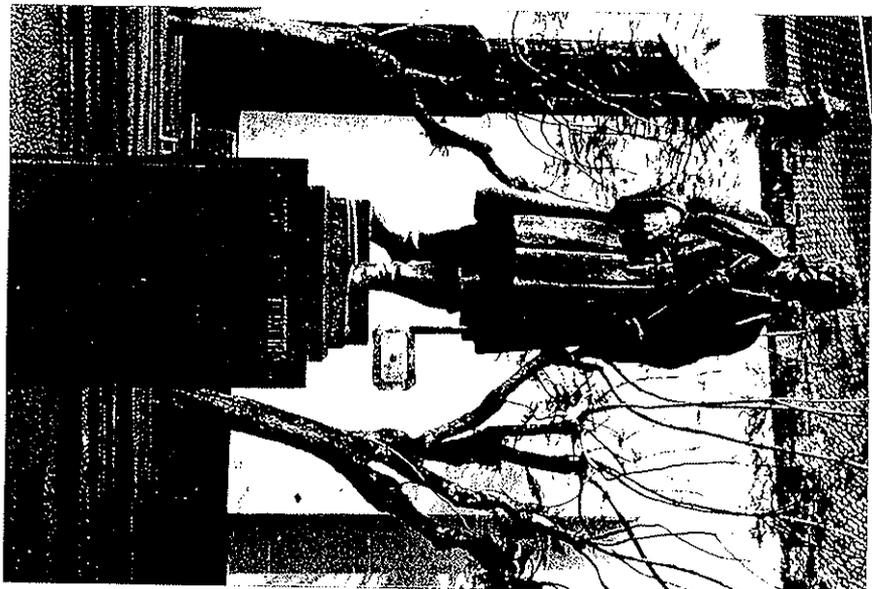
Danilo Gouveia. Olco stela, 85x60 cm, sítulo, (Coleção do artista), anos 70.

Fotografia de Carlos Valente

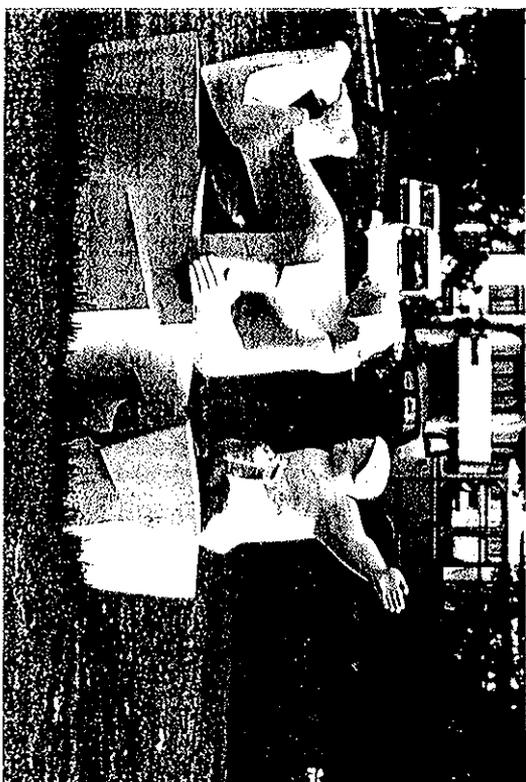


Capa do Catálogo da 1ª Exposição Coletiva de Professores e Alunos da AMBAMF, 16x15 cm, (Teatro Municipal, Funchal), Abril e Maio de 1970

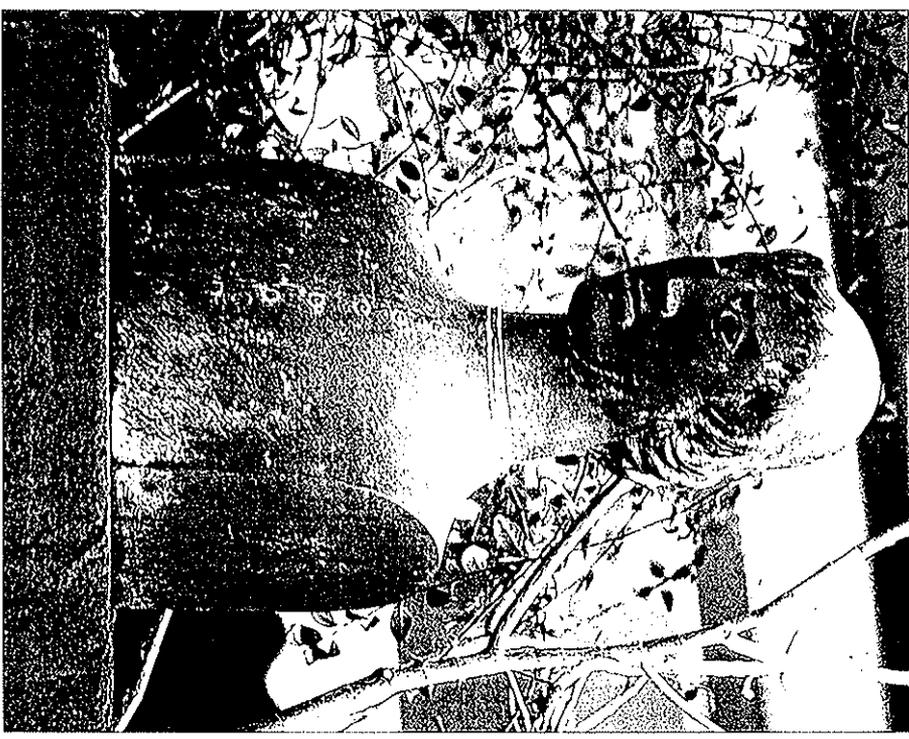
Fotografia de Carlos Valente



Augusto Teixeira. Bronze, 260 cm, "Tristão Vaz Teixeira", Largo Dr. António Jardim de Oliveira, Machico. (Inaugurado em 1972) 1971.

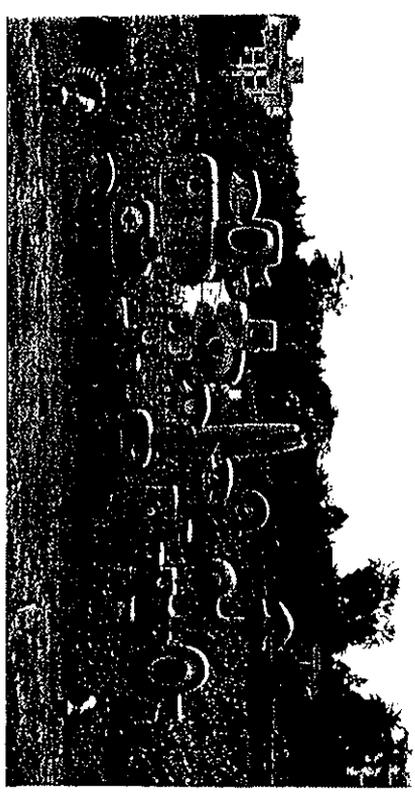


Helder Baptista. Grupo escultórico em calcário, 160x260 cm, "Justiça", jardins do Hospital Cruz de Carvalho, Funchal, 1972



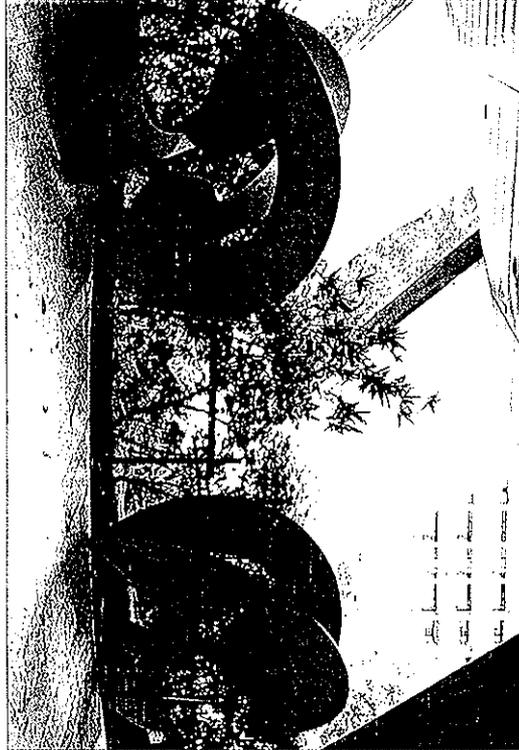
Amândio de Sousa. Busto em bronze, 62,5 cm, "Padre Manuel Álvares", Largo da Igreja Matriz, Ribeira Brava, 1972.

Imagem de Rui Camacho em "Esculturas da Região", *Revista da Madeira*, 1990, nº 107.



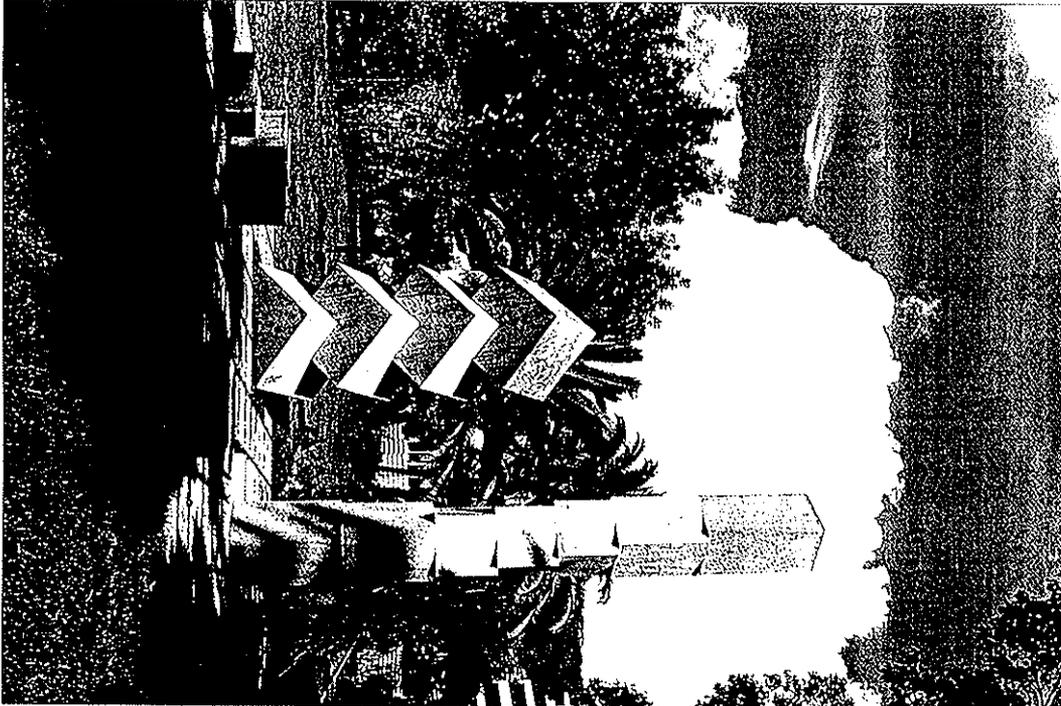
Margarida Madruga. Muro escultórico em cerâmica e aço, Jardins do Hospital Distrital do Funchal (hoje Hospital Cruz de Carvalho) 1973.

Arquivo Laboratório de NAMA



Joaquim Rodrigues. Ferro pinado, 196 cm, sítulo, entrada do Casino da Madeira, Funchal. (meados dos anos 70).

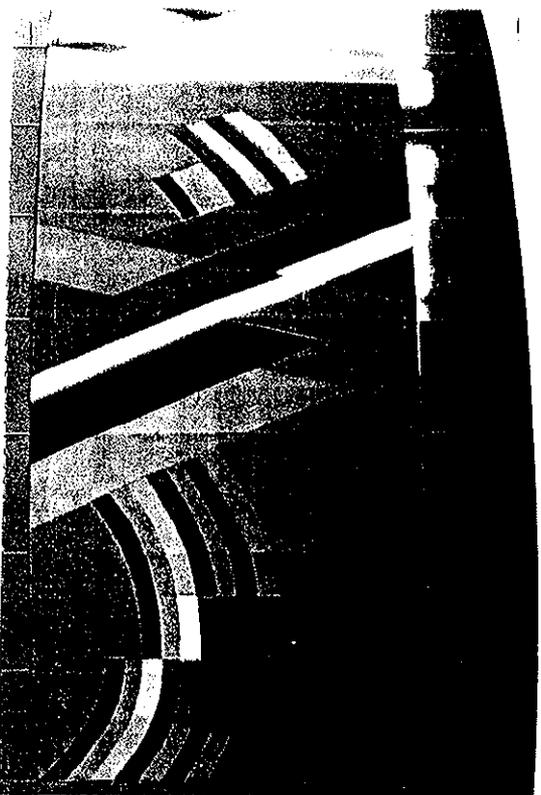
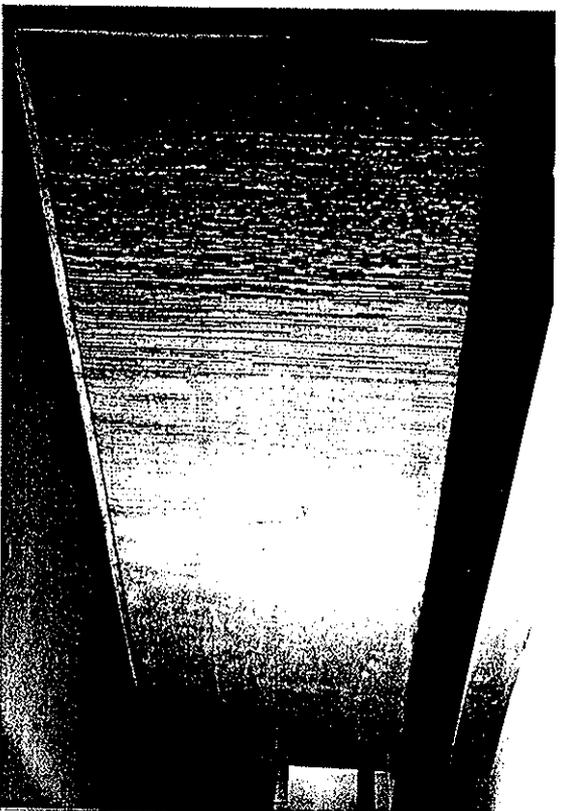
Fotografia de Rui Camacho, in *Escultores da Região Autónoma da Madeira - Invenções*



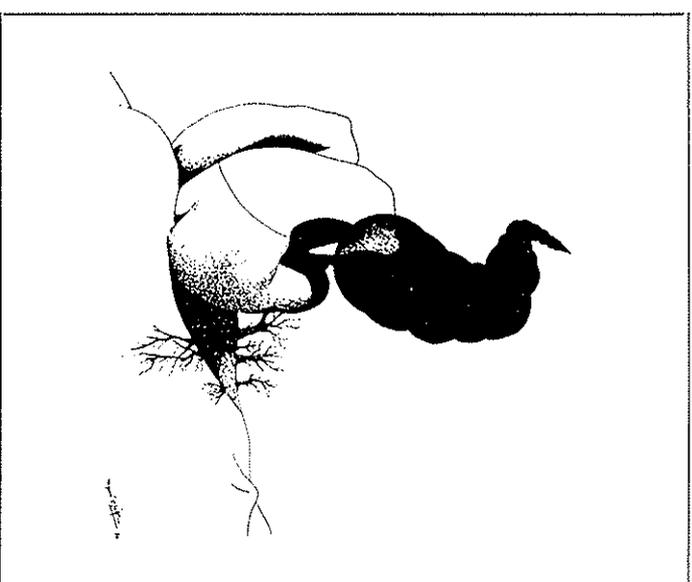
Joaquim Rodrigues e Fernando Conduto. Beirão, 590 cm (altura máxima), sítulo, Jardins do Hotel Casino Park, Funchal. (meados dos anos 70).

Fotografia de Rui Camacho, in *Escultores da Região Autónoma da Madeira - Invenções*

1975 - 1990



Fernando Conduto. Tapeçaria, 649x186 cm, res-do-chão do Hotel Casino Park, 1975.
Armando Alves. Tapeçaria, 500x200 cm, 5º andar do Hotel Casino Park, 1979 (?).



Miguel Osório. Tinta da China s/ papel, (Exposição individual no Teatro Municipal, Funchal, 1980) 1976.



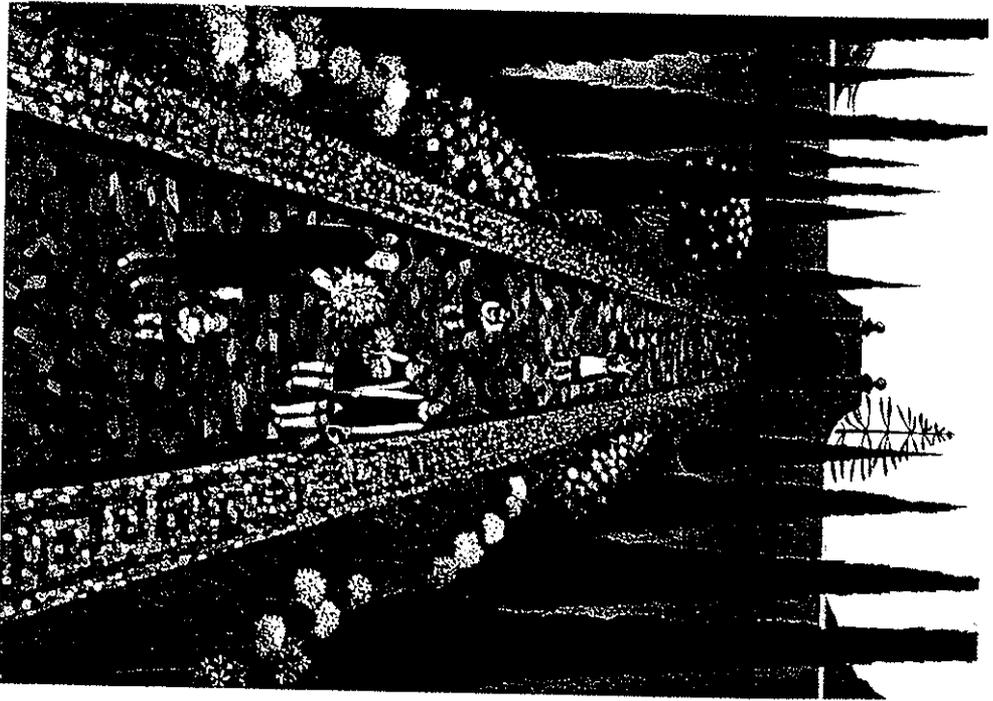
Rui Carita. Óleo tela, "A Ilha II", 70x100 cm (Exposições individuais no Funchal, Évora e Porto, 1977-78), 1977.

Fotografia de Rui Carita

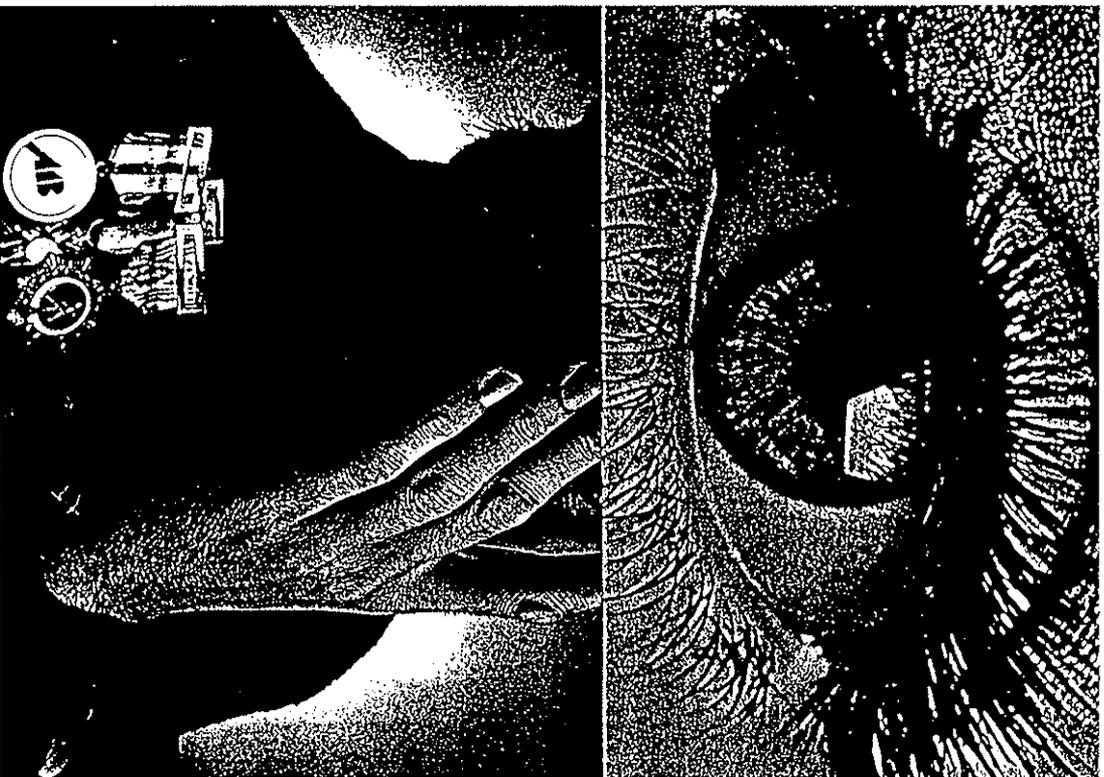


Franco Fernandes. Bronze, 290 cm, "Ascense", Sítio do Porto, Porto Moniz (Monumento levantado no lugar do antigo Cemitério Municipal), 1979

Fotografia de Rui Camadas, in *Escultura em Portugal: Antecedentes e História*, "Portugal"

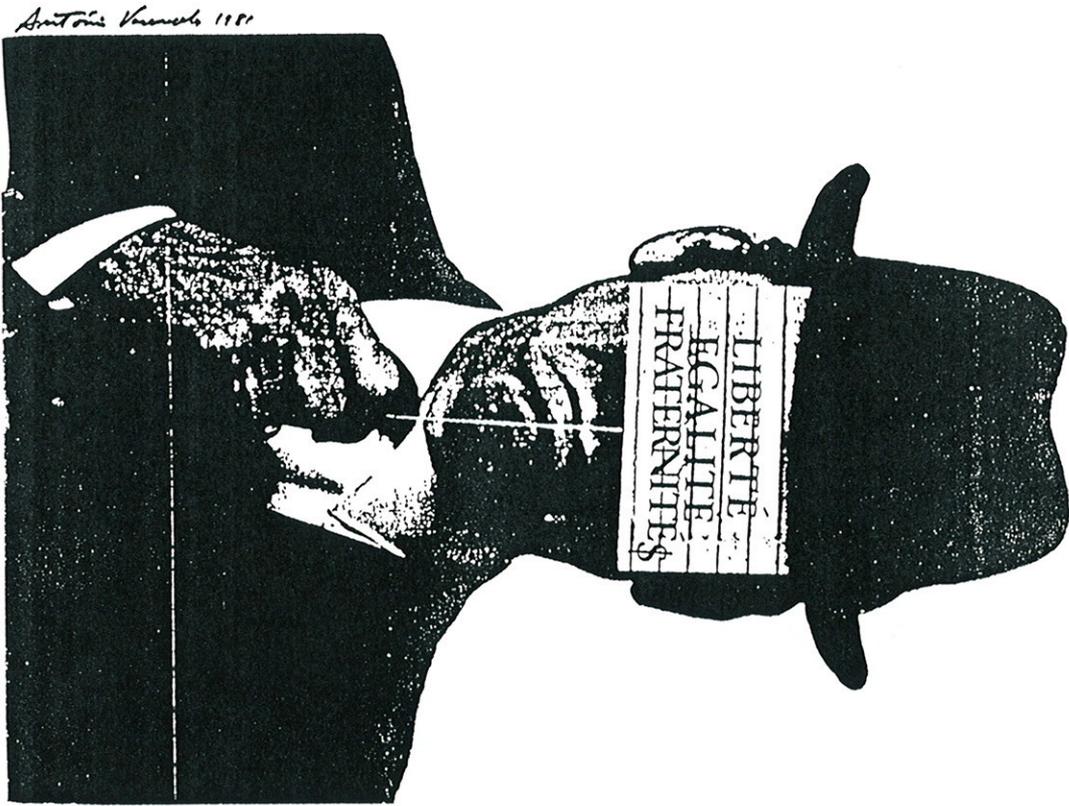


Martha Telles. Óleo s/ tela. "Memórias de Infância, Passeio de Domingo", 124x88 cm, (Exposição individual no Museu de Arte Sacra, 1984), 1979.

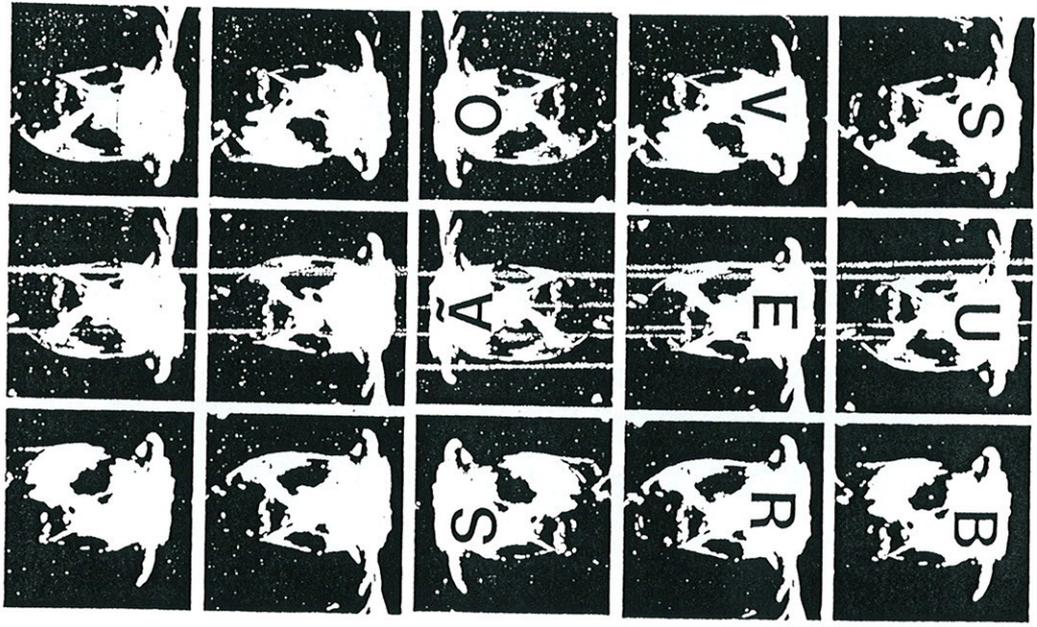


ANTONIO DANTAS '87

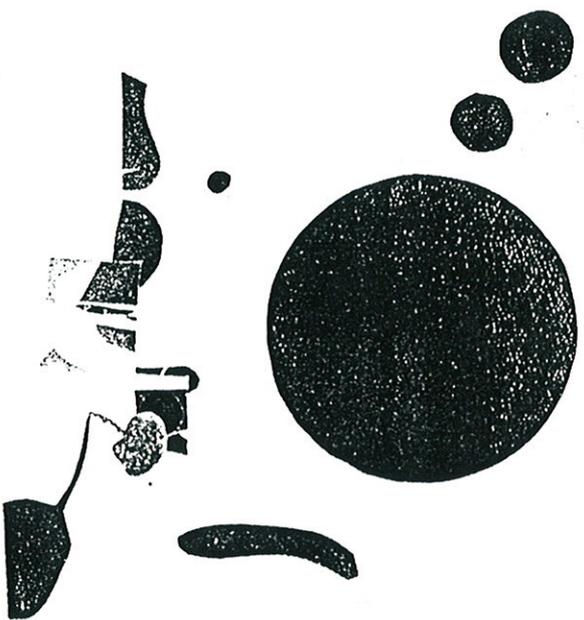
Antonio Dantas. Electrografia / Fotomontagem, s/título, (Revista *Piligrina*) 1981.



Antônio Vasconcelos (Nelos). Electrografia / Fotomontagem, s/título, (Revista *Filigrana*) 1981.

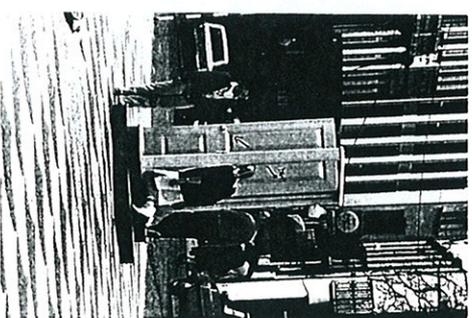
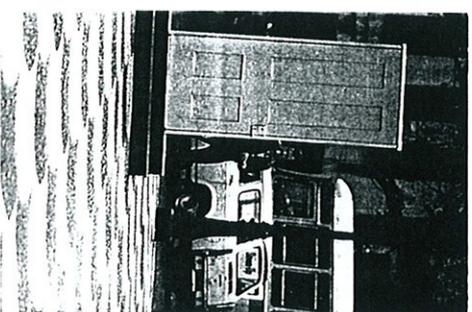
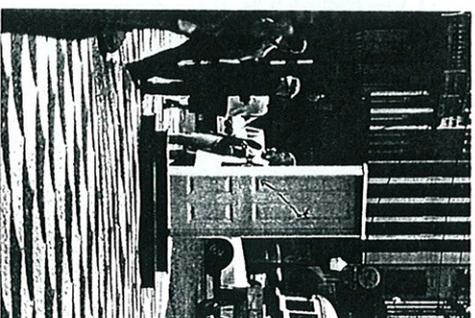
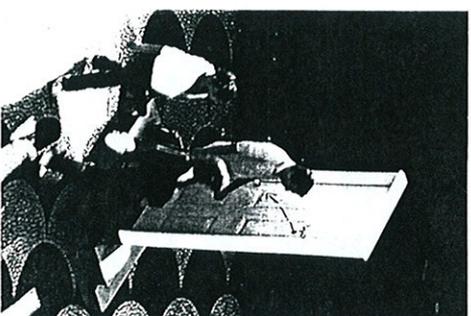


Antônio Vasconcelos (Nelos). Electrografia / Fotomontagem, "Subversão", (Revista *Filigrana*) 1981.



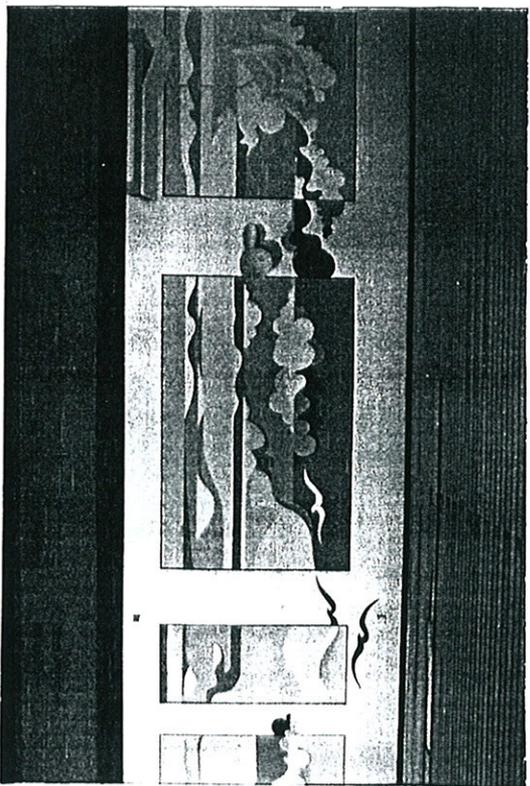
Silvestre Pestana. Colagem e pintura, ilustração de um poema de J. António Gonçalves, (Colectiva "Encontro Cultural - Funchal em Lisboa") 1982.

Fotografia: Fco do Funchal

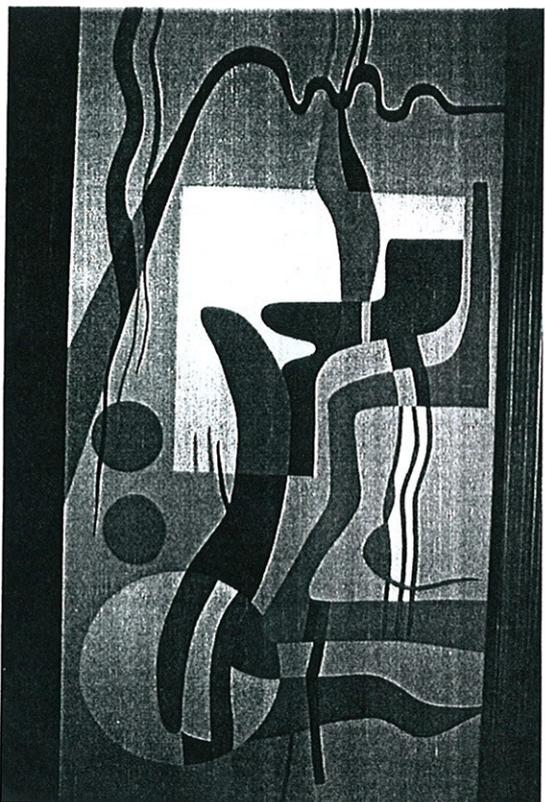


Aspectos do *happening* (arte sociológica) realizado no Largo do Município, Funchal. Actividade integrada num projecto escolar da Cadeira de *Sociologia da Arte*. ISAPM, 1982.

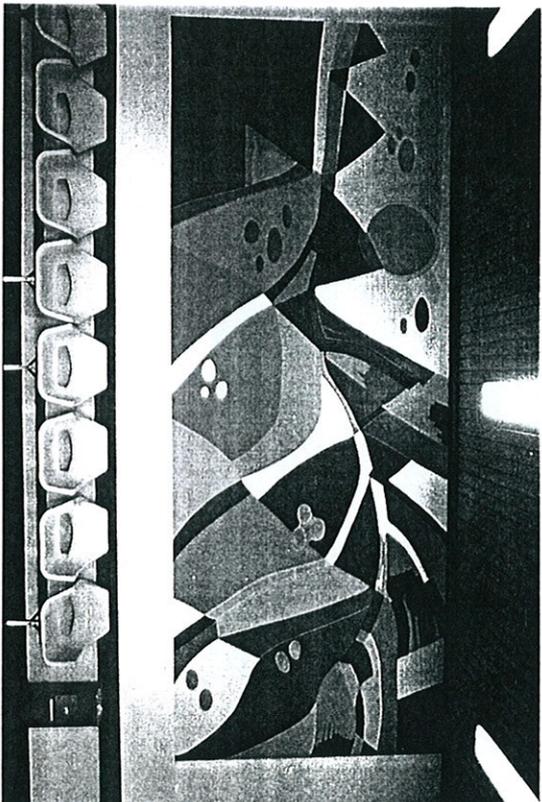
Arquivo fotográfico do ex-ISAPM

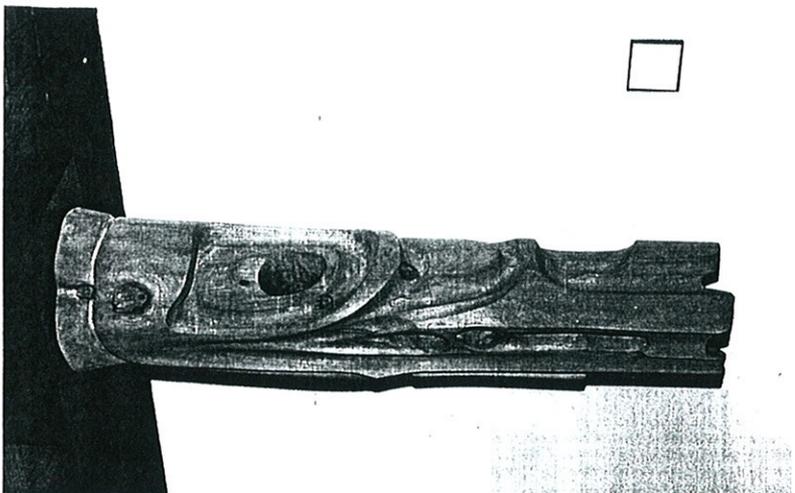


Tolentino Nóbrega e Dina Pimenta. Pintura mural, 690x285 cm, Salas de embarque do Aeroporto de Santa Catarina, Santa Cruz, 1982.



Guilhermina da Luz e Teresa Brazão. Pintura mural, 638x298 cm e 616x228 cm, salas de embarque do Aeroporto de Santa Catarina, Santa Cruz, 1982.

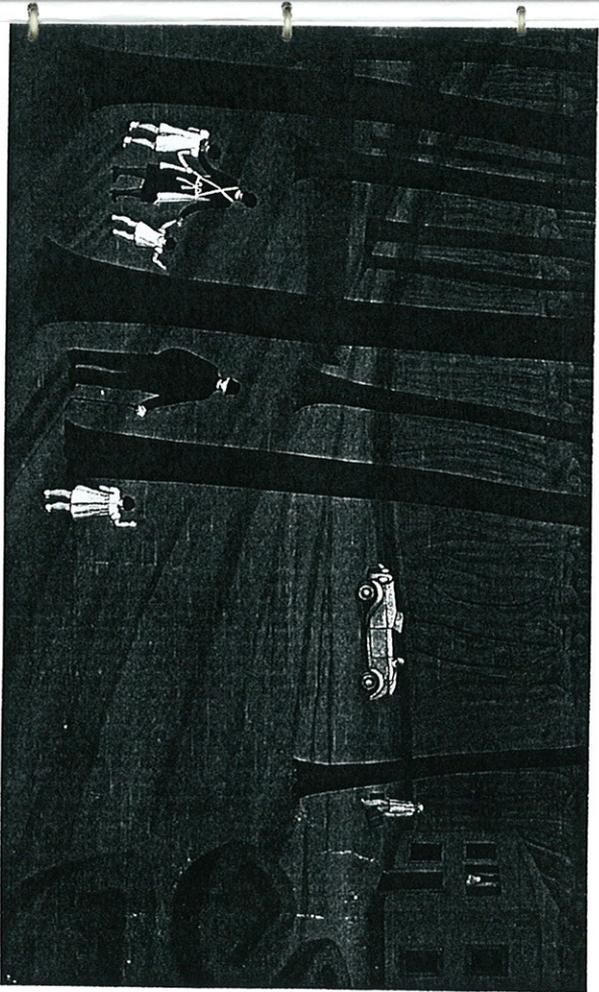




Gil Bazenga. Madeira de Cedro, altura aprox. 120 cm, (Exposição colectiva no Teatro Municipal), Coleção DRAC, 1982.



Franco Fernandes. Bronze, 285 cm, "Emigrantes", Avenida do Mar e das Comunidades Maderenses, Funchal (1º Prémio do Concurso promovido pelo Governo Regional em 1981), 1982.

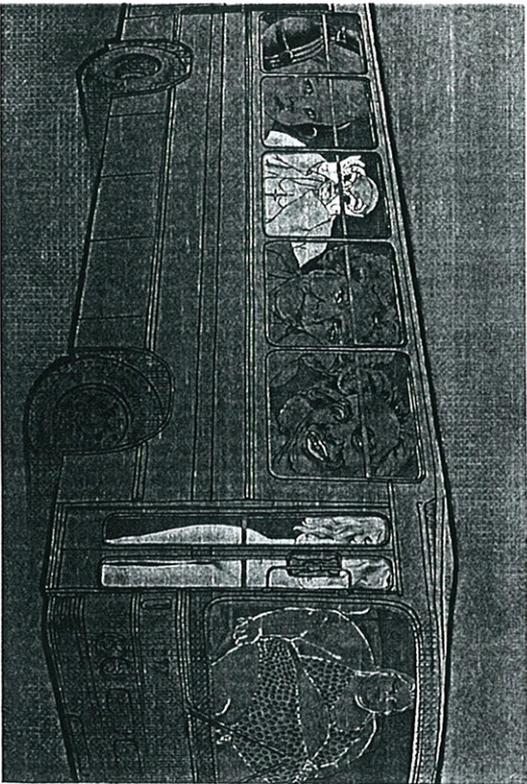


Martha Teles. Óleo s/ tela, ("Partida"), 88x124 cm. (Exposição individual no Museu de Arte Sacra, 1984). Coleção do Museu de Arte Contemporânea do Funchal, 1983.

Fotografia de Mário de Oliveira

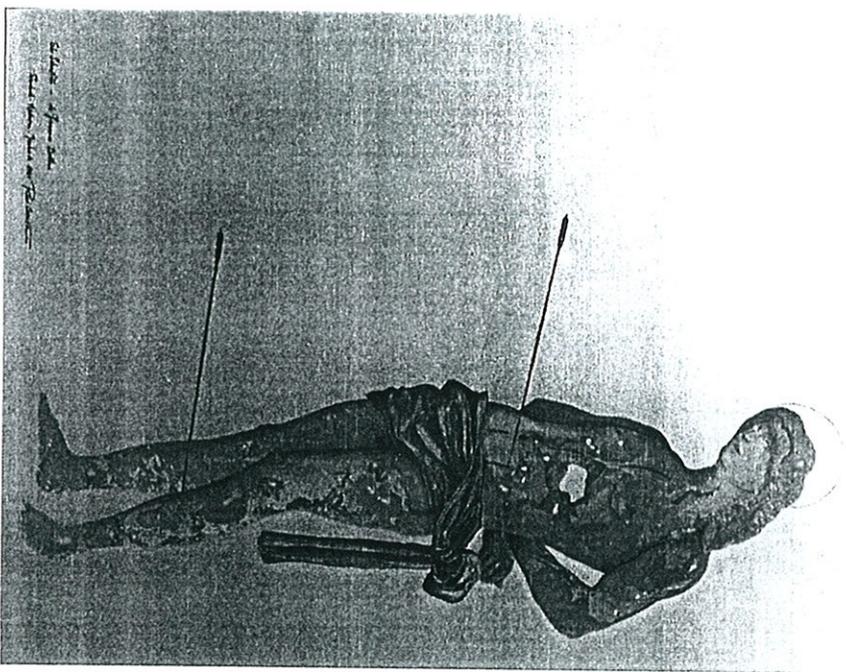


Ricardo Velosa. Fibra de vidro pintada, 251x190 cm, "Turista", Aeroporto de Santa Catarina, Santa Cruz, 1983.



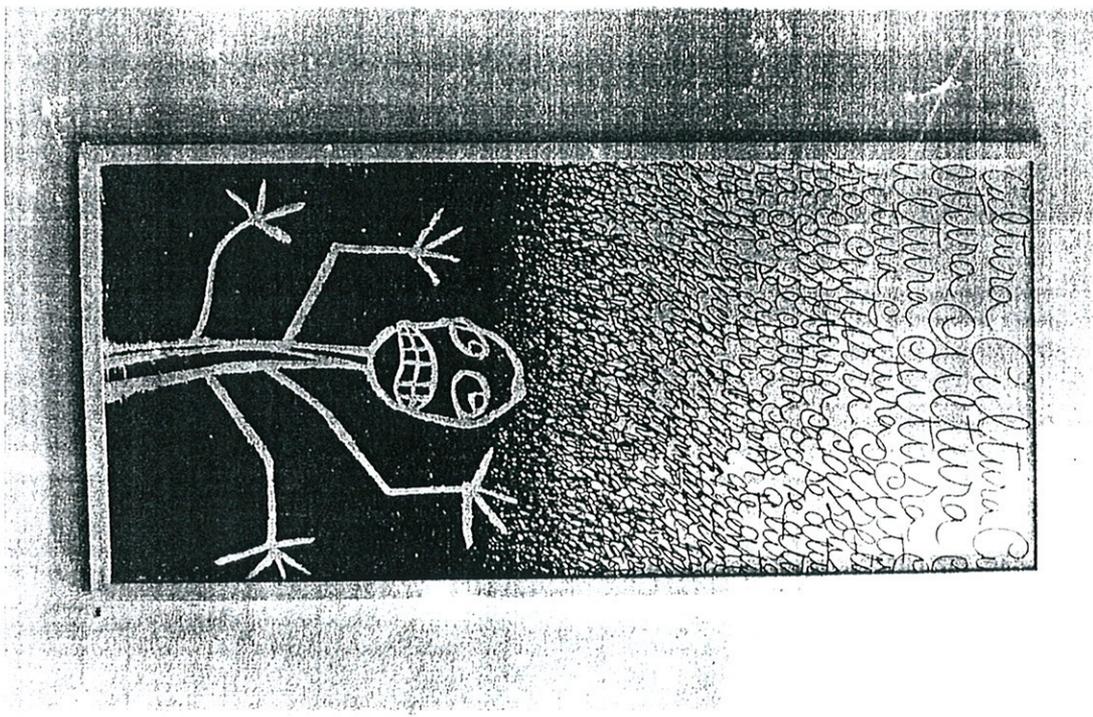
Eduardo Freitas. Pastel s/ papel de cor, 70x50 cm, s/título, 1984.

Fotografia de Eduardo Freitas



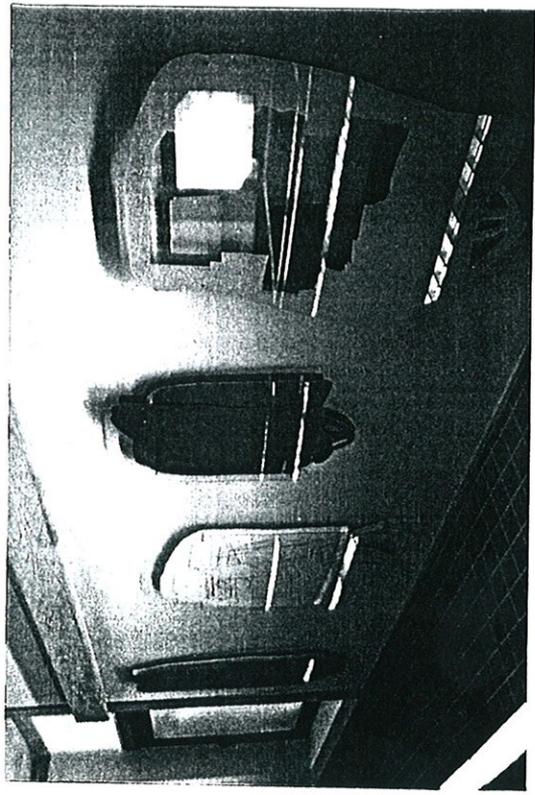
Rui Carita. Pintura a óleo (monotípia), "São Sebastião", 1984.

Fotografia de Rui Carita



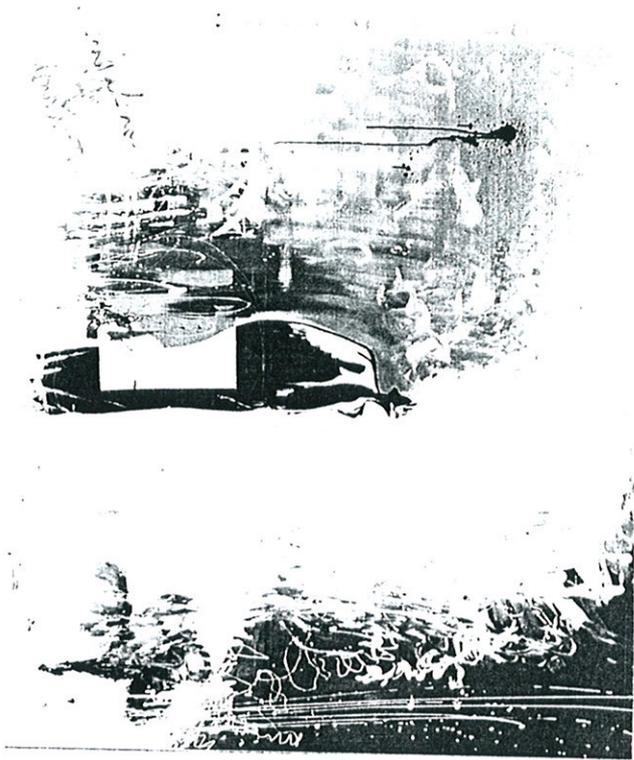
Teresa Jardim. Desenho a marcador s/plexiglass pintado, "Cultura", 60x120 cm (I Bienal dos Açores e do Atlântico, 1985) 1984.

Fotografia de Teresa Jardim



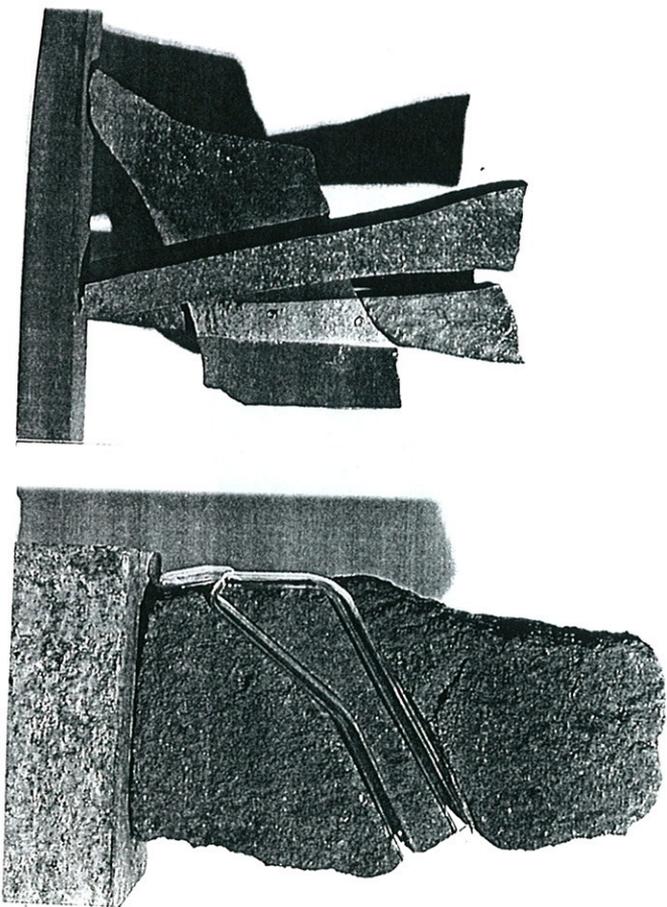
Lourdes Castro. Esculturas de parede em plexiglass, de 90 a 135cm de altura, "Correios", Edifício dos CTT, Av. Zarco, 1985.

Arquivo fotográfico do ISAVPA



Teresa Jardim/Teresa Catarina. Esmalte e tinta de água s'plaxex. "Aula de Pintura"
(realizado no âmbito da Cadeira de "Pintura - Especialização" no ISAPM) 1985.

Arquivo Iconográfico do ISAPM



Luis Paixão. Pedra basáltica e acrílico, duas peças da Exposição Individual "Neo-lithos" na Galeria do ISAPM. 1986.

Arquivo Iconográfico do ISAPM



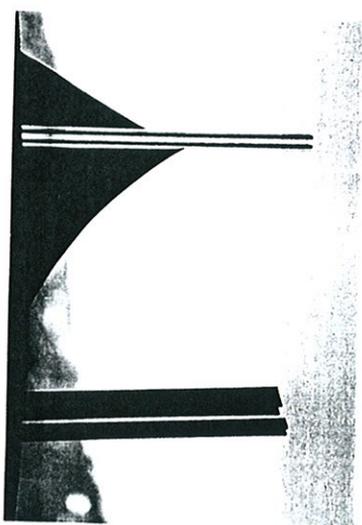
Evangelina Sirgado. Arte por Computador. (Colectiva "Coleção de Inverno - originais para início de estação", na Galeria da SRTIC). 1986.

Arquitetura e Arte da USP

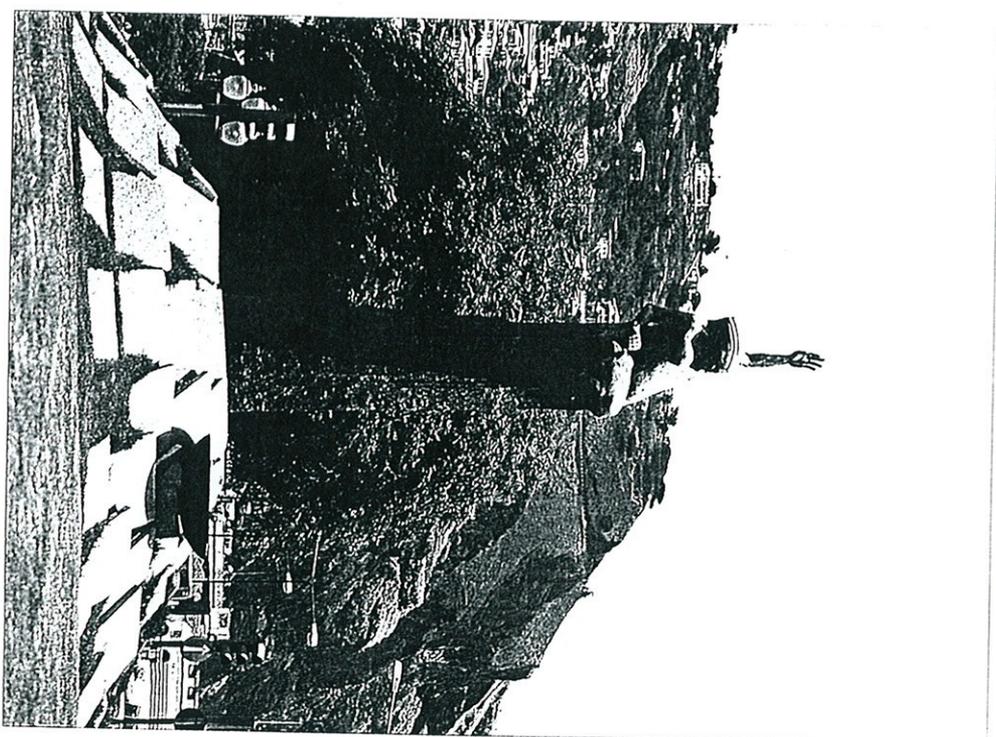


Domingas Pita. Acrílico s/tecido, s/título, (em exposição na MARCA Madeira, 1987) 1986.

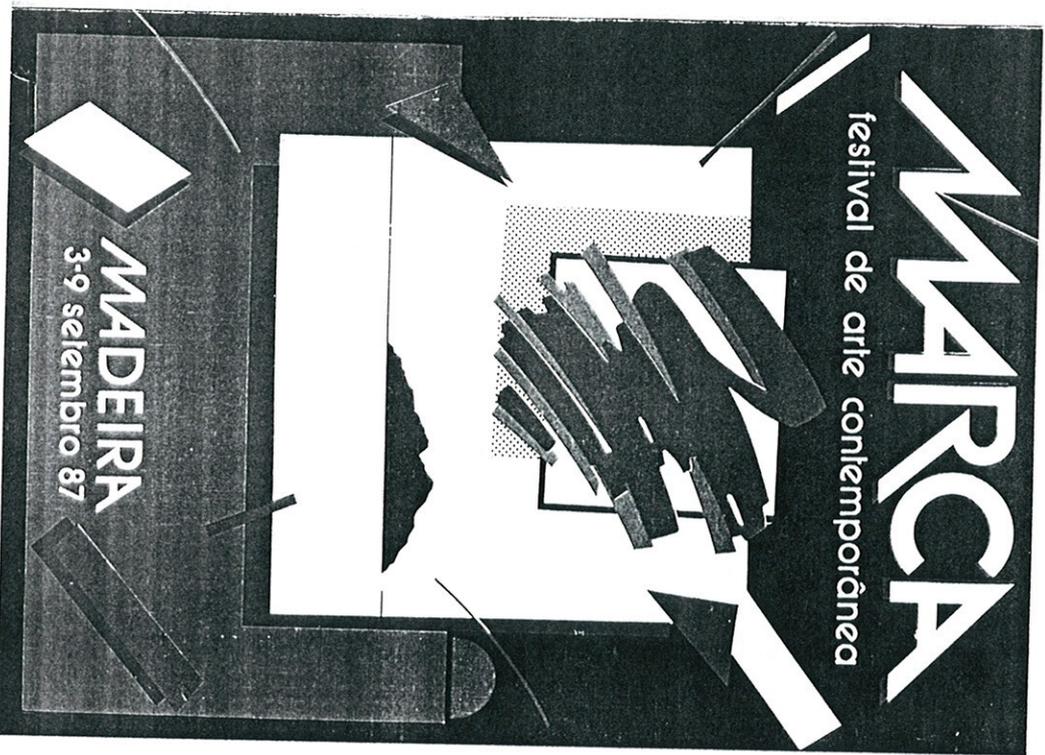
Fotografia de Domingas Pita



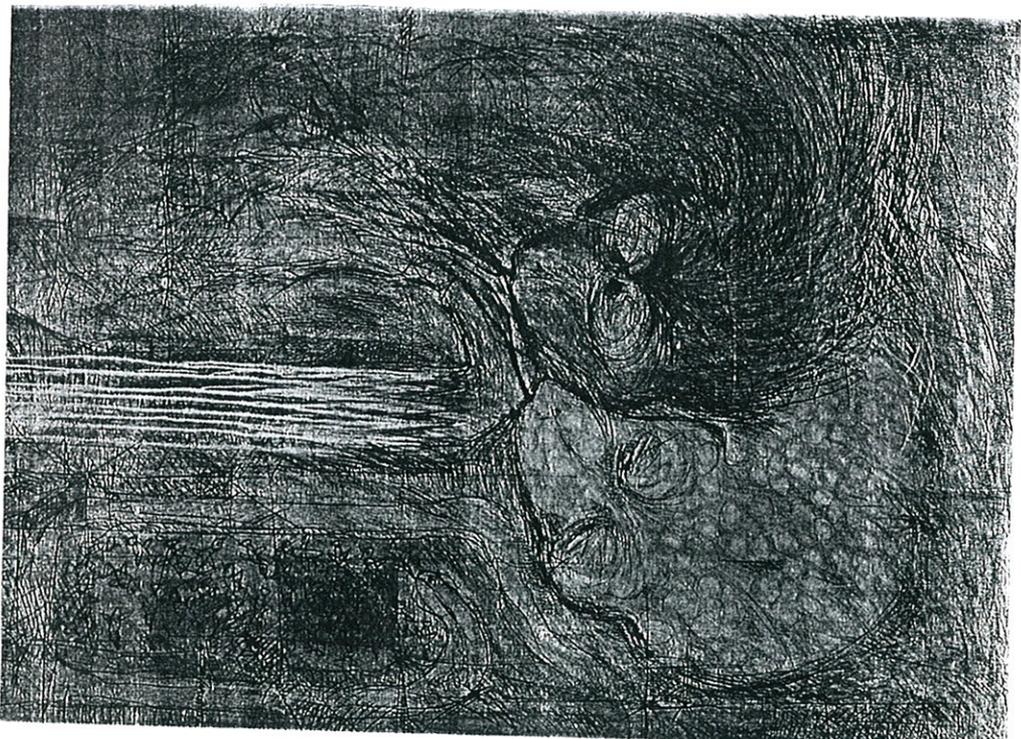
Manuel Gomes. Maqueta de projecto escultórico, 600 cm de altura, 2º classificado no Concurso para o "Monumento à Autonomia", (projecto realizado em parceria com o arquitecto Nelson Gouveia) 1986.



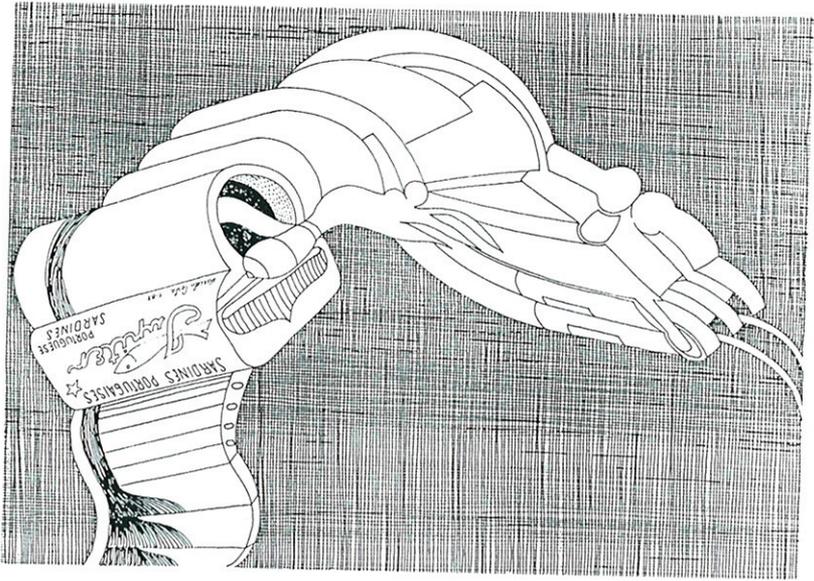
Ricardo Velosa. Bronze e placas de betão, "Autonomia", Praça da Autonomia, Funchal (Inaugurada em 1987, na entrada do Aeroporto de Santa Catarina. Santa Cruz transferida para o actual local em 1990). 1987.



Maurício Fernandes. Cartaz e capa do catálogo do Festival de Arte Contemporânea do Funchal. MARCA 87

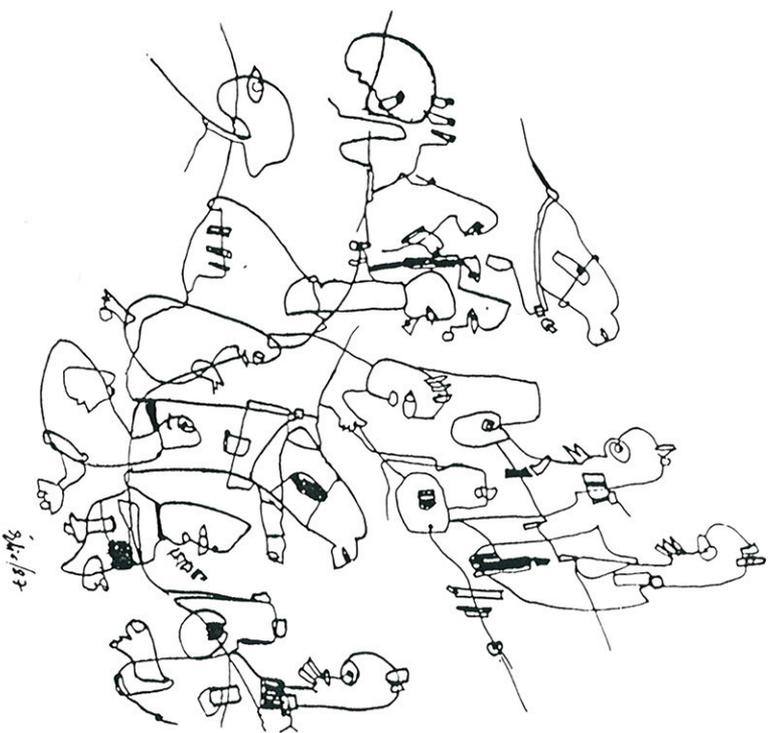


Teresa Jardim. Pintura, técnica mista (participação na MARCA, Festival de Arte Contemporânea Funchal 1987).



Marcelo Costa. Tinta da China s/papel, "Máquina de enlatar sardinha portuguesa", (Exposição "15 Desenhos e um objecto", na Galeria *Funchaldia*, 1990)1987.

Fotografia de Carlos Valente



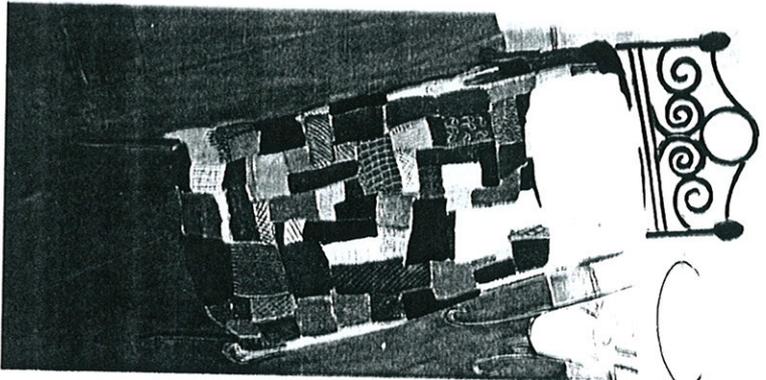
Élia Pimenta. Grafite s/papel, 21x29,5 cm, s/título, (publicado na Revista *Espaço-Arte*, nº 14, 1988)1987.

Arquivo fotográfico do ex-ISA/PA



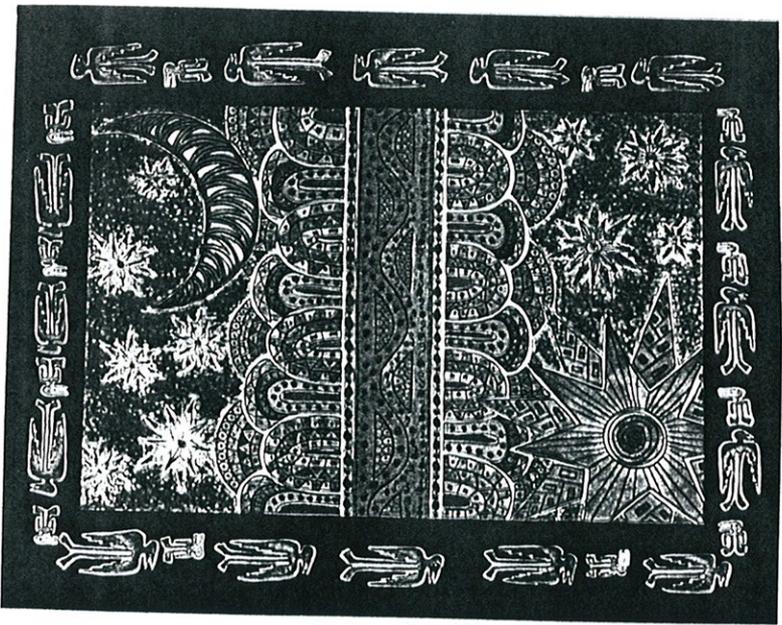
Domingas Pita. Acrílico e canção s.pano. "Simog II" (Exposição "Forum de Arte Contemporânea", Lisboa, 1988)

Fotografia de Domingas Pita



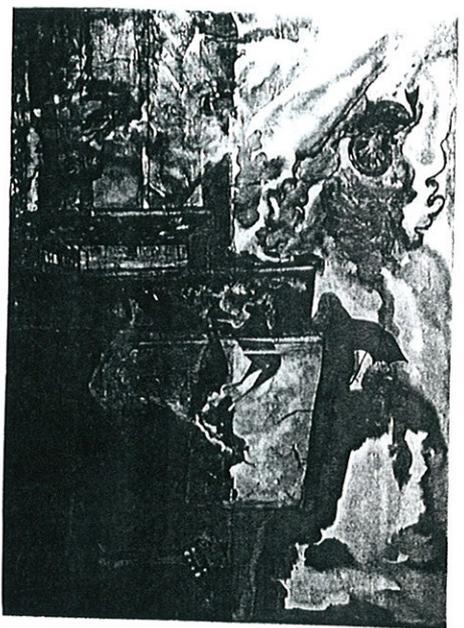
Filipa Venancio. Acrílico e Pastel seco S.Tela. "Cama com catre", 170x80cm. (Exposição individual na Galeria da SRTIC, 1990), 1988

Fotografia de Filipa Venancio



Marfaldia Gonçalves: Acrílico sobre tela, 100x70 cm, sem título, (coleção particular de José Manuel Gomes) 1989.

Fotografia de Guilherme da Luz.

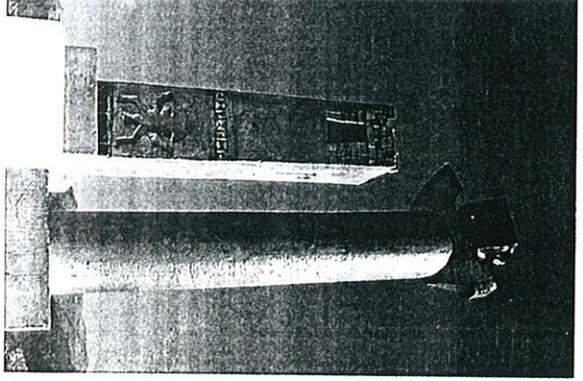
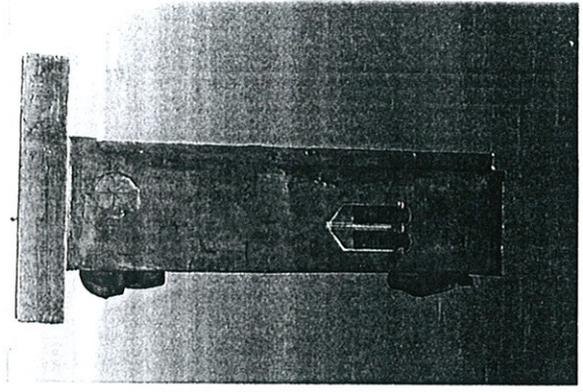
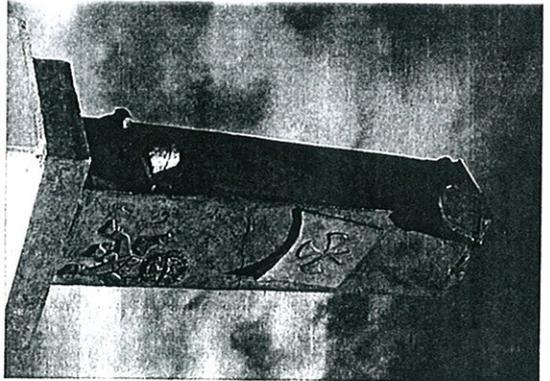
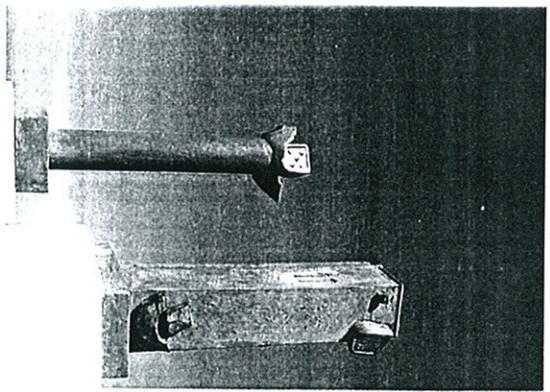


Alice Sousa: Óleo sobre tela e colagem, dois trabalhos de meados dos anos 80.

Fotografia de Carlos Valente.

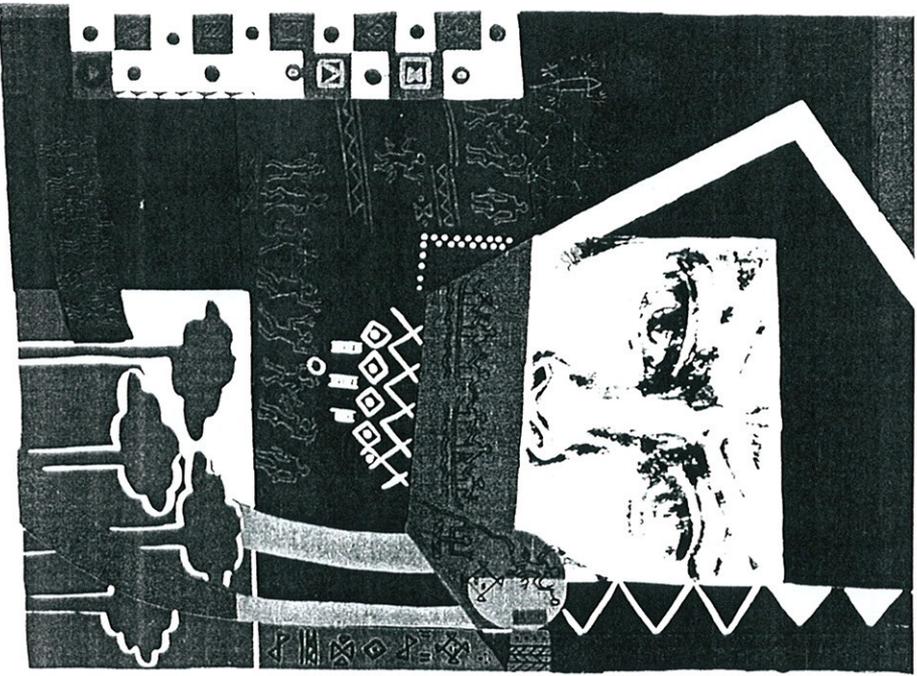


Ricardo Velosa. Bronze. 240 cm, suporte de cantaria. "Turista", Praça do Turista, Funchal (inaugurado em 1990), 1989.



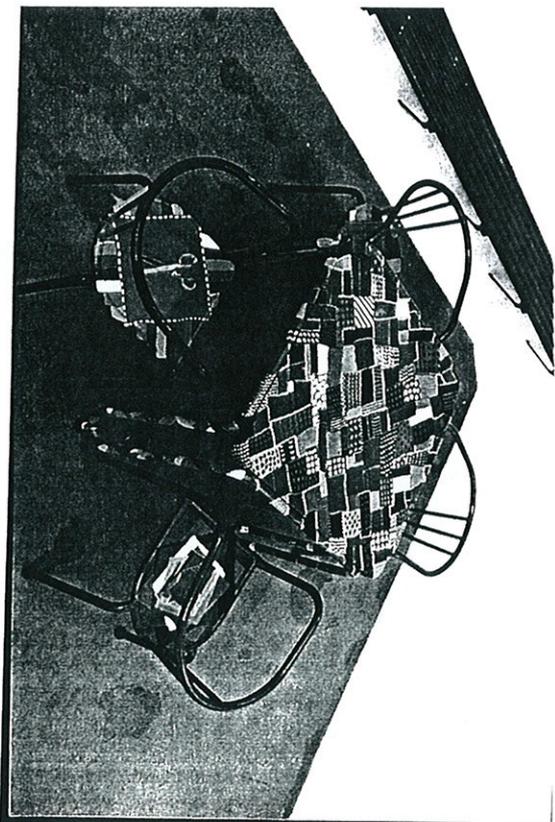
Manuel Gomes. Escultura em cimento. "Índias", 110x25x25 e 110x35x25 cm. (Concurso de Artes Plásticas para as Comemorações de Colombo na Madeira) 1989.

Anos 90 (*até 1995*)



Guilhermina da Luz. Serigrafia, 50X65 cm, sítulo, (exposta na "1ª Bienal de Gravura da Amadora"), 1990.

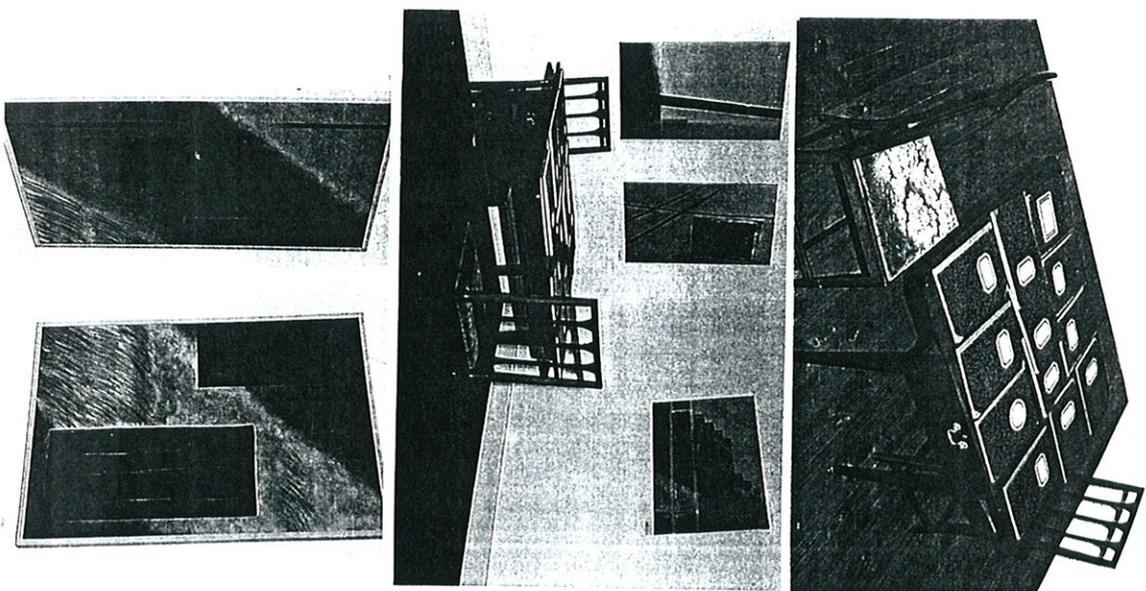
Fotografia de Guilhermina da Luz



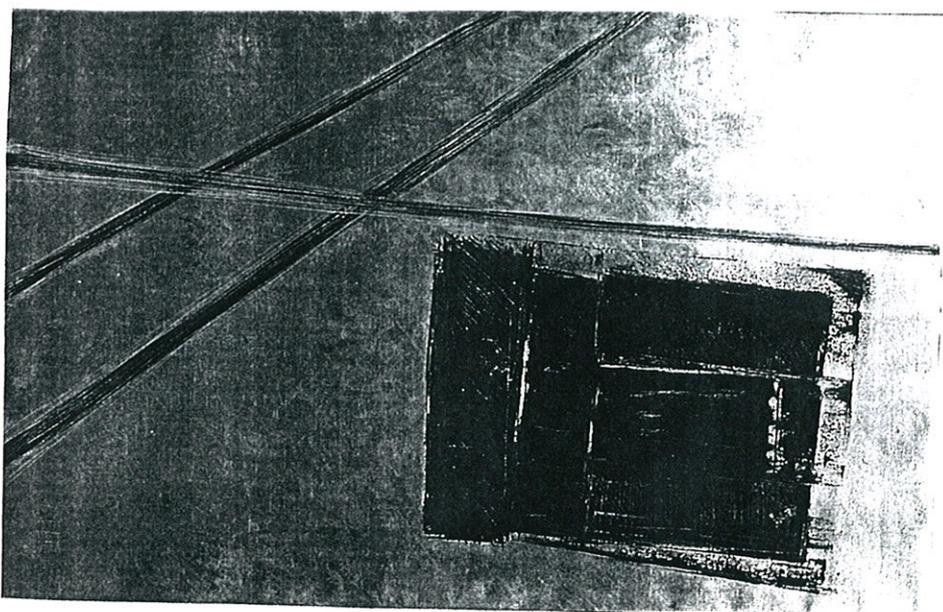
Filipa Venâncio. Intervenção pictórica / Mobiliário, (Esplanada da Galeria Porta 33), Vista geral e pormenor da mesa. 1990.



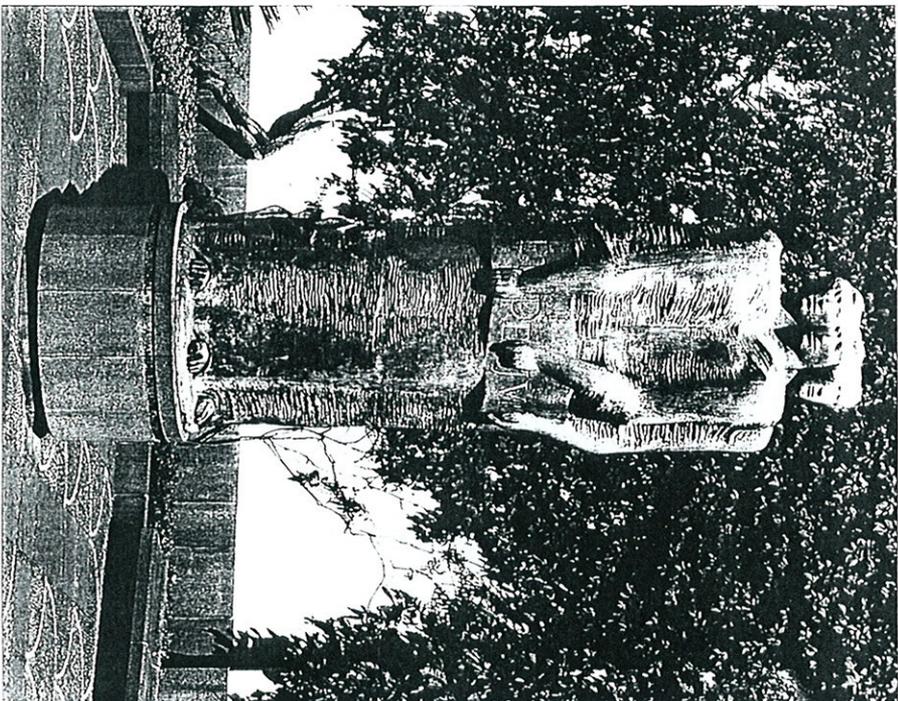
Fotografia de Filipa Venâncio



Isabel Santa Clara. Aspectos da exposição (e instalação) individual "Uma Exposição com pintura e tudo", Casa Museu Frederico de Freitas, Funchal 1990.

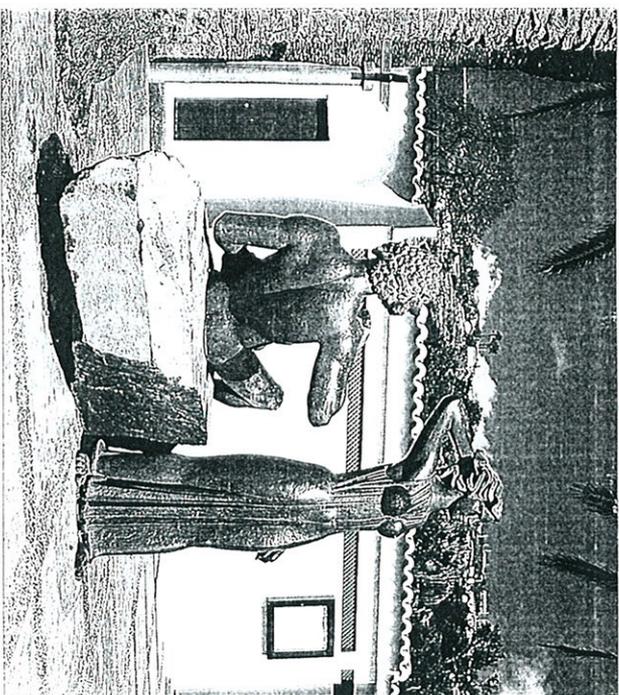


Isabel Santa Clara. Óleo sobre tela, "O Livro do Desassossego", p. 129", 100x65 cm, (Exp. Individual "Uma Exposição com pintura e tudo", Casa Museu Frederico de Freitas, Funchal) 1990.



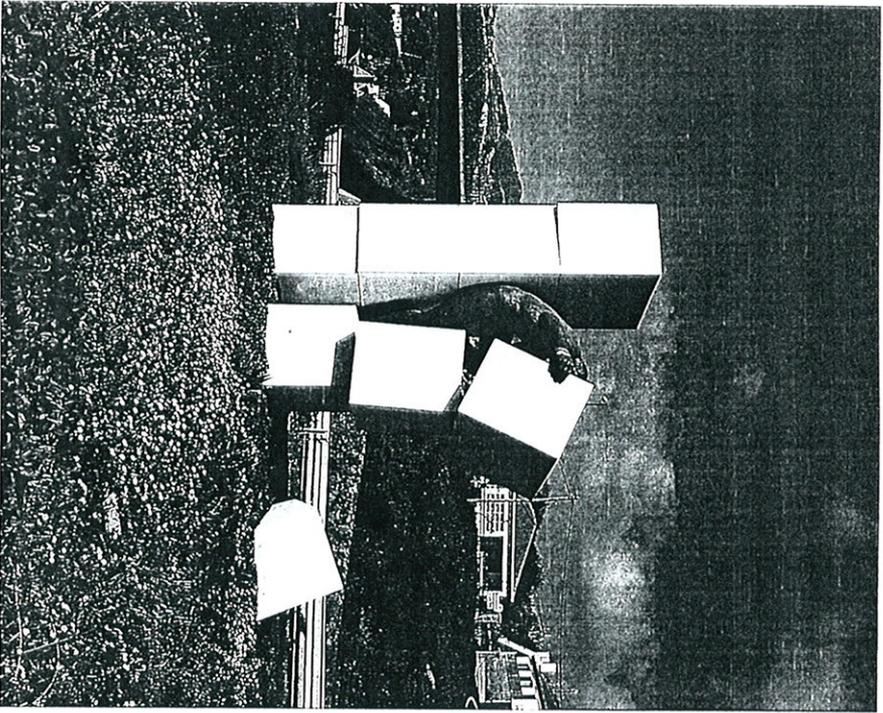
Amândio de Sousa. Bronze. 415 cm. "Trilogia dos Poderes", Pátio da Assembleia Legislativa Regional, Funchal, 1990

Fotografia de Rui Camacho, in *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*



Lagon Henriques. Grupo escultórico, pedra e bronze. 204 cm, s/título. Praia das Palmeiras, Santa Cruz, 1991

Fotografia de Rui Camacho, in *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*



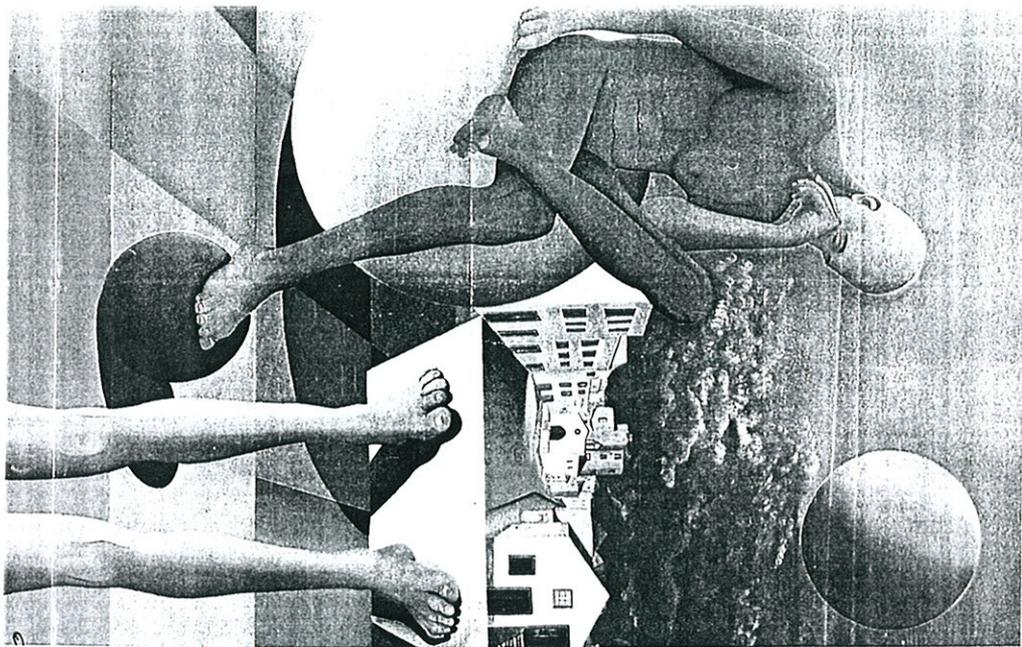
Ricardo Veloso. Figura em bronze e paralelepípedos de calcário (altura máxima 390 cm. "Revolta da Madeira de 1931", Estrada da Liberdade, Funchal (Concurso aberto pelo Governo Regional em 1987, inaugurada em 1992), 1991

Fotografia de Rui Camadas, in *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Madeira*



Celso Cairas. Pastel, s/título, (Exposição individual na Galeria Funchália, 1991).

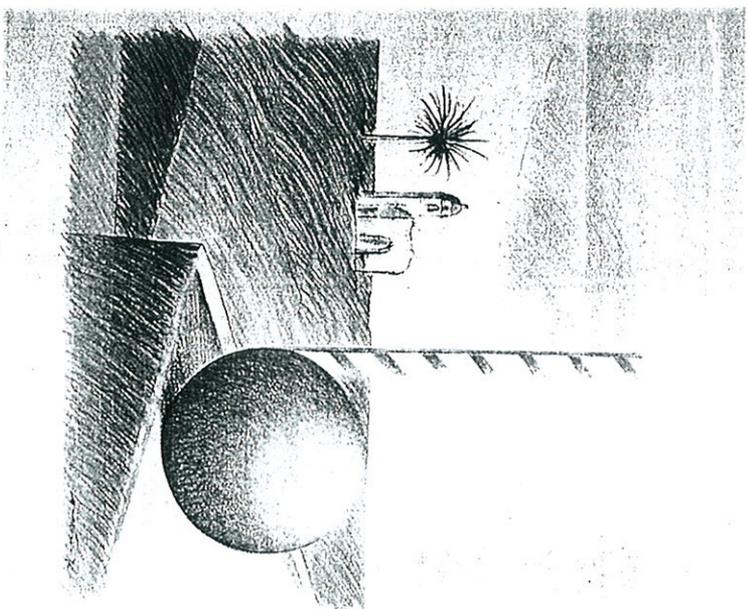
Fotografia de Celso Cairas



Emanuel Aguiar. Óleo s tela. (Exposição colectiva Vers'ARTE 91, Teatro Municipal, Funchal) 1991.

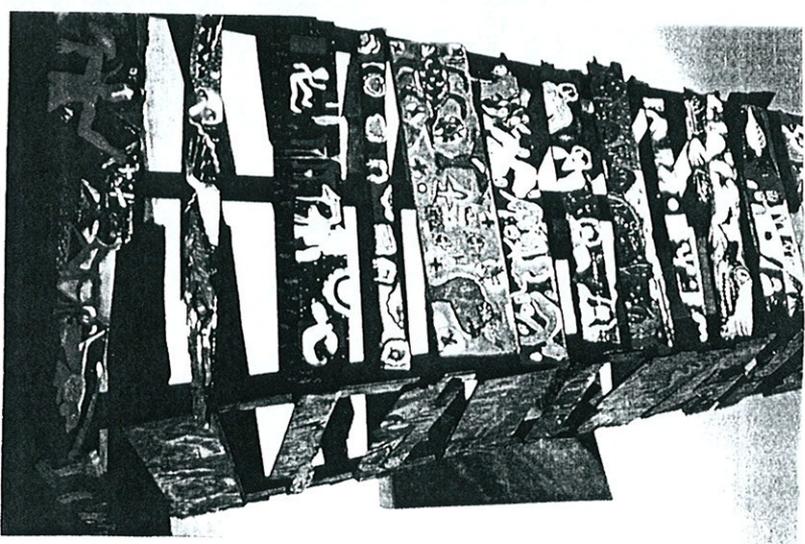


Francisco Clode. Acrílico s tela. "A Ilha Ecológica", 91x61 cm (Exposição colectiva de artistas madeirenses na Galeria Ponta 33, 1993), 1991.



Maurício Fernandes. Lapis de cor s papel, s título. (Exposição individual no arrio da Imprensa Regional, Funchal) 1992.

Fotografia de Carlos Valente



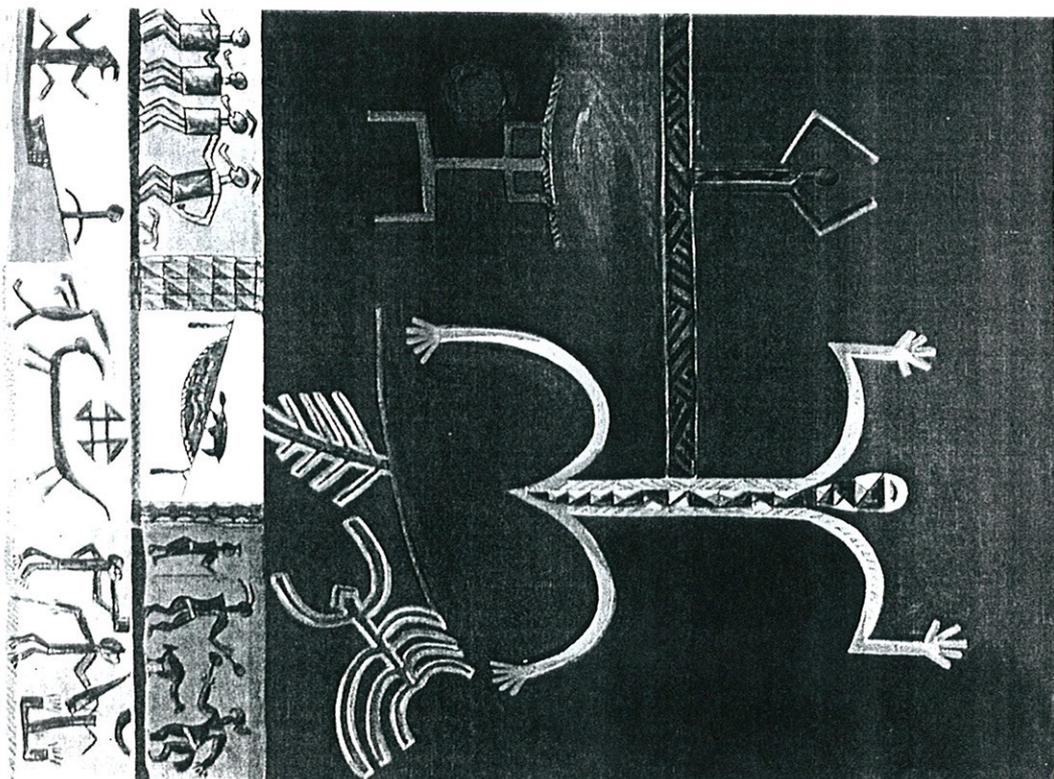
Lígia Gontardo. Tábuas de madeira (pirâmide), técnica mista, 200x97x97 cm, "Reconstrução do mundo a partir do lugar do dilúvio"; (Exposição "A Ilha e os seus habitantes" no Centro Nacional de Cultura, Lisboa)1989-1992.

Fotografia de Lígia Gontardo



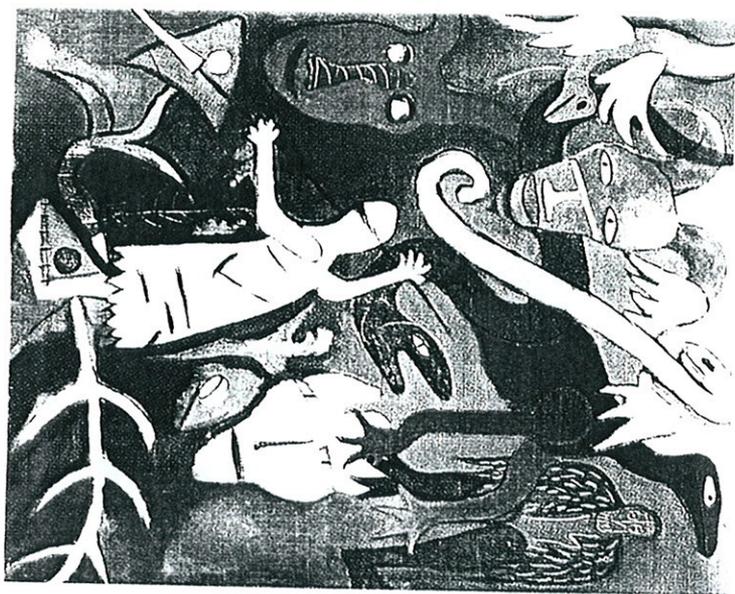
Eduardo Freitas, Filipa Venâncio e Lígia Gontardo. Painel colectivo, técnica mista, 200x200 cm, "Aceleração e derrapagem da máquina do mundo em direcção ao apocalipse", (Expo-lovem Madeira", Funchal) 1992.

Fotografia de Carlos Valente



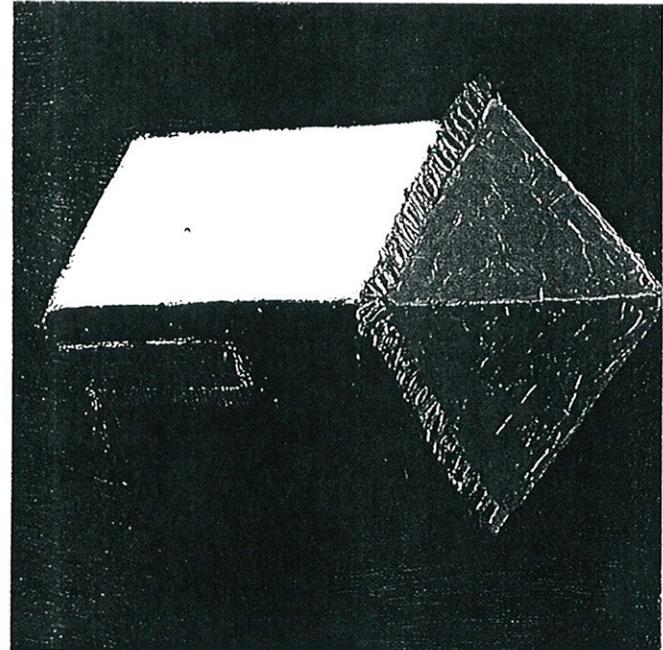
Guilhermina da Luz. Acrílico s/tela, 61x46 cm, "Pássaros do pensamento", (exposição individual "E calam-se os anjos", Galeria da SRTTC) 1993.

Fotografia de Guilhermina da Luz



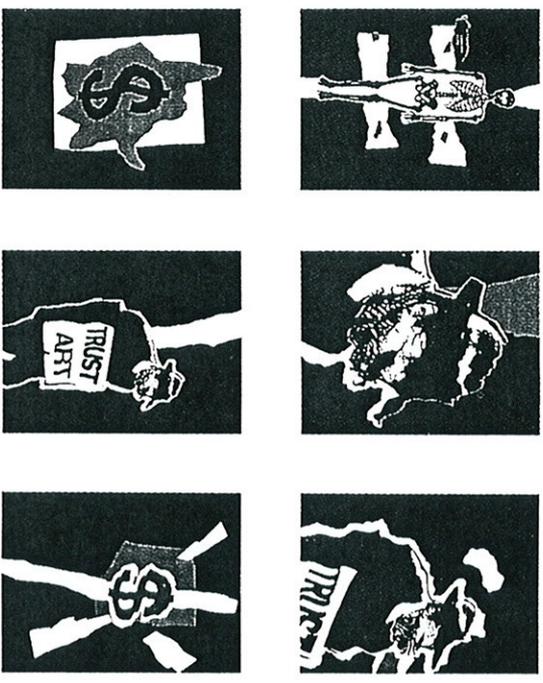
Ligia Contardo. Acrílico sobre tela, "A procura do boi vermelho", 100x80 cm (Exposição colectiva de artistas madeirenses na Galeria Porta 33), 1993.

Arquivo fotográfico da Galeria Porta 33



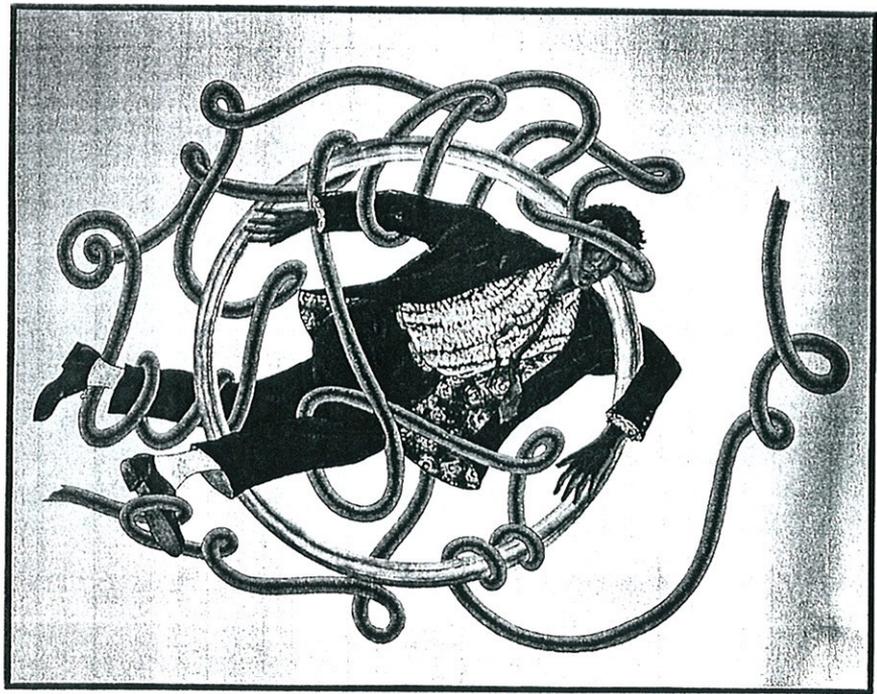
Filipa Venâncio. Óleo sobre tela, "Moradia Azul", 20x20 cm, (Exposição colectiva de artistas madeirenses na Galeria Porta 33), 1993.

Arquivo fotográfico da Galeria Porta 33



Antonio Dantas, fotocópia, colagem e vídeo, "Trust Art" (Exposição colectiva de artistas maderenses na Galeria Porta 33, 1993)

Arquivo fotográfico da Galeria Porta 33



Eduardo Freitas, Pintura acrílica, tecto do bar, Galeria Porta 33 (Inauguração da galeria em Outubro de 1993)

Fotografia de Eduardo Freitas



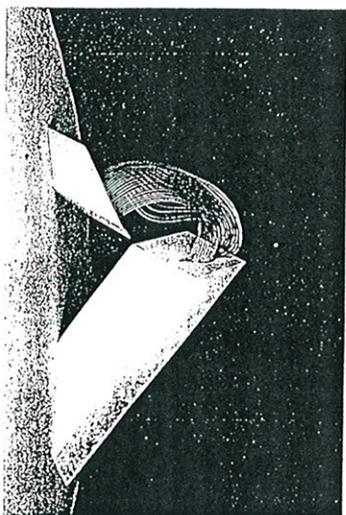
Eduardo Freitas. Acrílico s/ tela. "Sob a imponderável força (II)", 100x80 cm.
(Exposição individual "A água, o corpo, a casa" na Galeria Porta 33, 1993)

Instituição de Eduardo Freitas



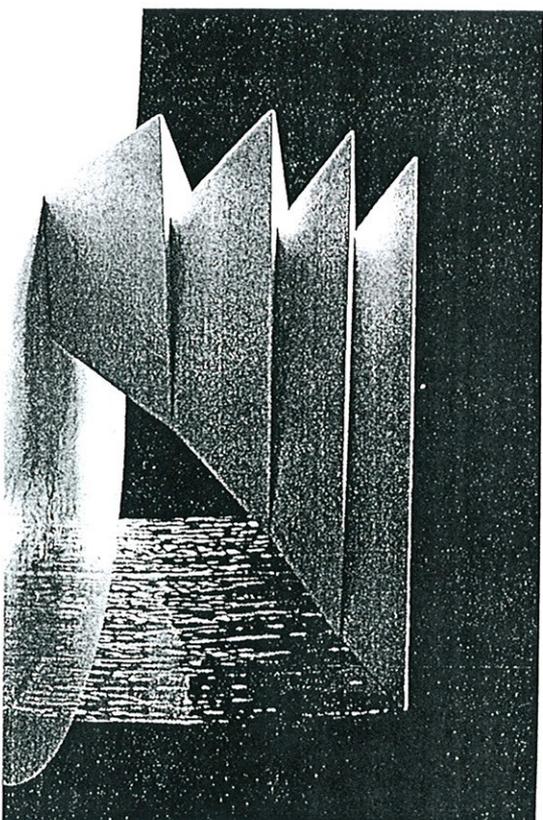
Eduardo Freitas. Conjunto de aguarelas da série "água", 33,5x38,5 cm (Exposição individual "A água, o corpo, a casa", Galeria Porta 33, 1993)

Instituição de Eduardo Freitas



Amândio de Sousa. Escultura em betão e fios de cobre, 600 cm, "Progresso", (3º Prémio no concurso de Escultura, Braga), maqueta, 1993.

Fotografia de Amândio de Sousa.



Amândio de Sousa. Fonte luminosa / escultura em betão branco, 600 cm, (1º Prémio no concurso de Escultura, Montijo), maqueta, 1994.

Fotografia de Amândio de Sousa.



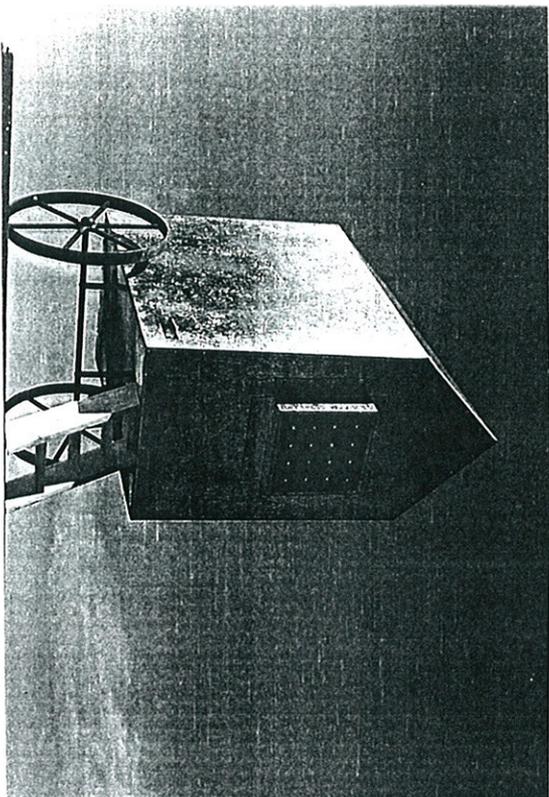
Manuel Rodrigues - Óleo s/teia. 140x110 cm. "Gorda", exposto na colectiva "4 = 5", Funchal, Coleção particular (Adolfo Brazão), 1994.

Fotografia de Manuel Rodrigues



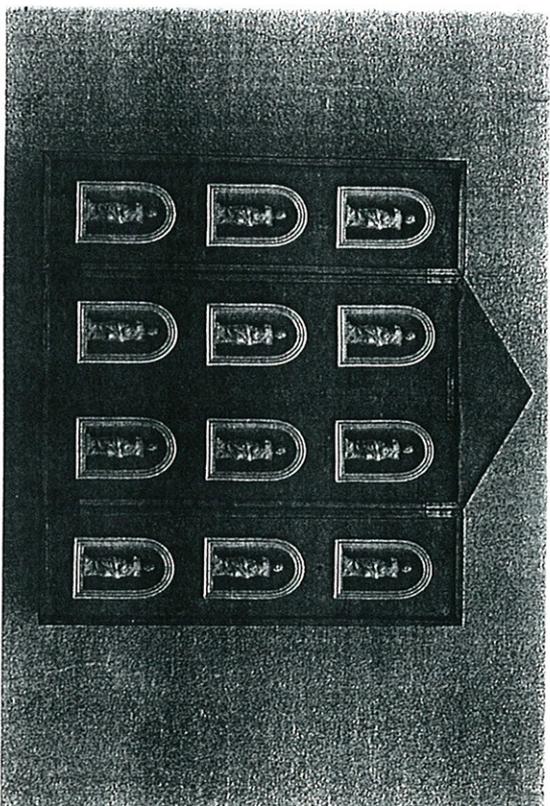
Guilhermina da Luz - Escultura de parede em madeira de sucupira. 150x25 cm. (Exposição individual "Não há lanças no céu" na Galeria da SRTC, 1995), 1994.

Fotografia de Guilhermina da Luz



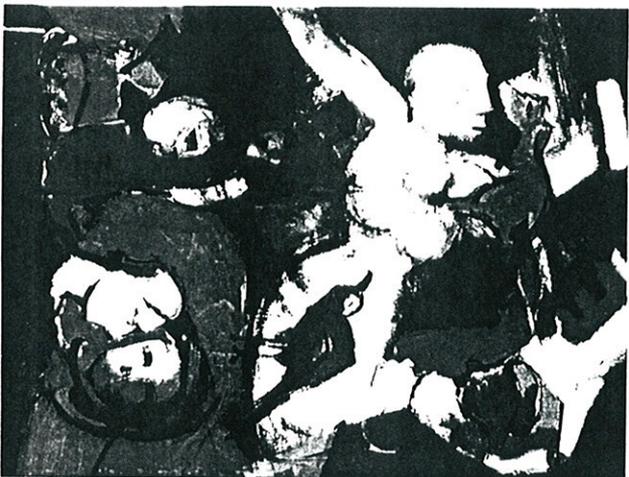
Manuel Gomes, Pinho, ferro e chapa galvanizada, S. Título, 70x55x38 cm, (Exposição Colectiva "Habituados" na Galeria da SRTCC) 1994

Fotografia de Manuel Gomes



Manuel Gomes, Chapa galvanizada e gesso, 60x70 cm. aprox., (Exposição colectiva na Galeria do ISAD, "Jornadas do ISAD 95") 1995

Fotografia de Manuel Gomes



Élia Pimenta, Óleo s/ tela, S/Título, 114x146 cm, (Exposição Postuma "Élia Pimenta, uma Exposição Forte" no Museu de Arte Contemporânea), 1996

Fotografia de J. Manuel Abel Pimenta

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1910-1954

1911	Alfredo Miguéis	
1914	Francisco Franco	2
s/data	Henrique Franco	
1921	Henrique Franco	3
1921	Henrique Franco	
1926	Francisco Franco	4
1916	Francisco Franco	
1918	Henrique Franco	5
1921	Francisco Franco	
1922	Max Römer	6
1921	Raúl Xavier	
1921	Raúl Xavier	7
s/data	Maria Ornelas	
1924	Francisco Franco	8
1923	Francisco Franco	
1923	Francisco Franco	9
1926	Abel Manta	
1926	Abel Manta	10
1927	Francisco Franco	
1927	Francisco Franco	11
1931	Henrique Moreira	
1940	Edmundo Tavares	12
1940	Alfredo Miguéis	
1941	Leopoldo de Almeida	13
1943	Max Römer	
1943	Max Römer	14
1944	António Duarte	
1945	Maria Gabriela Leonidas	15

1955-1974

1955	António Aragão	
s/data	António Aragão	17
1956	Querubim Lapa	
1956	Guilherme Camarinha	18
1957	Cândido C. Pinto	
1958	Guilherme Camarinha	19
1958	António Aragão	
1960	António Aragão	20
1962	António Aragão	
1962	António Duarte	21
1966	Max Römer	
1967	Silvestre Pestana	22
1968	Danilo Gouveia	
1968	Louro de Almeida	23
anos 60	Jorge Vieira	
anos 60	Lagoa Henriques	24
1968	Guilhermina da Luz	
1969	Amândio Sousa	25
anos 70	Danilo Gouveia	
1970	Cápa de catálogo	26
1971	Anjos Teixeira	
1972	Helder Baptista	27
1972	Amândio Sousa	
1973	Manuela Madureira	28
anos 70	Joaquim Rodrigues	
anos 70	Fernando Conduto	29

1974-1990

1979	Armando Alves	
1976	Miguel Osório	31
1977	Rui Caria	
1979	Franco Fernandes	32
1979	Martha Teles	
1981	António Dantas	33
1981	António Nelos	
1981	António Nelos	34
1982	Silvestre Pestana	
1982	<i>Happening</i>	35
1982	Murais aeroporto	
1982	Murais aeroporto	36
1982	Gil Bazenga	
1982	Franco Fernandes	37
1983	Martha Teles	
1983	Ricardo Velosa	38
1984	Eduardo Freitas	
1984	Rui Caria	39
1984	Teresa Jardim	
1985	Lourdes Castro	40
1985	Teresa Catarina e T. Jardim	
1986	Luis Paixão	41
1986	Evangelina Sirgado	
1986	Domingas Pita	42
1986	Manuel Gomes	
1987	Ricardo Velosa	43

1987	Maurício Fernandes	
1987	Teresa Jardim	44
1987	Marcelo Costa	
1987	Élia Pimenta	45
1988	Domíngas Pita	
1988	Filipa Venâncio	46
1989	Matalda Gonçalves	
anos 80	Alice Sousa	47
1989	Ricardo Velloso	
1989	Manuel Gomes	48

1992	Maurício Fernandes	
1992	Lígia Gontardo	55
1992	Painel colectivo	
1993	Guilhermina da Luz	56
1993	Lígia Gontardo	
1993	Filipa Venâncio	57
1993	António Dantas	
1993	Eduardo Freitas	58
1993	Eduardo Freitas	
1993	Eduardo Freitas	59
1993	Amândio Sousa	
1994	Amândio Sousa	60
1994	Manuel Rodrigues	
1994	Guilhermina da Luz	61
1994	Manuel Gomes	
1995	Manuel Gomes	62
1995	Élia Pimenta	63

Anos 90 (até 1995)

1990	Guilhermina da Luz	
1990	Filipa Venâncio	50
1990	Isabel Santa Clara	
1990	Isabel Santa Clara	51
1990	Amândio de Sousa	
1991	Lagoa Henriques	52
1991	Ricardo Velloso	
1991	Celso Cairas	53
1991	Emanuel Aguiar	
1991	Francisco Clode	54